

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Viviane da Silva

BAR DO ORLANDO E BAR DO NONÔ:
produtos memorialísticos dos bares frente aos projetos de modernidade de Belo
Horizonte

Belo Horizonte
2024

Viviane da Silva

**BAR DO ORLANDO E BAR DO NONÔ:
produtos memorialísticos dos bares frente aos projetos de modernidade de Belo
Horizonte**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre (a) em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Moreno Fernandes Viana

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Vanessa Veiga de Oliveira

Linha de Pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais.

Belo Horizonte
2024

301.16	Silva, Viviane da.
S586b	Bar do Orlando E Bar do Nonô [manuscrito] : produtos memorialísticos dos bares frente aos projetos de modernidade de Belo Horizonte / Viviane da Silva. - 2024.
2024	182 f. : il. Orientador: Pablo Moreno Fernandes Viana. Coorientadora: Vanessa Veiga de Oliveira.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1.Comunicação – Teses. 2. Bares – Belo Horizonte (MG) – Teses. 3.Memória - Teses. I. Viana, Pablo Moreno Fernandes . II. Oliveira, Vanessa Veiga de . III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Bar do Orlando e Bar do Nonô: produtos memorialísticos dos bares frente aos projetos de modernidade de Belo Horizonte."

Viviane da Silva

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Pablo Moreno Fernandes Viana - Orientador
PUCMG

Prof^a Vanessa Veiga de Oliveira - Coorientadora
DCM/FAFICH/UFMG

Prof^a Regiane Lucas de Oliveira Garcêz
DCM/FAFICH/UFMG

Prof. Mozahir Salomao Bruck
PUCMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Pablo Moreno Fernandes Viana, Usuário Externo**, em 01/03/2024, às 14:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Regiane Lucas de Oliveira Garcez, Professora do Magistério Superior**, em 04/03/2024, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Veiga de Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 18/03/2024, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paula Guimaraes Simoes, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 30/04/2024, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?



[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador **3044070** e o código CRC **3CC942A4**.

Referência: Processo nº 23072.209624/2024-28

SEI nº 3044070

*Dedico a todos que fazem parte da construção
das mais belas memórias.*

AGRADECIMENTOS

À Deus e à intercessora Nossa Senhora Aparecida, é pela fé que sigo trilhando o caminho do conhecimento.

À minha família, que me ensinou a encarar os desafios com fé e sabedoria.

Ao Pablo Moreno Fernandes Viana e à Vanessa Veiga de Oliveira, que proporcionaram uma orientação paciente e humana, que acreditaram no meu potencial e conduziram com maestria todo processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Lucas Barrote, por todo amor, paciência e apoio.

Aos meus amigos, em especial Bruna Letícia Seixas Rezende, Ives Teixeira Souza e Fabiana Thalia Pereira de Oliveira, que me ofereceram sempre um apoio incondicional.

À Carla Cunha e Luis Paulo Costa, por terem apoiado e viabilizado a realização de um sonho.

À Universidade Federal de Minas Gerais, por ter possibilitado a realização do sonho de avançar mais uma etapa de estudo em uma universidade pública.

Aos professores e cientistas da comunicação que me ensinaram ao longo de todo esse processo. Em especial, Camila Mantovani, Regiane Garcêz, Mozahir Bruck, Paula Simões, Simone Rocha, Daniel Reis, Carol Vimieiro, Márcio Henriques e Laura Corrêa.

Aos professores que me guiaram durante todo meu processo de aprendizagem desde o ensino fundamental, que sempre acreditaram que eu poderia alçar novos voos. Em especial, Cirilo Ramos, Regina Nicolau e Silvana Pereira.

“O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.” (Guimarães Rosa, 1979, p. 20-21.)

RESUMO

A dissertação objetivou investigar como os produtos memorialísticos dos bares Bar do Orlando e Bar do Nonô revelam diferentes aspectos do projeto de modernidade da cidade de Belo Horizonte. Identificamos como a comunicação destaca ou apaga memórias para construção de produtos comunicacionais. Tomamos como ponto de partida a discussão sobre modernidade de Giddens (1991), de Appadurai (2004) e de Quijano (2005) e as discussões sobre memória e lugares de memória de Halbwachs (1990), Pollak (1992) e Nora (1993). Para análise empírica, foram selecionados dois produtos memorialísticos: o documentário audiovisual Bar do Orlando - 100 anos [2019] e o livro Nonô - O rei do caldo de mocotó. Realizamos uma análise quali-quantitativa desses materiais. A partir do método de análise de conteúdo, de Bardin (2016) e da análise da materialidade audiovisual, de Emerin, Coutinho e Finger (2023), construímos uma metodologia que desse conta da especificidade dos objetos, a partir da elaboração de um quadro analítico com quatro eixos temáticos: Construção da narrativa, quem nos fala?, Experiência dos sujeitos com o espaço, Fotografias e vídeo e Traços de tradição, mineiridade e modernidade. Os resultados mostram que os produtos de memórias revelam valores da modernidade, como constituição familiar, relações de gênero e relações de trabalho, que são atravessadas por elementos de tradição e mineiridade. A emergência desses atores no cenário de modernidade de Belo Horizonte revela o aspecto híbrido e difuso da modernidade alçada pela cidade. Além disso, identificamos como as memórias podem ser agenciadas, também, por meio de esquecimentos e apagamentos, a fim de constituir uma narrativa para inserção desses bares no discurso oficial. O projeto tem relevância por discutir a interface comunicação e memória no contexto de emergência da modernidade latino-americana.

Palavras-chave: bares; Belo Horizonte; modernidade; memória; lugares de memória.

ABSTRACT

The dissertation aimed to investigate how the memorialistic products of the bars “Bar do Orlando” and “Bar do Nonô” reveal different aspects of Belo Horizonte’s modernity project. We identified how communication highlights or erases memories for the construction of communicational products. Drawing from discussions on modernity by Giddens (1991), Appadurai (2004), and Quijano (2005), as well as discussions on memory and places of memory by Halbwachs (1990), Pollak (1992), and Nora (1993), we selected two memorialistic products for empirical analysis: the audiovisual documentary “Bar do Orlando - 100 anos” [2019] and the book “Nonô - O rei do caldo de mocotó.” We conducted a qualitative-quantitative analysis of these materials. Using Bardin’s (2016) content analysis method and Emerin, Coutinho and Finger (2023) analysis of audiovisual materiality, we developed a methodology that addressed the specificity of the objects. This involved creating an analytical framework with four thematic axes: Narrative Construction, Who Speaks to Us?, Subjects’ Experience with Space, and Photographs and Video, as well as Traces of Tradition, Mineiridade, and Modernity. The results reveal that memory products reflect modernity values, such as family constitution, gender relations, and work relationships, which are intersected by elements of tradition and mineiridade (a term related to the state of Minas Gerais). The emergence of these actors within Belo Horizonte’s modernity landscape highlights the hybrid and diffuse nature of modernity in the city. Additionally, we identified how memories can be manipulated through forgetfulness and erasures to construct a narrative for the official discourse, positioning these bars within the context of Latin American modernity emergence. The project is relevant for discussing the interface between communication and memory in this context.

Keywords: bars; Belo Horizonte; modernity; memory; places of memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Formulário “Escreva a sua história com o Bar do Nonô”	63
Figura 2 - Foto da carteira de trabalho de Nonô.....	69
Figura 3 - Família Corrêa.....	71
Figura 4 - Obras nos bairros Sagrada Família e Barreiro.....	72
Figura 5 - Fotografias da região central de Belo Horizonte.....	73
Figura 6 - Abertura do capítulo “O novo bar no Centro de Belo Horizonte”	74
Figura 7 - Funcionários e clientes do Bar do Nonô.....	75
Figura 8 - Caldo de mocotó sendo preparado.....	75
Figura 9 - Fachada do Bar do Orlando.....	86
Figura 10 - Publicação sobre a antiga fachada do Bar do Orlando - Anos 80.....	87
Figura 11 - Cenas das entrevistas de José Maria e Nanci Alves.....	94
Figura 12 - Cenas de Orlando Silva performando.....	94
Figura 13 - Cenas de diversos clientes do bar.....	95
Figura 14 - Cenas dos proprietários encenando, da festividade e do prato trio da roça.....	96
Figura 15 - Bandeira de pano escrito “Bar dos Pescadores”.....	97
Figura 16 - Escultura Bar do Orlando, por Wladimir.....	98
Figura 17 - Orlando Júnior pendura quadro.....	98
Figura 18 - Cena focando em Orlando Júnior e Orlando Silva.....	99
Figura 19 - Cena da família de Nonô posando para a câmera.....	99
Figura 20 - Nanda olha para o prédio ao falar sobre a arquitetura.....	101
Figura 21 - Linguíça e o Trio da roça.....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro de análise.....	50
Tabela 2 - Pergunta nº1 - Eixo1 - Bar do Nonô.....	58
Tabela 3 - Pergunta nº2 - Eixo 1 - Bar do Nonô.....	68
Tabela 4 - Pergunta nº2 - Eixo 3 - Bar do Nonô.....	69
Tabela 5 - Pergunta nº1 - Eixo1 - Bar do Orlando.....	82
Tabela 6 - Pergunta nº2 - Eixo 3 - Bar do Orlando.....	93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 MEMÓRIA.....	18
2.1. Campos de estudo da memória.....	18
2.1.1 Uma aproximação do campos de estudo da memória com o bares de Belo Horizonte.....	26
2.2 Comunicação e memória.....	29
3 MODERNIDADE.....	35
3.1 Belo Horizonte e modernidade.....	35
3.2 Os bares dentro do projeto de modernidade e como se inserem.....	44
3.3 Bar do Orlando e Bar do Nonô no contexto de Belo Horizonte.....	49
3.4 Memória e modernidade.....	55
4 METODOLOGIA.....	61
5 ANÁLISES.....	68
5.1 Bar do Nonô - o livro.....	68
5.1.1 Eixo Avaliativo: Construção da narrativa, quem nos fala?.....	68
5.1.1.1 Os Proprietários.....	68
5.1.1.2 Os Familiares.....	70
5.1.1.3 Funcionários.....	71
5.1.1.4 Os Clientes.....	72
5.1.1.5. Panorama dos entrevistados.....	73
5.1.2 Eixo Avaliativo: Experiência dos sujeitos com o espaço.....	80
5.1.3 Eixo Avaliativo: Fotografias e vídeo.....	84
5.1.4 Eixo Avaliativo: traços de tradição, mineiridade e modernidade.....	92
5.2 Bar do Orlando - o documentário.....	97
5.2.1 Eixo Avaliativo: Construção da narrativa, quem nos fala?.....	97
5.2.1.1 Proprietários.....	97
5.2.1.2 Familiares.....	98
5.2.1.3 Especialistas.....	98
5.2.1.4 Clientes.....	98
5.2.1.5 Panorama dos entrevistados.....	99
5.2.2 Eixo Avaliativo: Experiência dos sujeitos com o espaço.....	106
5.2.3 Eixo Avaliativo: Fotografias e vídeo.....	110
5.2.4 Eixo Avaliativo: traços de tradição, mineiridade e modernidade.....	117
5.3 Análise comparativa do documentário e do livro.....	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
7 REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICE A - BAR DO NONÔ E AS UNIDADES DE ANÁLISE.....	137
APÊNDICE B - BAR DO NONÔ E O EIXO 1.....	143

APÊNDICE C - BAR DO NONÔ E O EIXO 2.....	146
APÊNDICE D - BAR DO NONÔ E O EIXO 3.....	154
APÊNDICE E - BAR DO NONÔ E O EIXO 4.....	162
APÊNDICE F - BAR DO ORLANDO E AS UNIDADES DE ANÁLISE.....	167
APÊNDICE G - BAR DO ORLANDO E O EIXO 1.....	169
APÊNDICE H - BAR DO ORLANDO E O EIXO 2.....	170
APÊNDICE I - BAR DO ORLANDO E O EIXO 3.....	173
APÊNDICE J - BAR DO ORLANDO E O EIXO 4.....	180

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação investiga como os produtos memorialísticos dos bares Bar do Orlando e Bar do Nonô revelam diferentes aspectos do projeto de modernidade da cidade de Belo Horizonte. Os dois bares que escolhemos possuem materiais documentais, sendo respectivamente um documentário audiovisual - “Bar do Orlando - 100 anos [2019]” produzido pela A Macaco (2019) e um livro - “Livro Nonô - O rei do caldo de mocotó”, escrito por Marina Camisasca e Osias Ribeiro Neves e lançado pela Escritório de Histórias (2014), resgatando memórias dos proprietários, de frequentadores e contextualizando a importância dos estabelecimentos no cenário boêmio de Belo Horizonte. Para análise desses objetos empíricos acionamos os conceitos de memória e de modernidade, a partir de uma abordagem comunicacional.

Partimos da concepção de que a memória coletiva é um fenômeno construído e se constitui pelo coletivo, pelo social, conforme discussões de Halbwachs (1990). Como discutido por Pollak (1992), a memória é organizada por questões pessoais e políticas e constitui o sentimento de identidade individual e coletiva de um grupo, estando suscetível a confrontos e tensões sociais. Nesse cenário de coletividade da memória, com o avanço tecnológico e as possibilidades de arquivamento, Nora (1993) observa a necessidade de uso desses dispositivos para arquivar memórias, quando passam a ser menos vivas, podendo tornarem-se lugares de memória, revestidos de materialidade, função e simbologia.

Os materiais memorialísticos sobre os bares nos fornecem informações sobre as estratégias por parte desses estabelecimentos que se constroem no cenário das cidades, a partir de diversos elementos que são conjugados, como a experiência dos sujeitos, as memórias institucionais dos bares e a memória e o contexto da própria cidade em que esses lugares estão inseridos.

Os bares estão no contexto de uma Belo Horizonte de 126 anos, uma cidade que de acordo com sua historiografia oficial, foi marcada por uma construção planejada, conforme explorado por Grossi (1997), e que foi pensada segundo os valores republicanos inspirados nos ideais positivistas e racionalistas europeus do fim do século XIX¹. A cidade foi projetada para a elite mineira e, paralelamente, promoveu o apagamento de atores sociais marginalizados, que só foram incluídos como mão de obra. No entanto, o projeto não previu a expansão desordenada de bairros e a emergência de uma pluralidade de diversos movimentos e estilos vindos da população até então marginalizada, como discutido por Souza (2022) ao

¹ Disponível em: <<https://palaciodaliberdade.com.br/sobre-o-palacio/>>. Acesso em: 05 Nov. 2023

falar sobre Modernidade Desconfiada. Essas mudanças não significaram o abandono de um projeto de modernidade da Cidade, o que ocorreu foram adaptações. Se considerarmos a realidade da América Latina, o que implica compreender as ideias de modernidade, iniciando por Giddens (1991) e a partir dele trazer e aproximar as discussões por outros olhares, como Appadurai (2004), Quijano (2005) e Silva (2021), que pensam o processo de modernidade a partir da discussão de eurocentrismo.

A memória é permeada de tensões, daquilo que circula entre os grupos e, principalmente, daquilo que é trabalhado estrategicamente pelas organizações. A prefeitura de Belo Horizonte, por exemplo, tem investido fortemente em imagem turística pelas ações da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte S/A (Belotur). A gastronomia aparece com frequência nas ações de gestões recentes, na qual os bares têm participação ativa, a exemplo de eventos como o Concurso Comida di Buteco², que objetiva dar destaque à comida simples e autêntica dos botecos da cidade. Pela expressividade do segmento de bares, é impossível desconsiderá-lo na construção da memória da cidade, como já apontado por Chacham (1994) em sua pesquisa sobre o processo de sociabilidade e memória do Bar do Ponto, que foi um marco na capital.

Essa estratégia comunicacional de se utilizar as memórias dos sujeitos envolvidos com as organizações já é um objeto de estudo da Comunicação. Andreoni (2018), por exemplo, fez uma busca pelas pesquisas sobre interface entre memória e comunicação, sob a configuração da memória organizacional. As organizações disputam sentidos e memórias, principalmente, em estratégias comunicacionais que visem aos objetivos institucionais ou comerciais.

As discussões sobre memória dos bares e suas reverberações na cidade são um caminho para novos questionamentos pertinentes ao âmbito da comunicação, principalmente, ao pensarmos sobre as escolhas feitas por esses bares na construção desses produtos. Diante disso, queremos responder à seguinte pergunta: como os bares, ao produzirem produtos memorialísticos, revelam diferentes aspectos do projeto de modernidade da cidade de Belo Horizonte?

Sendo paulista, nestes seis anos de moradia na capital mineira vi aflorar um encantamento natural pela cultura mineira e, particularmente, por Belo Horizonte. A cidade respira cultura e memórias, estas que, apesar de não terem feito parte da minha vida, me abraçaram com doçura, fazendo com que me sentisse parte do que é ser mineiro. Ao visitar o Memorial Minas Gerais Vale e o Palácio da Liberdade, passear na Praça da Liberdade,

² Disponível em: <https://comidadibuteco.com.br/o-comida-di-buteco/>. Acesso em 20 Jul. 2023

conhecer o Mercado Central e ouvir os causos dos botecos, pude mergulhar num universo diferente, desses lugares que transpiram memórias. Os lugares que experimentei me fazem querer saber mais sobre Belo Horizonte, sua história no universo complexo de Minas Gerais.

Esse interesse pela cidade desdobrou-se em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação, no qual foram analisadas as redes sociais digitais de dois bares: Bar do Orlando e Querida Jacinta, buscando compreender essas redes sociais como mediadoras entre clientes e bares. Para condução da pesquisa, mergulhamos em discussões sobre a culinária mineira, a história sobre a criação da cidade e sobre o turismo. Então, a partir desse repertório, desenhamos um projeto de pesquisa para o mestrado que continuasse próximo à discussão.

Como todo processo de pesquisa, nossas percepções e vivências atravessam nossa análise. Não poderia ser de outra forma em um tema que discute memória: como poderia uma pesquisadora falar sobre memória viva, coletividade e o contexto boêmio da cidade sem experienciar essa vivência belo-horizontina? Fui a campo, andei pelas ruas do Bairro Santa Tereza e pelas ruas do Hipercentro tentando absorver o ambiente, as pessoas, as cores, as alegrias e angústias, a fim de obter memórias minhas e não apenas produzir história. Estava ali acompanhada o tempo todo pelas leituras e pelos materiais que consumia sobre os bares, fiz observações mentais e notas, para que pudesse contribuir para pesquisa.

Fui também a uma exposição de uma escultura do Bar do Orlando, produzida por Wladimir Pierre, em abril de 2023. A exposição também atingiu meu repertório, pois fui surpreendida pelo texto de apoio escrito pelo artista, que dizia: “O objetivo dessa escultura é homenagear um dos locais mais icônicos de Belo Horizonte, que faz parte da cultura e história da cidade. É uma forma de preservar a memória desse bar tradicional e transmiti-la para as próximas gerações” (Pierre, 2023). Ali estava a menção à memória e a intenção de perpetuar essa memória no futuro desse coletivo. Nesse emaranhado de lembranças minhas, impressões que se aderiram às referências externas, fui construindo um caminho importante para o olhar de pesquisadora, para compreender como se dão as disputas de sentido dos bares na cidade.

Quanto ao âmbito da comunicação, mostra-se relevante aprofundar discussões sobre a interface da comunicação e memória, no que tange às escolhas feitas por organizações nesse processo de articular a memória de modo a evidenciar narrativas em detrimento de outras. Trazer para o centro da discussão os produtos memorialísticos de bares de Belo Horizonte proporciona pensar as modernidades da cidade e como os atores sociais lidam com seu papel dentro desse cenário. O olhar investigativo nas ações das organizações e suas estratégias ao

criarem dispositivos de memória nos permitem identificar o que significa a aceitação e inclusão de atores sociais antes marginalizados nos projetos de modernidade da cidade.

Nós entendemos que os bares são locais em que os sentidos são construídos e negociados pelos atores em comunicação, configurando um espaço de elaboração de um mundo comum e, por este motivo, mostram-se relevantes para compreender os projetos de uma capital como Belo Horizonte. A proposta da pesquisa dialoga com referências de outras áreas, para se apropriar de conceitos que permitem aprofundar as questões comunicacionais, para fundamentar a leitura e olhar a problemática comunicativa, no âmbito das discussões da linha de Pesquisa Processos Comunicativos e Práticas Sociais.

2 MEMÓRIA

A discussão do conceito de memória neste capítulo está dividida em dois tópicos. No primeiro tópico, intitulado Campos de estudo da memória, abordaremos o conceito, compreendendo o que é a memória coletiva defendida pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1990), o que são lugares de memória, segundo Pierre Nora (1993) e as dimensões políticas e de disputas de sentido da memória discutidas por Michael Pollak (1992). A partir dessas discussões olhamos para os dois produtos memorialísticos em análise: o livro do Bar do Nonô e o documentário do Bar do Orlando, porque ambos são produções que visam resgatar e contar memórias dos estabelecimentos e dos sujeitos que estão em relação direta. Além disso, buscamos compreender como esses produtos fazem parte de um agenciamento que busca construir lugares de memória e quais são os sentidos e dimensões políticas apresentados nas obras.

No segundo tópico, intitulado Comunicação e Memória, buscamos resgatar algumas discussões da Comunicação acerca do conceito de memória, observando de quais modos esse conceito é acionado nas perguntas comunicacionais feitas pelos autores, o que contribui para alocar o conceito nas discussões desta presente pesquisa, propondo uma ampla utilização do conceito sob a ótica da comunicação.

2.1. Campos de estudo da memória

Desde os primórdios os humanos buscam guardar e compartilhar hábitos, crenças e costumes. Segundo Delgado (2017), o registro oral, por exemplo, atravessa milênios e permanece como uma das mais importantes formas de registrar a vida dos povos. A memória, segundo a pesquisadora, é uma das principais fontes para os registros, pois é onde "múltiplas variáveis temporais, topográficas, individuais, coletivas dialogam entre si" (Delgado, 2017, p. 12).

Não somente o conteúdo das memórias despertam o interesse de estudiosos quando falamos sobre as vivências individuais e coletivas, mas também o que de fato podemos compreender sobre a formação da memória. Durante o século XIX, pesquisadores como Bergson, Henry James, Proust e Halbwachs fizeram uma intensa reflexão sobre como se dão os processos de memória e lembrança e participaram de um contexto fértil de revisões da filosofia e sociologia sobre o tema.

Em linhas gerais, Halbwachs (1990, p. 12-15) discute, a partir da análise da vida cotidiana, a subordinação da memória individual em relação ao que é compartilhado coletivamente, ou seja, a memória coletiva. Ele defende que os sujeitos preenchem suas lacunas da imagem mental com a memória do coletivo e que para que essa memória produzida pelos indivíduos permaneça viva é fundamental que se possua contato com os grupos que partilharam dela. Assim, a lembrança seria um ponto de referência para os sujeitos se localizarem diante das experiências coletivas. As perspectivas de Halbwachs sobre a memória podem ser entendidas como estruturantes no campo de estudos, no entanto, elas não abordam as tensões e disputas de sentido acerca da memória que podem ocorrer dentro de comunidades e grupos, pois apesar de entender que as memórias não são estáticas, ele defende que os grupos possuem uma memória comum sobre fatos e acontecimentos.

Ao tentarmos compreender o que seria a memória coletiva que o sociólogo defende, encontramos em seus escritos um dos exemplos mais marcantes, no qual Halbwachs traz uma memória específica de sua primeira viagem a Londres: ele relata que o trajeto pelas ruas da cidade foi feito diante da companhia de livros, mapas, projetos arquitetônicos e experiências relatadas por outros sujeitos e grupos que afetaram sua experiência com aquele espaço. Esses relatos e produções de grupos com quem Halbwachs teve contato o levaram a pensar a partir do ponto de vista deles “encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles” (Halbwachs, 1990, p. 27). Então, esses encontros com os modos de pensar estão localizados nas vivências coletivas, nas diversas consciências que se conectam a partir dos grupos aos quais os indivíduos participam.

As referências externas são fundamentais para a memória, principalmente, na primeira infância. O pesquisador defende que uma criança não se recorda de sua primeira infância porque ainda não estabeleceu contato com a sociedade, ou seja, ainda não é um ente social. Ao se recordar de situações engraçadas e tensas dessa época, muito provavelmente, foi porque entrou em contato com lembranças compartilhadas por familiares e que, em algum momento, foram indexadas como lembranças suas. O quadro do passado de uma criança é construído na relação familiar.

Ao falar das lembranças de um adulto, Halbwachs (1990, p. 44) enfatiza sobre como podemos passar pela união das nossas impressões às de outras pessoas, que partilham de um mesmo acontecimento, a partir de dois quadros de pensamento. Ainda nesse caso, quando adicionamos lembranças de outros à nossa, não poderíamos afirmar que seriam pessoais as

impressões, apenas se configurariam como diferença de grau, elas apenas estão em maior complexidade pelas condições necessárias para acioná-las. Como dito por Halbwachs “os fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós” (Halbwachs, 1990, p. 49).

Esse universo de referências que temos dos grupos que partilhamos podem nos ajudar a compreender também porque novas ideias estão alicerçadas em aprendizados coletivos. Halbwachs (1990, p. 47) dialoga com esse pensamento, na medida em que fala sobre nossas apropriações de ideias oriundas de jornais, livros ou conversas, portanto “não somos senão um eco”. Essas lembranças, então, não terão a mesma intensidade para todos os indivíduos, pois dependem do lugar ocupado: “que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990, p. 51). Essas lembranças estão alicerçadas na lei da causalidade, não atribuída somente a uma pessoa, mas ao emaranhado do coletivo.

Halbwachs defende que para que as memórias de grupos nos quais estamos inseridos, sejam agregadas às nossas, é necessário que tenhamos um ponto de contato, ou seja, eventos em nosso passado que sejam, de certa forma, completados por essa memória social. Nesse aspecto, o passado é reconstruído também com elementos do presente, além de representações e reconstruções de outras épocas feitas e compartilhadas por pessoas próximas, o que se aproxima do aprendizado por tabela de Pollak (1993), ao agregarmos em nossa memória vivências de outros. Esses meios aos quais temos contato desde a infância possibilitam o encontro de lembranças até então esquecidas.

As memórias não são, então, de modo algum estáticas, porque os grupos já não são os mesmos e num cenário de proximidade com eles as lembranças vão se renovando. Segundo Halbwachs (1990, p. 77-78) encontraremos na sociedade as indicações necessárias para preencher regiões da memória pouco definidas. Essas indicações se acomplam às impressões já existentes, sendo que “o que imaginamos não é senão o desenrolar daquilo que já havíamos percebido” (Halbwachs, 1990, p. 78). Como mencionado, apesar de entender que a memória não é estática, o pesquisador não chega a abordar que ela é vulnerável por disputas de sentido, dando a entender que a memória de um grupo estaria sempre numa certa homogeneidade.

A característica da memória de não ser estática promove grande diferenciação do entendimento do que é história. Halbwachs (1990) acredita que a memória histórica é uma colocação errônea, pois os dois termos têm significados opostos. A história de fato é a coleta e apresentação de momentos marcantes ao grupos, no entanto, que são extraídos, descritos e

analisados conforme regras e contextos que não eram dos homens que compartilhavam essas memórias. Segundo Nora (1993) “A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”(Nora, 1993, p. 9). A história então seria um processo de universalidade, ligada às divisões temporais e que necessita de um processo crítico, ela não pertence a ninguém, porque nasce de uma reconstrução generalista. Já a memória, segundo Nora (1993, p. 9), está conectada no gesto e no sagrado das comunidades que a mantém viva.

Se nos relatos históricos esses grupos não existem mais e esses pontos de contato extinguiram-se, não há memória, segundo Halbwachs (1990, p. 80-84), portanto, ela não poderia ser a mesma coisa que a história, discussão também feita por Nora (1993) ao falar sobre o poder destrutivo da história. Não há continuidade na história, pois não há o movimento contínuo de busca dessas lembranças e, além disso, diferentemente das divisões de tempo marcadas pela história, não é possível precisar quando uma memória coletiva cessou e deixou a consciência do grupo.

A discussão sobre as questões temporais da história e da memória de Halbwachs (1990, p. 90) diz sobre uma relação da memória com tempo e de um lugar de sentimentos e sensações humanas, como as fases da vida e determinadas situações impactam na maneira como sentimos o tempo passar, desejando que passe, ora mais lentamente, ora mais rapidamente. Do mesmo modo, podemos sentir em muitos momentos que, de fato, o tempo passou muito mais rápido do que deveria.

O tempo faz geralmente pesar sobre nós um forte constrangimento, seja porque consideramos muito longo um tempo curto, ainda quando nos impacientamos, ou nos aborrecemos, ou tínhamos pressa de ter acabado uma tarefa ingrata, de ter passado por alguma prova física ou moral; seja porque, ao contrário, nos pareça muito curto um período relativamente longo, quando nos sentimos apressados e pressionados, quer se trate de um trabalho, de um prazer, ou simplesmente da passagem da infância à velhice, do nascimento à morte. (Halbwachs, 1990, p. 90)

Estamos regulados, segundo Halbwachs (1990), pela disciplina social e pelas convenções sociais que determinam a divisão do nosso tempo. A divisão e medição do tempo pela natureza ou artificialmente são importantes e justificáveis para a sociedade, uma vez que não seria possível compreendermos as durações de tempo individuais, pelos conteúdos diferentes que possuímos e por não haver pontos de referência suficientes (Halbwachs, 1990, p. 93). Esse tempo, então, “é apenas uma criação artificial, obtida pela adição, combinação e multiplicação de dados emprestados às durações individuais, e somente a elas”. (Halbwachs, 1990, p. 95). Os acontecimentos da vida humana dividem esse tempo, mas não o preenchem, pois existem lacunas em que as impressões não serão retomadas.

Então, para Halbwachs (1990, p. 128) é possível dizer que os indivíduos possuem elementos de diferenciação, pois participam de grupos diferentes e suas consciências não estão divididas nas mesmas correntes coletivas, desse modo, partilham de pensamentos sociais diversos, que estão alocados em regiões do espaço diferentes e com deslocamentos mais ou menos rápidos no passado e no tempo dos grupos: “A consciência individual é apenas o lugar de passagem dessas correntes, o ponto de encontro dos tempos coletivos” (Halbwachs, 1990, p. 128). O que vai determinar que um indivíduo atinja lembranças mais distantes de um grupo é o seu nível de participação naquele momento, ou seja, o quanto consegue se acessar um passado é variável. O tempo não estaria mais na concepção linear, assim como nas discussões de Martins (2002), ao falar sobre tempo espiralar, em que um lugar de saber está no passado, mas também no futuro ou no presente.

Quanto ao espaço, entendemos a partir de Halbwachs (1990) que um lugar ocupado por determinado grupo não é um quadro negro, ou seja, a memória coletiva está em relação direta com o espaço, um espaço que recebeu uma marca desse grupo e essa marca deixada pelas vivências regula os pensamentos e as lembranças: “Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores”. (Halbwachs, 1990, p. 136). Essa marca deixada pelo grupo tem relação com hábitos de movimentos e pensamentos, que vão criando uma massa de lembranças em constante relação com o espaço.

Esses espaços e objetos são transformados pela vida dos indivíduos e distinguem os grupos sociais. Para Halbwachs, as cidades, se observadas de perto, possuem delimitações, em relação ao espaço de trabalho e de moradia: as ruas com o nome das profissões que ali vendiam sua mão de obra e o nível de pobreza e riqueza que difere bairros de operários de bairros de industriais. Todos os elementos de um espaço falam sobre as vivências específicas desse grupos, identificando as singularidades e semelhanças.

As discussões de Halbwachs, de modo geral, ajudam a compreender que nossas memórias são construídas a partir dos grupos nos quais mantemos relação e que nossa proximidade com eles determina o tanto que lembraremos de situações vividas. Apesar do reconhecimento de a obra de Halbwachs atingir noções importantes sobre a construção da memória coletiva, sua obra recebeu críticas, como enfatizado por Bruck, Vargas e Moreira (2020), ao compreender que a identidade desses grupos seriam estáveis e que determinariam

como a memória seria para o grupo, sem considerar as disputas de sentidos existentes acerca da memória e identidade de comunidades e grupos.

A respeito das impressões sobre o mundo e as lembranças individuais, Pollak (1992) entende que tanto memórias individuais quanto coletivas possuem elementos irreduzíveis, ou seja, determinados marcos não se alteram com o tempo e tornam-se a essência da pessoa ou grupo ao qual estão vinculadas. A memória, nessa condição, é constituída por aquilo que é vivido pessoalmente e pelos acontecimentos vividos por tabela, acontecimentos que não necessariamente foram vivenciados, mas com relevância no imaginário suficiente para que ocorra uma identificação, um fenômeno de projeção, ao qual os indivíduos não sabem afirmar se participaram ou não (Pollak, 1992). Essa situação também ocorreria com pessoas, personagens e lugares como exemplo dado por Pollak (1992): pessoas ou personagens - o general francês Charles De Gaulle, um líder que foi um dos mais influentes da França e que pode ser sentido como um contemporâneo pela força de sua imagem no coletivo; lugares - um lugar onde se tenha passado as férias na infância ou lugares de comemoração, como monumentos aos mortos.

Os lugares também podem ser vivenciados por tabela. Pollak discute os lugares, especificamente, a partir do conceito de lugares de memória de Nora (1993). Os lugares de memória, segundo Pollak (1992), podem ser entendidos como espaços onde foram constituídas lembranças pessoais ou coletivas, que não necessariamente tem apoio no tempo cronológico. Os lugares de memória são uma base de apoio para as memórias mais importantes de indivíduos e grupos.

Acontecimentos, personagens e lugares podem estar relacionados diretamente a fatos concretos ou projeções de eventos, como exemplo dados das guerras ocorridas no século XX, Pollak fala que as consequências devastadoras das duas guerras se confundem muitas vezes, inclusive características específicas de cada uma delas, dependendo da região devastada. Pollak (1992) nomeia essa condição como transferência característica, uma transferência advinda como herança a partir da memória dos pais acerca da primeira grande guerra.

Pollak (1992) aborda também os vestígios de memória, situações que relatos de pessoas sobre grandes acontecimentos públicos são demarcados por acontecimentos privados, como nascimentos de familiares. Figuras públicas, ao fazerem sua biografia, sobre a vida privada, marcam momentos a partir de acontecimentos públicos e os relatos privados praticamente desaparecem, é como se os acontecimentos públicos se tornassem parte da vida privada daquele indivíduo.

Essa construção de memória feita por Pollak visa compreendê-la como seletiva, porque nem tudo seria gravado e registrado por indivíduos ou grupos. A memória faria parte de um contexto que o indivíduo vive e a estrutura em níveis de consciência e inconsciência, fazendo um trabalho de construção passível de flutuações, assim como a memória coletiva, ainda que essa seja mais organizada que a individual. A memória nacional possui uma grande organização, mas é passível de disputas políticas, principalmente, para determinação de acontecimentos e datas importantes que serão gravadas na memória da população.

A partir dessa característica, Pollak (1992, p. 5) acredita que a memória possui relação com sentimento de identidade. O conceito de identidade é discutido pela psicologia social e psicanálise, lugar que Pollak olha para construir essa relação entre os dois conceitos. A identidade possui três elementos essenciais: unidade física, continuidade dentro do tempo e sentimento de coerência. Esses três elementos constituem a identidade, da qual a memória faz parte porque também é importante para a continuidade e a coerência no processo de construção de si de um indivíduo ou grupo. Essa construção não está isenta de mudanças e negociações conflituosas, por conta da referência que temos em relação aos outros, essa negociação tem a ver com o campo da aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade.

Diante das características e relações apresentadas pelo sociólogo, entendemos que a memória e a identidade são passíveis de confronto, seja no seio familiar ou em grupos políticos e sociais. As memórias, quando constituídas e bem amarradas, dificilmente precisarão fazer rearranjos constantes, mas em contextos como de crise ou guerra estarão suscetíveis a questionamentos e a arrumações. Faz parte da construção da identidade de um povo a relação com as memórias. Dessas relações nascem a necessidade de se construir repositórios de memória, como discutido por Pierre Nora (1993), que utiliza-se de Halbwachs para construir seus entendimentos acerca dos lugares de memória.

Os lugares de memória, segundo Nora (1993), nascem do sentimento de que a memória não é um processo espontâneo, numa sociedade que prega a necessidade de se arquivar as memórias protegendo-as do esquecimento e da tentativa da história de apagá-las. Essa necessidade de proteger as memórias, segundo o autor (Nora, 1993, p. 8), tem relação direta com o processo de globalização principalmente, pela midiaticização, em que “é o modo mesmo da percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade” (Nora, 1993, p. 8). Seria o fim então de sociedades-memória e das

ideologias-memórias, que garantiam a transmissão de valores e asseguravam a passagem do passado para o futuro de forma regular.

Esse movimento ocorre pela força destruidora da história “E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória.” (Nora, 1993, p. 13). Para ele, tudo que é chamado de memória já não é mais memória, mas sim história, porque a existência de uma memória verdadeira precisa estar localizada nos ofícios passados de geração para geração, no gesto e no hábito, ou no corpo e performance, como discussão de Martins (2002) ao falar que os corpos que performam no Congado possuem memória. Essa situação de destruição seria causada pelo fenômeno da aceleração, a partir do momento que se promove certo distanciamento dessa herança, a partir da mudança e da necessidade da atualidade, se perde o essencial e verdadeiro.

Segundo Nora (1993), a consagração de lugares para permanência da memória seria uma prova de que os indivíduos não habitam mais a própria memória. A necessidade de se registrar é ampliada com os avanços tecnológicos, que permitem rapidez em guardar, aliadas a uma necessidade humana de se ter vestígios, para ser prova, “produzir arquivo é o imperativo da época” (Nora, 1993, p. 16). Quanto menos memória é vivida mais se é necessário a existência de suportes exteriores, que se percebe muito mais evidente no contemporâneo.

O lugar de memória, segundo Nora (1993, p. 22) está em dois domínios: simples e ambíguos, naturais e artificiais. Para serem considerados como lugares da memória precisam ser materiais, simbólicos e funcionais. Um lugar de memória necessariamente precisa estar revestido de uma aura simbólica, precisa ser parte de um ritual. Nora vai exemplificar o minuto de silêncio como lugar de memória, pois é um recorte material de uma unidade temporal e é uma chamada à uma lembrança. Esses lugares de memória se constituem a partir de um jogo entre memória e história e para serem fixados e parados no tempo é necessário existir uma vontade de memória, na ausência dela apenas seriam lugares de história. É preciso que a memória dite e a história escreva - “a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (Nora, 1993, p. 25).

Os lugares de memória são seus próprios referentes, tendo presença física e histórica, no entanto, não têm referências na realidade, tendo um recorte indeterminado no tempo e espaço “Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações” (Nora, 1993, p. 27). Não

podemos desconsiderar, que sob o olhar de Nora (1993), esses objetos certamente falam de uma necessidade arquivista, de não se perder o que se sabe sobre esses lugares e a sua importância. No entanto, esses materiais querem evocar, também, em que lê uma necessidade de vivência, de continuar frequentando e alimentando uma memória coletiva sobre o espaço.

2.1.1 Uma aproximação do campos de estudo da memória com o bares de Belo Horizonte

As três abordagens de memória se complementam e nos ajudam a construir uma noção que dê conta de analisar nossos objetos empíricos: o livro do Bar do Nonô e o Documentário do Bar do Orlando. Os dois materiais foram produzidos a partir de memórias individuais e coletivas, eles falam sobre um contexto social e, por este motivo, precisamos compreender que memória é essa para olhar nosso objeto. Além disso, podemos discutir como esses lugares ajudam a constituir produtos memorialísticos como lugares de memória, visto que seus atores e participantes buscam com eles eternizar memórias e construir sentidos, que não estão imutáveis, estão em constante tensão e disputa de sentidos pelo próprio contexto da cidade de Belo Horizonte, que passa por um reposicionamento quanto à sua natureza e atratividade.

As discussões de Halbwachs (1990), Pollak (1992) e Nora (1993) permitem uma compreensão mais clara sobre o contexto dos bares Bar do Orlando e Bar do Nonô e suas produções memorialísticas. É a partir de todo percurso de leitura e conexões desses autores, que podemos observar o objeto empírico e contextualizá-lo.

Quando Halbwachs exemplifica seu passeio pelas ruas de Londres, para nos fazer compreender como nossas lembranças se aderem ao que experimentamos do coletivo e dos pontos de contato, podemos transportar esse relato para o contexto desta pesquisa, em relação à experiência dos bares. A partir do olhar da própria pesquisadora, ao passear pelas ruas do Bairro Santa Tereza, onde fica o Bar do Orlando, esta se conecta com as reflexões de Halbwachs: enquanto caminho pelas ruas do bairro Santa Tereza, observo a arquitetura das casas e sua proximidade com o rio Arrudas, o que comprova a antiguidade desse bairro como descrito pelo historiador Luis Góes, que pesquisa o bairro de Santa Tereza há 40 anos. Ao chegar no Bar do Orlando me deparo com uma arquitetura idêntica das casas antigas, porque o bar nasceu para atender os pescadores que ali trabalhavam. Nesse mesmo espaço vejo as cores da fachada que lembram um ar carnavalesco e a simplicidade do espaço concorda com o ideário de um boteco, com ambiente propício para encontro de amigos.

Apesar de um percurso parecido ter sido feito com o Bar do Nonô, o relato muda: as ruas do centro estão tumultuadas pelos ambulantes que tentam vender caixas de cigarro ou fotos 3x4, pessoas apressadas tentam chegar a tempo nos pontos de ônibus, carros passam com toda velocidade esperando alcançar o sinal ainda verde. Entre o tumulto e a agitação do Hipercentro, encontro o bar do Nonô, um lugar relativamente pequeno, mas que parece comportar muita gente, que se aloca em frente ao balcão para tomar um caldo de mocotó com dois ovos de codorna e uma cerveja preta. O lugar parece ser o abrigo perfeito de uma boemia que é assiduamente relatada ao se falar da cidade em jornais e redes sociais, lembro dos relatos que li de pessoas que buscavam ali o vigor após uma festa, que sentiam-se acolhidas. Lembro-me também do contexto de um centro turbulento e muitas vezes triste, por receber pessoas em condição de vulnerabilidade.

Todas as inferências feitas pelo olhar da pesquisadora, de sua memória desde a última visita ao bares, carregam em si olhares de historiadores, de visitantes, dos próprios administradores, dos documentários e de pesquisas feitas anteriormente. Ambas experiências estão localizadas em um contexto maior, de conhecimento e desconhecimento sobre esses lugares e grupos que frequentam. Todos recursos que uma pesquisadora aciona para conhecer seu objeto empírico passam por grupos e consciências coletivas que ajudaram na criação de pontos de contato que Halbwachs (1990) argumenta ou pelas vivências por tabela descritas por Pollak (1992), então essas novas lembranças se aderem as referências prévias sobre esses lugares.

Isso não significa de modo algum que essas memórias são imutáveis, como discutido por Pollak (1992), ao falar sobre as disputas em torno de uma memória nacional. No caso específico dos bares, são as disputas no âmbito municipal e estadual que marcam as memórias em torno dos bares, pois os sentidos sobre esses bares vão se alterando ao longo do tempo, principalmente, pelas disputas propostas pela própria administração da cidade, que passa a investir nesses estabelecimentos enquanto representantes de uma cultura de pertencimento da cidade.

De modo geral, podemos compreender que os pontos de vista individuais acerca da memória coletiva que Halbwachs (1990) menciona também podem estar localizados nos conteúdos que consumimos dos bares nos sites oficiais ou em matérias jornalísticas, pela presença em concursos gastronômicos da cidade, nas experiências relatadas por amigos ao indicar esses lugares, pelos vídeos e fotos que consumimos nas redes sociais digitais e pelas nossas próprias experiências anteriores no espaço ou em espaços similares. Os pontos que

estabelecemos contato com esses grupos nos ajudam a criar memórias e mantê-las ativas, como é no caso da ida presencial da pesquisadora aos bares, antes de conhecê-los apenas tinha contato pela história escrita e pelos relatos e experiências de outros, foi a partir da visita presencial que esse conteúdo anterior foi aderindo e completando quadros de sentido das impressões vivenciadas no primeiro contato com esses lugares.

Quando Halbwachs fala sobre tempo e espaço, podemos compreender que os bares cumprem importante papel de aliviadores das tensões sociais inerentes ao trabalho, pois, comumente, estão associados ao descanso e entretenimento. Foi nesse ambiente que se criou o *happy hour*, que na tradução literal seria hora feliz. No entanto, ainda em momentos de descontração, como o *happy hour*, estamos coordenados a partir dos ponteiros do relógio, pois precisamos marcar um horário para encontrar nossos amigos, para voltar para casa, para dormir e cumprir outras tarefas.

Os bares escolhidos para análise são espaços de encontro de frequentadores e, por meio deles, podemos compreender a maneira de ser desse grupo, suas vivências deixaram marcas nesses espaços. O bairro, atualmente, é conhecido como boêmio e ponto de encontro, esse reconhecimento está conectado com as memórias que se apoiam sobre a imagem desse bairro.

Então, a partir da compreensão de Halbwachs (1990, p. 142-143), entendemos que o bairro Santa Tereza é um quadro espacial onde a memória se desenvolve, é nele que moradores e frequentadores assíduos fixam seu pensamento e fazem reaparecer uma categoria de lembranças. Do mesmo modo é com o Bar do Nonô e sua relação com o espaço, pois ao longo do tempo ocorreu uma mudança de localização do estabelecimento, que passou do Barreiro para o Hipercentro. Para os proprietários do Bar do Nonô, algumas categorias de lembranças a respeito do bar estarão localizadas no antigo espaço, quando ainda eram jovens que ajudavam seu pai, o Nonô, no ofício.

As ideias compartilhadas entre os indivíduos de um grupo fazem parte do imaginário coletivo, da memória coletiva, como é o caso do Bar do Orlando e Bar do Nonô. São nos grupos que ali frequentam e estabelecem contato entre si que vão se criando uma massa de lembranças, apoiadas umas sobre as outras. No entanto, a intensidade das lembranças não será a mesma para todos os integrantes do grupo, dependendo do lugar que se ocupam. O que se fala e se vive desses lugares tem a ver também com o que se escuta, se vê e se lê sobre eles. As memórias que Orlando ou os filhos de Nonô possuem dos bares que administram estão

vinculadas aos seus lugares de comando, uma rotina diária de trabalho e controle de processos, diferentemente dos clientes que estão ali por outras motivações.

O que permanece na memória coletiva dos grupos do Bar do Orlando e Bar do Nonô é o que está na consciência viva dos grupos que ali frequentam, mas também na memória individual dos frequentadores. Além disso, se considerarmos as reflexões de Pollak (1992), entendemos que existem certas memórias coletivas e individuais acerca desses bares que são irreduzíveis, ou seja, não vão se alterar ao longo do tempo, ainda que tenham sido vividos por tabela ou por projeção.

Como já enfatizado, essa consciência coletiva que Halbwachs defende desconsidera conflitos e tensões acerca das memórias, situação pontuada por Nora (1993) e Pollak (1992). Então, precisamos compreender que essas memórias acerca dos bares não seriam únicas e estão envoltas em tensões e negociações, porque os bares só ocupam um lugar de destaque no cenário de Belo Horizonte nos últimos anos e, além disso, essas memórias podem ser seletivas por parte da organização desses materiais. Enquanto organizações, os bares são apresentados nos produtos memorialísticos a partir de memórias relacionadas aos marcos pessoais dos proprietários e frequentadores. Essas memórias são vestígios de memória, como discutido por Pollak (1992), e contêm a vida pessoal desses personagens que está sempre cruzando com a trajetória desses bares.

É a partir dos vestígios de memória dos bares que encontraremos respostas sobre os agenciamentos realizados, se os bares estão construindo lugares de memória e como o fazem. Podemos encontrar nesses materiais as formas como as memórias são recortadas e coladas, para constituir uma memória oficial. Assim, os espaços, o contexto, as pessoas e suas memórias podem revelar a arena conflituosa da memória coletiva.

2.2 Comunicação e memória

A memória é um conceito com diversas facetas que podem ser tratadas pela Comunicação para analisar diversos objetos que falam sobre nossa sociedade. No âmbito da comunicação organizacional, a estratégia de se utilizar as memórias dos sujeitos envolvidos com as organizações já é um objeto de estudo explorado sistematicamente pelo campo da Comunicação, especialmente sobre como as organizações disputam sentidos e memórias em estratégias comunicacionais que visem aos objetivos institucionais ou comerciais (Ribeiro, Barbosa, 2007).

Apresentamos a seguir pesquisas que trabalharam objetos empíricos diferentes, que contribuem para pensarmos no objeto empírico desta pesquisa. É a partir do diálogo entre esses pesquisadores da comunicação e as noções de memória aplicadas nas pesquisas que discutimos a interface entre comunicação e memória. O resultado dessa discussão contribui para nosso olhar comunicacional sobre a memória e os lugares de memória no contexto dos bares.

Ao falar sobre cultura da memória, analisando os projetos memorialísticos da Globo, a pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro e Marialva Barbosa (2007) buscaram compreender porque as organizações estão cada vez mais adotando estratégias de memória. É a partir da interlocução de Pierre Nora com autores como Andreas Huyssen e Joel Candéau, que Ribeiro e Barbosa (2007) vão chegar no consenso de que o contexto de mudanças da modernidade e da contemporaneidade que vão mudar a forma como indivíduos e organizações se relacionam com a memória, principalmente, pelo processo de aceleração de informações e do tempo.

A pesquisadora fala de *boom* da memória, que permite que a massa, a maioria, possa também produzir memória, como biografias de pessoas comuns. Nesse cenário de democratização da memória, segundo ela, as empresas também foram contagiadas, como é o caso das Organizações Globo. Essas estratégias, segundo Ribeiro e Barbosa (2007), extrapolam as atividades memorialísticas de empresas de comunicação. Até então, eram as datas festivas que permitiam o uso do passado para legitimar a história de empresas deste segmento, porque a natureza de seu trabalho era falar de outros e não sobre si próprias, então usavam dessas datas especiais para reconstruir seu passado (Ribeiro e Barbosa, 2007, p. 110). No entanto, com as mudanças que aqui discutimos, essas mesmas empresas passam então a extrapolar essas datas e a usar seu poder para “constituir o seu próprio passado”.

Concluindo sua pesquisa, Ribeiro e Barbosa (2007) entende que a construção do passado, por parte dessas organizações, tem ligação com o contexto de um passado fragmentado e múltiplo. As empresas desejam promover uma determinada versão que reflete “o desejo de conter a polissemia da sua imagem e representação” (Ribeiro e Barbosa, 2007, p. 112). No entanto, é muito difícil promover esse discurso único e acaba por acontecer um painel polifônico, segundo Ribeiro e Barbosa (2007, p. 112), porque a memória está localizada em um terreno de disputas e porque essas organizações circulam discursos sobre si, mas também sobre o mundo.

Nas dimensões da comunicação pública, é de extrema importância a discussão da memória, como no caso da Ditadura Militar no Brasil, sobre a qual Oliveira (2017) discute a

memória conflituosa da Comissão da Verdade. Essa tese traz importantes diálogos sobre as concepções de memória por autores tradicionais, como Halbwachs (1990), mas que são a base de uma discussão mais profunda: a vulnerabilidade da memória, com Nora (1993) e a dimensão política e pública, ao dialogar com Pollak (1989, 1992) e Jelin (2002).

A tese de Oliveira (2017) trabalha a memória sob um aspecto muito complexo: o do afetivo e sensível, do traumático e do sentimento de justiça e de impunidade. O trabalho reflete sobre a natureza política da memória, compreendendo que ela está sempre em disputa, pelos públicos e pelas dinâmicas de poder. A pesquisa procura olhar quais aspectos do trabalho da Comissão da Verdade circularam, enquanto debates, em audiências públicas, jornais e Facebook.

Um dos aspectos utilizados por Oliveira (2017, p. 17) para analisar as falas dos sujeitos acerca da Comissão da Verdade é “como a constituição conflituosa de uma memória pública transparece na semântica coletiva, na definição de termos e símbolos da luta por reconhecimento pela verdade e justiça”. A memória é trabalhada como espaço de disputa, pois existe uma luta quanto à memória oficial sobre a ditadura civil-militar brasileira. As análises pretendem compreender, principalmente, a partir das definições de Jelin (2002) se as memórias que estão circulando sobre os acontecimentos podem ajudar a ampliar horizontes, alcançar aprendizados ou a ficarem restritos ao acontecimento individual.

A discussão reflete sobre o conceito tradicional de memória coletiva de Halbwachs (1990), principalmente, ao se destacar que a memória reconstrói o passado, muitas vezes atravessada por pessoas que não estão mais presentes, como no caso da ditadura. No entanto, segundo Oliveira (2017, p. 52), as mudanças semânticas acerca do objeto empírico não podem ser tratadas como flutuações da memória coletiva, exatamente pela condição de uma memória que passa por transformações e rupturas no âmbito social, público e político. Os estudos de Pollak (1989) são acionados para compreender a dimensão política e o risco da manipulação da memória, compreender o silêncio advindo de memórias traumáticas, que ocasionam conflitos de duas memórias: coletivas interditadas e institucionalizadas. Para a pesquisadora, o caso em estudo possui uma luta para romper com essa memória interditada, de décadas de ausência da justiça por conta da anistia concedida aos agentes que cometeram crimes gravíssimos que violaram os direitos humanos.

Pollak (1992) estabelece relação da construção da identidade com a memória e, para essa relação, ele discute as datas e festas nacionais, que seriam importante objeto de uma disputa sobre memórias nacionais. Oliveira (2017, p. 54) vai aproximar essa discussão do

cenário brasileiro ao falar dos desfiles de 07 de Setembro quando, em uma dessas comemorações, um indígena foi carregado em um pau-de-arara nas ruas de Belo Horizonte/MG, o que segundo relato, não causou espanto na população que acompanhou o fato. Esse fato foi levantado pela Comissão da Verdade, porque estamos em um contexto em que não mais se tem educação cívica nas escolas e nem o mesmo prestígio das Forças Armadas, mas que ainda possui comemorações da data, com desfiles, em diversas cidades. Esse exemplo, segundo Oliveira (2017, p. 55) reflete sobre a luta social pelo direito à memória e verdade e sobre o valor que essas datas e comemorações possuem para a sociedade brasileira, que ficam suscetíveis à transformação.

Quanto à discussão de Nora (1993) sobre lugares de memória, Oliveira (2017) enfatiza a atitude de ser preservar a memória diante do apagamento da história, em uma atitude de vigilância, que Pierre Nora entende como a materialização e organização da memória a partir dos lugares de memória, que seriam como bastiões. Na tese de Oliveira, os lugares de memória poderiam ser entendidos a partir da necessidade de se acessar materialidades que possam organizar a memória coletiva sobre a ditadura, com o propósito de lutar pela verdade e justiça.

Nos estudos sobre organizações e públicos, Bruck, Vargas e Moreira (2020), buscaram estudar as narrativas do jornal *A Sirene* e os vídeos institucionais da Fundação Renova, após o rompimento da barragem do Fundão em Minas Gerais, no ano de 2015. O propósito do artigo é entender como ambos lados utilizaram suportes midiáticos para acionar a memória sobre o acontecimento de Mariana, de modo a trabalhar o passado com vistas a um futuro. Segundo os autores, essas produções utilizam-se da memória como essência narrativa e é por meio desse recurso que buscam compreender as circunstâncias e possíveis sentidos propostos.

Para trilhar esse caminho, Bruck, Vargas e Moreira (2020) resgatam os estudos de memória do século XX, que estavam localizados em diversas áreas de conhecimento e caminhavam junto às discussões sobre tempo, percepção e duração, discutidas por Henri Bergson e Albert Einstein. A perspectiva escolhida pelos pesquisadores foi de “como acionamentos da memória podem se dar em um contexto de disputa de significados e sentidos e os objetivos que lhe são subjacentes” (Bruck, Vargas e Moreira, 2020, p. 61). Para tanto, Bruck, Vargas e Moreira (2020) fazem a escolha do conceito de memória que caminha com discussões sobre noções de poder e verdade, de Foucault (2007 apud Bruck, et al., 2020), crítica a respeito da noção de memória coletiva, feita por Namer (1987 apud Bruck, et al.,

2020), discussões sobre lembrar e esquecer de Huysssem (2014 apud Bruck, et al., 2020) e noção de testemunho, de Pierron (2010 apud Bruck, et al., 2020).

A partir da articulação de uma perspectiva foucaultiana, os autores compreendem que a memória tem relação direta com a disputa pela verdade, as duas se cruzam e se retroalimentam diante dos acionamentos do coletivo que as usa. Essa retroalimentação está permeada pelas tensões e relações de poder, a verdade nessa rede de tensões não seria absoluta e imutável, mas fala sobre aquilo que prevalece na dinâmica dos públicos. A noção de Foucault sobre dispositivos permite analisar essas memórias sobre a tragédia de Mariana a partir dos dispositivos utilizados: o storytelling e o jornal.

As narrativas utilizadas nos dispositivos, segundo Bruck, Vargas e Moreira (2020), chegam a ser antagônicas, pois estão em um complexo jogo de lembrar e esquecer. Enquanto o jornal *A Sirene* busca enfatizar nos relatos dos moradores as rotinas, costumes e cultura que se perderam com a lama, os vídeos institucionais da *Renova* buscam falar sobre as ações para o futuro, utilizando-se da perda como um ponto de partida para discutir a superação e esperança, principalmente, de ações que trarão benefícios para as comunidades atingidas. Ao falar sobre a discussão de esquecimento de Huysssem (2014 apud Bruck, et al., 2020), os autores compreendem que “se memória é presença de uma ausência, o esquecimento resulta da negação e anulação simbólica do referente” (Bruck, Vargas e Moreira, 2020, p. 71). Segundo eles, no objeto empírico do artigo as disputas de sentido acerca da tragédia não são silenciosas, mesmo tendo passado quatro anos.

Na análise dos conteúdos da *Renova*, os pesquisadores identificaram um discurso que traz o cenário de destruição, mas voltado para uma nova memória focada na reparação e em um futuro melhor. O quadro de análise de conteúdo dos storytelling marca bem o posicionamento institucional da *Renova* ao promover esse discurso positivo e futurista, utilizando-se de acionamentos de memória negativos dos moradores, que ficam em segundo plano diante do trabalho da *Renova*. Os pesquisadores entendem que esse trabalho visa a uma ressignificação do acontecimento e possíveis formas de se superar como, por exemplo, o relato de Keila, uma produtora de geleia de pimenta biquinho, que tendo perdido seu trabalho está recebendo cursos profissionalizantes da Fundação, esse caso exemplificaria esse jogo temporal de esquecimento e lembrança.

O discurso do *Jornal A Sirene*, segundo a análise de conteúdo, promove materiais que não deixam a tragédia no esquecimento, enfatizando as dificuldades dos moradores atingidos. Em tom de denúncia, o jornal funciona como um canal de cobrança de direitos para os

atingidos e deveres que a Samarco deve cumprir. Em relação às memórias apresentadas pelos moradores, elas utilizam o testemunho como recurso narrativo, o que para Bruck, Vargas e Moreira (2020, p. 78) seria “a essência testemunhal da memória”, sendo um testemunho intersubjetivo, que dialoga a partir da subjetividade da experiência e emoção desses indivíduos.

Ao concluir as análises acerca dos materiais da Renova e A Sirene, os autores compreendem que o jornal buscou, nos anos de análise (2016-2020) mobilizar-se contra o esquecimento das comunidades antes da lama e como o rompimento devastou a vida dessas pessoas, para eles a memória nesse caso atua como essência da identidade desses moradores, eles batalham contra a perda de suas raízes por meio da memória. Por outro lado, a Renova, em um discurso positivo, busca demonstrar suas intenções de reparação para o futuro desses moradores, utilizando-se da memória do acontecimento - a tragédia - como fundo, sendo sobreposto pela promessa de futuro novo, com claras intenções de um esquecimento, “apagamento como estratégia do esquecimento” Bruck, Vargas e Moreira (2020, p. 83).

Em todas as pesquisas apresentadas acima, endossamos o quanto a memória é um terreno conflituoso, disputado pela sociedade civil e pelas organizações com vistas à construção de uma memória oficial, a construção de uma memória organizada sobre determinado acontecimento, lugar ou organização. A discussão sobre essas situações no imaginário coletivo permite pensarmos no contexto da nossa pesquisa: os bares em relação à cidade de Belo Horizonte. Existe uma condição na capital mineira que tem relação muito próxima à discussão sobre a formação de uma memória oficial, que são os projetos de modernidade pensados desde a concepção da cidade. Esse atravessamento será discutido a seguir.

3 MODERNIDADE

A discussão de modernidade neste capítulo está dividida em três tópicos. No primeiro, intitulado Belo Horizonte e Modernidade, abordarmos o conceito, compreendendo o que é a visão eurocêntrica da modernidade por autores como Anthony Giddens (1991) e as contribuições que buscam se distanciar dessa perspectiva problematizando a visão europeia da modernidade como Arjun Appadurai (2004) e Aníbal Quijano (2005). A partir dessas discussões olhamos para o contexto de modernidade na cidade de Belo Horizonte, projetada a partir dos valores europeus e positivistas. Além disso, buscamos compreender como o projeto pensado pela Comissão Construtora promoveu a exclusão da camada trabalhadora que levantou a cidade e de outros sujeitos.

No segundo tópico, intitulado “Os bares dentro do projeto de modernidade e como se inserem”, buscamos apresentar os bairros Santa Tereza e Centro, onde os bares Bar do Orlando e Bar do Nonô estão localizados, contextualizando a inserção desses bares na história da cidade e como isso dialoga com a visão de modernidade imaginada para Belo Horizonte. No terceiro tópico, intitulado “Memória e modernidade”, relacionamos os dois conceitos, de modo a compor uma arcabouço teórico que possa elucidar nossas discussões, aproximando os dois conceitos da realidade e materialidade dos nossos objetos empíricos.

3.1 Belo Horizonte e modernidade

Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, nasceu a partir de um projeto desenvolvido pela Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), em 1894, quando o Engenheiro Chefe Aarão Reis propôs uma cidade planejada inspirada em modelos como Paris (Baggio, 2005). No entanto, por trás de uma escolha aparentemente arquitetônica, a Comissão optou pela região do antigo Curral Del Rey para construir uma cidade que se distanciasse dos antigos valores coloniais, muito presente em Ouro Preto, que até então era a capital mineira. O contexto da criação de Belo Horizonte fazia parte de um projeto de modernização de Minas Gerais, que carregava uma promessa de uma modernidade europeia, inspirada nos estilos do século XVII.

Esse projeto moderno estava permeado por contradições, principalmente, quando a divisão geográfica da cidade excluía por completo as camadas mais pobres, que incluíam a mão de obra responsável por levantar a cidade. Segundo Baggio (2005), o projeto de Aarão Reis promoveu uma divisão na cidade: a cidade oficial e a cidade periférica. A área urbana

estava dentro dos limites da Avenida do Contorno, à sua margem encontravam-se as regiões agrícolas, destinadas aos imigrantes alemães, espanhóis e italianos pela Lei Estadual nº 32, de 18 de junho de 1892 (MINAS GERAIS, 1892).

O planejamento da obra não seguiu como planejado e as regiões à margem da Avenida do Contorno sofreram com a falta de saneamento básico e asfaltamento. Além dos imigrantes, essas regiões foram ocupadas por famílias de trabalhadores das obras e, nesse movimento, iniciaram-se as primeiras favelas, nas palavras de Baggio (2005, p. 59) "sob os estigmas da segregação e da inserção sócio-espacial precária". Essa condição, segundo o pesquisador, se dava por uma visão da Comissão Construtora de que esses trabalhadores jamais se encaixariam no novo padrão, moderno e positivista de Belo Horizonte. A precariedade das camadas mais pobres que circulavam por Belo Horizonte contrapunham os valores modernistas.

A tentativa de uma projeção europeia na capital mineira não vingou e, segundo Baggio (2005), Belo Horizonte enfrentou suas primeiras décadas coberta por uma fina camada de poeira, obras inacabadas, problemas seríssimos de saneamento e uma dificuldade de ocupação da região central. No entanto, mesmo em condições precárias, a população belo-horizontina que se formava propiciou uma "expressão geograficamente exteriorizada" (Baggio, 2005, p. 70), ou seja, promoveu uma sociabilidade a partir do uso sócio-territorial. A maneira como o espaço vai sendo ocupado e as interações sociais que vão nascendo em Belo Horizonte, nos permitem compreender o que é essa modernidade projetada para a cidade e como de fato ela acontece.

A modernidade discutida por Giddens (1991, p. 11) é uma leitura clássica sobre o que intitulamos como uma modernidade discutida sob o ponto de vista europeu. Para Giddens, a modernidade "refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência" (Giddens, 1991, p. 11). Essa modernidade, segundo o sociólogo, provocou mudanças das relações dos sujeitos e processos de descontinuidades que afetaram a tradição, que está se tornando cada vez mais radicalizada e universalizada. Os sujeitos se vêem numa teia global, que é complexa e influencia direta e indiretamente sua vida, seu cotidiano e sua psique.

Para Giddens existem diferenças fundamentais entre as instituições modernas e ordens sociais tradicionais. Ele elenca algumas características: o ritmo de mudança, pois é perceptível que as mudanças se aceleraram, principalmente, quando observamos os impactos

das tecnologias; o escopo da mudança, a interconexão no mundo provoca ondas de transformação; natureza intrínseca das instituições modernas, algumas formas sociais não estão localizadas antes da modernidade, como o sistema político estado-nação (Giddens, 1991, p. 12).

A partir da modernidade, ocorre uma separação de espaço e tempo que permite o desenvolvimento de mecanismos de desencaixe, um deslocamento das relações sociais dos sujeitos e de seus contextos locais. Além disso, Giddens (1991) argumenta a partir de uma leitura sobre as mudanças da modernidade, que passamos para um estado de confiança em relação às fichas simbólicas, como o dinheiro, que são “meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular” (Giddens, 1991, p. 25) e em relação aos sistemas peritos, em que confiamos nos conhecimentos técnicos de outros, as relações sociais são removidas das imediações do contexto.

A principal diferença da modernidade para a tradição é o fato de que na modernidade, segundo Giddens (1991, p. 39), as práticas sociais estão em constante avaliação, se renovando pelas informações que vão surgindo pelas novas descobertas. Esse seria um processo de reflexividade da vida social, na tradição a experiência de outras gerações e o passado são utilizados para monitorar a ação. No entanto, essas novas descobertas estariam ligadas à reflexividade indiscriminada, que segundo o pesquisador, se distanciaria do novo por si só, seria “a reflexão sobre a natureza da própria reflexão” (Giddens, 1991, p. 39). Giddens argumenta que se em um primeiro momento víamos a certeza pelas descobertas, agora entende-se que vivemos na incerteza constante advinda dessas novas informações e descobertas.

Ao falar sobre a teoria de Wallerstein, sobre o moderno sistema-mundo, Giddens (1991, p. 62) aborda o desenvolvimento de estados-nação pela Europa e que vão se disseminando no mundo, a emergência do capitalismo que faz surgir uma ordem global baseada na economia, a mercantilização da força de trabalho. Durante todo o percurso de Giddens sobre a modernidade e a ascensão do capitalismo existe a predominância de visão europeia, não aparecem em suas reflexões como o capitalismo na modernidade foi colonial e eurocentrado, como defendido por Quijano (2005), ao falar de colonialidade e eurocentramento. Discussões como as de Giddens carecem a problematização dessa visão da modernidade como um produto exclusivamente europeu. Segundo Quijano (2005), a Europa Ocidental controlou todas as formas de subjetividade, de cultura dos povos que consideravam

como inferiores, os colonizados, eles se colocaram como verdadeiros protagonistas.

Para Quijano (2005) essas considerações sobre a Europa Ocidental enquanto centro das mudanças modernas têm a ver com o etnocentrismo, que foi desenvolvido por meio da transformação do sistema-mundo. Essa característica etnocêntrica estava fundamentada em uma classificação racial universal “também concluíram que eram naturalmente (isto é, racialmente) superiores a todos os demais, já que tinham conquistado a todos e lhes tinham imposto seu domínio.” (Quijano, 2005, p. 127). O etnocentrismo enxergava a escravidão, servidão e produção mercantil como anteriores ao capital e a mercantilização da força de trabalho. No entanto, Quijano (2005, p. 126) argumenta que, na América não ocorreu uma sequência linear de fatos como esses e a escravidão serviu aos propósitos mundiais de capitalismo.

Para Quijano (2005, p. 122), ao entendermos que o conceito de modernidade permeia a inovação, os avanços e o racional-científico, podemos compreender que outras culturas podem ter vivido experiências de modernidade que não advindas exclusivamente da Europa ou Ocidente. A definição de modernidade precisaria de um conjunto de elementos para se distanciar por uma busca de exclusividade e originalidade, das características que contrapõe o sistema-mundo. Existem referências e traços anteriores do sistema-mundo, mas existe uma articulação de várias racionalidades, com experiências específicas. A modernidade adquire um padrão mundial de poder, que segundo Quijano (2005, p. 124-126), é colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. A colonialidade faz parte do processo da modernidade, como também discutido por Mignolo (2011), ao falar sobre o lado oculto da modernidade. Na discussão sobre alta modernidade de Giddens (1991), o pesquisador enfatiza que os sujeitos, nesse contexto globalizante, percebem-se tolhidos e invadidos, pois não estão mais centrados em uma tradição local, ainda que se vejam com mais oportunidades também estão mais atentos aos perigos e inseguranças, colocando as certezas em dúvidas. A tradição precisa ser inventada ou reinventada diante da modernidade e dos sujeitos, assim como as experiências dos sujeitos diante do mundo globalizado, que ocasiona um confronto de sua identidade e a percepção de si e do outro no mundo.

Essa constatação de Giddens tem relação com o processo de desterritorialização, que é quando, por exemplo, os mercados e grupos étnicos passam a transcender os limites territoriais. Appadurai (2004) pondera que, ainda que a desterritorialização afete a lealdade dos grupos, a manipulação da moeda, investimentos e estratégias do Estado, também possibilitam a criação de novos mercados como, por exemplo, o setor de cinematografia e de

viagens (Appadurai, 2004, p. 72). Appadurai também critica o corte entre a tradição e a modernidade, tão radicalizado por autores como Giddens. Ele afirma que o processo de descolonização não acontece por meio da desvinculação total com práticas coloniais, mas em um diálogo com o passado.

Appadurai aborda as novas dimensões das interações globais e que estão em uma nova escala, foi o capitalismo impresso, afinidades culturais e diálogos que proporcionaram as mudanças que vivemos. Hoje, com a comunicação de massas, mudaram o papel da imaginação na vida social, que agora não fica mais restrita na tradição (Appadurai, 2004, p. 78). Ao falar sobre nacionalismo, Appadurai (2004) pontua que no nacionalismo moderno a existência dos bairros é para reproduzir cidadãos nacionais, mas por sua natureza são “potencialmente traiçoeiros [...] uma fonte perene de entropia e vazão de poder” (Appadurai, 2004, p. 253) para o projeto do Estado-nação. A constituição de uma homogeneidade nacional desses bairros é atravessada pelas subjetividades locais. Segundo Appadurai (2004), os locais possuem memórias e apegos:

E também porque as memórias e apegos que o sujeitos locais tem aos seus letreiros de loja e nomes de ruas, caminhos e enfiadas de ruas favoritos, tempos e lugares de ajuntamento e fuga são muitas vezes incompatíveis com as necessidades do Estado-nação para a vida pública regulamentada. Além disso, é inerente a natureza da vida local desenvolver-se de certo modo ao invés dos outros bairros, produzindo os seus próprios contextos de alteridade (espacial, social e técnica), contextos que podem não satisfazer as necessidades de estandardização espacial e social que são requisito prévio do cidadão nacional disciplinado. (Appadurai, 2004, p. 253)

O Estado-nação estaria ameaçado pela maneira como as pessoas circulam, pelos processos de migração. As populações que são consideradas subversivas vão se deslocando pelos espaços e gerando instabilidades para o Estado-Nação. Essas instabilidades acabam por ser combatidas pelos processos de “limpeza étnica, migração forçada, xenofobia, paranóia do Estado e nova limpeza étnica” (Appadurai, 2004, p. 254). A etnografia dos lugares, para Appadurai (2004), criam condições complexas de localidade.

Appadurai (2004), acerca de suas reflexões sobre processos de globalização e a experiência de modernidade, problematiza a existência de um ideário sobre globalização. Em seu livro *Dimensões Culturais da Globalização* ele indica que o grande erro da ciência social do Ocidente foi "nunca ter deixado de reforçar o sentido de um momento singular - chamemos de momento moderno" (Appadurai, 2004, p. 13). As afirmações acerca do corte entre tradição e modernidade acabam por distorcer os significados da transformação política do passado. No entanto, ele afirma que o mundo de hoje com a modernidade solta, acaba por

provocar corte com vários passados.

Para o pesquisador, os meios de comunicação eletrônicos provocaram mudanças nos meios de comunicação de massa, pois permitiram a construção de eus imaginados e mundos imaginados. Essa imaginação, segundo Appadurai (2004, p. 18), deixa de ser qualidade apenas do universo artístico e passa a fazer parte de pessoas comuns em sua rotina, o que o pesquisador denomina “atividade mental cotidiana de gente vulgar”. Esse processo imaginativo também muda as migrações, que antes apenas contavam com a afetação de rádio e televisão na vida dos sujeitos e agora se vêm afetados pelo imaginário mediático, nesse ambiente, para além das fronteiras nacionais, crescem as esferas públicas de diáspora.

E, no mundo de hoje, poucas são as pessoas que não têm um amigo, um parente, um colega de trabalho que não esteja a caminho de qualquer outro lugar ou já de volta para casa, portador de histórias e de possibilidades. Neste sentido, tantas pessoas como imagens encontram-se muitas vezes por acaso, fora das certezas do lar e do cordão sanitário de efeitos mediáticos locais e nacionais. Esta relação amovível e imprevisível entre acontecimentos mediatizados e audiências migratórias define o âmago da ligação entre a globalização e o moderno. (Appadurai, 2004, p. 15 -16)

A imaginação não deve ser confundida com fantasia, pois na fantasia reside a ideia conotativa de ócio e dispersão. Para Appadurai (2004, p. 19), a imaginação, ao contrário, “tem em si um sentido projectivo, o sentido de ser o prelúdio a um qualquer modo de expressão, seja estético ou outro”, ou seja, a imaginação proporciona a ação. O pesquisador busca refutar a ideia de que os meios de comunicação de massa são o ópio dos trabalhadores e enfatiza que esses meios originam resistência e o necessário para ação desses sujeitos.

Appadurai (2004) buscou em seus estudos não produzir uma teoria teleológica, mas sim falar de prática cultural, deixar em aberto sobre as experiências de modernidade e suas reverberações no nacionalismo, violência e justiça social. O interesse do pesquisador está no corte advindo do uso da comunicação eletrônica e das migrações numa abordagem transnacional e pós-nacional, o que não chegaria próximo de uma ideia tradicional de modernidade focada no Estado-nação e também não promove a ideia de que a globalização se trata de homogeneização do global. Appadurai (2004, p. 16) quis comprovar que a imaginação é capaz de fazer com que os sujeitos “procuram anexar o global às suas próprias práticas do moderno”.

A globalização estreitou a distância entre elites, deslocou relações essenciais entre produtores e consumidores, quebrou muitos laços entre o trabalho e a vida familiar, obscureceu as linhagens entre locais temporários e vínculos nacionais imaginários. A modernidade parece agora mais prática e menos pedagógica, mais experimental e

menos disciplinar do que nos anos cinquenta e sessenta. (Appadurai, 2004, p. 22)

A modernidade buscada em Belo Horizonte, sob os moldes europeus, expressa também a questão racial, desde quando o antigo Curral Del Rey foi derrubado para dar lugar à capital, como dito por Silva (2021) ocorreu “um silenciamento das memórias negras”, que fizeram com que eles saíssem do centro de Arraial Del Rey em direção à cidade periférica. Silva (2021) buscou investigar as ausências e presenças de populações negras em Belo Horizonte, principalmente, dentro dos limites da Avenida do Contorno. Ele, inclusive, enfatiza a resistência promovida pelos negros ao dedicarem um templo a Nossa Senhora do Rosário por parte dos Reinados Negros, contrapondo o projeto higienista que Silva reforça ser “a exemplo de algumas metrópoles europeias e norte americanas” (Silva, 2021, p. 115). Lembramos que, Belo Horizonte começou a ser construída em 1894, pouco tempo depois da abolição, em um contexto de criminalização da população negra recém-liberta, a partir de políticas que tornam essa população mão de obra barata e também periférica na modernidade buscada pela cidade.

Silva (2021) fala sobre a utopia em torno das cidades como Belo Horizonte, que promovem a mesma exclusão e desigualdade encontradas em cidades não planejadas. A modernidade promoveu a manutenção de lógicas raciais, o capital racial que até os dias de hoje ainda opera a exclusão daquilo que não é considerado como cultura. A história de Belo Horizonte foi construída a partir de exclusões:

A concepção de modernidade, sustentada ainda hoje sob a égide de um capital racial, que tende a excluir tudo que não se equipara à —normal, será percebida também no formato das cidades como dispositivo de imposição simbólica do poder no espaço social. Nesse sentido, a história de Belo Horizonte, uma cidade planejada e construída na esteira da abolição da escravatura (1888) e da proclamação da república (1889) é uma tradução da expressão de sua época e das mentalidades das elites que comandavam as decisões políticas e econômicas, especialmente. (Silva, 2021, p.179)

Além da lógica racial, que tem ligação com a colonialidade, e da rejeição de espaços e práticas de entretenimento considerados inferiores em relação aos espaços de lazer que imitavam os valores modernos europeus, outro aspecto sempre caminhou junto com o processo de modernização da cidade: a mineiridade. A cidade está inserida no contexto da mineiridade, termo que fala de uma originalidade de costumes de Minas Gerais e objeto de estudo de pesquisadores como Dias (1985) e Arruda (1999). A mineiridade atravessa os projetos de modernidade e a construção da memória de Belo Horizonte, memória permeada

de tensões daquilo que circula entre os grupos.

A mineiridade, por definição, tem relação com a “paisagem, dos elementos da flora e da fauna [...] dos hábitos familiares, das práticas econômicas e políticas” (Dias, 1985, p. 74), e foi cunhada a partir de um estudo que entendia uma certa originalidade que nasceu a partir da economia mineratória. O tema causa divergências, sendo que algumas pesquisas defendem que a mineiridade surge como uma ideologia, que se apropria de características regionais para preservação de um poder político. (Reis, 2007). As principais características atribuídas ao mineiro foram conciliação, equilíbrio, contrários ao radicalismo e ponderados. O ser mineiro era “paulatinamente reforçado” (Reis, 2007, p. 94-95) ao longo da história de Minas e de Belo Horizonte, privilegiando as elites políticas mineiras, enquanto as camadas mais pobres apenas introjetaram essa imagem.

As controvérsias sobre mineiridade no discurso de modernidade, que circulam sobre Belo Horizonte, são muito mais profundas do que apenas o significado dessas duas palavras. Considerando que a modernidade nunca esteve verdadeiramente afastada de práticas colonialistas, como discutido por Quijano (2005), há de se supor que a mineiridade apareceria em momentos importantes de Belo Horizonte para a manutenção de poderes, principalmente, das camadas mais ricas da cidade. Como dito por Reis (2007, p. 95) “ignorar a mineiridade como recurso ideológicos para preservar papéis e lugares privilegiados [...] é não perceber as estratégias e sutilezas do jogo e do exercício do poder”. A modernidade de Belo Horizonte nunca se afastou de práticas colonialistas porque essas eram fundamentais para a constituição da cidade perfeita para a elite mineira.

A elite mineira era um projeto pensado estrategicamente para construção de um futuro, como dito por Rocha (2007), a escolha de determinadas funções que deveriam ocupar a cidade contribuíram para a perpetuação do ideal positivista, não era apenas o espaço que deveria se adequar ao projeto, mas também “no sentido temporal de controle do futuro” (Rocha, 2007, p. 185), que estava intimamente ligado à modernidade buscada. No entanto, segundo Rocha (2007), a cidade tinha ruas perpendiculares e diagonais que receberam nomes indígenas e estava com “Estados de Federação e vultos da história regional-, que abrigavam uma cultura tradicional, em princípio, incompatível com uma identidade moderna” (Rocha, 2007, p.186). Existem outros elementos, como a Rua da Bahia, que remetem à vida em Ouro Preto, que segundo Bomeny (1994 apud Rocha, 2007), era enfatizada por Carlos Drummond de Andrade que olhava para Belo Horizonte como barroca, que se opunha aos valores modernos como impessoalidade e igualdade.

Rocha (2007) discute que mesmo com a industrialização e verticalização da cidade, a tradição barroca ainda permanecia e, de certo modo, se fortalecia, como o exemplo da arquitetura cinquentenária da cidade. Além disso, ocorria um processo de descentralização, contrário à ideia de unidade nacional da modernidade, como exemplo Rocha cita as esquinas de Belo Horizonte onde nasceram movimentos como do Clube da Esquina. Esse movimento viria pela soma das experiências e práticas cotidianas. Não somente o Clube da Esquina estaria mudando as esquinas e botecos como cenários musicais, mas também a moda, gastronomia e festivais se voltam para o tradicional.

Importante destacar que Rocha fala sobre uma mudança de pensamento sobre a capital de Aarão Reis e de Oscar Niemeyer para um lugar que remete à tradição. Isso caberia, segundo ele, para concursos como Comida di Buteco, para os bares que viram extensão da casa dos frequentadores e a comida caseira servida nesses espaços. Ao trazer Cláudia Brígido para sua reflexão, Rocha aponta para uma bricolage mental, que fica muito próxima do barroco. O bricouler, segundo Rocha (2007, p. 181), é um termo originado do modelo levistraussiano acerca da manipulação de elementos tradicionais para novas combinações, sem que esteja fazendo algo novo. No caso da tradição mineira, é necessário recuperar hábitos e comportamentos sem necessariamente modificá-los no presente. Essa força desse movimento se dá pela desconfiança do mineiro em relação à modernidade “desde os anos 1920 a modernidade tem sido olhada com desconfiança pelos mineiros, em geral, belo-horizontinos, em particular” (Rocha, 2007, p.195).

A partir dessas discussões compreendemos que, de fato, não se deve fazer uma separação de modernidade e tradição. A exemplo de Belo Horizonte, observamos que tradição e modernidade são retomadas nos projetos da cidade e nas manifestações populares. A mineiridade compõe esse cenário de recuperação da tradição da cidade, porque também está alocada no passado e faz parte de um projeto que não busca rompimento com passado colonial, segundo Reis (2007), mas que o recupera as histórias das regiões mineradoras para compor o perfil silencioso e desconfiado dos mineiros.

Ora, soma-se a tudo isso a construção de Belo Horizonte, cidade planejada, símbolo da modernidade, do progresso e da República. Para Ciro Bandeira de Mello, longe de romper com o passado colonial, a nova capital “preservava o passado para ganhar o futuro”. Ouro Preto transformou-se em solo sagrado para guardar a história dos inconfidentes e de uma população singular, a síntese do Brasil (Mello, 1996, p. 35). (REIS, 2007, p. 94)

Nas diferentes modernidades que Belo Horizonte viveu e vive, são recuperadas

características e comportamentos tidos como tradicionais, que são agenciados tanto pela elite e pelos políticos quanto pelos próprios moradores, de modo a compor um cenário de agenciamentos do passado, com o presente e o que se espera para o futuro. Como dito por Moraes (2004, p.53) “a mineiridade (na verdade, qualquer identidade) só sobrevive na medida em que faz sentido para a sociedade na atualidade”. Neste campo de tensões, observamos como as práticas colonialistas não se descolam de práticas modernas, o que diz muito sobre as experiências de modernidade brasileiras e, em um campo mais amplo, latinas.

3.2 Os bares dentro do projeto de modernidade e como se inserem

Belo Horizonte, a cidade dos bares, que não são apenas números, mas espaços tão diversos que abrigam todos os tipos de pessoas, de gostos e de relações. Mergulhar nesse universo boêmio da capital mineira nos exige ir mais longe, encontrar nas raízes belo-horizontinas como esses espaços ganham forma, onde nascem e como percorreram tantas décadas se multiplicando pelas esquinas da cidade. Percorrer os passos de figuras ilustres como Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade, mas também identificar a sociabilidade nos espaços da periferia.

Discorrer sobre os bares no projeto de modernidade é relembrar, certamente, um dos mais emblemáticos: o Bar do Ponto, inaugurado em 1907. Ele representa o significado da ausência, uma memória de um lugar que foi derrubado, para abrigar outros projetos de modernidade da cidade, aquela que se preocupava em ser a cidade dos arranha-céus. Como dito por Chacham (1994) “esses são tidos como empecilhos ao desenvolvimento” (Chacham,1994, p. 17).

Segundo Chacham (1994, p. 39-40), ao se debruçar sobre os resgates de Abílio Barreto, compreende que o projeto de papel e tinta pensado para cidade imaginada Belo Horizonte sempre esteve em uma lógica de espaços com destinos funcionais e delimitados e, por conta disso, esses destinos possuem prazo de validade, portanto, nessa lógica, nada sobrevive. Os primeiros indícios de uma sociabilidade pungente já estavam presentes antes mesmo da capital ser construída, em uma rua do arraial chamada Marechal Deodoro, que deu lugar para outras áreas, sendo substituída pela Rua da Bahia e Avenida da Liberdade (atual João Pinheiro).

Essas possuíam grandes concentrações de comércios, cafés, confeitarias e eram próximas do Parque Municipal. Chacham (1994, p. 43-47) afirma que essa região passou a ter um destaque muito importante na cidade, que havia sido projetada para ser administrativa,

mas que nestas ruas crescia como um lugar comercial, da circulação de bens e serviços e social, pela intensa passagem de cidadãos. Além disso, a Rua da Bahia era um atalho, para o caminho feito pela Avenida Afonso Pena, que ligava a Praça da Liberdade e a Praça da Estação.

O que justifica a importância dessas regiões é a ausência de um elemento comum das cidades: as praças. Não é que elas não existam, mas a sua construção não possui ligação com o que se espera desses lugares. Chacham (1994, p. 50) relata que as praças de Belo Horizonte foram projetadas para terem papéis estratégicos funcionais e monumentais que se opunham ao papel do lazer e do descanso. A própria Praça da Liberdade, que passou por diversas adequações ao longo das décadas, parece ser um lugar de lazer, mas segundo Melo (1990 apud Chacham, 1994) era destinado aos debates políticos sobre a cidade.

Nesse sentido, o Bar do Ponto se tornou uma referência espacial (por sua localização e por ser uma esquina) e, de modo geral, outros lugares da cidade passaram a suprir uma necessidade, que segundo Plambel (1979, p. 89) “a carência de praças criou em Belo Horizonte uma tradição: as conversas de esquina” (apud Chacham, 1994, p. 53). Chacham problematiza essa visão do nascimento de uma tradição de lugares específicos, porque a sociabilidade é algo que pode acontecer em qualquer lugar, como nas ruas onde acontecem a sociabilidade pública. Para ela, é inegável a sociabilidade do Bar do Ponto, mas as esquinas e ruas também possuem uma tradição. A referência do Bar do Ponto como uma tradição de sociabilidade tem a ver, também, com uma idealização de memória e um processo de homogeneização.

Apesar de uma aparente rebeldia com a inserção do Bar do Ponto, no cenário da cidade, Julião (1992 apud Chacham, 1994, p. 69) argumenta que o bar fazia parte do que podemos chamar de “cidade cenário”, que não possuía o mesmo nível de oficialidade da Praça da Liberdade, mas ainda estava dentro dos padrões da “cidade permitida”, longe da “cidade subterrânea”. Nesse espaço circulava a elite mineira e o público médio, de trabalhadores, que se locomoviam pelos bondes da capital.

Belo Horizonte reunia, em 1920, aspectos modernos e tradicionais. A modernidade era mais evidente no plano da cidade e na vida social e cultural da rua da Bahia. Já o tradicionalismo era associado a uma parcela da população que trouxe do interior costumes e valores provincianos. (Andrade, L., 2004, p. 87)

O Bar do Ponto fica muito próximo às redações dos jornais, o que possibilitou ser um local para as discussões das notícias. Chacham (1994) afirma que o Bar do Ponto era um

lugar de “circulação de informações, da discussão e crítica política” (Chacham, 1994, p. 75). No entanto, a pesquisadora relata que outros lugares já eram espaços desejados pela boemia literária, como Grupo do Estrela, que seria a Confeitaria Estrela e a livraria Francisco Alves, ambas na Rua da Bahia. Além disso, o Viaduto Santa Tereza, inaugurado em 1929, comporia um lugar da geração modernista.

Uma opinião interessante trazida por Chacham, é da figura de Carlos Drummond de Andrade, o poeta mais influente do século 20, que criticava o público frequentador do Bar do Ponto. Utilizando o pseudônimo Antônio Crispin, Carlos Drummond questionava a sociabilidade fútil da elite provinciana:

Nas crônicas de Drummond pode-se perceber que não apenas os lugares “eleitos” são outros como também parece ser “outra” a sociabilidade pública ideal. A passividade e “falta do que fazer” dos que frequentam o Bar do Ponto” parece contrastar, no seu entender, com a espontaneidade e o trabalho útil que se verificam numa rua comercial e popular como a rua dos Caetés. O Bar do Ponto parece ser o lugar de uma elite provinciana e de uma sociabilidade fútil. (Chacham, 1994, p. 77)

O que incomodava Drummond, segundo Chacham (1994, p. 77) era o traço de permanência que existia em alguns costumes da cidade, costumes esses que eram provincianos. O Grupo do Estrela e a livraria Francisco Alves eram os lugares que concentravam os grupos literários modernistas, que incluíam Carlos Drummond e Pedro Nava. A saber, o movimento modernista em Belo Horizonte possui influência do modernismo paulista, Andrade, L. (2004, p. 90) esclarece que a Caravana Paulista de 1924 teve mais importância do que a Semana de Arte Moderna de 1922.

A cidade, então, que possuía contrastes da modernidade e da província, fazia reverberar esses contrastes na vida dos cidadãos interioranos que buscavam a nova capital. Andrade, L. (2004), faz observações importantes sobre o relato do jornalista e romancista Cyro dos Anjos, que chegou na capital interessado na vida que ali corria e sentiu na pele a exclusão por ser um interiorano recém-chegado. Em um dos seus relatos, é mencionado a experiência em lugares como Café Estrela: “não conseguiu ingressar nas rodas intelectualizadas, como a do grupo modernista, que se reunia no Café Estrela e que ele, na mesa ao lado, observava” (Andrade, L., 2004, p. 135). Foi na boemia dos cabarés que Cyro compensava o sentimento de exclusão da cidade elitista.

A cidade que era vivenciada pela elite mineira não restringia apenas esses espaços, como os cafés, aos sujeitos da periferia. Ao estudar as publicações de 1927 a 1928 sobre atividades de lazer e diversão em Belo Horizonte, da Revista “Semana Ilustrada”, Mota

(2018, p. 48) entende o carnaval da época como uma atividade elitizada e a revista deixava isso muito claro ao fazer sátiras com as pessoas pobres que precisariam pedir dinheiro ao agiota para participar das festividades. As práticas esportivas, mesmo em locais públicos, ainda experimentadas somente pela alta sociedade “Sem propiciar participação igualitária a todos os indivíduos, as diversões descritas na ‘Semana Illustrada’ seguiam a moda higiênica, eugênica e requintada dos centros civilizados” (Mota, 2018, p. 55). A imprensa era uma ferramenta importante para a alta sociedade, publicando cartilhas de bons costumes e reprimindo comportamentos tidos como indesejáveis.

Em outros lugares de Belo Horizonte, nas regiões suburbanas, instalavam-se pequenos comércios que vendiam de tudo um pouco. Segundo Ticle (2016, p. 52), na região do Santa Tereza, perto da Parada do Cardoso (Rua Conselheiro Rocha, desativado na década de 50) surgiram vários comércios, a parada transportava muitos passageiros que iam até o centro da cidade e outras regiões, o que tornava interessante a criação desses estabelecimentos. Foi nessa região em que nasceram o Bar dos Pescadores e o Bar do Zé Inácio, que comercializavam artigos de pesca, por conta do Rio Arrudas, além de serem locais que propiciavam uma socialização:

Esses botequins ofereciam material de pesca para aqueles que utilizavam o Ribeirão Arrudas para esse fim, e outros produtos, como querosene, enlatados, bebidas e comidas simples. Eram ponto de encontro dos passageiros nos momentos antes do embarque e após o desembarque, e também para quem ia para ali se encontrar com os conhecidos e colocar a conversa em dia (Ticle, 2016, p. 52)

A Lagoinha era um bairro exemplo da boêmia da população periférica. A Gruta da Onça era um bar famoso, que ficava na Rua dos Guaicurus, onde hoje se concentram diversos prostíbulos. Segundo Piroli (2010) “a Lagoinha é bairro de boêmios e operários, rebelde e marginal” (Piroli, 2010, p. 11). Apesar da ausência de riqueza de detalhes sobre esses lugares frequentados pela camada mais pobre da cidade, certamente, podemos afirmar que a vivência de estabelecimentos como esses também era uma realidade na zona periférica de Belo Horizonte.

Com as mudanças da cidade e a expansão de outros comércios, os lugares como Café da Estrela e Bar do Ponto deixaram de existir e, segundo Abrantes (2015), a inauguração do Mercado Central, em 1927, proporcionou um novo espaço de socialização. Na região, outros bares nasciam como Gato Preto e Bar Juca Pato. O Mercado Central é um local atrativo pela quantidade e variedade de comércios. Na década de 1960 um prédio toma grandes proporções no cenário de lazer da cidade, o Edifício do Condomínio Arcângelo Maletta, um condomínio

residencial fechado que também conta com uma quantidade expressiva de comércios e bares. Abrantes (2015) fala que lá também concentravam intelectuais da época.

Segundo Brant (2012 apud Abrantes, 2015), com o passar dos anos e, principalmente, na década de 1950, as barreiras da Avenida do Contorno vão se quebrando e outros lugares vão ganhando destaque em termos de entretenimento, que antes só era associado à região central. A manifestação do gosto pelo futebol, esporte popular no Brasil, também era um atrativo para frequentar os bares da cidade:

Em todo esse tempo de pesquisa de campo, foi nítida a percepção de como parece haver uma espécie de ritual no torcer nos bares pesquisados e acredita-se que tal fato se repita na maior parte deles. Tais fatos reforçam atitudes do pertencimento clubístico e também caracterizam como é o torcer nesses locais. O primeiro e mais visível deles é ir ao bar vestindo a camisa do clube. Assim como no estádio, essa prática é bastante comum. Alguns torcedores, além da camisa, levam suas bandeiras, cachecóis e foguetes. Este último artefato foi observado diversas vezes nos bares onde as mesas e cadeiras se encontram na calçada. (Abrantes,2015,p. 48-49)

Os bares são lugares propícios para concentração antes, durante e depois dos jogos de futebol, afirma Abrantes (2015). É como se fosse uma segunda casa do torcedor, lugar onde ele sente que pode expressar-se individualmente e coletivamente. Eles se tornam estádios também, nessa perspectiva.

O cenário dos bares em Belo Horizonte continuou crescendo, até que no final do século XX ocorreu uma mudança significativa das políticas de desenvolvimento do turismo, que impactaram os bares belo-horizontinos. A Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte S/A - Belotur, criada em 1980³, passou a articular novas estratégias de expansão no turismo da cidade. Em 2019, especificamente, a Belotur apresentou um dossiê para o concurso Cidades Criativas da Unesco pela Gastronomia⁴.

Belo Horizonte foi vitoriosa na competição por ter apresentado uma história de simplicidade da gastronomia mineira. O dossiê também inclui os bares de Belo Horizonte, inclusive, os bares das regiões periféricas, tendo também dado espaço ao Circuito Gastronômico de Favelas. As atividades de gastronomia também proporcionam festivais apoiados pela Belotur, como o Comida Di Buteco.

O concurso gastronômico anual Comida Di Buteco foi criado em 2000, por três pessoas da extinta Rádio Geraes: produtor Eduardo Maya, proprietário João Guimarães e a

³ Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur>. Acesso 20 Nov. 2023.

⁴ Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/belo-horizonte-recebe-titulo-de-cidade-criativa-da-unesco-pela-gastronomia>. Acesso 20 Nov. 2023.

gerente de marketing e comercial Maria Eulália Araújo. Segundo o site do concurso⁵, existem 24 circuitos – 1.000 botecos por todo Brasil. O Comida Di Buteco se consolidou em Belo Horizonte com a proposta de valorizar a simplicidade e autenticidade desses estabelecimentos.

Falar das tradições dos bares de Belo Horizonte pode ser interessante economicamente para projetos como o Comida di Buteco, mas também para a gestão da cidade, ao validar essas atividades, pois pode ser um atrativo para locais e turistas. Existe um certo resgate de memórias, ligadas aos imaginários compartilhados nesses locais, mas que passam por mudanças por conta dos novos indivíduos que ali circulam e reconfiguram experiências sociais.

Ao recuperar parte da trajetória dos bares na cidade, compreendemos que o bar é de fato um importante espaço de sociabilidade, principalmente, pela sua imensa variedade na cidade. Estratégias como Comida di Buteco agregam o fator gastronômico à imagem desses espaços, mas o que de fato prevalece é ser um lugar para convívio social. Essa importância faz com que ele seja um dos elementos da cidade a ser utilizado para compor uma imagem comercializável da capital mineira.

3.3 Bar do Orlando e Bar do Nonô no contexto de Belo Horizonte

O Bairro Santa Tereza, localizado em Belo Horizonte, é reconhecido como berço cultural da capital mineira. Foi nas ruas do Santê, apelido carinhosamente conferido ao bairro, em que o Clube de Esquina começou e alcançou projeção nacional, um movimento artístico musical encabeçado por Milton Nascimento, Toninho Horta, Wagner Tiso, Lô Borges, Beto Guedes e Márcio Borges, no ano de 1960. O Santa Tereza também tem um envolvimento muito forte com o Carnaval, representado pelos blocos Divina Banda, Nada Santa e Satã e Seus Asseclas - criados a partir da década de 80, como lembrado em entrevistas de antigos moradores dadas ao site Santa Tereza Têm, criado pela jornalista Eliza Peixoto, também moradora do bairro. Além dessa efervescência cultural, o bairro também é reconhecido por seu ar boêmio, contando com 16 bares só na Rua Mármore⁶ e a Rua Alvinópolis conta com um dos bares mais antigos da Cidade de Belo Horizonte: o Bar do Orlando, que completou

⁵ Disponível em: <https://comidadibuteco.com.br/o-comida-di-buteco/>. Acesso em 20 Nov. 2023.

⁶ Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/gastronomia/2019/12/13/noticias-gastronomia.254095/rua-com-mais-bares-e-m-bh-conheca-a-marmore-no-santa-tereza.shtml>. Acesso em 20 Out. 2023

seu centenário em 2019.

No entanto, o bairro nem sempre teve essa configuração. Em meados de 1896, segundo Baggio (2005, p. 138), a área que ficava fora dos limites da Avenida do Contorno se formou a partir da chegada de imigrantes europeus e migrantes brasileiros, além da Companhia de Ouro Preto. Os imigrantes europeus compuseram a camada trabalhadora, que estava incumbida de levantar a capital mineira, sob o comando de Aarão Reis, engenheiro da Comissão Construtora. Além de ser reconhecido como região de imigrantes, também ficou famoso como região do isolado, a partir de 1910 até 1965, por conta da instalação de um Hospital para tratamento psiquiátrico e de doenças infecto-contagiosas, o que ocasionou um medo na população de outras regiões, que evitavam passar por lá (Baggio, 2005, p. 140).

Nos primeiros anos do Santa Tereza, os moradores conviviam com uma ausência de infraestrutura e saneamento básico, sendo que as ruas só passaram a ter iluminação pública na década de 40. Com a construção da praça Santa Tereza e da igreja principal com o mesmo nome, o Santa Tereza no ano 1950 floresceu para a sociabilidade, sendo a praça um lugar propício para o encontro dos moradores e a organização de festividades. Segundo Baggio (2005), ainda que o bairro apresentasse muitos problemas, nessa época já era reconhecido como um lugar novo e agradável para se morar.

A especulação imobiliária, aumento do comércio e mudanças nas moradias, com o surgimento das residências verticais, ocasionaram disputas dos moradores com a gestão da cidade, pelo incômodo no aumento de fluxo de veículos e o impacto disso no usufruto dos moradores com as áreas comuns do bairro, que tratavam aquela região como uma cidade do interior (Baggio, 2005, p. 160). A mobilização por um bairro familiar e amigável era tão forte que ocasionou em 1996 uma manifestação em torno da Praça Santa Tereza, os moradores fizeram um abraço simbólico contra as mudanças.

A preservação das interações entre os moradores é uma das características mais fortes do Santa Tereza, o que Baggio (2005) acredita ter contribuído para o nascimento de tantos movimentos culturais. Existe uma resistência dessa característica frente às mudanças advindas da modernidade, como a impessoalidade e fragmentação das relações. Baggio (2005) acredita que a configuração do bairro e também de outros espaços da cidade permitiu o nascimento de uma sociabilidade muito própria, a conformação de lugares para se construir vínculos.

É nesse processo de forte interação que compreendemos como o Santa Tereza tem essa imagem boêmia, os espaços do bairro de fato contribuem para a socialização, como apontado por Baggio (2005). O Bar do Orlando, nosso objeto de interesse, fica em uma praça rodeada

por outros estabelecimentos, que compõem um espaço agradável de entretenimento. Mesas na calçada, violas tocando e pessoas conversando são as principais características do bar centenário.

São 100 anos sobrevivendo às mudanças impostas ao bairro, com a mesma edificação e simplicidade. O bar, comandado pelo Orlando Siqueira desde 1980, foi adquirido do seu tio em 1970 e anteriormente era uma venda, comércio pequeno que comercializa diversos produtos do cotidiano e servia os clientes com bebida e comida, que atendia os pescadores do Rio Arrudas. Já tendo participado de edições do Comida Di Buteco, o Bar do Orlando é conhecido também pelo seu cardápio, o famoso trio da roça (linguiça, mandioca e batata), além do tropeiro e outros aperitivos. No contexto do carnaval, também se destaca tendo suas próprias festividades, com direito a abadá e muita folia.

Já a região do Hipercentro de Belo Horizonte, conhecida pela concentração de comércios e serviços, passou por mudanças diferentes do Santa Tereza. Primeiro, porque a região do Hipercentro foi a mais privilegiada no planejamento de Aarão Reis. Lá seria o lugar ocupado por um grupo seletivo de moradores - como funcionários públicos e proprietários de Ouro Preto - que compunham classes mais favorecidas, conforme descrição de Baggio (2005) a respeito da exclusão social promovida na cidade. No entanto, na época de expansão dos bairros suburbanos, a região central sofreu um grande impacto (Baggio, 2005) que resultava numa ocupação muito maior fora dos limites da Avenida do Contorno.

Além dessas mudanças, a região central também passou pelo processo de verticalização de moradias e prédios comerciais. A redefinição de uso dos espaços também contribuiu para a perda de lugares importantes na história da capital mineira, como é o caso do Bar do Ponto, muito discutido por Chacham (1994) e o Cine Metrópole, mencionado por Baggio (2005, p. 74), ambos localizados na região do hipercentro e lugares de intensa circulação de pessoas, que buscavam se entreter. O Bar do Ponto, foi fundado com esse nome por ficar em frente a um abrigo de bonde na Avenida Afonso Pena e recebia figuras famosas como Carlos Drummond de Andrade, enquanto o Cine Metrópole foi inaugurado na década de 40 na Rua da Bahia e era importante por receber filmes internacionais.

Os empreendimentos eram derrubados para manutenção da lógica modernizadora “carregam indubitavelmente, esta dimensão, na qual o velho comparece como resíduos ‘teimosos’, que evocam tempos menos turbulentos” (Baggio, 2005, p. 74). Desde a concepção de Belo Horizonte o destruir já fazia parte dessa lógica, a exemplo da Capela Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que segundo Silva (2021), foi derrubada por não combinar

com o novo modelo de cidade. Outras edificações que ocuparam lugares demolidos podem ter tido o mesmo destino para refazer o plano capitalista e metropolitano.

A mudança da sede administrativa do Governo de Minas, ocorrida em meados de 2010⁷ promoveu novamente mudanças significativas na região central de Belo Horizonte. O projeto visava um fortalecimento da Região Norte e a união das diversas secretarias espalhadas pela cidade. No entanto, o deslocamento significativo da gestão do Estado desagradou: o ex-governador Fernando Pimentel, em matéria publicada pelo Estado de Minas em 2020, ponderou que o mais adequado teria sido utilizar os prédios desocupados do centro da cidade para abrigar essas secretarias. Em uma matéria publicada pelo Jornal O Tempo⁸, em 2023, ainda é mencionado o prejuízo dessa mudança do Governo e o esvaziamento de circulação de pessoas como consequência, foram mais de 20 mil pessoas que deixaram de circular pela região, uma situação que foi potencializada pelas consequências da Pandemia do Covid-19.

Nesse contexto, a gestão da cidade 2020-2024 criou um plano de revitalização do hipercentro, nomeado como Centro de Todo Mundo. O projeto possui 10 demandas, sendo elas: cultura lazer e turismo; mobilidade; requalificação urbana; mobiliário urbano; parques e arborização; segurança; população em situação de rua; ocupação de prédios ociosos e subutilizados; manutenção e zeladoria e inclusão produtiva. Conforme matéria publicada em 2023⁹, no Jornal O Tempo, os comerciantes da região estão temerosos com as mudanças, Flávio Assunção - Presidente da Associação de Lojistas do Hipercentro de Belo Horizonte - falou que a cobrança em torno da situação do centro é antiga, pois a transferência da Sede do Governo para Cidade Administrativa provocou problemas para o comércio local, que viu um esvaziamento significativo na circulação de pessoas pelas ruas.

Na mesma matéria, consta o relato de uma moradora do bairro Floresta, que reclama sobre as mudanças propostas para a Rua Sapucaí, área com bares que movimentam o turismo local. Sua principal reclamação é a falta de diálogo da Prefeitura com os moradores, mesmo relato dos moradores do Santa Tereza, conforme descrito por Baggio (2005). O diálogo da

⁷ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/03/04/interna_politica.1125929/transformacoes-marcam-os-10-anos-da-cidade-administrativa.shtml. Acesso em 10 Jul 2023

⁸ Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/mais/esvaziamento-do-centro-de-bh-e-relatado-por-comerciantes-1.3096741>.

Acesso em 10 Jul 2023

⁹ Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/cidades/lojistas-temem-ser-atropelados-novamente-com-revitalizacao-do-centro-de-bh-1.2824514>. Acesso em 10 Dez. 2023

Prefeitura com a população em todas as situações aqui relatadas, sobre mudanças estruturais da cidade, parece não ter acontecido a contento.

É nesse cenário que o Bar do Nonô está inserido, um espaço que vem enfrentando nos últimos anos diversos problemas, principalmente, ligados à violência e à desigualdade social. Ocorreu uma mudança significativa desde a chegada de Nonô na década de 60, pois o centro ainda era um lugar com certo glamour, pela concentração de importantes negócios e a circulação significativa de pessoas, como citado por Camisasca e Neves (2014) ao falar sobre o porquê da escolha do Centro pelo Sr. Nonô.

Segundo o livro sobre o Bar do Nonô, Nonô e sua família têm uma extensa história com Belo Horizonte, tendo morado em mais de um bairro da capital e vivenciado a experiência de dificuldades estruturais de alguns desses lugares, como a falta de encanamento para abastecimento de água. Como era uma família com poucos recursos, Nonô mudou diversas vezes as fontes de renda, tendo tido outros bares e empreendimentos até chegar a fundar o Bar do Nonô. Em seu último movimento, do Barreiro ao Centro da Cidade, no ano de 1969, o comerciante havia enxergado uma oportunidade de atender um importante público que trabalhava e circulava pelas ruas principais (Camisasca; Neves, p. 83).

Diante da contextualização desses dois importantes bairros, podemos nos perguntar o que eles dizem sobre o status que os bares ocupavam na cidade, antes da entrada no projeto de modernidade. Os bares são lugares que nascem de uma necessidade de sociabilidade dos moradores da cidade e que, apesar de alguns serem frequentados pela elite mineira como o caso do Bar do Ponto, que era localizado na Rua da Bahia (Baggio, 2005), muitos outros se fizeram lugares importantes no cotidiano de moradores das regiões suburbanas, que não possuíam muitas opções de lazer nas primeiras décadas (Baggio, 2005). Lugares de manifestações culturais diversas, como rodas de samba e concentração de blocos de carnaval, os bares conhecidos como “botecos” parecem ser a contradição máxima daquilo que se esperava em termos de sociabilidade na capital.

Um bar que começou com os pescadores do Rio Arrudas como público, que ao longo das décadas promoveu festividades carnavalescas e que sempre manteve a mesma estética: prateleiras abarrotadas de itens à venda, diversas opções de bebidas alcoólicas, copos lagoinha¹⁰ e comidas simples e fartas. O Bar do Orlando conserva tudo aquilo que o projeto de Belo Horizonte por muito tempo buscou superar. Quando ainda não era tradição, o bar

¹⁰ O termo copo lagoinha é utilizado na cidade de Belo Horizonte para o modelo conhecido em outras regiões como copo americano. Mais informações disponíveis na matéria: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/11/12/interna_gerais.1322432/copo-americano-ou-lagoinha-conheca-a-historia-de-um-icone-de-bh.shtml. Acesso em 11 Set 2023

representava as camadas que eram negadas na cidade oficial, descrita por Baggio (2005). Quando o bar ganha status histórico, ainda demorou muito tempo para adentrar nas narrativas da cidade de Belo Horizonte.

A própria história do Bairro Santa Tereza nos dá indícios sobre o modo como a população às margens do centro da Cidade foram adentrando aos poucos com seus movimentos culturais, que precisam diversas vezes resistir a movimentos de mudança da gestão da Cidade. Uma gestão que por diversas vezes, sem consultar, decidiu transformar ruas e casas para cumprir uma tão sonhada modernidade, modernidade que nunca chega o suficiente nas manifestações populares. Podemos compreender que existem várias modernidades como, por exemplo a modernidade alternativa e em trânsito, discutida por Brandão (2018), ou a modernidade desconfiada que é “dada diante de um esgotamento contínuo das modernidades sempre em um por vir, potencializadas em uma cidade que se constrói e autodestrói continuamente” (Souza, 2022, p. 16).

A mesma natureza de resistência das populações à margem é identificada e defendida por Silva (2021), as camadas às margens da cidade passam a adentrá-la e trazem consigo sua cultura, seu modo de vida e contribuem para uma renovação da sociabilidade, esta descrita por Baggio (2005) ao falar das esquinas da cidade. Chacham (1994) se dedicou a entender a sociabilidade do bar do Ponto, que foi demolido para construção de um hotel. Ainda que o progresso e a constante modificação da cidade, sempre com vistas à modernidade, tenha apagado lugares de encontro, como o Bar do Ponto, eles ainda estão no universo da memória que resiste à pouca importância dada pela cidade (Baggio, 2005, p. 79). O Bar do Orlando, localizado no Santa Tereza, é, de certo modo, uma resistência perante as mudanças que foram impostas pela urbanização e metropolização da cidade, porque ele não se encaixa no padrão de modernidade pensado para a cidade.

Atores sociais como os proprietários dos bares podem ser acionados ao se pensar a importância da imaginação e o uso dos meios de comunicação de massa, em um ambiente hostil como a Belo Horizonte em suas décadas iniciais. Elitizada e com projetos de higienização, a cidade forçou esses proprietários a se inserirem em um contexto desafiador e agirem de modo que seus projetos entrassem na lógica da cidade, isso se dá a ver quando Nonô sai do Barreiro para o Centro da Cidade que possuía uma infraestrutura urbana mais sofisticada ou no caso do Orlando que decide investir nas mídias digitais como forma de marcar presença sem precisar alterar suas características físicas.

No entanto, ainda que ocupassem esses espaços, os bares populares ainda não estavam na lógica da cidade, na imagem que Belo Horizonte articulou em suas primeiras décadas. Somente em 2009, com a lei nº 9714, de 24 de Junho de 2009 (BELO HORIZONTE, 2019), que a cidade é oficializada como Capital Mundial dos Botecos. O concurso Comida di Buteco foi criado em 2000, recente se considerarmos o contexto de Belo Horizonte. Foi com a criação da Belotur, pela Lei Municipal nº 3237, de 11 de agosto de 1980 (BELO HORIZONTE, 1980), que o Turismo da cidade passou a ter investimento em outras frentes como, por exemplo, o carnaval e as comemorações juninas. A Belotur passou a investir nos bares e, conseqüentemente, em concursos com a mesma temática. Tendo sido reconhecida como a capital dos bares, a promoção desses estabelecimentos é uma mercadoria muito proveitosa para atração turística da cidade.

Essa virada de contexto da cidade de Belo Horizonte, impulsiona esses bares, antes marginalizados no discurso oficial, a adentrarem as narrativas de Belo Horizonte. Com isso, as expectativas são renovadas e as memórias são disputadas acerca de um novo lugar para esses estabelecimentos ocuparem na memória oficial, como importantes para constituição de um ser belo-horizontino. Além disso, a característica gastronômica desses lugares fica muito atrelada à gastronomia mineira, entendida como parte da mineiridade. Segundo matéria do jornal O Tempo, publicada em 2022, os bares resgatam a mineiridade e a tradição da Cidade, esquecida pelo aumento da violência em determinadas regiões.

São lugares tradicionais de fato, pois constituem características que eram excluídas dos diversos projetos de modernidade pensados para a Cidade ao longo das décadas e que, de fato, resistiram ao tempo e souberam se reinventar, para manutenção de sua existência. Eles não negam sua tradição, muito pelo contrário, a utilizam como um modo de se afirmarem e, desse modo, assim como a cidade usa a mineiridade em muitas ações comunicativas, os bares usam sua tradição para se inserirem no discurso oficial da cidade. Uma cidade agora que se abre para esses bares, a fim de utilizá-los para atração turística, em um discurso que não fala apenas do presente, em números de bares abertos no momento, mas do passado desses bares para criar uma narrativa que tornem esses lugares mais interessantes e notáveis na história oficial da cidade.

3.4 Memória e modernidade

As discussões sobre memória e modernidade estão intimamente relacionadas. A ideia de modernidade que como discutida por Appadurai (2004) e Quijano (2005) contempla as

disputas de sentido das camadas mais pobres. A modernidade não se disvinculou de práticas colonialistas, sendo que as camadas mais pobres da população, compostas principalmente por negros, no caso do Brasil, permaneceram à margem da configuração de uma nova cultura e socialização, mas foram mão de obra útil para a construção da modernidade europeia. A modernidade era concepção e o colonialismo forma de exploração (Silva, 2021, p. 177). Como discutido por Quijano (2005), a modernidade caminha junto com a classificação racial, em que os brancos europeus conservam uma visão eurocêntrica de poder, branca e elitizada.

Nesse campo de configuração de uma modernidade europeia, porém, existe uma arena de disputas acerca da cultura desses povos tidos como inferiores. Como pesquisado e discutido por Silva (2021), ao falar sobre o Arraial Del Rey, a comunidade negra do antigo Arraial não aceitou passivamente a destruição de suas práticas culturais e religiosas, “força da resistência das manifestações culturais e religiosas da população negra que, com o passar dos anos, foram deslocadas do centro do Curral Del Rey para ocupar as periferias e favelas da capital” (Silva, 2021, p. 196). Essa resistência tem relação direta com a disputa por uma memória dos negros acerca de suas práticas sociais, conforme dito por Silva (2021, p. 213) apesar das condições impostas pela Comissão Construtora, “a memória negra de Belo Horizonte não foi apagada”.

Essa memória, que discutimos na perspectiva de Pollak (1992), é um lugar de disputas. A memória organizada por Aarão Reis, ao fotografar e documentar a construção da cidade (Arrais, 2010), é uma forma de estabelecer uma memória oficial da cidade que, no entanto, é confrontada por populações marginalizadas, que forcem constantemente sua entrada na história oficial de Belo Horizonte. O direito de ocupar os espaços oficiais da cidade é também uma forma de conservar as práticas sociais e memórias desses grupos, como quando os bares passam a se inserir massivamente no centro da cidade.

No entanto, as próprias lógicas de poder da cidade, que buscam suprimir essa sociabilidade e construções de sentidos da camada periférica, encontram nelas formas de reacender discursos tradicionais, ligados à mineiridade, como forma de “reencontrar-se no passado da cultura barroca, acenando assim, contraditoriamente, para uma desconstrução que ficaria cada vez mais evidente a partir de 1970” (Rocha, 2007, p. 191). Segundo Rocha (2007, p. 195), são campanhas como as de 1990 “Eu amo BH radicalmente”, que se voltam para o passado para valorizar a cidade.

As memórias do que é ser mineiro e o que é ser belo-horizontino entram em um campo de disputas para valorização da capital. Segundo Pimentel (1993), o imaginário

coletivo sobre Belo Horizonte é constituído pela modernidade e tradição e não existe contradição entre elas. Concordamos sobre o aspecto de que, na prática, não há uma contradição, mas sim um confronto de memórias acerca da modernidade e tradição que participam do agenciamento de uma memória oficial sobre a cidade. Ao recuperarmos o exemplo do Comida di Buteco ser uma atividade ligada ao tradicional, percebemos que o concurso impõe regras aos participantes que fogem daquilo que é entendido como tradicional dos botecos belo-horizontinos. O modo de servir e apresentar os pratos são uniformizadas e descaracterizam os hábitos desses bares.

O apelo gastronômico da cidade está alicerçado pelo próprio título que carrega como Cidade Criativa da Gastronomia, da Unesco, a comida que fala também sobre Minas é um patrimônio. Ao discutir sobre a inclusão da culinária como um aspecto da mineiridade, Morais (2004) articula a discussão dos lugares de Memória de Pollak para defender esse entendimento de que a comida mineira é um patrimônio cultural, por expressar valores e noções compartilhadas de um grupo.

Essas experiências que vão se fazendo e refazendo nos espaços da cidade vão criando uma massa de lembranças paralelas à oficial da cidade. A midiática e comunicação de massa alavancam os sentidos criados nesses lugares, mas também de certo modo são impactados pelas formas de se imaginar o espaço. Ao falar sobre a imagem, Appadurai (2004) nos ajuda a compreender como os bares são imaginados, porque os moradores não pensam mais nos bares apenas com seu contato direto, mas são impactados pelo contexto midiático que produz o tempo todo sentidos novos sobre esses lugares.

Os bares da cidade, que agora constituem importante papel econômico, são disputados por outras formas nos grupos que ali circulam e consomem. Além disso, a experiência de frequentar botecos é fundamental para compreender as articulações feitas pelas comunicações oficiais da Belotur. A tradição e modernidade que são trazidas sobre esses lugares é algo construído, pois por muitas décadas não era considerado no âmbito oficial da cidade moderna.

Os bares e outras manifestações culturais de Belo Horizonte são acontecimentos colaterais, que servem a um propósito para a memória que se pretende constituir. A maioria das pessoas que agora circulam pelas ruas da cidade e pelos bares nunca vivenciaram a tradição desses lugares, mas estão em um contexto de um presente que lhes dá a sensação de já ter acontecido, como dito por Appadurai (2004) isso é feito para práticas de consumo e experiência. No entanto, essas memórias articuladas pela comunicação oficial da cidade não são as únicas na arena de disputas, os bares também buscam construir narrativas próprias, a

fim também de articular uma memória oficial sobre si mesmos e, de certo modo, sobre o bairro e a cidade que ocupam.

Os dispositivos de memória, como definido por Nora (1992), são instrumentos constituídos por diversas memórias para proteger e guardar as vivências de sujeitos e grupos sociais. Em sua materialidade, esses dispositivos possuem características diferentes, no entanto, eles possuem algumas semelhanças nas estratégias de narrativa. O livro e o documentário, analisados nesta dissertação, buscam resgatar memórias acerca dos bares Bar do Orlando e Bar do Nonô. Para tanto, procuram nos relatos de frequentadores sustentar o ambiente afetivo que os bares possuem, sendo eles intercalados com fatos trazidos por historiadores e com relatos institucionais dos proprietários.

O Livro Nonô - O Rei do Caldo de Mocotó - 50 anos de tradição, foi publicado pela Escritórios de Histórias, uma editora especializada em memória empresarial que já trabalhou para grandes empresas como ArcelorMittal, Mercado Central e Fundação Dom Cabral. Além disso, a publicação contou com patrocínios: Supremo Alimentos e Caracu, esta é a produtora da famosa cerveja preta, sendo que o Nonô é um dos campeões em venda a nível nacional. O livro possui recursos visuais, todos os capítulos possuem fotografias do estabelecimento, da família de Nonô e da cidade de Belo Horizonte. Ao final do livro encontramos um clipping, com as principais matérias divulgadas sobre o Bar.

O Documentário, Bar do Orlando - 100 anos [2019], foi produzido pela A Macaco Indústria Criativa, empresa de entretenimento que promove eventos importantes da cidade, como o Festival Sarará. A produtora foi responsável pela organização do Festival Orlando - 100 anos, um evento com apresentações musicais que foi montado em frente ao Bar do Orlando, na praça, para comemoração do centenário. Esse festival foi produzido um pouco antes do mini documentário lançado no canal do Youtube da A Macaco, em janeiro de 2020. A celebração de 100 anos do Bar do Orlando contou com o patrocínio da cervejaria Bohemia. O material documental contou com gravações que mostravam o estabelecimento, momentos de festividades, entrevistas com os proprietários, com os frequentadores mais assíduos e com o especialista jornalista José Maria Rabelo.

Apesar de o livro ser um material escrito, utiliza com muita frequência fotografias que ilustram a cidade de Belo Horizonte, a família de Nonô e o ambiente do bar. O livro tem como força narrativa a caminhada da família em busca de uma melhoria de vida, a constituição do negócio familiar é o que sustenta a narrativa documental. Já o documentário sobre o Bar do Orlando constrói sua narrativa a partir da sociabilidade do bar, o enfoque são as relações

construídas no bar e que fazem com que ele tenha perdurado por tantos anos.

Como discutimos no capítulo sobre memória, o registro de memórias feito pelas sociedades é um importante processo que visa conservar as lembranças individuais e coletivas, quando sentem que elas podem se tornar menos vivas, na iminência de perdê-las (Nora, 1993). O avanço da tecnologia permitiu novas formas de se registrar e guardar essas memórias, como os avanços de fotografias, vídeos e registros eletrônicos. Além disso, o amplo acesso a essas tecnologias e o barateamento de alguns processos permitiram produções mais autorais.

Na história de Belo Horizonte, como descrito por Arrais (2010), já existia um importante processo memorialístico promovido por Aarão Reis, durante os primeiros anos de construção da cidade. Sistemático, o engenheiro chefe permitiu o arquivamento extenso de diversos materiais, escritos e fotos, sobre o projeto da Comissão Construtora. Segundo Arrais (2010) esse trabalho buscava constituir esse projeto como um lugar de memória sobre a cidade de Belo Horizonte.

Hoje, outros grupos sociais e organizações também conseguem viabilizar materiais memorialísticos robustos. É o caso dos objetos de estudo dessa pesquisa, o Bar do Orlando e o Bar do Nonô. Ambos buscaram, a partir de métodos diferentes, reunir as memórias envoltas sobre os estabelecimentos, de modo a constituir um lugar de memória sobre os bares. Esses produtos contaram com um nível elevado de profissionalismo, pois foram produzidos com a ajuda de empresas especializadas, que coletaram informações relevantes sobre a cidade e entrevistaram frequentadores e os proprietários para construção dos materiais documentais.

A maneira como são constituídos nos dizem sobre uma pretensão de se consolidarem na memória da própria Belo Horizonte. Quando Amormino (2020) analisa a publicação BH 120 anos, curiosamente também publicada pela Escritório de Histórias, faz inferências sobre como o jornalismo busca ser “agenciador da memória social na cobertura do aniversário de cidades e, ao mesmo tempo, como ele se inscreve como parte dessa memória” (Amormino, 2020, p. 3). Esse material busca constituir um lugar de memória, assim como o livro Nonô - O rei do caldo de mocotó e o documentário Bar do Orlando - 100 anos [2019] também.

Abreu (1998) reúne vários autores, como Halbwachs, para discutir a importância de uma memória das cidades, que faz parte das identidades, por meio das relações que se estabelecem nos lugares e a reunião de memórias que são construídas socialmente, essas que podem contribuir para consolidação de ideais comercializáveis sobre a cidade. Segundo o pesquisador, a memória coletiva está em processo constante de redefinição, pois além de não

conseguir reter tudo do passado, pode mudar por conta da alteração dos indivíduos que compõem aquele espaço. A memória então, nessas circunstâncias, seria uma memória viva que só pode ser eternizada quando registrada e transformada de memória coletiva em memória histórica. Ao observarmos os produtos memorialísticos dos bares, percebe-se que existe um resgate de memórias, ligadas aos imaginários compartilhados nesses locais, mas que passam por mudanças por conta dos novos indivíduos que ali circulam e reconfiguram as experiências sociais.

Essas experiências que são reconfiguradas se desdobram na necessidade de reter o que é considerado como importante do passado, para também se eternizarem no futuro da cidade. A constituição desses lugares da memória busca inserir os bares em um lugar privilegiado da cidade não apenas no presente, onde de fato são valorizados, mas também que ocupem no imaginário esse lugar de nostalgia, mencionado por Appadurai (2004). A memória, enquanto um lugar sensível e importante para os grupos sociais, é o ideal para se eternizar a existência de estabelecimentos como Bar do Orlando e Bar do Nonô.

4 METODOLOGIA

Buscamos, nos dois primeiros capítulos desta dissertação, aprofundar sobre o estudo de memória e modernidade, aproximando essas discussões do contexto que desejamos desvelar: a modernidade belo-horizontina e a inserção dos bares no projeto de modernidade da cidade. A partir da discussão comunicacional dos nossos objetos e do nosso aporte metodológico compreendemos que essa pesquisa tem caráter quali-quantitativo, pois a partir da metodologia, podemos discutir como esses bares revelam diferentes aspectos da modernidade buscada por Belo Horizonte.

A memória coletiva da cidade de Belo Horizonte em relação aos bares não é estática, pois sendo memória viva, como dito por Abreu (1998), fica suscetível ao que é agenciado pelos diversos públicos e, principalmente, pelas instâncias de poder. Diante disso, nosso objetivo geral é identificar as disputas de sentido sobre a modernidade de Belo Horizonte a partir dos produtos memorialísticos dos bares Bar do Orlando e Bar do Nonô. Estamos particularmente interessados em identificar quais narrativas foram evidenciadas em detrimento de outras com o objetivo de reconhecimento desses bares enquanto pertencentes a essas modernidades que vão se configurando e reconfigurando na cidade.

A proposta da nossa pesquisa e os objetos empíricos escolhidos exigiram uma profunda análise sobre qual seria o melhor método para responder nosso problema de pesquisa. Existia um obstáculo a ser superado, para que nossa análise fluísse em resultados satisfatórios: a natureza dos objetos empíricos escolhidos, um livro e um mini documentário audiovisual. Para que conseguíssemos adequar a nossa metodologia, foi necessário estudar os caminhos possíveis. Apresentamos, a seguir, nossos procedimentos metodológicos para investigação dos sentidos acionados e disputados do nosso objeto.

Foi a partir da análise de conteúdo, que construímos um caminho metodológico que desse conta das diferenças de materialidade dos nossos dois objetos empíricos. A princípio, a análise de conteúdo parecia mais adequada para investigar como as memórias dos bares se relacionam com o projeto de modernidade. Ambas as materialidades permitem aquilo que Martino (2018) descreve como um olhar profundo de modo a identificar o que está menos óbvio, buscando compreender os significados das mensagens, montando e desmontando o conteúdo dos materiais na busca de uma resposta.

Segundo Fonseca Júnior (2005), ao utilizar a análise de conteúdo estamos realizando uma operação lógica que analisa a partir da extração de aspectos salientes de uma mensagem. Esse processo se dá por meio da inferência, uma característica que afasta uma visão anterior

sobre esse método que era marcado pelo processo estritamente descritivo e positivista. A análise hoje pode ser entendida como híbrida, pois promove o equilíbrio entre o quantitativo e o qualitativo. A principal vantagem desse método é a possibilidade de operacionalização personalizável, de acordo com os interesses e formatos do objeto estudado pelo pesquisador. É o caso do livro e do documentário audiovisual que escolhemos.

Segundo Bardin (2016), a proposta de fazer inferências a partir da análise de conteúdo nos permite responder duas perguntas: “o que levou a determinado enunciado?” e “quais as consequências que determinado enunciado vai provavelmente provocar?” (Bardin, 2016, p. 45). Esse processo está diretamente relacionado com a produção dos nossos objetos. Ao retomarmos as discussões de Pollak (1992) sobre a natureza conflituosa da memória, compreendemos que a arena constante de disputas acerca de uma memória oficial proporciona uma determinada escolha e organização das memórias. Por este motivo, é fundamental responder o que antecede as entrevistas concedidas para os produtos, ou seja, o contexto que buscamos desvelar nas narrativas memorialísticas e quais os possíveis impactos delas sobre o discurso oficial da cidade, sobre a sua modernidade. Além disso, pretendemos, pela análise da superfície do nosso corpus, identificar quais fatores determinam os elementos característicos dessa superfície, o que Bardin define como:

Compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também, e principalmente, desviar o olhar para outra significação, outra mensagem entrevista por meio ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura "à letra", mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano. (Bardin, 2016, p. 47).

Seguindo a proposta metodológica apresentada por Bardin (2016), realizamos uma leitura flutuante dos dois materiais, para identificar quais seriam as nossas unidades de análise. Chegamos ao entendimento de que as falas dos entrevistados proporcionaram uma padronização da unidade, para uma melhor apreensão dos significados presentes nas entrevistas. Para atingir essa padronização, nos propusemos a fazer uma transcrição do documentário audiovisual e tabelar as falas. Assim como dividimos os depoimentos dos livros em páginas, os depoimentos do documentário foram divididos temporalmente, pelos minutos do vídeo.

No entanto, compreendemos que ao nivelarmos os dois materiais apenas pelas transcrições das entrevistas, perderíamos importantes elementos constitutivos dessas materialidades: o uso de imagens fotográficas no livro e o audiovisual do documentário, que é

composto por som, imagem, enquadramento, entre outros elementos. Para sanar esse problema metodológico, buscamos pesquisas que, no campo da comunicação, trabalhassem com esses formatos audiovisuais sem perder de vista a análise de conteúdo.

Foi a partir dos apontamentos metodológicos da pesquisadora Iluska Coutinho, dedicada aos estudos do jornalismo audiovisual, que encontramos um caminho para articular todos os elementos dos produtos de memória na nossa análise. Ao falar sobre os estudos do telejornalismo brasileiro, Emerin, Coutinho e Finger (2023, p. 175-180) nos apresenta um desafio enfrentado nesta área: “desenvolver e sistematizar métodos para analisar os produtos audiovisuais sem decomposições que descaracterizem a experiência do consumo” (Emerin, Coutinho e Finger, 2023, p. 175). Para resolução deste problema, Emerin, Coutinho e Finger propuseram uma análise do conteúdo, mas que contemplasse uma interpretação da estrutura audiovisual do material.

Identificamos em seu método o uso de momentos interpretativos, que podem ser aplicados em nosso objeto empírico, sendo eles: existência de personagens, percurso narrativo, posição do lide, análise do uso das entrevistas, identificação das vozes e papéis desempenhados pelo repórter (no nosso caso analisaremos o papel desempenhado pelos narradores). Para realização da análise a partir desses momentos interpretativos é necessário o uso das discussões teóricas como “molduras para o olhar do analista” (Emerin, Coutinho e Finger, 2023, p. 180-181).

Segundo Emerin, Coutinho e Finger (2023), ao seguirmos os procedimentos adotados em uma análise de conteúdo para conteúdos audiovisuais, podemos realizar a transcrição do conteúdo sonoro. A dimensão textual, então, será valorizada nesta etapa, mas também podemos acrescentar de roteiros com descrição das imagens e seus enquadramentos, mantendo o que Emerin, Coutinho e Finger (2023, p. 186) nomeiam como “casamento texto-imagem”. No entanto, essa escolha para produtos audiovisuais descaracterizariam a produção de sentido e, segundo Emerin, Coutinho e Finger (2023, p. 187) impediram de visualizar a experiência do consumo, a ideia é analisar o audiovisual enquanto unidade, sendo composto por texto, som, imagem, tempo e edição.

Para solucionar essa questão, Emerin, Coutinho e Finger (2023) propõem a aplicação de fichas de leitura que serão produzidas a partir de eixos e itens/categorias de avaliação. Esses eixos serão construídos a partir de todo o referencial teórico, para construção de uma análise pertinente à nossa pergunta. Então, nesta ficha serão feitas perguntas dirigidas para o material, que contemplem os aspectos que queremos observar.

Tabela 1 - Quadro de análise

Eixos avaliativos	Perguntas
Construção da narrativa, quem nos fala?	Quem são os entrevistados e que posição ocupam em relação aos bares? (GÊNERO, CLASSE, STATUS, PODER DE FALA)
Experiência dos sujeitos com o espaço	Qual a imagem predominante retratada sobre os bares? (MEMÓRIA CONSTRUÍDA - INDIVIDUAL/ COLETIVA)
	Quais são as experiências dos sujeitos com o espaço relatados nos produtos? São mencionadas experiências pessoais?
	Algum evento da cidade é relatado nos produtos de memória?
	Identifica-se na fala críticas ou comentários negativos sobre os bares, os bairros em que estão localizados ou sobre a Cidade de Belo Horizonte?
	Como os bairros são apresentados?
Fotografias e vídeo	Quais são as fotografias e imagens dos bares que aparecem? (CLIENTES/TRABALHADORES/PROPRIETÁRIOS)
	Qual a procedência dessas imagens? (arquivo pessoal/ arquivo público)
Traços de tradição, mineiridade e modernidade	Observa-se nas falas a presença de discursos relacionados à tradição?
	Observa-se nas falas a presença da mineiridade (conciliação, equilíbrio, contrários ao radicalismo e ponderados) para expressar a identidade na experiência do bar?
	Observa-se nas falas elementos que estejam relacionados às mudanças na cidade de Belo Horizonte, com vistas à modernidade? Como são apresentados esses elementos?
	Observa-se nas falas elementos que estejam relacionados à violência, falta de infraestrutura ou vida periférica? Como são apresentadas as questões de gênero?

Fonte: elaborada pela autora

Considerando a especificidade dos materiais escolhidos para a nossa análise, desenvolvemos uma metodologia de tabulação que contemplasse as falas dos entrevistados e as descrições das imagens que aparecem ao longo dos produtos memorialísticos, a unidade de análise são as linhas dessa tabulação realizada. Desse modo, na pesquisa criamos um padrão comum para os objetos, sem desconsiderar suas especificidades. Nossa tabela conta com as informações: unidade de análise, entrevistado, capítulo/frame, tempo/página, imagem e legenda. Essas colunas continham as informações básicas para a identificação das nossas unidades de análise. Todos os trechos extraídos do documentário estão acompanhados da descrição das imagens, por se tratar de um conteúdo audiovisual, o que não ocorre no livro, que pode conter imagens sem falas. Após esse processo, incluímos informações sobre as

imagens na tabulação das entrevistas, de modo a compreender em que momento essas imagens aparecem, ainda que não estejam atreladas à entrevista, como acontece no livro.

A escolha deste percurso está alinhada com toda discussão feita no primeiro capítulo, a respeito da discussão de memória. Um dispositivo de memória contém uma articulação das memórias dos sujeitos participantes, que são configuradas e reconfiguradas com vistas a uma narrativa específica. No documentário do Bar do Orlando, por exemplo, fica evidente que os entrevistados responderam um roteiro de entrevistas e é a partir desse roteiro que são realizados os cortes dos depoimentos, que são intercalados com imagens diversas do Bar do Orlando em atividade e algumas encenações. Como discutido por Pollak (1992), elementos do presente também são utilizados na reconstrução de memórias individuais e coletivas e os dispositivos de memórias podem fazer uso dessas estratégias para disputar uma memória oficial acerca de um acontecimento, lugar ou identidade de um povo.

A discussão do segundo capítulo, sobre Belo Horizonte e modernidade, nos auxiliou no processo de análise desse material, sob o aspecto de buscar nesses relatos os elementos de contradição entre a fala oficial desses bares de serem parte da história da cidade e as narrativas que revelam uma face de exclusão deles no oficial da capital. Como mencionamos anteriormente, os bares enquanto espaços de entretenimento não faziam parte daquilo que era considerado como espaço de lazer pautado nos valores modernos europeus e, por este motivo, precisamos apurar a manutenção de uma lógica excludente por meio dos depoimentos, é fundamental saber o que está como pano de fundo dessas narrativas.

Nossa análise foi feita a partir de quatro eixos avaliativos: “construção da narrativa: quem nos fala?”, “experiência dos sujeitos com o espaço”, “fotografia e vídeo” e “traços de tradição, mineiridade e modernidade”. A escolha desses eixos, que podem ser entendidos como molduras de avaliação que, de acordo com Emerin, Coutinho e Finger (2023), são construídas a partir de perguntas que direcionaram aos nossos objetos.

No primeiro eixo, denominado como “construção da narrativa: quem nos fala?”, identificamos e evidenciamos os sujeitos que concederam relatos memorialísticos sobre os bares, levando em conta a ocupação profissional, posição social, poder de fala e o gênero. Além disso, exploramos como são utilizados esses personagens e seus relatos no contexto do produto de memória e o que foi evidenciado nos discursos. Para esse eixo propomos as perguntas: Quem são os entrevistados e que posição ocupam em relação aos bares?

Para melhor operacionalização dessa pergunta, optamos por uma lista de códigos. Cada código identifica uma categoria de entrevistado: código 1 - clientes; código 2 -

especialistas; código 3 - familiares; código 4 - funcionários; código 5 - proprietários. Desse modo, podemos quantificar as respostas e apresentar um panorama sobre os entrevistados. A partir das respostas construímos uma tabela com os resultados e os percentuais em relação à quantidade total de imagens, para o Bar do Nonô. No caso do documentário, para apresentação correta dos percentuais, consideramos o tempo total de exibição de cada categoria (minutos e segundos), por conta da materialidade audiovisual.

No segundo eixo denominado como “experiência dos sujeitos com o espaço” analisamos como aparece a experiência desses entrevistados com o espaço do bar e, conseqüentemente, da cidade. É um eixo fundamental para identificarmos conflitos ou a ausência de conflitos desses espaços com as mudanças na cidade. Para esse eixo propomos as perguntas: Quais são as experiências dos sujeitos com o espaço relatados nos produtos? São mencionadas experiências pessoais? Algum evento da cidade é relatado nos produtos de memória? Identifica-se na fala críticas ou comentários negativos sobre os bares, os bairros em que estão localizados ou sobre a Cidade de Belo Horizonte? Como os bairros são apresentados?

No terceiro eixo denominado como “Fotografias e vídeo”, identificamos os elementos visuais utilizados no roteiro do documentário e ao longo dos capítulos do livro. Foi fundamental identificar de que forma foram apresentadas essas imagens, quem e o que aparecem nelas e em qual momento são utilizadas. Para esse eixo propomos as perguntas: Qual a imagem predominante retratada dos bares? Quais são as fotografias e imagens dos bares que aparecem? Qual a procedência dessas imagens?

Optamos por operacionalizar a pergunta “Quais são as fotografias e imagens dos bares que aparecem?” também com uma lista de códigos, que foi formulada após a primeira análise dos materiais, considerando que tipos de imagens são utilizadas. Cada código identifica uma categoria de entrevistado: 1 - clientes; 2 - comida; 3 - especialista; 4 - família; 5 - imagens da cidade; 6 - imagens do bar; 7 - proprietários.

O quarto e último eixo “Traços de tradição, mineiridade e modernidade” identificamos como esses três aspectos aparecem nas entrevistas e como podem nos revelar sobre os conflitos do contexto de Belo Horizonte, esse eixo combinado com os anteriores contribui para explorar como as modernidades de Belo Horizonte a partir das memórias selecionadas para compor os produtos de memória. Para esse eixo, propomos as perguntas: Observa-se nas falas a presença de discursos relacionados à tradição? Observa-se nas falas a presença da mineiridade (conciliação, equilíbrio, contrários ao radicalismo e ponderados) para expressar a

identidade na experiência do bar? Observa-se nas falas elementos que estejam relacionados às mudanças na cidade de Belo Horizonte, com vistas à modernidade? Como são apresentados esses elementos? Observa-se nas falas elementos que estejam relacionados à violência, falta de infraestrutura ou vida periférica? E como são apresentadas as questões de gênero?

Após a tabulação do nosso quadro de análise, respondemos cada pergunta de acordo com os trechos da entrevista. Os trechos que não se encaixavam nas perguntas qualitativas receberam a resposta “não se aplica”, para padronizarmos e identificarmos as ausências de alguns elementos no documentário. A partir do quadro de análise produzimos nossa discussão crítica acerca dos bares Bar do Nonô e Bar do Orlando, buscando responder como são agenciadas as memórias desses lugares, a partir das entrevistas, e como essas memórias podem nos revelar os diferentes aspectos do projeto de modernidade da cidade de Belo Horizonte.

5 ANÁLISES

Neste capítulo, apresentamos as análises acerca dos produtos de memória “Nonô - O rei do caldo de mocotó” e “Bar do Orlando - 100 anos [2019]”. O capítulo está dividido em três tópicos: o tópico 5.1.1 é a análise do livro do Bar do Nonô, o tópico 5.1.2 é a análise do documentário do Bar do Orlando e o tópico 5.1.3 é a análise comparativa dos dois produtos de memória.

5.1 Bar do Nonô - o livro

Neste subtópico, realizamos as análises do livro “Nonô - O rei do caldo de mocotó”, produzido pela Editora Escritório de Histórias, em 2014. As análises foram realizadas com base no quadro analítico, que apresentamos no capítulo 4 - Metodologia. Separamos a análise, em cada tópico, a partir dos eixos avaliativos: Construção da narrativa, quem nos fala?, Experiência dos sujeitos com o espaço, Fotografias e vídeo e Traços de tradição, mineiridade e modernidade.

5.1.1 Eixo Avaliativo: Construção da narrativa, quem nos fala?

O Livro Nonô - O rei do caldo de mocotó conta com 35 entrevistas, que foram realizadas pela Escritório de Histórias. Mariana Camisasca e Osias Ribeiro Neves foram os responsáveis por narrar a história da família Corrêa e do Bar do Nonô. Durante a produção da narrativa, os escritores utilizaram trechos das entrevistas desses participantes para evidenciar memórias vividas em torno da família e do bar. Abaixo relacionamos todos os entrevistados, com as respectivas ocupações e categoria a que pertencem.

5.1.1.1 Os Proprietários

A atual administração do Bar do Nonô é responsabilidade dos cinco filhos homens do Nonô Corrêa, conforme consta no capítulo “A participação dos cinco Nonôs” (Camisasca; Neves, 2014 p. 108). São eles: Nívio Aurélio Corrêa, Clelson Luiz Corrêa, Décio dos Santos Corrêa, Crélio Ildefonso Corrêa e Dênio Corrêa.

Nívio Aurélio Corrêa¹¹ é o terceiro filho do casal, nascido em 1950, o nascimento dele é mencionado no capítulo “O primeiro comércio” (Camisasca; Neves, 2014, p. 27). Na época, a família tinha acabado de se mudar do bairro Boa Vista para o São Geraldo, Nonô tinha deixado de ser padeiro para abrir um comércio de secos e molhados na Rua Silva Alvarenga. Quando Nonô abriu uma barraquinha de zinco em frente à Mannesmann, no Barreiro, em 1963 (Camisasca; Neves, 2014, p. 53), Nívio tinha ainda 13 anos de idade e era o responsável por levar marmita para o pai e comprava barras de gelo no centro da cidade. Nessa época, a família morava no bairro Sagrada Família e Nonô alugava um cômodo no Barreiro para dormir de segunda a sábado, retornando somente no domingo.

Clelson Luiz Corrêa, nascido em 1956, tem seu nascimento mencionado no capítulo “Na Sagrada Família” (Camisasca; Neves, 2014, p. 34). A família tinha se mudado da casa na Abadia para Rua Campestre, no bairro Sagrada Família, e Nonô tinha aberto o bar Gruta do Nonô que ficava na Avenida Silviano Brandão. Na década de 60, Clelson começou a ajudar a família recolhendo garrafas deixadas pelos frequentadores do Clube da Colina, onde seu pai tinha uma lanchonete (Camisasca; Neves, 2014, p. 63). Ele e seus irmãos aproveitavam para jogar uma pelada logo após o trabalho.

Décio dos Santos Corrêa nasceu em 1957, logo após seu irmão Clelson. No ano de seu nascimento, Nonô preparou uma mudança para Rua Santa Bárbara, que também fica no Santa Tereza (Camisasca; Neves, 2014, p. 37). O primeiro registro de trabalho significativo de Décio aparece no capítulo “O novo bar no Centro de Belo Horizonte” (Camisasca; Neves, 2014, p. 86), quando ele passa a ajudar no revezamento do trabalho no centro da cidade, junto a Nívio e Helena, uma de suas irmãs.

Crélio Ildefonso Corrêa, nascido em 1963, é o oitavo filho dos Corrêa. Seu nascimento é relatado no capítulo “No Barreiro Nonô cria o caldo de mocotó” (Camisasca; Neves, 2014, p. 53). Nessa época, Nonô estava construindo a barraquinha em frente à Mannesmann e também ganhou o primeiro neto, Ivan, filho de Irene. Em 1968, apenas com cinco anos de idade, Crélio ajudava o pai a embalar bolos e biscoitos para serem vendidos em uma Kombi (Camisasca; Neves, 2014, p. 67). Em 1990, ele já estava casado, formado no curso técnico de mecânica industrial e trabalhava há dez anos na área, mas decidiu mudar de emprego pela vontade que tinha de começar a trabalhar no bar (Camisasca; Neves, 2014, p. 104).

Dênio Corrêa é o filho caçula da família, nascido em 1967. Seu nascimento é relatado no capítulo “O trabalho no Clube Colina” (Camisasca; Neves, 2014, p. 66). Um ano antes do

¹¹ Segundo informações do livro de Camisasca e Neves (2014, p. 111), Nívio se aposentou, não estando mais à frente do comércio com os irmãos, e mora em Igarapé com a esposa.

nascimento dele, a família tinha conseguido comprar uma casa no Barreiro, que era maior e mais próxima dos comércios de Nonô. Dênio e a caçula das meninas, Dirce, puderam aproveitar mais tempo com o pai, já que os filhos mais velhos ajudavam o pai nos negócios (Camisasca; Neves, 2014, p. 78). Em 1982, aos 15 anos de idade, Dênio decidiu abandonar os estudos para trabalhar no Bar do Nonô com os irmãos (Camisasca; Neves, 2014, p. 102).

Todos os cinco irmãos recebem o apelido de Nonô, segundo Camisasca e Neves (2014), a diferença nos apelidos se dá pelas características de cada um “o Nonô mais velho, o Nonô mais novo, o Nonô mais gordo e por aí fora, sempre utilizando o apelido herdado do pai.” (Camisasca; Neves, 2014, p. 108). A figura do pai é muito importante para a identidade do bar e para o trabalho dos filhos, na forma que conduzem o negócio ao seguirem seus passos.

5.1.1.2 Os Familiares

A matriarca da família, Alaydes Conceição Corrêa, já é aposentada e, na época do lançamento do livro, tinha 90 anos de idade. Segundo as informações do capítulo “A vida começou em Raposos” (Camisasca; Neves, 2014, p. 17), Alaydes nasceu em um vilarejo chamado Damião e era de uma família pobre. A narrativa enfatiza que com sete anos Alaydes já sabia costurar. Seu pai faleceu quando ela ainda era criança. Casou com Nonô em 1944 e ensinava catecismo na igreja (Camisasca; Neves, 2014, p. 19).

Alaydes ajudava também no trabalho de Nonô, sendo responsável por lavar os panos de prato do bar, limpar os pés de boi para o caldo e preparar os temperos, além de algumas das iguarias comercializadas (Camisca e Neves, 2014, p. 87). Todo o serviço era feito na residência da família e a comida ia para o bar pré-pronta. Além dessas atividades, permanecia com os trabalhos de costura.

A filha mais velha do casal é Irene Corrêa, que nasceu em 1946. No capítulo “Em Belo Horizonte” (Camisasca; Neves, 2014, p. 21) é relatado que Alaydes teve um parto empelicado - quando a criança nasce junto à bolsa d'água e que Irene nasceu no mesmo ano de falecimento da primeira filha do casal, Lourdes, que tinha um ano de idade. Irene casou-se em 1962 e foi morar no conjunto IAPI, localizado no bairro Lagoinha (Camisasca; Neves, 2014, p. 52-53). Além disso, Irene tem um filho, chamado Ivan, o primeiro neto de Alaydes e Nonô.

Dois anos depois do nascimento de Irene, nasce Helena Lina Miguel, período em que

Nonô estava com a venda no bairro São Geraldo (Camisasca; Neves, 2014, p.27). Com menos de 10 anos, ela já ajudava o pai no bar Gruta do Nonô (Camisasca; Neves, 2014, p. 36). Helena, em diversos momentos, ficou à frente dos negócios do pai junto à mãe, Alaydes. Também trabalhou no Bar do Nonô, quando já estava localizado no centro, era o braço direito de Nonô no trabalho. No entanto, Helena casou em 1971 e, por conta disso, precisou abandonar o trabalho (Camisasca; Neves, 2014, p. 90), já que seu noivo sentia ciúmes e não aceitava que ela continuasse exercendo a função.

Edna Eliana Corrêa nasceu em 1952, quando a família estava se mudando do São Geraldo para a Abadia (Camisasca; Neves, 2014, p. 29). Nesta época, Alaydes fritava sardinha e Nonô comercializava em um salão em frente à casa. Quando Helena se casou, em 1971, Edna passou a ajudar o pai no Bar do Nonô, pois havia aprendido o ofício com a irmã. Ela também precisou abandonar o trabalho, em 1989, por conta de complicações na gravidez, e passou a ajudar somente em algumas situações de emergência (Camisasca; Neves, 2014, p. 103 e 104).

Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto nasceu em 1960, quando a família retornou para Rua Santa Bárbara (Camisasca; Neves, 2014, p. 41). No ano do nascimento de Célia, Nonô ficou doente, com hepatite infecciosa, e precisou ficar isolado em casa. Nessa mesma época, ele já havia vendido a Gruta do Nonô e comprado um bar na Rua Itapecerica. Célia também começou cedo no trabalho, ajudando o pai e os irmãos a embalar balas e pirulitos (Camisasca; Neves, 2014, p. 67).

Dirce de Cássia Corrêa Macedo, a penúltima filha do casal, nasceu em 1965. Um dia antes do seu nascimento, a família tinha se mudado para Rua Santa Maria Goretti, no Barreiro (Camisasca; Neves, 2014, p. 57). Dirce, assim como Dênio, conseguiu receber mais atenção do pai, que já não trabalhava com a mesma carga horária de antes.

5.1.1.3 Funcionários

Apesar de constar no livro que o bar possui 21 funcionários (Camisasca; Neves, 2014, p. 111), identificamos apenas o relato de dois: Antônio Tomaz Neto, que trabalha no bar há 23 anos e Padre Sílvio Borges, que já não é mais funcionário do bar.

O padre Sílvio Borges é um líder religioso que, antes de ingressar no seminário, quando ainda jovem, trabalhava com Nonô no clube da colina aos finais de semana e feriados (Camisasca; Neves, 2014, p. 63). No meio de semana, Sílvio trabalhava na Confeitaria Cisne,

localizada no Barreiro. Também trabalhou por pouco tempo em uma lanchonete chamada Nádia (Camisasca; Neves, 2014, p. 87), que Nonô abriu no centro da cidade. Logo após saiu para entrar no Seminário.

O relato de Antônio Tomaz Neto aparece no capítulo “A participação dos cinco Nonôs”, quando é mencionado que os funcionários se identificam com a forma de trabalho dos Corrêa (Camisasca; Neves, 2014, p. 111). Antônio relata que, após 15 dias de trabalho no bar, em 1990, levou um tiro no peito durante um assalto e teve toda assistência de Nívio no período de recuperação. Também precisou ficar três anos e oito meses afastado por conta de uma cirurgia, tendo recebido salário durante todo esse tempo.

5.1.1.4 Os Clientes

Identificamos 22 relatos de clientes do bar, que aparecem no texto com as aspas e a menção na nota de rodapé. Os relatos são curtos e focados nas experiências dos clientes com o bar. Por este motivo, não temos informações pessoais sobre esses clientes, salvo alguns casos. Os relatos estão presentes nos capítulos finais: “A participação dos cinco Nonôs” e “A opinião dos fregueses do Bar do Nonô”. Abaixo relacionamos, em ordem alfabética, os nomes desses clientes e algumas informações extraídas dos relatos:

- Afonso Damião de Oliveira - ocupação não identificada: frequenta desde 1974, mantém-se freguês mesmo depois de ter mudado de cidade;
- Andrey Philip: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Charles Wilton Alves Neves - taxista: frequenta o bar desde que era representante de calçados;
- Eliézer Souza Reis - ocupação não identificada: frequenta o bar desde 1981;
- Emersom de Souza Carvalho - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Geraldo Gomes Roberto - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Isabel Nogueira - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre a cliente;
- José Augusto da Silva - ocupação não identificada: começou a frequentar o bar quando era lavador de carros na Rua dos Tupis. O lugar era atrativo pelo preço

barato do caldo e da pinga;

- Leonardo Larcera - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Luciano Alves- garçom: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Luiz Carlos Anastácio - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Marcinês Custódio - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Mário Ribeiro dos Anjos - proprietário de um hotel: frequenta o bar de três a quatro vezes na semana;
- Mário de Oliveira Matozinhos - ocupação não identificada: morador do Barreiro, amigo de Nonô e frequentador do bar em sua juventude, sobretudo na madrugada;
- Pedro Camilo de Souza Filho - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Robson Ferreira da Silva - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre o cliente;
- Robson Moreira da Silva - ocupação não identificada: membro de uma confraria de 12 pessoas que frequentam o bar;
- Rogério Fortunato dos Santos - ocupação não identificada: frequenta o bar há 25 anos;
- Silvam Ribeiro de Oliveira - ocupação não identificada: frequenta desde 1977;
- Tiago Raimundo Martins de Oliveira - criança: possui oito anos de idade e frequenta o bar com os seus pais;
- Vânia Darque de Souza - ocupação não identificada: não são apresentadas informações sobre a cliente;
- Waldir de Souza Resende - ocupação não identificada: frequenta o bar desde 1977. Começou por causa do pouco dinheiro que tinha, o caldo era acessível para ele quando fazia serviços de rua no centro da cidade.

5.1.1.5. Panorama dos entrevistados

A partir da relação de entrevistados do livro, identificamos a necessidade de

contabilizar quantos relatos totais são utilizados por cada categoria. Entendemos que é uma informação relevante, pois nos apresenta como quais memórias são preferenciais para articular e construir uma memória oficial sobre o Bar do Nonô. Utilizamos a classificação dos entrevistados por categorias, considerando de qual lugar eles falam, que pode ser: clientes, especialistas, familiares, funcionários e proprietários. Abaixo a tabela com os resultados, que optamos por organizar em ordem decrescente da coluna “quantidade”, para enfatizar as categorias que mais aparecem.

Tabela 2 - Pergunta nº1 - Eixo1 - Bar do Nonô

CÓDIGO	ENTREVISTADO	QUANTIDADE	%
3	Familiares	47	49%
5	Proprietários	23	24%
1	Clientes	22	23%
4	Funcionários	4	4%
2	Especialistas	0	0
TOTAL:		96	100%

Fonte: elaborada pela autora

O volume mais expressivo de entrevistas são da categoria “familiares” (49% do corpus total). Essa categoria é composta por seis entrevistadas: a esposa Alaydes Conceição Corrêa e as filhas Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto, Dirce de Cássia Corrêa Macedo, Edna Eliana Corrêa, Helena Lina Miguel e Irene Corrêa. Alaydes é a principal fonte de informação para reconstruir a história da família e da criação do bar, ela que esteve sempre ao lado do marido até seu falecimento, que ocorreu em 1973. A matriarca se distribuía entre as atividades do lar, a criação dos filhos e o trabalho nos mais diversos comércios e trabalhos informais que Nonô buscava, a fim de suprir as necessidades da família. A esposa de Nonô revelou detalhes de como eles se conheceram, como foram os primeiros anos do casamento, nascimento dos filhos e várias nuances da figura do empreendedor e pai.

Dos 10 filhos de Nonô, apenas cinco estão no comando do bar: Clelson Luiz Corrêa, Crélio Ildefonso Corrêa, Décio dos Santos Corrêa, Dênio Corrêa e Nívio Aurélio Corrêa. Eles foram categorizados como “proprietários” (24% do corpus total). Isso não significa que Alaydes ou as filhas não tenham tido participação relevante nos negócios, mas apenas que, atualmente, são os cinco que estão administrando o bar. Quando Nonô era vivo, Helena era o

braço direito de Nonô nos negócios, tendo abandonado a função por conta de seu casamento. Todos os filhos participaram desde crianças nos trabalhos desenvolvidos pelo pai.

O resultado expressivo de relatos dos familiares demonstra como a estrutura familiar é algo de extrema importância para construção de uma memória oficial sobre o Bar do Nonô. Existe um tensionamento no que podemos considerar como uma estrutura familiar moderna. Antes do advento do capitalismo, Pinheiro (2003) esclarece que as famílias não tinham como valores a domesticidade e a privacidade. Segundo Vaitsman (1994), com a modernidade, as famílias fecham-se mais e tornam-se patriarcais, hierarquizadas e com funções de trabalho sendo feitas por uma divisão sexual.

No que se refere aos filhos, Pinheiro (2003) discute sobre a preocupação moderna em oferecer a eles os estudos, algo que vem antes do trabalho. Apesar da divisão clara na família de Nonô, em que a matriarca Alaydes é responsável pelos filhos, pela casa e pelo auxílio ao esposo, os filhos têm uma função que diverge dos valores modernos. Em todos os trabalhos do pai, os filhos eram colocados para ajudar desde muito cedo, com 10 anos de idade, porque a família necessitava da ajuda deles, mas também porque acreditavam na importância de ensinar o valor do trabalho:

A filha Helena, então com menos de 10 anos de idade, também ajudava na Gruta. Esse procedimento era comum entre as famílias mais pobres, os filhos começavam cedo no trabalho, não só como força de trabalho para complementar a renda da família, mas também para aprender alguma profissão e tomar gosto pelo trabalho. Alaydes era um bom exemplo para a filha Helena, pois na idade já era costureira em Raposos. (Camisasca; Neves, 2014, p. 36)

Essa característica das famílias pobres de Belo Horizonte, como a de Nonô, é um retrato de muitas outras famílias de Minas Gerais, que adentraram o cenário da cidade, um verdadeiro contraste em relação aos valores modernos de Belo Horizonte desde suas décadas iniciais. Conforme discorreremos sobre a construção da cidade, as famílias pobres e da zona rural não eram objeto de interesse do projeto da nova capital e, por este motivo, eram sistematicamente excluídas da vida social nas regiões centrais. No entanto, não era possível conter os hábitos e vida interiorana ou como disse Drummond “provinciana” de adentrar cada vez mais o cenário da cidade. Essa realidade mostra um dos aspectos das várias modernidades de Belo Horizonte, que são constantemente atravessadas pelas características da família tradicional mineira, principalmente, das regiões rurais.

O livro aborda, pelas narrativas dos escritores, que Nonô foi um trabalhador muito versátil, que pela necessidade buscava sempre se reinventar e, muitas vezes, desenvolver

trabalhos paralelos enquanto administrava o comércio. Ele já trabalhou como biscate (camelô), vendendo muçarela, fazendo pães e bolos para vender na Kombi que a família tinha, já abriu uma lavanderia, uma lanchonete no centro, uma barraquinha de doces na frente do estádio, bares como a Gruta do Nonô e outros negócios.

As relações de trabalho e de classe também eram um fator excludente no projeto pensado para a capital. A região central de Belo Horizonte, como discutido por Baggio (2005) foi destinada à elite mineira e aos funcionários públicos vindos da antiga capital, Ouro Preto. Apesar da história de Nonô na capital se iniciar na década de 1940, o centro ainda era um espaço elitista e os trabalhos desenvolvidos por Nonô, que podem ser entendidos como de baixa qualificação, não cabiam dentro do contorno da cidade.

Na década de 1940, a capital mineira era uma cidade muito jovem e preservava ainda parte de seu acervo de casas e da estrutura construída no início do século XX. Não havia atingido um contingente populacional de 350 mil habitantes, contudo recebia anualmente milhares de pessoas que desejavam morar no centro decisório do Estado. O principal transporte público de massa era o bonde, que cruzava a cidade de leste a oeste e de norte a sul. Tudo se fazia nos limites da Avenida do Contorno e o centro da cidade era visto como charmoso de trabalho e de lazer. Sair da periferia para ir ao centro era um evento familiar. (Camisasca; Neves, 2014, p. 21)

Trabalhos informais, como o dos ambulantes, já eram relatados desde as primeiras décadas na cidade. Segundo Andrade, L. (2004, p. 77), Belo Horizonte chegou a oficializar, em 1925, limitações quanto à circulação de prostitutas, atividades de comércio ambulante e mendicância. Tudo em nome do distanciamento da camada pobre que ficava na região suburbana, o que para a elite significava manter os padrões modernos (Andrade, L., 2004). No entanto, Nonô e outros trabalhadores forçam sua entrada nesse cenário. Ele chegou a trabalhar como ambulante, em 1960, em várias regiões e, inclusive, no centro “começava ir para São Paulo comprar bugigangas [...] saía para vender até no centro da cidade” (Camisasca; Neves, 2014, p. 44). No entanto, a atividade não vingou e o comerciante investiu seu tempo em outros negócios.

Chacham (1994) resgata uma informação muito interessante acerca de trabalhos informais, como os que Nonô fazia antes do Bar do Nonô. A publicação de uma matéria crítica sobre os ambulantes na década de 30, que circulavam pela região do Bar do Ponto.

O aspecto ridiculamente provinciano do Bar do Ponto, ao lado do Abrigo de Bondes (...), durante o dia agrupando dezenas de vendedores ambulantes com suas corrocinnas de sorvete, picoles, doces, gravateiros, camelots, etc, apregoando suas bugigangas. Além de ser deselegante (...), e incomodo, porque o trânsito para passageiros dos bondes que passam pelo abrigo, fica impedido. O prefeito (...),

precisa tomar uma providência conveniente, removendo os inconvenientes vendedores ambulantes daquele ponto. (O Debate, 1935, p. 3 apud Chacham, 1994, p. 86)

Além do trabalho informal não ser aceito nas regiões nobres por ser uma atividade de baixa qualificação, também era caracterizada como algo provinciano, que estava fora dos moldes que a cidade buscava construir. Se Belo Horizonte excluiu sistematicamente os trabalhadores que construíram a cidade, os trabalhadores pobres que circulavam pela cidade para vender seus produtos não ficariam livres também para adentrar as margens da cidade oficial.

A condição financeira difícil da família aparece em diversos relatos, ao longo dos capítulos, que culminou em diversas mudanças de bairro, sempre lideradas por Nonô, que muitas vezes não consultava a esposa. Essas mudanças eram movidas pelas estratégias de Nonô relacionadas aos negócios, ele já chegou a dormir em um pequeno quarto no Barreiro quando decidiu montar um barraco que atendesse os funcionários da Mannesmann. Essa foi uma das mudanças mais significativas da família Corrêa, foi nela que Nonô desenvolveu o caldo de mocotó e decidiu comercializar. O caldo era um produto extremamente barato e que oferecia fartura para os funcionários da fábrica, que necessitavam de um alimento como esse.

Alaydes é sempre apresentada como a esposa e mãe, que acompanha Nonô em suas aventuras, resolvendo os detalhes das mudanças, ajudando na cozinha e apresentando soluções para algumas dificuldades manuais do trabalho, como costurar materiais que ajudassem a carregar gelo ou embalar os pães. Enquanto mãe, a figura de Alaydes é apresentada como mais severa, ela quem dava castigos físicos aos filhos quando faziam algo de errado. Nonô, ao contrário, é lembrado pelos filhos como um bom ouvinte e aconselhador, ele sempre preferia conversar ao invés de castigá-los.

Meu pai não batia, ele era de conversar. Se a gente fazia alguma coisa errada, ele imediatamente lançava aquele olhar de reprovação, ele falava com o olho. Às vezes eu evitava sentar junto dele, para não dar a oportunidade dele chamar a minha atenção por algo que eu tinha feito. Ele não era agressivo, falava mansamente, mas eu ficava com vergonha e sempre refletia muito tempo aquilo sobre o que ele havia me falado”. Meu pai era um tipo de pessoa que não proibia. Ele mostrava o que era certo e o que era errado, ele explicava e ficava a nosso critério escolher. Quem batia nos filhos era a mãe, muitas vezes com a planta Espada de São Jorge. (Camisasca; Neves, 2014, p. 76)

A postura de Nonô em relação à esposa expressa os valores patriarcais advindos da modernidade. Alaydes era responsável por gerar e cuidar dos filhos, cuidando também das responsabilidades domésticas. O poder de decisão no campo do trabalho era de Nonô, numa

lógica moderna em que "a mulher foi relegada à esfera das tarefas domésticas, isto é, reprodução biológica, educação e cuidado com os filhos, como bases da reprodução da força de trabalho" (Rossini, 1998, p. 7). Apesar de estar envolvida com os negócios de Nonô, seu trabalho era sempre focado na cozinha e ela não participava das decisões sobre os empreendimentos.

Diante da ausência de Nonô, notamos que os relatos memorialísticos são uma reconstituição dos passos dele, desde seu casamento com Alaydes até a comercialização do caldo de mocotó no centro da cidade. Nós não temos acesso ao conteúdo de todas as entrevistas, mas, com base nos trechos apresentados, apesar do livro ser sobre o bar, podemos perceber um enfoque maior na figura do Nonô como pai, comerciante e patrão, assim, nota-se que a imagem do bar não se dissocia da imagem de Nonô. Depois de seu falecimento, os filhos herdaram o apelido do pai, todos são conhecidos como "Nonô". É a trajetória do patriarca que preenche grande parte do livro, sendo que o Bar do Nonô é uma consequência das muitas tentativas dele em proporcionar uma vida digna para a família.

Existe, então, um esforço de aprofundar e resgatar a figura de Nonô e os valores que ele possuía na constituição do produto de memória. Para isso, a inserção dos relatos nas narrativas feitas pelos autores buscam uma memória pretendida para representação de Nonô e, conseqüentemente, a imagem do bar. Nesse aspecto, o apagamento de determinadas memórias são escolhas estratégicas para dar ênfase em determinadas memórias. Um exemplo disso é que o livro não chega a detalhar a vida dos atuais administradores do bar e são poucos os detalhes que recebemos sobre a vida dos filhos, todas as memórias estão sempre atreladas à figura dos pais e da criação que receberam.

Apesar da expressiva quantidade de clientes que aparecem no livro, os relatos são breves e todos concentrados nas páginas finais, nos capítulos intitulados "A participação dos cinco Nonôs" e "A opinião dos fregueses do Bar do Nonô". As entrevistas com essa categoria foram realizadas por dois métodos: entrevista direta, feita por Luisa, Marina e Osias e o recebimento de depoimentos escritos, advindos da campanha "Escreva a sua história com o Bar do Nonô".

Em relação aos depoimentos escritos, a campanha foi realizada pelo Bar, mas coordenada pela Escritório de Histórias, em 2013, mesmo ano em que foram realizadas as entrevistas. Apenas parte desses relatos foram para o texto do livro, e um exemplo, de Maria Odete, foi colocado na página 118 para ilustrar a campanha. Já as entrevistas diretas foram realizadas apenas com os clientes Antônio Tomaz Neto e Eliézer Souza Reis.

Figura 1 - Formulário “Escreva a sua história com o Bar do Nonô”

Nonô - O rei do caldo de mocotó - 50 anos de tradição

ESCREVA A SUA HISTÓRIA COM O BAR DO NONÔ

Historias

Ou conte um “causo” que envolva o Bar do Nonô

Escreva nas linhas abaixo, coloque na urna ou entregue no Bar. Se preferir envie para Escritório de Histórias - Av. Brasil, 1831 sala 411 - Bairro funcionários - Cep: 30140-002 - ou pelo e-mail: eh@escritoriodehistorias.com.br


Preencha seus dados:

Nome completo
Mariana Odete

RG:

Telefone:
92689347

Endereço:
Rua Jerusalém
237, S. Sabá
Luz
B.H.



Minha história com o Nonô iniciou-se em 2005 quando um amigo muito especial convidou-me tomar um caldo de mocotó dizendo: — é o melhor de B.H. — Não sabia que delicioso, foi minha resposta e pergunto se eu havia gostado do caldo. E desde então faço uma visita regularmente na mais tradicional e por que não dizer, primeira casa especializada em caldo de mocotó de Belo Horizonte.

Muito obrigado em proporcionar ao cidadão mineiro este delicioso espaço que para mim já se tornou um gostoso ponto de encontro com meus amigos e amigos.

início deste ano por exemplo, encontrei por acaso aqui no Nonô uma conhecida de longa data que vive nos Estados Unidos e mais de vinte anos e ela me disse que a primeira coisa que fez quando chegou ao Brasil e vir aqui tomar, saborear o Caldo do Nonô.

Um grande abraço.

Belo Horizonte, 16.08.2013.

Formulário distribuído para que as pessoas contassem histórias relacionadas ao Bar do Nonô

118

Fonte: Reprodução/ Nonô - O rei do caldo de mocotó

A família de Nonô retrata o bar como um lugar de sustento, um lugar fortemente vinculado à figura do patriarca da família já falecido, um homem que ensinou o valor do trabalho e que com muito esforço conseguiu oferecer melhores condições de vida aos filhos. Um quadro diretamente ligado aos valores da família moderna. Sempre que os filhos falam sobre o que o bar representa, estão atrelados os valores de Nonô e sua maneira de conduzir os negócios. É a imagem do patriarca, o pai que conduz a família, que prevalece nos relatos dos filhos.

O sucesso do bar é uma consequência de todos os outros empreendimentos feitos ao longo da vida do pai, que aproveitava qualquer oportunidade para ganhar dinheiro, mas sempre de forma honesta, como dito por Crélio, ao falar da veia empreendedora: “Meu pai era

um empreendedor, ele apostava em tudo que achasse viável. Qualquer coisa que era negócio meu pai fazia. Ele estava sempre comprando e vendendo. Ele desde cedo ia conduzindo a gente para o caminho do trabalho”. (Camisasca; Neves, 2014, p. 80).

5.1.2 Eixo Avaliativo: *Experiência dos sujeitos com o espaço*

A experiência com o espaço é algo que aparece, constantemente, por todo o livro. Mesmo antes da experiência com o Bar do Nonô, localizado no centro da cidade, a família Corrêa relata as mudanças realizadas nos diversos bairros que moraram e também nos deslocamentos pela cidade a fim de trabalhar, como vemos no relato de Alaydes sobre as mudanças de Nonô:

Certo dia Nô chegou em casa, como faria de outras vezes, e me disse que íamos mudar para o Bairro São Geraldo, onde minha mãe já morava. Não discuti, comecei a arrumar as coisas e isso era por minha conta. Fomos morar na Rua Silva Alvarenga, uma quase avenida, hoje uma das principais ruas daquele bairro. (Camisasca; Neves, 2014, p. 24)

As condições de precariedade sanitária de Belo Horizonte também provocavam deslocamentos da família, como aparece no relato de Helena:

Quando a gente morava na Rua Pintagui também tinha problema com a falta d'água. Papai tinha uma caminhonete e, muitas vezes a gente saía com ele, com dois tambores em cima da caminhonete para buscar água nas oficinas da Central do Brasil, no Horto. Enchíamos os tambores, colocávamos folhas de bananeira por cima porque ele falava que sacolejava, mas a água não derramava. (Camisasca; Neves, 2014, p. 4)

O deslocamento é a maior experiência desses sujeitos com o espaço, algo que não fica apenas restrito ao Nonô e sua família, mas também aos trabalhadores da Mannesmann, que eram clientes de Nonô, e aos frequentadores do centro da cidade. O bar é um ponto de parada no deslocamento feito para ir e voltar do trabalho “Eu descia cedinho, para abrir a barraquinha e pegar o pessoal que largava serviço na Mannesmann às seis horas da manhã e também atender aos que entravam às seis” (Camisasca; Neves, 2014, p. 58). Esses relatos da localização do bar, de ser um lugar fácil para se alimentar considerando o trabalho dos clientes é algo interessante, pois está presente na constituição do bar. Nonô encontrou uma oportunidade de ganhar muitos clientes, pela necessidade que eles tinham em se alimentar nas trocas de turno, como o relato de Nívio:

O primeiro ônibus do dia entrava na linha 04h50min e nesse horário eu já estava lá e, quando eu ouvia o barulho do ônibus, levantava a porta já com o café pronto e os pães com manteiga. Deixava tudo preparado, deixava o queimadinho quente e o caldo de mocotó no ponto de servir. Era um sufoco, quando dava 05h40min, começavam a chegar as pessoas que trabalhavam na Mannesmann e que iam tomar café para ir ao serviço. Por volta das 06h20min, chegava o pessoal que trabalhava à noite e que estava deixando o trabalho, e esse movimento intenso ia até 07h30min. (Camisasca; Neves, 2014, p. 58)

A barraca construída por Nonô no Barreiro, segundo Camisasca e Neves (2014, p. 52), era fruto de um pedido seu ao candidato Jorge Carone - por conta das condições precárias que precisava trabalhar, que estava fazendo campanha na frente da Mannesmann. Com sua eleição em 1963, o político cumpriu com a promessa e concedeu um espaço ao comerciante. Não era um trabalho fácil, pois o bairro era de difícil acesso, por não ter completado seu processo de urbanização (Camisasca; Neves, 2014, p. 50).

No entanto, o trajeto de deslocamento diário do Sagrada Família para o Barreiro era muito difícil para Nonô, até porque nessa época o Barreiro ainda estava com as obras de urbanização incompletas, com diversos problemas que, inclusive, foram resolvidos pela Mannesmann. As principais reclamações eram o ônibus e a distância, que obrigaram Nonô a dormir em um cômodo durante a semana, por um tempo, até decidir mudar toda a família.

Apesar do faturamento na região ser muito bom, Nonô recebia reclamações quanto à localização do bar e decide criar uma unidade no centro de Belo Horizonte, pois lá era um local onde a cidade acontecia. Isso não aparece nos relatos que apuramos, mas na contextualização do capítulo “O novo bar no Centro de Belo Horizonte”: “no final dos anos 1960 e início da década de 1970, a região central de Belo Horizonte tinha um movimento relativamente intenso, pois os ônibus que circulavam na cidade iam dos bairros até o centro e vice-versa” (Camisasca; Neves, 2014, p. 83). As experiências pessoais da família, como as da filha Helena, e dos clientes, como Eliézer, se conectam às narrativas do livro para compor um cenário sobre a própria cidade, que são experiências coletivas sobre a modernização. Eliézer, cliente que frequenta o bar há 32 anos, faz um relato sobre o bar:

Era uma dificuldade, todo dia eu saía de manhã cedo com a marmitta e cumбуquinha para transportar o caldo. Pegava ônibus e, na volta do trabalho, tinha que passar no Nonô para comprar caldo para ela. Fiz isso até a minha filha nascer, afinal nada parava no estômago, só o caldo de mocotó. (Camisasca; Neves, 2014, p. 115)

A cidade é um elemento importante na construção do produto de memória e também revela as condições precárias que a população periférica enfrentava. Observamos em um dos relatos coletados, uma menção ao evento de inauguração do Grupo Escolar Sara Kubitschek,

feito por Juscelino Kubitschek, na época Governador de Minas Gerais (1951-1955). No relato é enfatizado que a escola oferecia refeição às crianças que não levavam merenda e que Sara fazia doações aos mais pobres (Camisasca; Neves, 2014, p. 28-29), o bairro fazia parte de uma região precária da capital. Além de ser um cenário de diversos problemas sociais, o São Geraldo tinha problemas de infraestrutura e acesso.

As situações de busca de água na bica, pela ausência de saneamento básico, também são eventos que marcam a falta de infraestrutura em Belo Horizonte. Foram vários os comentários negativos sobre a infraestrutura de bairros que ainda estavam em formação, na época em que Nonô ainda estava investindo em outros comércios e trabalhos autônomos. Nos chamou atenção um relato que menciona o bairro Lagoinha, Helena Miguel, filha de Nonô, menciona que a região era perigosa:

A Lagoinha era uma barra pesada, prostituição, boemia e malandragem e era famosa por isso. Meu pai tinha muito receio da gente sair dali, atravessar todo aquele trecho perto da Feira do Produtores e Praça Vaz de Melo e a ponte sobre o Rio Arrudas com a passagem de trem. Aquela área próxima à rodoviária era perigosa, tinha muito cara que mexia com a gente. Nosso ônibus era na Rua Espírito Santo com a Rua dos Caetés e para chegar lá a gente atravessava aquele antro de perdição. (Camisasca; Neves, 2014, p. 42)

Notamos que a boemia foi colocada na mesma posição da prostituição e da malandragem quando Helena fala da violência. Boemia que, de certa forma, está ligada à vida noturna na cidade e, conseqüentemente, às pessoas que frequentam os bares centrais. A Lagoinha, que é uma sub-área do Hipercentro, aparece com uma imagem de violência desenfreada que a deixava com medo. No entanto, ainda que as regiões centrais enfrentassem tais problemas pela intensa circulação de pessoas, eram bons lugares para quem possuía comércio.

Na maioria dos relatos dos clientes é mencionado há quanto tempo eles frequentam o bar e o que mais gostam nele. Em geral, o caldo de mocotó sempre é citado, principalmente, por seu sabor e por seu preço acessível. Além disso, alguns clientes mencionam que o bar é caminho do ponto de ônibus ou do trabalho, dando a entender que o caldo é algo de fácil acesso. Abaixo relato de Waldir de Souza Resende, sobre o caldo e seu preço:

Em 1977 eu fazia serviços de rua para uma empresa, como me alimentava pouco por causa da grana curta, me falaram sobre o caldo de mocotó. Passei a ir ao Nonô sempre que possível tomar o meu caldo. O tratamento dos funcionários é sempre bom e o caldo me deixa muito forte e é por isso que até hoje continuo a tomá-lo. (Camisasca; Neves, 2014, p. 120)

Outro relato, de Pedro Camilo de Souza Filho, sobre a localização do bar:

Meu pai era frequentador do Bar e vim pela primeira vez com ele. Hoje tenho 44 anos e continuo a vir. Todos os dias passo aqui para tomar o caldo. O ponto é estratégico, perto do meu ponto de ônibus, caldo é a pedida especial com caracu, pãozinho e bacon. (Camisasca; Neves, 2014, p. 116).

O Bar do Nonô enquanto um lugar de fácil acesso revela as questões de deslocamento dos sujeitos pela cidade. Esse contexto nos remete ao Bar do Ponto, que havia se tornado uma referência espacial na região central na década de 20, conforme discutido por Chacham (1994), ele ficava muito próximo da estação do bonde, que proporciona uma intensa circulação de pessoas. Apesar de um público diverso, o Bar do Ponto recebeu críticas por causa dos frequentadores provincianos, que podemos interpretar como, também, um forte valor de classe.

A localização do Bar do Nonô é marcada, por alguns clientes, pelo ponto de ônibus. O transporte público da cidade é utilizado majoritariamente pela classe trabalhadora, o que sugere também, assim como no Bar do Ponto, uma demarcação de classe. Nesse sentido, as memórias dos frequentadores são agenciadas para a construção de um lugar que não é de lazer, mas sim de alimentação, que é feita a caminho do trabalho ou na volta. As limitações de tráfego mencionadas por Andrade, L. (2004) não dão conta da circulação das camadas mais pobres que adentravam o centro. As mudanças de paisagem na cidade e da circulação de pessoas proporcionam a aparição de comércios populares, acessíveis aos trabalhadores que fazem sua conexão de transporte público no centro da cidade.

A imagem predominante sobre o bar, na voz dos clientes, é a comida e, em especial, o caldo de mocotó. Já nos relatos familiares, é a figura empreendedora do Nonô que prevalece no imaginário sobre o bar. Nesse sentido, a introdução do livro aborda essa relevância do caldo e da figura de Nonô:

O sucesso do famoso caldo de mocotó atravessou gerações e completa, em 2014, 50 anos. Contar essa história de tantas alegrias e realizações, mas também de árduo trabalho, é o objetivo deste livro, que homenageia o comerciante Nonô e celebra seu grande legado: o famoso caldo de mocotó, inesquecível para os que dele experimentaram (Camisasca; Neves, 2014, p. 8).

A introdução nos revela a intenção do livro de agenciar uma memória oficial, utilizando-se dos entrevistados, que demonstre o quanto o caldo e o Nonô são os protagonistas, estando o espaço físico do bar, na verdade, em segundo plano. São os agenciamentos das memórias individuais e coletivas sobre o bar, que vão sendo postos para

demonstrar a caminhada da família rumo à melhoria de vida e a criação de um espaço que atenda às necessidades dos clientes que, em sua maioria, são trabalhadores que se deslocam pelo centro da cidade.

5.1.3 Eixo Avaliativo: Fotografias e vídeo

No processo de desenvolvimento da metodologia, identificamos a relevância das fotografias que ocupam as páginas do livro *Nonô - O rei do caldo de mocotó*, quais significados elas possuem e como compõem as narrativas buscadas para a constituição de um produto de memória. No levantamento apuramos o expressivo número de 39 fotografias, de acervos variados, sendo eles: acervo da família Corrêa, acervo Vallourec, APC BH ASCOM, Arquivo Público Mineiro, Osias Ribeiro Neves, Raquel Esteves Corrêa e Ricardo Avelar.

As fotografias, em geral, são registros da família Corrêa, em várias fases da vida, dos bairros da cidade de Belo Horizonte, do interior e exterior do Bar do Nonô, das comidas servidas no bar e dos frequentadores. Todas as fotografias dos acervos da Vallourec, ACPBH Ascom e Arquivo Público Mineiro são de Belo Horizonte. As fotografias de Osias Ribeiro Neves e Ricardo Avelar são fotos de Belo Horizonte ou do Bar do Nonô. De forma geral, as fotografias não possuem um padrão em termos de tamanho: algumas ocupam meia página, outras uma página inteira ou duas páginas.

Abaixo a tabela com o quantitativo de fotografias de cada acervo, optamos por organizá-la em ordem decrescente pela coluna “quantidade”, para apresentar as categorias que mais aparecem. A tabela nos ajuda a visualizar quais acervos foram mais utilizados e o que isso revela sobre as escolhas feitas pela editora para construção de uma memória oficial sobre Bar do Nonô e, também, sobre a cidade de Belo Horizonte.

Tabela 3 - Pergunta nº2 - Eixo 1 - Bar do Nonô

FONTE	CONTEÚDO	QUANTIDADE	%
Acervo da Família Corrêa (uma das fotos é de autoria de Raquel Esteves Corrêa)	Fotografias da família, da casa e rua onde moravam	17	44%
Ricardo Avelar	Fotografias do bar	9	23%
APCBH ASCOM	Fotografias da cidade de Belo Horizonte	4	10%
Arquivo Público Mineiro	Fotografias da cidade de Belo Horizonte	4	10%

Osias Ribeiro Neves	Fotografias da cidade de Belo Horizonte e de um produto do bar	3	8%
Acervo Vallourec	Fotografias do Barreiro, da Mannesmann (atual Vallourec)	1	3%
Sem identificação	Fotografia do balcão de um estabelecimento	1	3%
TOTAL:		38	100%

Fonte: elaborada pela autora

Com o objetivo de aprofundar nossa análise em relação às fotografias do livro, desenvolvemos categorias que segmentassem o conteúdo dessas imagens. Na primeira etapa produzimos uma descrição de todos os elementos que estavam nas imagens e, a partir de uma análise geral desse conteúdo, desenvolvemos as categorias. Elas foram pensadas para os dois objetos: o livro e o documentários e, por este motivo, algumas categorias do Bar do Nonô estão com resultado zerado.

Tabela 4 - Pergunta nº2 - Eixo 3 - Bar do Nonô

CÓDIGO	CATEGORIA	QUANTIDADE	%
8	Trabalhadores	2	5%
7	Proprietários	4	10%
5	Imagens da cidade	13	33%
4	Família	9	23%
6	Imagens do bar	5	13%
2	Comida	3	8%
1	Clientes	3	8%
3	Especialista	0	0%
TOTAL:		39	100%

Fonte: elaborada pela autora

As fotografias dos familiares de Nonô e dos proprietários representam 13% do corpus total. A primeira fotografia do livro é do Nonô quando jovem, em uma foto 3x4 de sua carteira de trabalho. Consideramos que o uso dessa imagem é muito simbólica, pois no decorrer de toda narrativa é a figura empreendedora de Nonô que prevalece. Na década de 1940, Nonô trabalhava na Mina de Morro Velho, *da Saint John D'El Rey Mining Company*,

localizada na cidade de Raposos (Camisasca; Neves, 2014, p. 16).

Figura 2 - Foto da carteira de trabalho de Nonô



Fonte: Reprodução/ Livro Nonô - O rei do caldo de mocotó

A figura de Nonô no registro profissional está diretamente relacionada às mudanças na forma de trabalho no Brasil, considerando que na década de 30 “no plano social, o Estado regulamentou as relações entre o capital e o trabalho, criando uma legislação trabalhista e um Ministério do Trabalho” (Oliveira, 2001, p. 8). Apesar da formalização do trabalho, a fim de conquistar a emancipação humana, ser um dos aspectos da modernidade, Oliveira (2001) afirma que o projeto de modernidade no Brasil nunca valorizou o trabalho assalariado e manteve a posição excludente das camadas mais pobres. Todo empenho que antecede o sucesso do caldo de mocotó está vinculado às suas inúmeras formas de ganhar dinheiro que Nonô buscava pelas dificuldades financeiras enfrentadas, o que transcende, inclusive, a sua primeira carteira de trabalho, pois Nonô acaba se tornando um comerciante proprietário de diversos estabelecimentos.

As outras fotografias da família são dos filhos quando ainda crianças, ou quando jovens, em algumas delas acompanhados de Nonô e Alaydes. A representação da família é um aspecto muito importante na construção da narrativa do livro, é ela o pilar que sustenta a narrativa do bar. As fotos mais recentes, que não contam mais com a presença de Nonô, ainda possuem o mesmo apelo de família unida, sempre honrando os sonhos do patriarca.

Na abertura do capítulo “Bar do Nonô: um legado de pai para filhos”, concentramos nossas reflexões na palavra legado. Além da palavra estar ligada a um aspecto da modernidade de se olhar para o futuro - uma família grande no futuro, um bom trabalho para um futuro de conforto e herança para os filhos e próximas gerações. Legado, também, revela uma característica da família moderna, em que a educação ou trabalho das crianças (no caso

das famílias mais pobres) visam constituir um investimento para o futuro, como dito por Pinheiro (2003, p. 60), ao falar das mudanças das relações com os filhos na modernidade.

Os relatos de memória sempre acompanham esse discurso de família que se apoia, como quando a família fez esforços para uma reforma de ampliação do bar, que era o sonho de Nonô “No final deu certo e para mim foi uma realização muito grande, pois conseguimos atender ao desejo do meu pai” (Camisasca; Neves, 2014, p. 102). Os desejos da família estão direcionados para os desejos do patriarca da família, mesmo depois de seu falecimento.

Figura 3 - Família Corrêa



Fonte: Reprodução/ Livro Nonô - O rei do caldo de mocotó

No campo da memória, a palavra legado remete à importância de se registrar e guardar os passos das gerações anteriores que conferem o status atual das novas gerações, está atrelado ao passado que confere valor ao futuro. Nora (1993) discute a necessidade humana de registrar suas lembranças, para protegê-las do esquecimento. O registro fotográfico, por si só, já é um dispositivo de memória, mas quando atrelado às narrativas do livro, revela um desejo de guardar e eternizar os relatos orais que dão profundidade e revelam o contexto dos retratos da família.

As fotografias da cidade de Belo Horizonte, classificadas na categoria “signos da modernidade” possuem o mesmo percentual das fotografias da família, 13% do corpus total. Entendemos que a paisagem urbana da cidade tem grande relevância para a narrativa sobre o deslocamento da família Corrêa por Belo Horizonte. Os signos da modernidade, nesse contexto, são elementos que apresentam as mudanças na infraestrutura da cidade, que foi uma das grandes pautas de modernidade para a nova capital: as casas, prédios e ruas largas e asfaltadas, as praças monumentais e monumentos como o obelisco que representam as mudanças advindas do projeto pensado para a capital.

Existe uma mudança da paisagem rural para urbana em Belo Horizonte e notamos que essa mudança aparece também no livro. As mudanças de bairro sempre são contextualizadas pelo cenário de infraestrutura desses locais, é nesse momento que vislumbramos imagens de Belo Horizonte, como é o caso da fotografia que mostra as obras de canalização do bairro Sagrada Família e do asfaltamento no Barreiro:

Figura 4 - Obras nos bairros Sagrada Família e Barreiro



Fonte: Reprodução/ Livro Bar do Nonô - Rei do do caldo de Mocotó

No capítulo “Na Sagrada Família” Camisasca e Neves descrevem as condições do bairro Sagrada Família, que diferentemente do centro da cidade, ainda não havia recebido toda infraestrutura necessária “umas ruas eram calçadas, outras de terra e muitos eram os espaços acidentados pela geografia do bairro” (Camisasca; Neves, 2014, p. 33). Nessa época, ainda não havia água canalizada nessas regiões periféricas, o que obrigava a família a buscar água na bica. A fotografia de dois homens conversando no local, enquanto outros dois cavam o chão para instalação das tubulações, é um contraste com os relatos de problema de falta d’água.

Quando a gente morava na Rua Pintagui também tinha problema com a falta d’água. Papai tinha uma caminhonete e, muitas vezes a gente saía com ele, com dois tambores em cima da caminhonete para buscar água nas oficinas da Central do Brasil, no Horto. Enchíamos os tambores, colocávamos folhas de bananeira por cima porque ele falava que sacolejava, mas a água não derramava. Na casa da Rua Pitangui tinha uma caixa d’ água acima do tanque que era baixinha e a gente enchia para que a água saísse pela torneira. Por isso que nós não crescemos, ficamos baixinhas, de tanto carregar lata d’água na cabeça. (Camisasca; Neves, 2014, p. 34)

As obras significavam um avanço da cidade para a conclusão de um projeto de urbanização, mas que não possuía a mesma importância e nem agilidade de outras áreas. Segundo Chacham (1994), na década de 1940, o centro da cidade estava em um cenário de construções de prédios, estava vivendo outro momento da urbanização. As experiências com a urbanização, enquanto um projeto de uma promessa de modernidade, não foram as mesmas em todas as regiões da capital.

Sob o aspecto dos agenciamentos da memória sobre a cidade, é interessante notar como o produto de memória fala abertamente sobre as condições precárias vividas nas regiões suburbanas da cidade. No entanto, controversamente, ela apresenta em vários momentos, paisagens de lugares importantes para a cidade e que representavam a urbanização da elite belo-horizontina. Entendemos, que a escolha por essa narrativa visa expressar a ascensão da família de Nonô que percorre pelos bairros suburbanos e consegue chegar com o seu negócio na região onde as coisas aconteciam, onde estavam as grandes empresas.

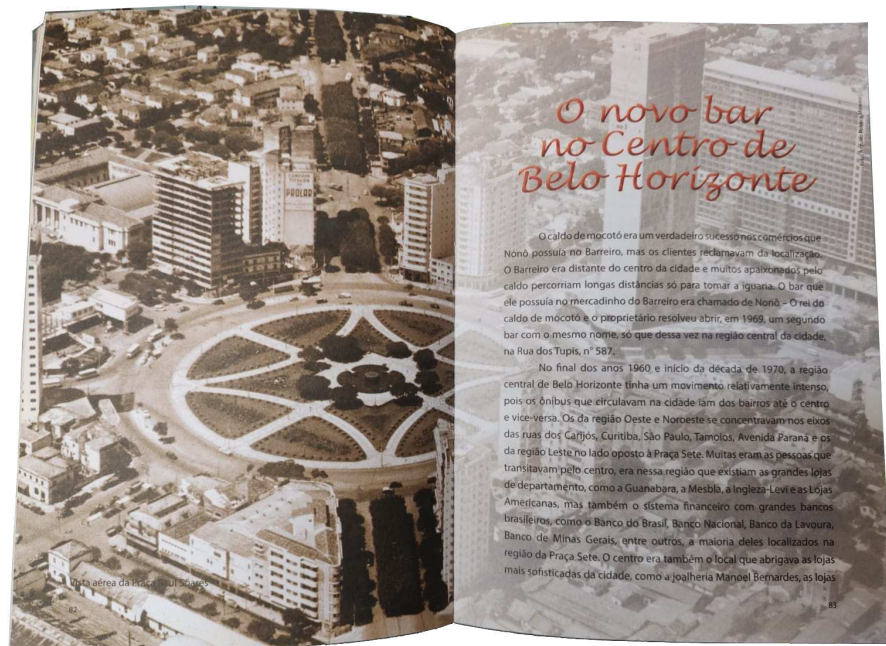
Figura 5 - Fotografias da região central de Belo Horizonte



Fonte: Reprodução/ Livro Nonô - Rei do caldo de mocotó

As fotografias mais significativas da capital mineira aparecem no início de alguns capítulos, ocupando duas páginas, sendo que a segunda página recebe um texto acima da imagem. O nome de Belo Horizonte e dos bairros também aparecem em alguns nomes dos capítulos: “Em Belo Horizonte”, “Na Sagrada Família”, “No Barreiro Nonô cria o caldo de mocotó” e “O novo bar no Centro de Belo Horizonte”. O que compreendemos é que as mudanças de bairro podem ser um marcador importante para as memórias da família de Nonô, como discutido por Halbwachs (1990) a memória coletiva é construída, também, a partir da relação das lembranças com o espaço onde elas foram vividas.

Figura 6 - Abertura do capítulo “O novo bar no Centro de Belo Horizonte”



Fonte: Reprodução/ Livro Nonô - Rei do caldo de mocotó

O contexto das mudanças da cidade também é abordado nos primeiros parágrafos desses capítulos, para situar o leitor sobre o contexto em que a família vivia. Como o capítulo “Em Belo Horizonte” que apresenta o cenário da capital “na década de 1940, a capital mineira era uma cidade muito jovem e preservava ainda parte do seu acervo de casas e da estrutura construída no início do século XX” (Camisasca; Neves, 2014, p. 21). A contextualização da cidade se mostra relevante para explicar as decisões que Nonô tomava, em seus empreendimentos e também nas mudanças de casa.

Também são inseridas fotografias do bar, mostrando a rotina de trabalho dos funcionários, os clientes consumindo o caldo, as refeições preparadas, destacando sempre o caldo de mocotó, e o espaço do bar com muitas pessoas. Nessas fotos, para quem não conhece o bar, é possível compreender como o espaço é pequeno, algo que é relatado, inclusive pelos clientes, como no caso de Geraldo Gomes Roberto, que diz “Para mim, o Bar do Nonô já está incorporado na história da cidade como ponto tradicional e a magia do bar está nessa mistura de gentes, nesse espaço apertado, em pé” (Camisasca; Neves, 2014, p. 119). O bar está sempre lotado, segundo os relatos, o que parece fazer parte também da identidade do local.

Figura 7 - Funcionários e clientes do Bar do Nonô



Fonte: Reprodução/ Livro Nonô - O rei do caldo de mocotó

As imagens do bar demonstram a rotina de trabalho dos funcionários e a grande circulação de clientes. No entanto, notamos que em uma das fotografias é exibido um funcionário do bar limpando os pés de porco. Apesar de estar uniformizado, não sabemos seu nome. Existe um apagamento dos funcionários do Bar do Nonô, mesmo que sejam apresentados relatos de dois funcionários, nós não sabemos muito sobre quem são os 21 funcionários que se dividem no turno e como o trabalho deles interfere nas relações e na produção atual do bar. Sob a perspectiva dos valores modernos, existe uma impessoalidade nas relações de trabalho, em que funcionários não são verdadeiramente valorizados, como discutido por (Olivén, 2001, p. 11).

Além disso, também existe uma outra situação que revela a dinâmica da família moderna, em relação aos papéis desempenhados pelas mulheres no casamento. Alaydes trabalhava na comida do bar e todos os preparativos eram feitos em sua residência, como se ela fosse extensão da cozinha do bar. Rossini (1998) argumenta sobre como o trabalho da mulher não possui o mesmo valor do trabalho do homem em uma relação, as atividades executadas por Alaydes se parecem mais com uma atividade doméstica, do que uma relação de trabalho. Esse contexto reafirma os papéis desempenhados pelas mulheres na dinâmica da família.

Figura 8 - Caldo de mocotó sendo preparado



Fonte: Reprodução/ Livro Nonô - O rei do caldo de mocotó

O caldo de mocotó era um verdadeiro sucesso nos comércios que Nonô possuía no Barreiro, mas os clientes reclamam da localização {...} Todo esse movimento compunha o cenário que atraiu Nonô para o centro, pois ele sabia que o seu caldo de mocotó era capaz de seduzir a mais diversa clientela que circulava por aquela região. O caldo era um alimento barato e nutritivo, e, em pouco tempo, o Bar do Nonô - O Rei do Caldo de Mocotó foi ficando conhecido na cidade. (Camisasca; Neves, p. 83 e 84).

Como mencionamos no eixo anterior, o caldo faz parte de uma imagem predominante sobre o bar, tanto na visão da família quanto na visão dos clientes. Ele representa uma mudança importante na vida da família Corrêa, que conseguiu um público importante, dos trabalhadores, pois o caldo é um alimento barato e forte que contribuiu para aliviar a rotina de diversos trabalhadores “Por ser um alimento barato e nutritivo, o caldo de mocotó teve boa aceitação entre os empregados da Mannesmann que realizavam serviços pesados, o que exigia deles muita energia” (Camisasca; Neves, 2014, p. 57).

5.1.4 Eixo Avaliativo: traços de tradição, mineiridade e modernidade

Ao mergulharmos nas discussões sobre modernidade e tradição, compreendemos que a história da capital mineira é marcada por diversos projetos de modernidade, que acabam sendo atravessados pela tradição. Ao falar sobre o processo de bricolagem mental, Rocha (2007) aborda uma Belo Horizonte da década de 1990 que sente necessidade de recuperar discursos de tradição, para compor uma nova imagem da capital mineira, pois, segundo ele, os mineiros são demasiadamente desconfiados com a modernidade. Nessa bricolagem, identificamos em seu discurso um elemento chave da nossa discussão: os botecos.

São os botecos mineiros que carregam diversos movimentos importantes no cenário da capital, como o concurso gastronômico Comida di Buteco, o Clube da Esquina e uma sociabilidade que faz com que a cidade seja considerada a capital dos bares. Ao contrário do documentário do Bar do Orlando, que possui uma ausência de 50 anos de história, o Bar do Nonô traz uma verdadeira jornada, na figura de Nonô Corrêa que, entre as dificuldades e acertos, carrega o símbolo da luta do cidadão periférico de Belo Horizonte. E, durante a sua caminhada pela cidade, vamos conhecendo elementos da modernidade e suas consequências.

Essa jornada não poupa a cidade e revela em diversos momentos uma verdadeira oposição à civilidade, urbanidade e desenvolvimento prometidos pelo projeto da Comissão Construtora. O livro, como já mencionamos, relata diversos problemas de infraestrutura básica, como asfaltamento e saneamento, nos bairros periféricos da cidade. Edna, filha de Nonô, faz um relato sobre essa situação, vivida em torno de 1950, ou seja, 53 anos depois da inauguração oficial da capital:

Na época em que moramos na Rua Santa Bárbara, a rua era de terra e não havia água encanada. A gente busca água na bica. Muitas vezes íamos de madrugada buscar água, porque havia muita discussão, já que a maioria das pessoas não gostava de enfrentar filas e, como minha mãe não gostava de confusão, a gente buscava água de madrugada quando não tinha ninguém. (Camisasca; Neves, 2014, p. 34)

Compreendemos que os relatos de falta de infraestrutura e condições precárias nos bairros periféricos da cidade remetem ao processo de exclusão de camadas pobres e populações negras, promovidas por lógica também escravagista, feitas na época da construção de Belo Horizonte. O projeto compreendia que a exclusão do negro era necessária para o caminho do progresso, assim a cidade principal estaria em “uma espécie de membrana protetora do ambiente urbano feita para impor barreiras à participação e ao uso desse ambiente por largas camadas da população” (Starling, 2002, p. 4). Edna traz o relato sobre a falta de água encanada:

Na época em que moramos na Rua Santa Bárbara, a rua era de terra e não havia água encanada. A gente busca água na bica. Muitas vezes íamos de madrugada buscar água, porque havia muita discussão, já que a maioria das pessoas não gostava de enfrentar filas e, como minha mãe não gostava de confusão, a gente buscava água de madrugada quando não tinha ninguém. (Camisasca; Neves, 2014, p. 34).

Os relatos indicam as dificuldades de famílias como a dos Corrêa que precisavam que os filhos desde muito novos trabalhassem. Além das atividades de trabalho, eles contribuem

nas atividades de casa, como a busca pela água potável, o que ocasionou problemas de saúde pelo peso, como relata Helena “Por isso que nós não crescemos, ficamos baixinhas, de tanto carregar lata d’água na cabeça.” (p. 34). Helena também menciona os problemas advindos quando ajudava a carregar muçarela “Eu era menina e carregava quinze quilos de muçarela, andava torta, toda empenada devido ao peso.” (p. 37).

A promessa de uma modernidade europeia encontrava um obstáculo intransponível: a realidade do Brasil. Um país com um passado extremamente recente de escravidão, ainda preso ao modelo colonialista, como discutido por Quijano (2005): a modernidade na América não ocorreu em uma sequência linear de fatos. A cultura dos povos habitantes das montanhas por diversas décadas foi considerada incompatível com a identidade moderna. Como dito pelo pesquisador Rogério Alves, acerca da tradição e modernidade de Belo Horizonte, “simultaneamente, ela foi moderna e arcaica ao mesmo tempo e espaço” (Alves, 2020, p. 174).

A chegada de grandes empresas como a Mannesmann também estão relacionadas com os projetos de modernidade pensados pela cidade. Como discutido por Rocha (2007, p. 189) acerca das mudanças em Belo Horizonte, entre os anos de 1940 e 1960 a região metropolitana passou por intensas mudanças com vistas à modernidade, que foram focadas na industrialização. Esse processo está relacionado à política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. A Mannesmann foi inaugurada, inclusive, por Juscelino ao lado de Getúlio Vargas. Segundo o livro de Nonô, a empresa enfrentou dificuldades por conta da falta de estrutura:

Quando chegou ao Barreiro, a Mannesmann se deparou com diversas dificuldades, como a falta de água e energia e a ausência de pavimentação nas ruas. Nas proximidades da usina, existia apenas um núcleo com pequeno povoado ao redor da estação ferroviária, com cerca de 400 habitantes. A companhia precisou promover diversas melhorias na região, como a abertura de estradas, a instalação de rede de esgotos e o fornecimento de água elétrica. (Camisasca; Neves, 2014, p. 49)

Belo Horizonte enfrentava diversos problemas estruturais que escapavam dos projetos de modernidade, em suas diversas fases. Seja na construção da cidade ou nas décadas posteriores, a região periférica continuava a ser castigada pela falta do básico. O livro sobre o bar do Nonô consegue ilustrar muito bem a dificuldade e a demora nas melhorias dos bairros que ficavam à margem.

O mineiro Carlos Drummond de Andrade reflete no poema “Explicação”, sobre os contrastes do moderno e do tradicional: “Aquela casa de nove andares comerciais, é muito

interessante. A casa colonial da fazenda também era... No elevador penso na roça, na roça penso no elevador” (Andrade, C., 2004). Esse trecho do poema lembra muito a caminhada de Orlando e Alaydes, que moravam na região rural, no entorno de Belo Horizonte, e que vão caminhando para a capital e depois para o centro da cidade “Na roça a gente fazia de tudo. A gente só comprava o sal. Não tinha geladeira, a gente já fazia de maneira a aproveitar tudo” (Camisasca; Neves, 2014, p. 18).

Alaydes e Nonô eram respectivamente de Damião, um lugarejo entre Morro Vermelho e Raposos, e de Pedro Leopoldo. Ao mudarem para Belo Horizonte, ainda estavam distantes da região central, o livro relata sobre a cidade na década de 1940 enfatizando que “tudo se fazia nos limites da Avenida do Contorno e o centro da cidade era visto como um lugar charmoso de trabalho e lazer. Sair da periferia para ir ao centro era um evento familiar” (Camisasca; Neves, 2014, p. 21). A família do Nonô pareceu viver as controvérsias da própria cidade, saindo e entrando dos aspectos do moderno e do colonial.

Ao falar da tradição, a mineiridade entra como um conceito importante para analisar a cultura mineira que adentra a cidade de Belo Horizonte. É difícil traçar um limite entre o que é tradição e o que é mineiridade, mas como já discutimos anteriormente, no capítulo de Modernidade, a mineiridade fala sobre a paisagem, fauna e flora da região, mas também se concentra no modo de ser, uma ideologia política que propaga um mineiro conciliador e ponderado.

O pesquisador Dias (1985, p. 76), ao fazer uma leitura profunda dos autores mineiros e das leituras sobre mineiridade, fala sobre um aspecto da mineiridade estar contida na família que se reúne à mesa e ali partilha, faz o culto da hospitalidade. A própria figura de Nonô, em vários momentos, pode ser compreendida como a figura clássica da mineiridade - o mineiro introspectivo e ponderado, aquele que fala pelos olhos e é contrário ao radicalismo. No entanto, essa característica dele em relação aos filhos pode ser entendida pelos valores modernos da família, como dito por Simões e Hashimoto (2012) “Com o transcorrer dos tempos, essa autoridade perde força, surgindo um pai afetuoso e tolerante, representado pela compaixão” (Simões e Hashimoto, 2012, p.2). Acerca da relação deles com o pai, Edna relata:

Às vezes acabávamos de almoçar e ficávamos na mesa umas duas ou três horas e meu pai ficava conversando com a gente. Ele começava contando algumas piadinhas, contava uns casos, depois ia puxando a orelha de cada um, ele chamava a atenção conversando, nunca batia. Aproveitava a ocasião para colocar em dia tudo o que havia acontecido na semana. As coisas legais que os filhos tivessem feito ele também elogiava. (Camisasca; Neves, 2014, p. 56)

Nos discursos que apresentam a constituição familiar dos Corrêa, o patriarca sempre conduz e orienta a família, quando reunidos à mesa, partilham de suas vidas. Essa característica familiar nuclear está relacionada com as mudanças advindas da modernidade, conforme discutido por Pinheiro (2003, p. 52) ao falar sobre conceito de infância, pois anteriormente as relações familiares eram políticas, sociais e morais.

Nas questões de gênero, observamos o papel da matriarca com relação aos filhos, pelos relatos de maternidade, mas também de seu papel de acompanhar o esposo em suas decisões financeiras. Muitas mudanças promovidas por Nonô não contaram com a consulta prévia da esposa. Além disso, os filhos sempre relataram a figura do Nonô como a que orienta a família e promove as conversas importantes, o que demonstra como as relações de poder na figura do pai ainda estão presentes após o advento do capitalismo.

A maternidade também aparece no relato da filha Edna, que precisa abandonar suas funções no bar para poder cuidar do filho. A vulnerabilidade da mulher também aparece quando Helena fala sobre o medo de andar sozinha na Lagoinha, sendo um bairro violento. A modernidade não atenuou as violências contra as mulheres e as ruas das cidades também oferecem perigo.

Conforme falamos sobre o aspecto da culinária, compreendemos que ela faz parte da tradição de Belo Horizonte, e de Minas Gerais, mas também pode ser discutida como um aspecto da mineiridade. Morais (2004), ao pesquisar livros de receita gastronômica mineira, aborda os lugares de memória discutidos por Pollak, para discutir que a culinária faz parte de uma memória coletiva, por ser entendida como patrimônio cultural e que implica ser uma prática cultural. Como discutimos, a criação da memória é permeada por disputas e tensões, se existe a ideia da mineiridade enquanto ideologia política e que fala sobre o mineiro, a gastronomia também faz parte desse agenciamento, também está impregnada na visão do que é ser mineiro.

O caldo de mocotó, criado por Nonô, faz parte de um cenário gastronômico da cidade de Belo Horizonte, dos botecos. Como apresentamos as reflexões de Rocha (2007), a comida do boteco compõe esse discurso de tradição, mas compreendemos que também está no quadro daquilo que pode ser entendido como elemento da mineiridade. Sem uma intenção clara, o caldo de mocotó se consagra no imaginário dos botecos.

Assim como na discussão sobre a cidade, o livro trabalha memórias das mais diversas naturezas, algumas delas que parecem reter aquilo que Halbwachs (1990) nomeia como quadro social, que antecede às lembranças individuais. Outras memórias são vivenciadas por

tabela e ainda existem as memórias herdadas, termos discutidos por Pollak. O recorte, ordenamento e construção de narrativas em cima dessas memórias resultam no livro, que pretende inserir o Bar do Nonô como referência no centro da cidade e, mais do que isso, eternizar a memória de Nonô Corrêa e seu poderoso caldo de mocotó. São as memórias das experiências familiares, dos deslocamentos dos sujeitos e da gastronomia que compõem a memória oficial que é posta pelo Escritório de Histórias.

5.2 Bar do Orlando - o documentário

Neste subtópico, realizamos as análises do livro “Bar do Orlando - 100 anos [2019]”, produzido pela Produtora A Macaco, em 2019. As análises foram realizadas com base no quadro analítico, que apresentamos no capítulo 4 - Metodologia. Separamos a análise, em cada tópico, a partir dos eixos avaliativos: Construção da narrativa, quem nos fala?, Experiência dos sujeitos com o espaço, Fotografias e vídeo e Traços de tradição, mineiridade e modernidade.

5.2.1 Eixo Avaliativo: Construção da narrativa, quem nos fala?

O documentário Bar do Orlando - 100 anos [2019] é uma produção audiovisual, realizada pela Produtora A Macaco e lançada no ano de 2019, para comemoração do centenário do Bar do Orlando. A produtora também foi responsável pela organização de um evento, que ocorreu na praça em frente ao bar, com apresentações musicais e identidade visual especial. No documentário, a produtora entrevistou oito pessoas para partilhar as memórias sobre o estabelecimento. Não existe um narrador, apenas cortes das falas desses entrevistados, que parecem ter respondido a determinadas perguntas, que também não nos são apresentadas. Abaixo relacionamos todos os entrevistados, de acordo com quatro categorias, definidas anteriormente em nosso primeiro mapeamento dos dois materiais, sendo elas: clientes, especialistas, familiares e proprietários.

5.2.1.1 Proprietários

O Bar do Orlando é de propriedade do Orlando Silva. O documentário não passa muitas informações sobre ele, mas sabemos que o bar é a sua principal fonte de renda. Ele conta no documentário, em tom humorado, que chegou no bar pedindo que seu tio Pedro

Siqueira saísse, que agora ele assumiria o local. Orlando conta que transferiu o bar para seu nome assim que assumiu e enfatiza que está há 39 anos na luta para comandar o estabelecimento.

Orlando é casado com Madalena e tem um filho chamado Orlando Silva, que o auxilia na administração atualmente. Apesar de ainda estar no comando do bar, Orlando Silva passa menos tempo no estabelecimento, por conta de sua idade. Orlando Júnior, formado em Administração, conta que nasceu e foi criado no Bar do Orlando, seu trabalho ao lado do pai é mencionado como uma função de trazer uma versão nova para uma velha arquitetura do estabelecimento.

5.2.1.2 Familiares

Pedro Siqueira é o tio de Orlando Silva e antigo proprietário do bar. O tio é aposentado e esteve no comando do bar até meados da década de 80, quando o estabelecimento ainda se chamava Bar dos Pescadores. No documentário, Pedro conta que ele começou do nada e que estava procurando um lugar para comprar e, chegando no Bar dos Pescadores, entendeu que seria lá que ele seguiria sua vida.

Madalena Vieira é a esposa de Orlando Silva, ela conta no documentário que foi no bar que criou seu filho, Orlando Júnior, possibilitando ele estudar e trabalhar. A esposa menciona que ajudou muito o marido, tendo trabalhado pelo menos 20 anos na cozinha do bar, sendo responsável pelo almoço e pelos salgados. As receitas eram todas de sua autoria, inclusive, a criação do famoso prato chamado trio da roça: uma porção de batata, torresmo e linguiça.

5.2.1.3 Especialistas

José Maria Rabelo é apresentado no documentário como Jornalista. As informações que ele traz no documentário o caracteriza como um especialista, responsável por falar sobre o centenário do bar. José Maria escreveu um livro intitulado "Belo Horizonte do Arraial à Metrópole - 300 anos de História", que ele exhibe em suas mãos, durante a gravação de sua entrevista.

5.2.1.4 Clientes

O documentário conduziu entrevista com três clientes, todas elas mulheres. São elas: Nanda Ribeiro, Mariana Guardão e Nanci Alves. Nanda Ribeiro é apresentada como Professora de História, ela é cliente do bar, mas também aparece no documentário dando informações sobre a arquitetura do local, na voz de uma especialista. Mariana Guardão é apresentada no documentário como Advogada, ela conta que é cliente assídua do bar há pelo menos 32 anos e menciona que três gerações de sua família frequentam o bar: seus pais, ela e sua filha. Nanci Alves é apresentada como aposentada, ela é cliente assídua e menciona que sua filha também frequenta o local.

5.2.1.5 Panorama dos entrevistados

Assim como na análise do Bar do Nonô, quantificamos os trechos das falas dos entrevistados que são utilizadas no documentário do Bar do Orlando, as nossas unidades de análise. Entendemos a tabela como uma informação relevante acerca das articulações realizadas na produção do documentário, a fim de construir uma memória sobre o Bar do Orlando. Utilizamos a classificação dos entrevistados por categorias, considerando de qual lugar eles falam, que pode ser: clientes, especialistas, familiares, funcionários ou proprietários.

A partir dessa classificação, apuramos quantos *frames* dos entrevistados foram utilizados ao longo do vídeo. Pela materialidade do documentário, optamos por contabilizar quantos segundos, ou minutos, de tela cada categoria tem para comparar percentualmente. Abaixo a tabela com os resultados, organizamos em ordem decrescente pela coluna “tempo total (minutos)”. Assim como identificamos os relatos do Bar do Nonô pelas páginas que aparecem, marcamos em nossa tabulação os minutos em que os entrevistados começam a falar e terminam.

Abaixo tabela com o resultado da nossa análise quantitativa.

Tabela 5 - Pergunta nº1 - Eixo1 - Bar do Orlando

CÓDIGO	ENTREVISTADO	QUANTIDADE FRAMES	TEMPO TOTAL (MINUTOS)	%
5	Proprietários	11	00:02:54	46%
1	Clientes	17	00:02:17	36%
3	Familiares	4	00:00:42	11%

2	Especialistas	2	00:00:25	7%
4	Funcionários	0	00:00:00	0
TOTAL:		34	00:06:18	100%

Fonte: elaborada pela autora

Todos os clientes entrevistados são mulheres, José Maria não se apresenta como frequentador do bar e, por este motivo, o consideramos como especialista. Apenas em alguns *frames* são exibidas imagens de outros clientes, que são diversos, mas não são mencionados nomes e ocupações. Nas entrevistas não aparecem muitas informações sobre os clientes entrevistados, apenas alguns elementos são captados nos relatos, como a questão de Mariana e Nanci estarem num contexto em que outros membros da família frequentam o bar. Eles não se apresentam e o documentário não faz nenhuma introdução, ele já começa com recortes das entrevistas (de forma não linear).

A partir da análise do quadro, constatamos que dos sete minutos e vinte segundos de documentário, seis minutos e dezoito segundos são dos relatos dos entrevistados. O tempo de um minuto e 2 segundos restantes são utilizados para a abertura do documentário, o fechamento e as pausas nas falas dos entrevistados, enquanto são exibidas imagens do bar ou de pessoas. A categoria que mais teve tempo de tela foi “proprietários”, com um total de dois minutos e cinquenta e quatro segundos (46% do corpus total). Orlando Silva e Orlando Júnior são as pessoas que estão à frente do bar e, portanto, constituem importante papel de personificar a administração do estabelecimento.

Apesar do papel que ocupam, o documentário não começa a exibição das entrevistas por eles e, sim, por outras pessoas. A primeira fala a aparecer no documentário é do tio de Orlando, Pedro Siqueira, que conta como foi a compra do estabelecimento “comecei do nada, aí eu estava procurando um pontozinho para mim comprar, aí eu rodei muitos lugares cheguei aqui, falou 'não, é aqui mesmo que você vai seguir sua vida'” (A Macaco, 2019). Nos relatos de Orlando Silva, tomamos conhecimento de que ele adquiriu o bar pela sucessão familiar, pois o antigo proprietário era o seu tio. Na sua terceira fala, que é exibida após uma fala da cliente Nanda Ribeiro, descobrimos que Orlando administra o bar há 39 anos, o que corresponde à década de 1980 “com muito trabalho já estou aqui há 39 anos nessa luta” (A Macaco, 2019).

A abertura com Pedro Siqueira transmite uma ideia de que o documentário produzirá uma linha do tempo sobre os acontecimentos que envolvem o centenário do bar, pois logo

após sua fala aparece outro entrevistado que, também, faz um resgate sobre o passado. O jornalista José Maria discute sobre uma notícia do bar ser considerado o mais antigo e que era um clube de pescadores. Enquanto José Maria fala, ele segura um livro intitulado "Belo Horizonte do Arraial à MetrÓpole - 300 anos de História" de sua própria autoria, essa imagem parece reforçar a postura de um especialista sobre a história local.

Ressaltamos como o elemento do livro é um ponto que deve ser observado com mais atenção, o documentário se propõe a contar a história por meio dos relatos de memória dos entrevistados, mas existe uma necessidade de uma memória historiográfica para comprovar o dado mais relevante acerca do bar: sua idade. A partir das discussões de Halbwachs (1990), compreendemos que a memória coletiva necessita de um ponto de contato, de alguém que tenha vivenciado determinadas lembranças de um grupo, para que elas permaneçam vivas. Por mais que Orlando tenha conhecido o fundador do bar - José Inácio, parece não haver pontos de contato que permitam um movimento contínuo de busca dessas lembranças.

Tem um momento do documentário que Orlando aparece contando sobre a sua chegada no bar e informando ter conhecido o fundador José Inácio Resende, anterior a Pedro Siqueira, que morava ao lado do estabelecimento e era boêmio e carnavalesco. Sua fala se encerra assim que ele menciona que mudou o nome do bar e, então, é retomada a entrevista de José Maria, que finalmente valida a antiguidade do bar, por meio de um estudo que foi realizado. Essas são as informações mais relevantes que temos sobre os 100 anos do bar.

Entendemos que pode ser um dos motivos pelos quais a figura de José Maria é requisitada, pela ausência de pessoas que tenham vivido esse momento do Bar dos Pescadores. A história não pertence a ninguém e, provavelmente, no processo de recuperar as informações sobre o Bar do Pescadores, os resgates históricos não consideraram os contextos dos homens que compartilhavam essas memórias sobre o bar. As memórias de José Inácio se perderam com as mudanças dos grupos que frequentavam o antigo bar.

Apesar do especialista representar uma posição importante no documentário, que é focado na comemoração do centenário, não tem aparição significativa, tendo apenas 2 trechos de sua entrevista exibida, com um total de 25 segundos. A presença dele funciona apenas como um validador do tempo de existência do bar, o que pode sugerir também que não era estratégico para o documentário explorar os dados sobre o Bar dos Pescadores, pois agora o bar é vinculado à figura de Orlando.

Essa intenção pode ser compreendida até pela mudança de nome do bar. Em uma

matéria publicada no Portal de Notícias G1¹², em 2017, é relatado que o nome Bar do Orlando foi criado por causa da tradição mineira, em que lugares são relacionados a nomes de pessoas. A entrevista conta, inclusive, que para adquirir o bar Orlando vendeu seu fusca.

Enquanto o tio Pedro manteve o ponto com o nome original, “Seu Orlando” trocou a denominação em função da tradição mineira. O lugar era conhecido como o bar dele, e assim ficou. Em Minas, pessoas e lugares são, frequentemente, relacionados a pessoas. Francisco, filho da Dona Olívia. Orlando, do bar da esquina. (Marie, 2017)

Essa informação, apesar de não estar no documentário, faz com que compreendamos a importância que é dada à figura de Orlando, o bar é do Orlando, existe essa proximidade muito grande entre a pessoa e o seu estabelecimento. Essa relação muito próxima é percebida na fala de Mariana Guardão, quando relata a sua relação e de sua família com o Orlando: “eu já cheguei aqui, o bar fechado, eu batia no portão entrava o Orlando lá dormindo eu 'Orlando vamo tá na hora de abrir meu filho’” (A Macaco, 2019). Aqui percebemos a articulação entre mineiridade e tradição, porque a tradição tem relação com a personalidade, conforme descrito por Rocha (2007) e, ao mesmo tempo, de um costume entendido como tipicamente mineiro de se conhecer os estabelecimentos pelos próprios donos.

Apesar do documentário ter utilizado mais *frames* da categoria “clientes”, ela ficou em segundo lugar no tempo de tela, com um total de dois minutos e dezessete segundos (36% do corpus total). Majoritariamente, os clientes entrevistados contam suas experiências pessoais, memórias individuais e coletivas, sobre as suas experiências de frequentar o ambiente. Assim como Mariana, Nanci e Nanda expressam em suas falas uma proximidade muito grande com o bar, como se fosse uma extensão de suas casas. Nanda fala “precisa ter nada, só chegar e tá tudo em casa, sabe, as pessoas são bem receptivas” (A Macaco, 2019) e Nanci “só me ajudaram a crescer, a crescer, e evoluir. Eu só tenho que agradecer porque aqui, pra mim, é a minha casa”. A personalidade é uma marca forte na fala das entrevistadas, um valor que tem relação com a tradição de frequentar esses espaços.

Pedro Siqueira tem apenas uma única fala exibida e dela pouco sabemos sobre a época em que ele administrou o lugar e, menos ainda, sobre o período anterior. Existe um apagamento de 60 anos de história sobre o Bar do Orlando. No entanto, na descrição do vídeo, que está publicado na plataforma *Youtube*, consta a seguinte informação “Pra celebrar essa trajetória tão bonita, produzimos um mini documentário bem especial pra contar um pouco da

¹² Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/viva-bh/noticia/na-capital-dos-bares-orlando-preserva-tradicao-herdada-ha-quase-um-seculo.ghtml>. Acesso em 20 Nov. 2023

história do bar mais antigo da cidade e compartilhar algumas das memórias que nasceram aqui.” (A Macaco, 2019).

Apesar do documentário esclarecer que é apresentada pouca história, compreendemos que elas são praticamente ausentes. A fala que remete à história do bar não nos dá informações suficientes sobre qual ano passou a ser de Pedro Siqueira e como o bar foi acontecendo no cenário do Santa Tereza, antes e depois da família de Pedro Siqueira. Nós entendemos que esses 60 anos não são explorados por uma estratégia do documentário, que parece prevalecer com memórias do presente e projeções para o futuro.

Bruck, Vargas e Moreira (2020) refletem que o esquecimento também pode ser algo negociado ou imposto, assim como a memória. Segundo eles “Se memória é presença de uma ausência, o esquecimento resulta da negação e anulação simbólica do referente – por assim dizer, a morte definitiva das coisas, dos acontecimentos e das pessoas” (Bruck, Vargas e Moreira, 2020, p. 296). Ao não falar sobre esse período do Bar do Orlando, o documentário parece querer construir a memória dos 100 anos apenas a partir da figura de Orlando.

No entanto, mesmo quando foca no presente, muitos elementos importantes sobre o bar ficam em segundo plano. São utilizadas trilhas sonoras instrumentais do gênero musical samba, que remete ao carnaval, mas isso não é apresentado verbalmente como uma característica do bar. Foi por meio das pesquisas realizadas anteriormente em matérias jornalísticas, e nas redes sociais do Bar do Orlando, para conhecer mais informações, que soubemos que as cores rosa e verde da fachada remetem à escola de samba Mangueira, e que periodicamente acontecem rodas de samba no bar.

É uma característica muito marcante, porque apesar de sabermos pelo documentário que José Inácio Resende era carnavalesco, o documentário não fala que Orlando Silva também tem gosto pela festividade, é algo que é colocado de forma implícita.

Figura 9 - Fachada do Bar do Orlando



Fonte: Reprodução/ *YouTube*

Em uma publicação, feita em 2022 no perfil do bar na rede social *Instagram*, consta uma foto da época em que Orlando assumiu o negócio, que reforça que as cores verde e rosa são um reflexo de seu gosto pessoal. A descrição da publicação enfatiza que apesar da fachada ter mudado, a paixão pelo bar ser antigo permanece.

Figura 10 - Publicação sobre a antiga fachada do Bar do Orlando - Anos 80



Fonte: Reprodução/ *Instagram*

O documentário nos deixa com mais perguntas do que respostas, do porquê características e memórias tão marcantes não são relatadas para compor a imagem do bar. A produtora A Macaco é responsável por realizar o evento do centenário do bar e apresenta o documentário como um resgate de histórias e memórias, mas que não se preocupa em colocar no material memórias que constituem a singularidade do bar, a única coisa que parece ser um diferencial é a sua idade, que é um fato histórico, mas nada mais parece diferenciar o Bar do Orlando dos demais bares que compõem a boemia do Santa Tereza.

Além disso, existe uma intenção nas falas de Orlando Júnior quanto ao futuro do bar, que fica muito mais em evidência do que o passado. Orlando diz primeiro “trazendo junto uma nova versão para uma velha arquitetura né” e depois “aqui o Bar do Orlando tenha mais 200, 300 anos e que isso aqui não termine”. É fundamental pensarmos que a memória é um agenciamento do presente e, como discutido fortemente por Pollak (1922), a memória coletiva é um processo de organização, que depende dos interesses dos sujeitos que a agenciam.

A partir da análise do documentário, os entrevistados expressam seus sentimentos de acordo com o lugar que ocupam, o bar é um lugar fundamental para provimento da família e um ambiente familiar e de afeto para os clientes. Orlando, Orlando Júnior e Madalena relatam o trabalho operacional e como ele foi fundamental para o sustento da família. Orlando

ênfatiza sobre a luta de estar à frente do comércio, sobre o movimento de clientes e sobre criar seu filho por meio do bar:

Criei minha família, né, tem agora meu filho, vê se pega o segmento, né, do pai, né, do tio e do pai. Com muito trabalho já estou aqui há 39 anos nessa luta e aqui, o movimento aqui, era fantástico, era praticamente 24 horas, né. Os trabalhador do Arruda na época vinha tomar muita cerveja aqui, muita cachaça, muito tira-gosto. Na época fazia peixe frito. (A Macaco, 2019)

A fala de Orlando expressa valores da modernidade acerca da constituição familiar, com os papéis de gênero bem definidos, pois Orlando é o centro família. Como discutido por Vaitsman (1994), as famílias são patriarcais, hierarquizadas e com funções definidas. Essa divisão das tarefas fica evidente na fala de Madalena, ela menciona que foi responsável por criar o filho e que ajudou muito Orlando no negócio “eu acho que ajudei ele muito, o Orlando, sabe, meu marido. Eu ajudei ele, muito, fiquei aqui com ele 26 tantos anos, tomava conta da cozinha toda” (A Macaco, 2014).

Madalena conta que foi responsável por fazer a famosa receita trio da roça, e como o bar foi fundamental para criação do filho, o que a deixa orgulhosa. Assim como Alaydes, esposa de Nonô, Madalena também ficou por muitos anos à frente da cozinha do bar e, em ambos os casos, notamos que a atividade não era encarada como um trabalho, mas sim como uma função doméstica, como se a cozinha do bar fosse a extensão da casa das esposas.

Rossini (1998, p. 8) argumenta que na família patriarcal o homem fica responsável pela busca da riqueza, enquanto a mulher acumula as funções de tarefas domésticas e criação dos filhos. A dupla jornada de trabalho para mulher também é uma realidade, visto que somente a renda do pai não é suficiente para as famílias mais pobres. No entanto, o trabalho da mulher é considerado menos qualificado e com salários mais baixos. As falas de Orlando e Madalena deixam bem claro que o bar não é da família, mas sim de Orlando, e que ele está em um processo de passar o segmento para o filho, enquanto Madalena cumpriu um papel de ajudá-lo na cozinha.

Nós não temos a informação de quando Orlando Júnior passou a trabalhar no bar, no entanto, sabemos que ele é formado em Administração. A sua posição de filho na família indica um valor de modernidade, em que os filhos estudam para poder ser um investimento futuro aos pais, como discutido por Pinheiro (2003). Existe um processo de sucessão bem delimitado entre pai e filho, onde Orlando deixa claro que “tem agora meu filho vê se pega o segmento né do pai né do tio e do pai” (A Macaco, 2019).

A partir da nossa análise, identificamos que o documentário não entrevista nenhum

funcionário do bar. Ele acontece em torno de um número reduzido de participantes, o que é justificado pela duração do vídeo (sete minutos e vinte e sete segundos). Porém, isso demonstra, também, um apagamento de uma perspectiva importante sobre o bar. Enquanto o Bar do Nonô ainda possui alguns elementos dessas relações, o Bar do Orlando só considera os relatos da família que é proprietária do bar, dos clientes e de um jornalista.

Sabemos, por exemplo, que Madalena está aposentada e não trabalha mais no bar, mas a pergunta que fica é: quem cozinha nos dias atuais? Quem contribui para manter a tradição da comida do Bar do Orlando, que é um atrativo importante? São perguntas que ficam sem respostas, mas que nos revelam os interesses de concentrar a memória na figura de Orlando e de seu filho, conhecido como Orlandinho.

O que compreendemos da construção da narrativa do documentário, é que o corpo é o elemento mais importante da cena, para construção de uma memória sobre o Bar do Orlando, pois são as pessoas que ali frequentam que dão vida ao espaço. O prédio é apenas um espaço validador do tempo de existência do bar, que agora tem suas memórias vinculadas ao Orlando Silva, é ele quem domina a narrativa sobre o centenário do Bar do Orlando. Os agenciamentos de memória visam construir um produto comercial para demonstrar como o bar é um ambiente amigável, familiar e propício para sociabilidade.

A partir dessas características, o Bar do Orlando se projeta para o futuro, nas mãos de Orlando Júnior, que busca em sua administração inovar, sem perder as características do bar que o pai construiu. Para tanto, como dialogamos a partir das discussões sobre memória, o esquecimento é uma ferramenta para construir o bar diante do atual cenário belo-horizontino e, especificamente, o Santa Tereza.

5.2.2 Eixo Avaliativo: Experiência dos sujeitos com o espaço

A experiência com o espaço no documentário sobre o Bar do Orlando é predominante restrita ao ambiente do bar. Os relatos dos entrevistados não falam diretamente sobre a experiência na cidade de Belo Horizonte ou com o bairro Santa Tereza. De modo geral, são o bar e a praça em frente à ele que predominam nas memórias evocadas para o documentário.

A respeito desses relatos, notamos um que merece atenção especial, que podemos desdobrar para uma discussão acerca do bairro Santa Tereza no cenário da cidade de Belo Horizonte. Na primeira fala da professora de História Nanda, é dito que “Essa arquitetura né essa exposição estética das coisas né compõe eu acho esse ambiente interiorano e dá esse ‘que’ de resistência né para cultura local né”, essa fala vem logo após a entrevista de Orlando

Júnior, que diz sobre a arquitetura velha do bar.

A menção ao ambiente interiorano nos chamou atenção, pois existe uma entrevista concedida por um morador chamado Seu Antônio das Bolsas, coletada em um site chamado Santa Tereza Tem, que fala exatamente sobre isso: “Sr Antônio fala que Santa Tereza parece uma cidade do interior e declara sua paixão pelo bairro, lugar do qual, segundo ele, nunca saiu e jamais sairá.” (Histórias de Santê, 2022). Essa experiência de estar em um ambiente interiorano parece controversa quando observamos a localização do bairro, na capital de Minas Gerais, um bairro que, inclusive, possui prédios, circulação de carros e diversos comércios.

Como já discutimos anteriormente, o bairro tem como característica marcante as interações entre os moradores, que Baggio (2005) acredita ser fruto dos movimentos culturais como Clube da Esquina e o carnaval. Para ele, a resistência do bairro reside na oposição à impessoalidade e fragmentação das relações, características das cidades modernas. As mais diversas manifestações contra a verticalização e aumento do fluxo de veículos falam muito sobre a retirada de algo que é muito importante para esses antigos moradores: a sociabilidade, a vizinhança familiar e os espaços de convivência. O discurso de Nanda parece remeter a esse cenário.

O que se torna central é o afeto, são desenvolvidas relações emocionais com as experiências que os entrevistados vivenciam no espaço, seja no labor diário da família ou no cotidiano de se sentar à mesa e viver experiências coletivas no bar. Em determinado momento Orlando relata:

Muita gente já se conheceu e se casaram aqui “conheci aqui nesse lugar e você vai no meu casamento, olha, você tem que ir no meu casamento, nos conhecemos aqui vamos casar hein” eu cheguei aqui e não me vê, né, as vezes tô acabei de almoçar tô descansando “cadê seu Orlando?” “A tá descansando” “não eu vim cá para ver ele” (A Macaco, 2019)

A personalidade aparece novamente como uma característica forte do bar, além da figura do Orlando ser posta como o que chama, também, as pessoas para o local. Essas memórias remetem às experiências de afetividade, sociabilidade e entretenimento, vivenciadas sob a ótica dos consumidores. Elas constituem traços de tradição e, também, de mineiridade.

Na relação da família, nas falas de Orlando Silva, Madalena e Orlando Júnior é dada uma ênfase muito grande na constituição da família a partir do bar. Madalena, em uma das falas, afirma que “Criei meu filho aí sabe, estudei ele trabalhando com o Orlando”. Os três

expressam o mesmo sentimento. É um lugar que representa a luta, como dito pelo próprio Orlando.

Acerca da experiência de afetividade e sociabilidade, Nanda fala sobre os amores e desamores que ali vivenciou, Nanci fala sobre acolhimento e tranquilidade e Mariana fala do tempo que já frequenta e como o lugar é a extensão da sua casa e frequentado por toda família. Em todos os relatos das clientes a sociabilidade é um ponto alto para uma boa relação com o bar, são nas relações “familiares” que concentram seus relatos. Esse aspecto também é trazido pelo Orlandinho, ao mencionar que o local chega a receber 300 a 400 pessoas e permanece como ambiente familiar.

As memórias que são acionadas nas falas demonstram uma estratégia de mostrar como o Bar do Orlando proporciona uma conexão com uma experiência afetiva, ali é o espaço onde se sentem seguras e acolhidas, como se o Orlando fosse uma extensão de suas casas. As três, ao relatarem suas experiências com o bar, falam sobre ser um lugar para “se sentir em casa”, “quintal de casa”, “ambiente familiar” e “tá tudo em casa”. Mariana inclusive nomeia sua família como “geração de orlandenses”, ao relatar que já tem três gerações que frequentam o bar.

Eu venho aqui no Orlando deve ter uns 32 anos mais ou menos. Todo mundo falava que quando eu tava no Orlando eu tinha saído para quintal. né. eu tava no quintal de casa porque quando não tava em casa eu tava aqui. Meus pais vinham, eu vinha com eles pequena, continuei vindo com muita frequência. Minha filha vem comigo, então somos três gerações, assim, Orlandenses. As vezes minha bateria acabava minha mãe precisava falar comigo ela ligava no orelhão, aí, às vezes, o Orlando chegava na porta o Bar lotado, chegava na porta e gritava: “O Mariana sua mãe tá te chamando aqui no telefone”. (A Macaco, 2019)

Ao falarem sobre a urbanização das cidades e a inserção dos bares nesse cenário, Rocha (2007) e Chacham (1994) trazem dois aspectos importantes sobre os bares. Na década de 20, os bares do centro de Belo Horizonte eram lugares que figuras ilustres frequentavam para discutir sobre política e literatura, Chacham (1994) fala sobre os cafês serem considerados lugares importantes na Europa, para exercício da sociabilidade, conectando o trabalho à residência das pessoas. No entanto, Rocha (2007) afirma que os bares mineiros podem ser entendidos como lugares da tradição, principalmente, por serem uma extensão da casa das pessoas.

Lembremos que os bares da periferia, principalmente, no bairro Santa Tereza, eram lugares mais parecidos com vendas, que comercializavam itens, como de pesca no caso do Bar dos Pescadores, e também eram um ponto de encontro importante para a camada

trabalhadora. Nesse sentido de controvérsias, em uma das falas, Mariana diz que o bar era um local mais parecido com uma mercearia e que os clientes eram “senhorzinhos”:

eu sinto orgulho sim de ver fazendo 100 anos porque eu lembro quando era pequena assim era mais parecido com uma mercearia que tinha mais aqueles senhorzinhos assim do bairro vindo e tal e foi crescendo foi crescendo assim tomou essa proporção que é hoje né para mim o melhor bar de Belo Horizonte. (A Macaco, 2019)

A modernidade vivenciada na cidade de Belo Horizonte é muito difusa, principalmente, quando olhamos para a discussão sobre a modernidade na América Latina, discutida por Quijano (2005). O processo de modernidade no Brasil encontra uma realidade diferente da Europa, não há como supor que aconteceria da mesma forma. A existência dos bairros, segundo Appadurai (2004), tem a função de reproduzir cidadãos nacionais, mas pode se ver atravessado pelas subjetividades locais. É exatamente o que vemos acontecer nos bairros periféricos de Belo Horizonte, eles possuem seu próprio contexto de alteridade, que são dificilmente controlados.

Existe um atravessamento sobre as relações que acontecem no bar, a própria fala de Mariana caminha de um espaço familiar e de uma vizinhança que se conhece, o que poderia ser caracterizado pelo bar que tinha senhorzinhos, para um lugar que cresce e toma uma outra proporção no cenário de Belo Horizonte. Uma cidade que tenta se firmar como turística pelos bares e coloca lugares, como o Bar do Orlando, para ser um espaço dos turistas, promovendo uma intensa circulação de pessoas. Essa intensa circulação provoca, de certa forma, uma impessoalidade para o lugar, que já não é um lugar de conhecidos, um bairro interiorano.

Nesse sentido, compreendemos como se dão os espaços de disputas da memória coletiva e como é um lugar de agenciamentos. Como discutimos em Pollak (1992), a construção de uma memória oficial não está isenta de mudanças e negociações, por estar num campo da aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade. Memórias como as que estão sendo buscadas pelo Bar do Orlando estão em um terreno de controvérsias, na medida em que um produto de memória importante, como o documentário, é construído a partir de apagamentos. O bar é da pessoa do Orlando, mas ele utiliza-se dos 100 anos de história, que antecedem sua gestão, para reafirmar a importância do lugar.

No entanto, Orlando não recupera os 50 anos em que o bar se chamava Bar dos Pescadores, nós não temos acesso às memórias que falam sobre outros sujeitos, outros atores sociais que em grupo ali se reuniam, figuras que foram apagadas com o tempo natural da vida, mas que também não tiveram registro suficientes nas memórias agenciadas sobre o lugar. A

imagem predominante do bar não está atrelada ao discurso do centenário, pois as entrevistas do documentário estão, predominantemente, atreladas às experiências vividas pelos clientes. As memórias sobre o estabelecimento, como o Bar do Orlando era e o que foi antes de ser Orlando, ficam em segundo plano. É um produto centenário sem o elemento que o faz ser entendido como centenário.

5.2.3 Eixo Avaliativo: Fotografias e vídeo

Para análise das imagens do documentário, realizamos uma descrição de cada *frame* que foi utilizado no momento das entrevistas. Por este motivo, levantamos 95 *frames* totais, que são de gravações realizadas no bar pela produtora, tanto no interior quanto no exterior (calçada e praça que fica em frente ao estabelecimento). Basicamente, são apresentadas imagens dos entrevistados, do bar e da festa em comemoração ao centenário.

Com o objetivo de aprofundar nossa análise em relação às gravações do documentário, desenvolvemos categorias que segmentassem o conteúdo dessas imagens. Na primeira etapa produzimos uma descrição de todos os elementos que estavam nas imagens e, a partir de uma análise geral desse conteúdo, desenvolvemos as categorias. Elas foram pensadas para os dois objetos: o livro e o documentário e, por este motivo, algumas categorias do Bar do Orlando estão com resultado zerado.

Tabela 6 - Pergunta nº2 - Eixo 3 - Bar do Orlando

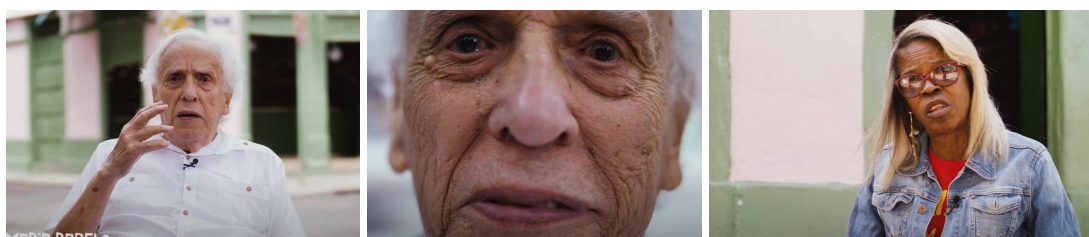
CÓDIGO	CATEGORIA	QUANTIDADE	%
1	Clientes	54	57%
7	Proprietários	16	17%
3	Especialista	9	9%
6	Imagens do bar	7	7%
4	Família	5	5%
2	Comida	4	4%
8	Trabalhadores	0	0%
5	Imagens da cidade	0	0%
TOTAL:		95	100%

Fonte: elaborada pela autora

Elencamos qual categoria de imagens apareceu mais nos relatos e constatamos que foi “clientes” (57% do corpus total). A categoria possui um percentual relevante, por conta do trecho da entrevista de Orlando Junior em que são utilizadas diversas imagens de clientes do bar e das filmagens da festividade que o foco está na quantidade de pessoas que estão lá. A segunda categoria que mais aparece é “proprietários” (17% do corpus total), composta por imagens de Orlando Silva e Orlando Júnior, seguida pela categoria “especialista” (9% do corpus total).

Na gravação das entrevistas, a produtora posicionou os participantes em uma cadeira de plástico, exibindo apenas a parte superior do corpo, na maioria das cenas. A gravação foi feita em diferentes espaços da área externa, que enquadra ao fundo a fachada verde e rosa do bar. José Maria e Mariana Guardão estão na praça e conseguimos observar toda a fachada do estabelecimento, os outros entrevistados estão na calçada. Todos olham diretamente para a câmera ao falarem e, em alguns momentos, a câmera dá zoom no rosto, mostrando o sorriso e os olhos dos entrevistados.

Figura 11 - Cenas das entrevistas de José Maria e Nanci Alves



Fonte: Reprodução/Youtube

É uma estratégia importante para a composição do documentário, como falamos, as memórias são construídas no presente e a sua principal substância é o passado. A presença dos corpos nessa produção representa aquilo que Martins (2002) define como performance do corpo acerca da memória “os sujeitos e suas formas artísticas que daí emergem são tecidos de memória, escrevem história” (Martins, 2002, p. 89). A memória acontece pelo gesto, pelos corpos que encenam no espaço, e a performance corporal dos entrevistados no presente revela o passado, principalmente, pelos olhos e pelo sorriso.

Os dados da nossa tabela dão validade à percepção sobre a importância do elemento “corpo” na cena. A encenação é uma forma de utilizar o corpo para reconstruir elementos importantes sobre o bar. O documentário se inicia com Orlando abrindo as portas do bar e, logo depois, olhando para a câmera. E encerra também com ele, olhando diretamente para

câmera e sorrindo.

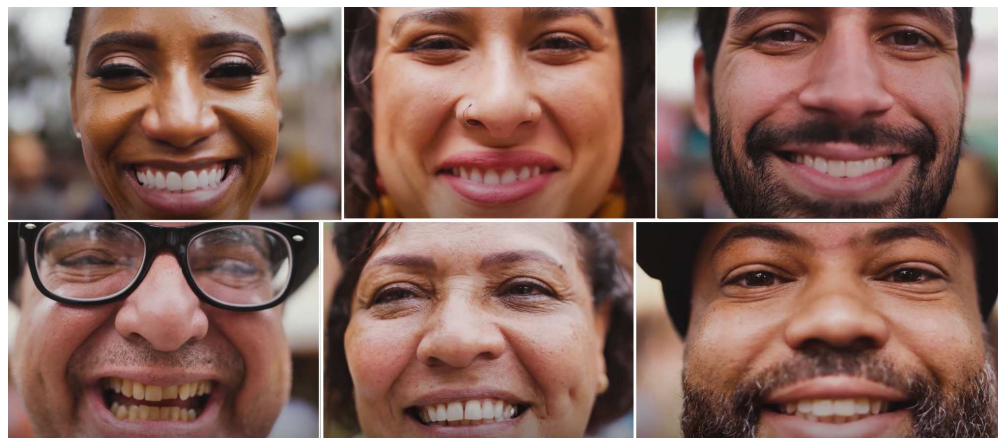
Figura 12 - Cenas de Orlando Silva performando



Fonte: Reprodução/Youtube

Os corpos são sempre o elemento principal das cenas, a performance deles é o que prevalece na produção audiovisual. Os outros elementos apenas compõem uma narrativa sobre esses corpos que circulam e experienciam o espaço. Isso se expressa, principalmente, quando são exibidos diversos rostos de outros clientes do bar, enquanto Orlando Júnior fala sobre os tipos de pessoas que passam pelo Bar “é agradecer a todo tipo de cliente que já passou, do pedreiro ao diretor de empresa, do peão ao engenheiro” (A Macaco, 2019).

Figura 13 - Cenas de diversos clientes do bar



Fonte: Reprodução/Youtube

A exibição desses rostos também busca enfatizar a diversidade de clientes que frequentam o local, constituindo um o bar como um local para todos, não importando sua ocupação social. Ao pensarmos no cenário do Santa Tereza, essa afirmação está muito próxima da realidade atual, pois o bairro é conhecido com uma região de bares diversos, que atrai também muitos turistas. Um exemplo é o restaurante Biroasca¹³, com cardápio de

¹³Disponível em: <https://bhaz.com.br/guia-bhaz/gastronomia/conheca-historia-birosca/>. Acesso em 20 Dez. 2023

gastronomia francesa refinada, que está muito próximo do Bar do Orlando.

Os ambientes são esteticamente diferentes, pois o Bar do Orlando conservou suas diversas prateleiras com produtos variados de mercado, que atendiam a camada popular que circulava pela Parada do Cardoso, conforme mencionado por Ticle (2016). O Birosca buscou uma decoração que correspondesse à imagem de um restaurante de alto padrão. O que compreendemos é que o Bar do Orlando quer manter uma imagem democrática, um lugar simples que tem como maior propósito a experiência da convivência.

Em algumas entrevistas, enquanto o entrevistado fala, são colocadas imagens da festividade realizada em comemoração ao centenário, dos pratos que o bar oferece e Orlando Silva e Orlando Júnior fazem mais algumas encenações para câmera, realizando atividades habituais como colocar bebida no copo, abrir o freezer ou abrir as portas do bar.

Figura 14 - Cenas dos proprietários encenando, da festividade e do prato trio da roça



Fonte: Reprodução/Youtube

A comida do bar do Orlando é um elemento visual muito importante, pois remete às comidas de boteco, que são consideradas parte da tradição da cidade. Elas são impulsionadas nas campanhas turísticas, a partir da década de 90, quando a Belotur investe em concursos gastronômicos como Comida di Buteco. Enfatizamos que, apesar do concurso ser nacional, foi em Belo Horizonte que ele nasceu¹⁴.

No entanto, existe um elemento da culinária do Bar do Orlando que se perdeu com as mudanças na cidade: o peixe frito. Orlando conta que na época, que compreendemos ser na gestão de José Inácio, os peixes pescados no Rio Arrudas eram fritos no bar. Com a mudança no rio e o fim da atividade de pesca, esse prato também deixou de compor o cardápio do bar.

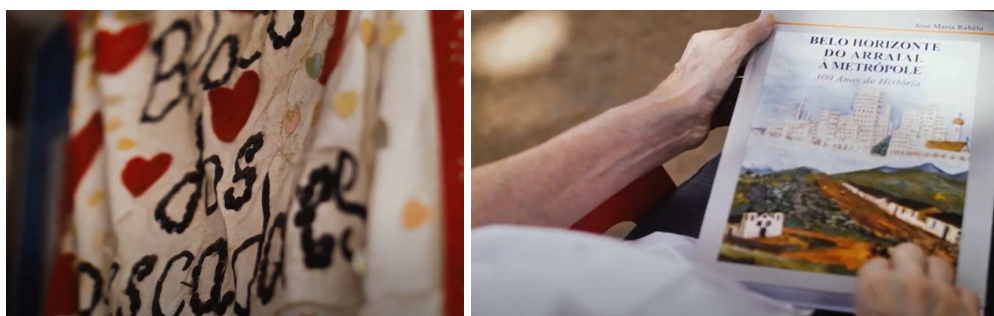
As mudanças do plano diretor da cidade e as dificuldades advindas da expansão desordenada acabaram com a atividade pesqueira, porque rios e córregos, como o rio Arrudas, foram cobertos pelo asfalto com o objetivo de alargar a pista e melhorar o trânsito. Segundo

¹⁴ Disponível em: <https://comidadibuteco.com.br/o-comida-di-buteco/>. Acesso em 20 Jul. 2023

uma matéria do Jornal O Tempo, publicada em 2016¹⁵, “Belo Horizonte vinha de inaugurar a primeira fase do Boulevard Arrudas, nome cínico para se cobrir o rio com pistas para carros” (O Tempo, 2016). Os projetos de modernidade da cidade afetaram diretamente lugares como o Santa Tereza e os comércios da região.

Os únicos elementos visuais que identificamos como algo que remete ao passado, além da própria fachada, são o livro de José Maria e a bandeira com os dizeres “Bloco dos Pescadores”. A produção também não utiliza fotografias e gravações antigas, são todas imagens gravadas especificamente para o documentário. O livro compõe a imagem de especialista de José Maria, aquele que comprova a história do bar e a bandeira ilustra o clube de pescadores, mas é curioso na bandeira constar como “bloco” e isso não ser explicado, ficamos com a dúvida se na época do Bar dos Pescadores o bar tinha um bloco de carnaval.

Figura 15 - Bandeira de pano escrito “Bar dos Pescadores”



Fonte: Reprodução/Youtube

Existe um esquecimento das memórias de José Inácio e o Bar dos Pescadores, apenas sabemos que o bar era um clube de pescadores, devido à sua localização ser às margens do Rio Arrudas. A participação de José Maria é muito breve, apesar de ser apresentada antes mesmo do atual proprietário, e é encerrada logo após confirmar que o bar de fato é antigo.

O prédio está sempre presente ao fundo das entrevistas do documentário, principalmente, sua fachada verde e rosa, que reafirmamos não ser um elemento centenário e, sim, um gosto pessoal de Orlando Silva. Por este motivo, compreendemos que apenas a arquitetura é algo que remonta a antiguidade do bar e não as memórias das pessoas que ali circulavam. Em uma matéria publicada pela revista Veja em 2019, descobrimos que o prédio

¹⁵ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/roberto-andres/nadar-e-pescar-no-arrudas-1.1349013>. Acesso em 20 Nov. 2023.

que abriga o bar é tombado pelo patrimônio histórico¹⁶. Essa importância arquitetônica também faz parte de uma política de resgate da tradição de Belo Horizonte, como explorado por Vilela (2006), ao falar sobre as políticas da cidade na década de 90 para recuperação do patrimônio cultural e arquitetônico.

Por sua importância arquitetônica e cultural em Belo Horizonte, o bar ganhou uma escultura pelas mãos do artista Wladimir Pierre, conforme matéria do Jornal O Tempo¹⁷, publicada em 2023. O artista quis homenagear um dos lugares mais icônicos da cidade.

Figura 16 - Escultura Bar do Orlando, por Wladimir



Fonte: O Tempo (2023)

À exceção desse elemento, O Bar do Orlando, por meio do documentário, expressa uma intenção de tornar memoráveis as relações vividas no bar por meio do presente, e não na ausência de uma vivência. Nanda, nos minutos finais do documentário, fala que “a gente se sente cativado aqui, isso me faz voltar sempre na real é isso né” (A Macaco, 2019). Os relatos dos frequentadores sempre apontam para a continuidade de uma ação, o ato de viver a experiência no bar se projeta para o futuro, uma vontade de ali permanecer e construir vivências.

Em determinado momento, Orlando Júnior pendura na parede interna do bar um quadro com uma ilustração comemorativa de 100 anos, esta ação parece indicar uma intencionalidade de eternizar a comemoração fisicamente. Novamente vemos um agenciamento das memórias do presente que vão constituir o centenário do bar, o enfoque não

¹⁶ Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/gastronomia/comer-beber-belo-horizonte-2019-bar-do-orlando-vence-como-melhor-bote-co>. Acesso em 10 Out. 2023.

¹⁷ Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/entretenimento/mais-antigo-de-bh-bar-do-orlando-ganha-escultura-de-wladimir-pierre-1.2856236>. Acesso em 10 Dez. 2023

é de fato nos 100 anos que se passaram, mas sim na comemoração que está focada no futuro do bar, nos próximos 100 ou 200 anos de existência.

Figura 17 - Orlando Júnior pendura quadro



Fonte: A Macaco (2019)

Essa intencionalidade é expressa pela quantidade de imagens que remetem ao presente do bar, das pessoas que ali frequentam assiduamente. Isso também acontece nas falas dos proprietários, enquanto Orlando Silva e Orlando Júnior revelam o desejo do bar existir por muitos anos, a câmera foca lateralmente captando seus olhos, que parecem olhar para o futuro.

Figura 18 - Cena focando em Orlando Júnior e Orlando Silva



Fonte: Reprodução/Youtube

Uma das últimas imagens que aparecem no documentário é da família de Orlando, em frente ao bar e olhando para câmera, como se estivessem posando para um retrato de família.

Figura 19 - Cena da família de Orlando posando para a câmera



Fonte: Reprodução/Youtube

Compreendemos que essa cena faz parte de uma composição visual que expressa os valores modernos da família. Para uma estratégia do documentário, o quadro da família visa enfatizar que as memórias do bar estão vinculadas à família de Orlando, os 60 anos antes disso não possuem uma representação significativa para construir uma memória oficial sobre o Bar do Orlando. Novamente, o esquecimento é uma ferramenta que enaltece outros elementos, nesse caso, o esquecimento é da figura de José Inácio, o fundador do bar.

Todos que estão na foto contribuíram ou contribuem para o bar, isso demonstra, também, a importância das relações na constituição da empresa familiar do Bar do Orlando. Porém, mesmo com a grande ênfase na constituição familiar de Orlando, o documentário fica muito vinculado aos clientes, quando respondemos à pergunta do que aparece mais. Conforme dialogamos no Eixo 1, isso se deve à estratégia comercial do bar de criar um ambiente interessante para quem assistir o documentário, despertar o interesse pelo ambiente que o Bar do Orlando proporciona, mostrar a família e apresentar os clientes como parte dela.

Como o documentário não segue uma sequência de entrevistas completas, as falas e imagens ficam fragmentadas, formando uma teia de falas e imagens. Nem sempre as falas estão acompanhadas das gravações dos entrevistados, sendo que algumas falas contêm diversos *frames* dos espaços do bar, da comida e de outros rostos. A estratégia comercial das filmagens é ilustrar as narrativas dos entrevistados, construindo essa imagem do bar de forma comercial.

5.2.4 Eixo Avaliativo: traços de tradição, mineiridade e modernidade

São os pequenos detalhes captados no documentário Bar do Orlando - 100 anos

[2019], que nos ajudam a construir uma análise crítica sobre os traços de tradição, mineiridade e modernidade que são identificados nas narrativas memorialísticas.

Antes de discutirmos o bar, precisamos olhar com atenção para o bairro Santa Tereza. Um bairro boêmio que, como mencionamos, abriga uma extensa quantidade de bares. Além disso, o bairro também é palco de diversos movimentos musicais, blocos de carnaval e atrai muitos olhares para sua gastronomia. Antes de ser palco cultural, o bairro era destino de imigrantes italianos e alemães e enfrentou anos de infraestrutura precária e projetos que buscavam mudar a configuração do trânsito no bairro, tornando-o um lugar de passagem para outras regiões (Baggio, 2005).

As lógicas modernizantes de Belo Horizonte precisaram incluir o Santa Tereza, depois de décadas de exclusão. Essas lógicas foram acontecendo a partir do plano diretor da cidade, que buscou verticalizar para fins comerciais e residenciais, que asfaltou rios ou mudou rotas para o intenso fluxo de veículos. No entanto, encontraram grande resistência dos moradores, diversos eram os movimentos que nasciam no Santa Tereza, como o Salve Santa Tereza discutido por Baggio (2005).

Os traços de tradição, mineiridade e modernidade ficam claros quando buscamos compreender os processos de resistência frente a essas mudanças e os projetos da administração da cidade. No entanto, quando nos voltamos para o documentário Bar do Orlando - 100 anos [2019], são poucos os elementos que nos indicam essas questões acerca do bairro e da própria constituição da cidade.

Ao retomar a fala de Nanda sobre o ambiente interiorano, podemos compreender que a resistência é uma característica do que é ser mineiro, ela compõe a mineiridade. Esse modo de ilustrar indiretamente o Santa Tereza está ligado ao imaginário do bairro: o ambiente familiar, sem fluxo intenso de carros e casas ao invés de prédios. Remete à uma Belo Horizonte longe das lógicas modernizantes. O hábito de frequentar os bares, com esse nível de proximidade apresentado com os clientes, também está de acordo pelo que compreendemos da mineiridade vivenciada na cidade.

Figura 20 - Nanda olha para o prédio ao falar sobre a arquitetura

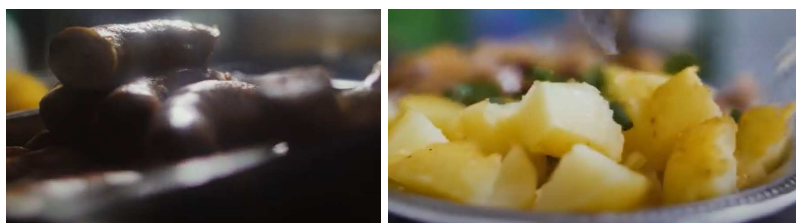


Fonte: Reprodução/Youtube

O “O Santa Tereza aqui para mim aqui no Bar do Orlando é um lugar que me sinto em casa” relatado por Nanci representa a mineiridade e tradição que acompanham os modos de experimentar esses lugares, tendo como ponto central a sociabilidade, que remete às esquinas da cidade e movimentos culturais como Clube de Esquina, como discutido por Rocha (2007), ao falar da retomada da tradição pela cidade. A cultura musical no bairro tem um grande destaque, seja pelo Clube da Esquina ou pelo carnaval, tanto que é o samba que compõe a trilha sonora do documentário.

A comida do boteco também é um elemento que compõe o que Morais (2004) chama de mineiridade. O Bar do Orlando conjuga diversos elementos que remetem à tradição mineira e, conseqüentemente, ao que compreendemos por mineiridade. Assim como o caldo de mocotó do Nonô, os pratos desenvolvidos por Madalena representam as raízes das comidas mineiras e do imaginário sobre comer nos bares.

Figura 21 - Linguíça e o Trio da roça



Fonte: Reprodução/Youtube

No entanto, apesar de tantos elementos que remetem à tradição e mineiridade e, conseqüentemente, uma ideia de resistência, o documentário promove o apagamento de um período muito importante na história do bar e do bairro: o Bar dos Pescadores. O bar que fazia

parte daquilo que Carlos Drummond nomeava como provinciano, os hábitos e costumes dos moradores periféricos estava longe do que era idealizado para a nova capital. A antiguidade do prédio, que atravessa décadas e se preserva, está deslocada das vivências coletivas que o fizeram resistir por 60 anos.

Apesar de o Santa Tereza buscar resistir às mudanças da cidade cidade, ele acaba entrando nos diversos projetos de modernidade por ela impostos. É uma modernidade, como mencionamos, difusa e confusa porque está misturada aos vários elementos de resistência da cidade, dos moradores. Uma cidade que derruba lugares como o Bar do Ponto, para abrir espaço ao moderno, mas que também resgata lugares como o Bar do Orlando para promover uma cidade da tradição mineira, uma cidade que conserva seu passado para construir um futuro.

Os traços de tradição que identificamos nas entrevistas estão majoritariamente relacionados à relação dos clientes com o Bar do Orlando, quando enfatizam que o bar é uma extensão de suas casas, um ambiente familiar, é uma família. Como mencionado por Rocha (2007) a ideia do boteco como uma extensão da casa dos frequentadores remete ao resgate das tradições mineiras, do comportamento em relação ao bar, assim como a menção de ambiente interiorano e da arquitetura do prédio feito por Nanda.

Já as relações familiares, de Orlando, Madalena e Orlando Júnior, compõem um quadro da família moderna, mas que também revelam a figura do pai como o centro da família, quem toma as decisões. Nessas relações de gênero que são percebidas compreendemos que a discussão sobre família e a figura central do homem é algo anterior ao advento do capitalismo, como discutido por Narvaz e Koller (2006), mas que se pendura na modernidade. A demarcação dos papéis desempenhados pelos membros da família é aquilo que compreendemos como algo moderno, mas que a figura masculina está em lógicas anteriores.

Apesar de realizarmos tantos apontamentos acerca do documentário, notamos que o Bar do Orlando e a Produtora A Macaco não estão preocupados em retomar as memórias de fundação do bar, os discursos implícitos de tradição e mineiridade parecem apenas compor um imaginário sobre os botecos da cidade de Belo Horizonte, reforçados por concursos como Comida di Buteco e ações da Belotur que buscam uma promoção turística. O Bar do Orlando agencia suas memórias de modo a compor um cenário comercialmente atrativo da cidade.

O bar que se coloca como um lugar da tradição, mas que hoje compõe um espaço que não é mais dos “senhorzinhos”, um público que não são mais os pescadores do Rio Arrudas,

mas uma diversidade de pessoas que saem de outros bairros, outros lugares, e encontram no bar um lugar para socializar. O bar se reinventa junto à cidade, com o passar das décadas, apesar de não ter mudado sua arquitetura, ele acompanha as lógicas turísticas de uma Belo Horizonte que agora defende os movimentos populares como um aspecto positivo da cidade. A periferia de lugares como Santa Tereza não é mais indesejada, agora ela é uma imagem valiosa da capital mineira.

O que ele foi no passado já não mais interessa, o que importa é ser um lugar atrativo para os clientes, em que eles podem sentir que serão acolhidos. O Bar do Orlando compõe o que o Santa Tereza representa para a cidade: o lugar da boemia, não é um lugar de passagem e sim de chegada, como discutido por Baggio (2005), ao falar sobre as experiências de Lô Borges com o bairro.

5.3 Análise comparativa do documentário e do livro

As análises realizadas dos dois produtos de memória, o livro do Bar do Nonô e o documentário do Bar do Orlando não deixam dúvidas quanto às diferenças de objetivo. Enquanto A Macaco faz um produto voltado para a comemoração do centenário do bar, o Bar do Nonô aproveita o cinquentenário para contar a história por detrás do bar, na figura do ilustre Nonô Corrêa. Essas diferenças não significam que um produto é melhor do que o outro, muito pelo contrário, ambos os materiais são bem sucedidos naquilo que se propõem.

Enfatizamos que a editora do livro, Escritório de Histórias, possui um catálogo de publicações voltadas para a memória empresarial. Segundo informações do site oficial da editora¹⁸, eles trabalham com esse segmento há 22 anos. A produtora A Macaco é uma indústria criativa, que trabalha com entretenimento na cidade de Belo Horizonte, o evento realizado no Bar do Orlando foi organizado por ela, ou seja, o documentário é parte desse projeto.

O que buscamos nesses materiais foi identificar como esses bares acionam as suas memórias e o que isso revela sobre seus interesses estratégicos. A partir disso, conseguimos revelar aspectos dos projetos de modernidade da cidade de Belo Horizonte, porque os bares fazem parte de um contexto de mudanças na cidade. O Bar do Orlando está em um bairro que era extremamente excluído nas primeiras décadas da capital, enquanto o Bar do Nonô está em uma região que perdeu grande parte de seu status nas últimas décadas.

Conforme explorado por Baggio (2005), em sua pesquisa sobre a cidade de Belo

¹⁸ Disponível em: <https://www.escriitoriodehistorias.com.br/a-empresa>. Acesso em 20 Jun. 2023.

Horizonte, as regiões suburbanas da cidade, apesar da condição excludente formaram uma sociabilidade própria, geograficamente exteriorizada, o que incide no surgimento de lugares como o Bar do Orlando e o Bar do Nonô. É o processo discutido por Appadurai (2004) ao falar da subversão da lógica dos bairros, que eram projetados para reproduzir cidadãos nacionais. As subjetividades da periferia acabam atravessando, também, a cidade oficial.

A emergência desses cidadãos nos espaços elitizados acontece em um momento de mudanças significativas da região central e suburbana, pois outras regiões vão ganhando visibilidade e o centro acaba perdendo aos poucos seu prestígio e exclusividade. O padrão mundial de poder da modernidade eurocêntrica, criticado por Quijano (2005), é o que a Comissão Construtora tentou inserir na nova capital, mas que acabou escapando porque não foi possível conter a camada trabalhadora da cidade e nem a elite mineira, que estavam em um contexto diferente da realidade europeia. Essa situação acabou se perpetuando em diversos momentos de mudanças da cidade, formando o que entendemos como modernidade difusa.

Esse acontecimento de uma modernidade confusa acaba emergindo nos relatos de memórias dos produtos, porque eles pertencem a essas camadas populares que buscam adentrar nas narrativas oficiais sobre a cidade. Os indivíduos dessas camadas populares fazem o processo de preencherem suas lacunas da imagem mental com a memória do coletivo, como é explicado por Halbwachs (1990), é nesse momento que emergem as memórias coletivas sobre os bairros em que esses sujeitos vivem, sobre o imaginário do centro onde tudo acontecia. Os valores da modernidade, como família e trabalho, também estão ali, presentes nas memórias que vão se tensionando.

As lembranças sobre os caminhos percorridos por Nonô Corrêia e Orlando Silva são fundamentais para pensarmos como as memórias coletivas são agenciadas e que a busca por uma memória oficial está permeada por tensões e conflitos de interesse, como discutido por Nora (1993) e Pollak (1992). Nessa arena de disputas existe um jogo de esquecer e lembrar, como dito por Bruck, Vargas e Moreira “se memória é presença de uma ausência, o esquecimento resulta da negação e anulação simbólica do referente” (Bruck, Vargas e Moreira, 2020, p. 71). Identificamos o que as escolhas dos recortes de memória utilizadas revelam e como eles expressam elementos sobre a mineridade, tradição e modernidade da cidade de Belo Horizonte.

A diferença fundamental entre os dois produtos, a partir da nossa análise, está na maneira como os lugares são apresentados. O Bar do Nonô nasce de uma oportunidade de atender os trabalhadores da Mannesmann e se desloca para o centro da cidade para atender os

trabalhadores das empresas instaladas na região. O Bar do Orlando nasce pelas mãos do José Inácio, que estava em uma região de atividade de pesca por conta do Rio Arrudas, e passa para a família do Orlando, que em determinado momento, passa a compor o cenário boêmio e carnavalesco do Santa Tereza.

Existe uma relação de classes distintas nos dois bares, o Bar do Nonô é um lugar de passagem enquanto o Bar do Orlando é um lugar para chegar e ficar. Os ambientes proporcionam essas vivências diferentes. Os materiais de memória possuem um esforço comunicacional que reforça essas características, é nítido que o Bar do Orlando constrói uma narrativa que o faz ser parte desse projeto turístico da cidade de Belo Horizonte. Apesar do Bar do Nonô se inserir no contexto da cidade, ele mantém as mesmas lógicas, um bar que atende um público da região central.

Percebemos que os funcionários não são um recurso utilizado, significativamente, pelos bares. Mesmo que o Bar do Nonô tenha entrevistado o Padre Silvio Borges e o Antônio Tomaz Neto, eles representam 9% em relação ao quadro atual de funcionários do bar. Isso também aponta as relações de trabalho, sob o aspecto da modernidade, onde a figura do funcionário não tem expressiva representatividade, ele é antes um número do que efetivamente uma pessoa que também constitui a história do estabelecimento.

Oliven (2001) fala sobre o Brasil, mesmo na modernidade, não valorizar o trabalho e isso ter como fonte a escravidão “abolição da escravatura e da introdução do emprego assalariado em fábricas, o trabalho nunca foi valorizado, porque a ordem social continuou sendo extremamente excludente” (Oliven, 2001, p. 11). Mesmo que o livro mencione a qualidade de trabalho dos funcionários pelos relatos dos clientes, eles não entram de fato na narrativa memorialista, isso é um apagamento de uma memória importante sobre o bar, porque o trabalho desses funcionários contribui para uma satisfação direta dos clientes. O documentário do Orlando também entra nessa lógica de apagamento porque não conseguimos saber quantos funcionários estão lá e quem são eles.

A exclusão por uma questão ligada à escravidão foi um tema muito abordado por Silva (2021), ao falar sobre como Cural Del Rey foi derrubada pelas lógicas violentas da escravidão. Os silenciamentos da cultura do arraial e exclusão sistemática possuem a mesma lógica das cidades não planejadas. Um projeto de modernidade que nunca buscou de fato a igualdade ou a liberdade. A reflexão de Quijano (2005) define bem a realidade de lugares como Belo Horizonte, a escravidão serviu aos propósitos do capitalismo.

Então, apesar da história de Orlando e Nonô estar alocada no contexto das camadas

trabalhadoras populares, existe a manutenção de uma lógica excludente e de impessoalidade em torno dos funcionários desses bares. Uma lógica que faz parte, também, da cidade de Belo Horizonte, que sempre buscou a exclusão da camada trabalhadora das regiões privilegiadas da cidade. É uma controvérsia em torno da construção da memória oficial desses bares.

O papel da família é fundamental para a construção da narrativa dos dois produtos, a partir da análise dela é possível identificar as relações patriarcais, o papel que os filhos ocupam nas famílias modernas e também os papéis de cada gênero. Quando Pinheiro (2003) discute sobre o foco da família moderna ser os filhos estudarem para em um futuro recompensar seus pais, identificamos famílias como as de Nonô, em um contexto de pobreza, não podem seguir esse modelo, os filhos precisam trabalhar desde muito novos.

Nas relações de gênero, Alaydes e Madalena estão em um mesmo contexto, ambas as mulheres cuidam de seus filhos, assumem as responsabilidades do lar, mas também trabalham na cozinha do bar. Esse trabalho na cozinha do bar é percebido como uma extensão da cozinha da casa delas, principalmente, para Alaydes que, por muito tempo, preparou os pratos do bar em sua casa. Nós não sabemos se elas recebiam remuneração pelo trabalho, mas as percepções diante de suas falas indicam que o trabalho não era visto como uma atividade formal. Essa percepção vai ao encontro das discussões de Rossini (1998), sobre a mulher ter começado a trabalhar, mas a sua força de trabalho não tem o mesmo valor e se acumula com todas as outras atividades advindas do casamento.

Um outro aspecto desse valor de modernidade acerca do gênero é a tomada de decisões na família, tanto Orlando quanto Nonô são postos com as figuras de comando na relação. No caso de Nonô isso fica mais evidente, principalmente, quando ele toma decisões importantes relacionadas aos negócios e a residência da família sem consultar Alaydes. As mudanças para o Boa Vista, São Geraldo, Abadia, Sagrada Família e Barreiro foram todas realizadas por decisão do patriarca, Alaydes apenas o acompanhou junto aos filhos.

Esses deslocamentos da família Corrêa também revelam sobre o projeto de modernização da cidade e as consequências disso para as camadas mais pobres. Apesar de sabermos que o contexto do Santa Tereza também era de exclusão, o documentário não nos revela muitas informações, mas o livro faz uma verdadeira trajetória da vida dos Corrêa, mas também da própria cidade. Belo Horizonte, sob a ótica do livro, enfrentava diversos problemas estruturais nos bairros periféricos, tanto de asfaltamento quanto de saneamento básico.

O movimento de sair com o comércio do Barreiro para o Centro da cidade é muito

significativo, Nonô e seu caldo de mocotó não cabiam dentro do contorno da cidade. No entanto, conforme Brant (2012 apud Abrantes, 2015) explora, a partir da década de 50 as barreiras da Avenida do Contorno vão se quebrando, as outras regiões da cidade começam a ganhar destaque e existe uma mudança na paisagem da região central. Apesar de ser uma região com grande importância, sujeitos periféricos passam a acessar com mais facilidade o centro da cidade, que após um tempo passa a entrar em um contexto de perda de prestígio.

No Santa Tereza ocorre o movimento inverso, com as quebras dessas barreiras, o bairro passa a ser visto como um lugar comercializável pela cidade, principalmente, após a criação da Belotur. O Santê, apelido carinhoso dado pelos moradores, não é mais somente um bairro tranquilo para se morar, mas também um rota turística pautada na imagem boêmia. Ele fica em uma controvérsia muito grande, pois existe uma agenciamento dos moradores mais antigos, como os que aparecem no projeto Santa Tereza Tem¹⁹, de firmar uma memória de bairro interiorano, o que é mencionado por Nanda no documentário.

Importante ressaltar que, apesar da cliente Nanda fazer este comentário, entendemos ele como algo muito pontual, praticamente, nas entrelinhas. Isso se deve à intenção comunicacional do produto em entrar nas lógicas comerciais dos bares da capital, pelo foco evidente no presente e na experiência coletiva dos clientes, o documentário provoca esquecimentos acerca do contexto do bar e do bairro Santa Tereza. Oliveira (2017) ao falar sobre as disputas pelos públicos e pelas dinâmicas de poder, nos auxilia a entender que a lógica comercial da cidade tem uma grande influência sobre os agenciamentos feitos pelo Bar do Orlando.

A participação dos clientes nos produtos de memória é um ponto muito importante no reforço dessas características. Os clientes do Bar do Nonô relatam o bar como um lugar de passagem, um ponto que está no descolamento que eles fazem do trabalho para casa, ou da casa para o trabalho, é lá que eles encontram uma maneira de revigorar suas forças, seja pelo encontro ou pelo caldo de mocotó fervendo. Os clientes do Bar do Orlando vão para o bar, como se estivessem indo para o quintal de casa, lá eles fazem amizades, estabelecem relação próxima com o dono e sentem que o espaço como um ambiente familiar, eles são a extensão da família de Orlando.

Os aspectos da vida urbana e do trabalho, como valores de modernidade, podem ser localizados nesses relatos, mas também os aspectos de tradição, os comércios que são conhecidos pelos nomes dos seus proprietários, a personalidade como um ponto importante

¹⁹ Disponível em: <https://santaterezatem.com.br/categoria/historias-sante/>. Acesso em 10 Nov. 2023.

para identidade desses lugares. E nessa tradição, podemos relacionar elementos que constituem um imaginário sobre a mineiridade, um limite que é difícil de definir. O que é mineiridade e o que é tradição nos bares? E quando há um corte da tradição e mineiridade e entra a modernidade?

A tradição e mineiridade estão em uma linha tênue, pois muitos elementos de um imaginário sobre a mineiridade estão localizados naquilo que entendemos como tradição. Isso ocorre, também, porque a mineiridade, segundo Reis (2007), pode ser entendida como uma ideologia, que busca a preservação de um poder político ao se apropriar de características regionais. Essas características são resgatadas, a partir do momento que a gestão pública percebe que é necessário remodelar a imagem, na década de 90, seja preservando o patrimônio cultural e arquitetônico, como dito por Vilela (2006) ou pela comida, bares e música como dito por Rocha (2007) ao falar da bricolage mental.

O boteco pode representar o quintal de casa, pode receber o nome de alguém conhecido do bairro e ter grande representatividade por isso ou pode ser um lugar onde a comida relembra as raízes mineiras. Seja qual a característica de mineiridade que marca esses estabelecimentos, eles controversamente estão ali na urbanização da cidade, participando dos processos de mudança, na verticalização da cidade e, também, no alto fluxo de pessoas de outros lugares. É uma resistência que se torna objeto de interesse, na medida em que faz sentido para a sociedade, como dito por Morais (2004). Ela também ressurgiu porque existem forças que estão agenciando essas memórias sobre os bares na cidade.

Os produtos de memória nos revelam como a modernidade de Belo Horizonte é confusa, uma modernidade confusa, que o tempo todo é atravessada pela tradição e utiliza-se da mineiridade para objetivos muito bem delimitados. Uma cidade que por natureza é funcional, agora coloca um holofote nos botecos porque eles se tornam funcionais também. Se ao estudar a memória do Bar do Ponto, Chacham (1994) pontuou sobre uma vontade de extinguir os botecos que atrapalham a imagem da cidade na década de 30, agora existe uma motivação para que eles se expandam, porque fazem parte da cidade cenário.

No entanto, os limites de aceitação também são tênues e não podem ser entendidos como algo finalizado. Para uma cidade de tantos projetos, como de Aarão Reis ou Juscelino Kubitschek, a capital dos botecos pode encontrar novas formas e outros projetos para uma busca interminável de uma promessa de modernidade. E em tantas mudanças efervescentes, lugares como Bar do Orlando e Bar do Nonô vão entrando no jogo, de pertencerem a alguma narrativa, de saírem da periferia e adentrarem as narrativas oficiais da cidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Belo Horizonte, a capital dos botecos, mas também a capital que nasceu a partir de um projeto de modernidade, projetado pelas mãos de Aarão Reis. Uma cidade de múltiplas formas, que já foi dos modernistas como Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava. Também já foi a promessa de industrialização, pelas mãos de Juscelino Kubitschek. Enfrentou demolições, sempre em nome do novo horizonte, também coberto pelos arranhas-céus que foram se espalhando pelas esquinas da cidade.

Essas esquinas, porém, conheceram também os movimentos populares, a música e a vida boêmia de quem não aceitava viver nas beiradas da cidade oficial. O carnaval não podia ser vivido só pela elite, assim como os espaços projetados dentro da Avenida do Contorno. Uma cidade que com o passar dos anos conheceu a sociabilidade que escapava de ruas como a Rua da Bahia. No final das contas, as esquinas não projetadas também estavam repletas de memórias.

Nos bares desta capital planejada, não nos famosos como o Café Estrela ou o Bar do Ponto, mas em lugares como o Bar do Orlando e o Bar do Nonô podemos olhar para as nuances de uma capital muitas vezes hostil. São nesses lugares de gente provinciana, como dito tantas vezes por Carlos Drummond de Andrade, que podemos identificar diversos aspectos da modernidade projetada para Belo Horizonte.

O famoso poema “Explicação” com o verso “No elevador penso na roça, na roça penso no elevador” (Andrade, C., 2004) é o movimento que também buscamos em nosso trabalho, olhar para a modernidade, mas também para a tradição. Olhar para como a mineiridade atravessa esses discursos sobre os bairros e, conseqüentemente, sobre Belo Horizonte. Desse modo, podemos ser críticos não só com o passado, mas com os agenciamentos constantes que alteram o presente e se projetam para o futuro.

É um exercício constante de ir além do óbvio, de buscar nas entrelinhas reflexões profundas sobre os valores da modernidade expressos nos discursos sobre as relações de trabalho, a constituição da família, as relações de gênero e as tantas violências que as camadas mais pobres viveram em nome do progresso. Um progresso que nunca poderia ser tal como foi na Europa e, exatamente por esse motivo, se misturou tantas vezes com a vida dos habitantes das montanhas, daquilo que já acontecia nas serras mineiras.

Bares como o Bar do Nonô são fruto de deslocamentos dos sujeitos, que buscam melhorias de vida e enxergam que ocupar os lugares centrais da cidade é uma forma de entrar na oficialidade. Nonô, ao sair do Barreiro rumo à avenida da Amazonas, deixou bem clara sua

intenção de compor um cenário importante, de trabalhadores e empresas que faziam a Belo Horizonte da época acontecer, como identificamos nos relatos do livro de Camisasca e Neves (2014). É subverter a lógica modernizante da capital, criando seu próprio contexto espacial que não satisfaz os requisitos da cidade (Appadurai, 2004). O Bar do Nonô quando se desloca para o centro não se subverte à lógica lá imposta, é um bar relativamente simples que cumpre uma função específica para os trabalhadores que ali se alimentam.

Pedro Siqueira, tio de Orlando Silva, também viu uma oportunidade e disse para si mesmo “aqui mesmo que você vai seguir sua vida” (A Macaco, 2019). Mesmo com as constantes pressões do plano diretor da cidade, o bairro Santa Tereza encontrava nos seus moradores uma grande manifestação de resistência. Uma resistência que não é capaz de conter todas as mudanças, mas naquilo possível, luta por um lugar de sociabilidade e afetividade, longe da impessoalidade e fragmentação das relações.

A partir dessas reflexões iniciais nos questionamos: o Bar do Orlando e o Bar do Nonô estariam agenciando lugares de memória? É fato que ambos agenciam as memórias dos entrevistados para construção das materialidades, no entanto, o que entendemos que difere essas obras são a predominância de relatos de memórias individuais e coletivas vivas, é como se a parte histórica só criasse contornos, mas ainda assim os materiais não possuíssem uma absoluta divisão temporal.

O tio de Orlando, o próprio Orlando, a mulher de Nonô e os filhos participam ativamente da construção de narrativas sobre si mesmos e sobre os lugares que trabalham e administram. Eles trazem à tona lembranças, que em diversos momentos são endossadas por outros personagens. No entanto, também constroem esses materiais a partir de apagamentos, seja em relação aos funcionários dos estabelecimentos ou os 60 anos de história do Bar do Orlando, são escolhas que nos dizem muito sobre como as memórias são um campo de tensões, com o objetivo de construir uma memória oficial no cenário da cidade.

A busca por uma memória oficial, seja da cidade ou desses bares, estará sempre permeada por conflitos, tensões, esquecimentos e apagamentos. Como Pollak (1992) defende, existe um processo de organização da memória, que está sempre atrelada ao presente, são as intenções do presente que tensionam as lembranças do passado. Ainda mais que esses produtos não retêm todo conteúdo dos entrevistados.

No caso do Nonô temos uma situação agravante, a ausência do Patriarca. As memórias são sempre construídas em torno das lembranças que as pessoas próximas possuem do dono do bar, elas já passaram por diversos processos e, com isso, mudanças. Além desse processo

alterar, significativamente, as informações sobre ele, ainda acontecem os recortes por parte da editora. São os escritores que narram a partir do que escutam, esses processos também demonstram como as memórias podem ser configuradas e reconfiguradas.

Outro aspecto que influencia é a própria mudança de contexto desses bares, principalmente, para o Bar do Orlando. De pequenas mercearias se tornaram pontos turísticos, recebem uma grande quantidade de pessoas que vão vivenciar a cidade, isso também altera a percepção dos bares em relação a si próprios e as suas intenções quanto aos produtos de memória. Orlando Silva e Orlando Júnior projetam seu discurso sempre para o futuro, é lá que eles concentram suas memórias, o passado é uma ferramenta para se consolidar no cenário dos bares da cidade, um diferencial. No entanto, esse diferencial não é explorado, exatamente pelas intenções que são postas no documentário.

Nesse sentido, a mudança de nome do bar revela também o interesse de renovação do bar que agora é do Orlando, enquanto no Bar do Nonô, os filhos desejam perpetuar o nome do patriarca, principalmente, quando assumem seu apelido. Podemos observar que não são exploradas informações sobre os filhos que agora são os proprietários, porque a estratégia é sempre elevar a imagem do fundador do bar.

O revestimento simbólico estaria presente pela própria natureza desses bares e pelos lugares que ocupam na consciência desses grupos: o espaço que dá contornos e regula as lembranças destes indivíduos, enquanto grupos. São memórias enquanto os grupos conservam pontos de contato, não é história porque não foram agrupados, afunilados de modo a contar linearmente o que ocorreu e não são narrativas encerradas. Os espaços são fundamentais para o acionamento de lembranças, sem eles, não fariam sentido os produtos memorialísticos.

Eles permitem o revestimento de uma aura pelos sujeitos, é a partir desses lugares que as relações estabelecidas entre os sujeitos produzem sentimentos, sensações e vivências, ainda que necessitem de suportes pelo medo das essências dessas vivências se perderem, como descrito por Nora (1993) sobre a existência dos lugares de memória.

Por meio desses produtos de memória identificamos diversos elementos que fazem parte da história de Belo Horizonte, dos rastros de memórias que nos levam aos diversos aspectos de uma modernidade confusa, misturada com tantos elementos da tradição e da mineiridade. Assim como a capital, os bares também buscam se reinventar em uma cidade que nasceu com o propósito de demolir, como dito por Chacham “a característica principal da cidade é a eterna mudança e juventude: a cidade nunca deixa mostrar suas rugas” (Chacham, 1994, p. 17).

Os bares ocupam um destino funcional e, nesse sentido, passam por um processo de homogeneização dos discursos, para cumprir aquilo que Julião (1992 apud Chacham, 1994) nomeia como “cidade cenário”. Enfatizamos que os bares eram funcionais desde seu nascimento, nas periferias, para a população, mas não eram admitidos pela cidade que era apenas administrativa. Como discutido por Baggio (2005), a cidade considerava que as populações das regiões suburbanas não favoreceram o novo ambiente, projeto para a modernidade.

Estamos em um contexto de uma cidade que, pelo seu projeto de modernidade, por definição excluía e agora se tem um projeto de cidade que inclui. A entrada desses outros atores, como os bares, orientaram e reconfiguraram esse projeto de modernidade, que abraça o discurso da tradição para compor uma nova imagem da capital mineira.

Nonô Corrêa e Orlando Silva buscaram adentrar os limites da cidade de modos diferentes, mas ambos no mesmo objetivo de escrever a história do bar na memória oficial da cidade. A estratégia comunicacional desses produtos de memória é articular as memórias individuais e coletivas desses lugares, a fim de agenciar uma memória oficial, que utiliza-se, também, dos esquecimentos para construir uma narrativa.

7 REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula. **Quando o bar se torna estádio:** um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, 2015.
- ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades.** Revista da Faculdade de Letras - Geografia I, série, Vol. XIV, Porto, 1998, p. 77-97.
- ALVES, Rogério Othon Teixeira. **Belo Horizonte, a cidade modelar:** representações da nova capital das Minas Gerais. Caminhos da História: Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Unimontes-MG, v.25, n.2, 2020.
- A Macaco. **Bar do Orlando - 100 anos [2019].** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IR5OIZGFgIs>> Acesso em: 20 Dez. 2023
- AMORMINO, Luciana. **BH 120 anos:** temporalidades e memória em narrativas jornalísticas sobre o aniversário da cidade. In: XIX Encontro Anual da Compós, 2020, Campo Grande(MS). Anais do XIX Encontro Anual da Compós, p. 1-21, 2020.
- ANDRADE, C. D. de. **Alguma poesia.** Edição 6. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos modernistas:** representações ambivalentes da cidade moderna. Puc Minas C/Arte: Belo Horizonte, 208 p., 2004.
- ANDRADE, Cristiana. **Esvaziamento do centro de BH é relatado por comerciantes.** Belo Horizonte: O tempo, 2023. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/mais/esvaziamento-do-centro-de-bh-e-relatado-por-comerciantes-1.3096741>>. Acesso em 10 Jul 2023.
- ANDREONI, Renata. **Interface memória e comunicação:** da práxis ao ontológico: um (re) dimensionar da memória na comunicação a partir do contexto organizacional. PUCRS, Porto Alegre, 2018.
- APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização:** a modernidade sem peias. Lisboa: Teorema, 2004, p. 11-12.
- ARRAIS, Cristiano Alencar. **A construção de Belo Horizonte e o projeto de memória de Aarão Reis.** Diálogos: Maringá, vol. 14, núm. 3, 2010, pp. 579-603.
- ARRUDA, M. A. (1999) **Mitologia da Mineiridade:** o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense.
- BAGGIO, Ulysses da Cunha. **A luminosidade do lugar. Circunscrições intersticiais do uso de espaço em Belo Horizonte:** apropriação e territorialidade no bairro de Santa Tereza. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Tese de doutorado.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Casa de Ideias, 2016.

BELO HORIZONTE. Lei n.º 3237, de 11 de Ago. de 1980. **Define a política municipal de turismo; dispõe sobre áreas especiais e locais de interesse turístico; cria unidades e complexos turísticos; autoriza a instituição da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte - Belotur e dá outras providências.** Belo Horizonte: Câmara Municipal, 1980.

BELO HORIZONTE. Lei n.º 9714, de 24 de Jun. de 2009. **Declara o Município de Belo Horizonte Capital Mundial dos Botecos e dá outras providências.** Belo Horizonte: Câmara Municipal, 2009.

BELOTUR. **Empresa Municipal de Turismo.** Disponível em:
<<https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur>>. Acesso em: 20 Ago. 2023.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **Belo Horizonte entre palavras e formas: o que restou da modernidade?** In: DUTRA, Eliana de Freitas; BOSCHI, Caio. (Org.). Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2018, v. 1, p.21-40.

BRUCK, Mozahir Salomão; VARGAS, Herom; MOREIRA, Jeane. **Memória, poder e verdades: disputas de sentidos no acionamento do memorável no caso do Fundão.** São Paulo: Rumores, n. 29, vol. 15, 2021.

CAMISASCA, Marina; NEVES, Osias Ribeiro. **Nonô - O rei do caldo de mocotó.** Minas Gerais: Escritório de Histórias, 2014. 164 p.

CHACHAM, Vera. **A memória dos lugares em um tempo de demolições [manuscrito]: a Rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte das décadas de 30 e 40.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Sociologia. Belo Horizonte, 1994, 257f.

COMIDA di Buteco. **O Comida di Buteco.** Disponível em:
<<https://comidadibuteco.com.br/o-comida-di-buteco/>>. Acesso em 20 Jul. 2023.
DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral-memória, tempo, identidades.** Autêntica, 2017.

DIAS, F. C. **Mineiridade: construção e significado atual.** Ciência e Trópico Recife, v 13, nº 01, p. 73-89, jan/jun, 1985.

EMERIN, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro Florianópolis: Insular, 2023.**

ESCRITÓRIO de Histórias. **A empresa.** Disponível em:
<https://www.escriitoriodehistorias.com.br/a-empresa>. Acesso em 20 Jun. 2023.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. **Análise de conteúdo.** In: Jorge Duarte; Antônio Barros (Orgs.) Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2005, p. 280-303.

GALVÃO, Pedro. **Rua com mais bares em BH? Conheça a Mármore, no Santa Tereza.** Belo Horizonte: Portal Uai, 2019. Disponível em:

<<https://www.uai.com.br/app/noticia/gastronomia/2019/12/13/noticias-gastronomia,254095/rua-com-mais-bares-em-bh-conheca-a-marmore-no-santa-tereza.shtml>>. Acesso em 20 Out. 2023.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** / São Paulo, SP: UNESP, 1991, p. 61-82.

GROSSI, Yonne de Souza. **Belo Horizonte: qual pólis**. In: Cadernos de História. Belo Horizonte: PUC Minas, out./1997. p. 12-24 (V.2/N.3)

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão: veredas**. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 20-21, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HISTÓRIAS de Santê. **Santa Tereza Tem**. Disponível em: <<https://santaterezatem.com.br/>>. Acesso em: 01 de Jun. de 2023

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. Madrid and Buenos Aires: Siglo XXI de España Editores and Siglo XXI de Argentina Editores, 2002.

LACERDA, Denys. **Copo americano ou lagoinha?** Conheça a história de um ícone de BH. Belo Horizonte: Estado de Minas, 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/11/12/interna_gerais,1322432/copo-americano-ou-lagoinha-conheca-a-historia-de-um-icone-de-bh.shtml>. Acesso em 11 Set 2023>.

MARIE, Michele. **Na 'capital dos bares', Orlando preserva tradição herdada há quase um século**. Belo Horizonte: Portal de Notícias G1, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/viva-bh/noticia/na-capital-dos-bares-orlando-preserva-tradicao-herdada-ha-quase-um-seculo.ghtml>>. Acesso em 20 Nov. 2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. In: RAVETTI, Graciela;

ARBEX, Márcia (org.). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002. p. 69-91

MIGNOLO, W. D. **The darker side of western modernity: global futures, decolonial options**. Durham, Duke University Press, 2011.

MINAS GERAIS. Lei n.º 32, de 18 de Jul. de 1892. **Autoriza o Presidente do Estado a promover imigração de trabalhadores, mediante a concessão de diversos favores**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1892.

MIRANDA, Andreza. **Conheça a história do Birosca S2, charmoso restaurante no Santê em BH**. Belo Horizonte: BHAZ, 2023. Disponível em: <<https://bhaz.com.br/guia-bhaz/gastronomia/conheca-historia-birosca/>>. Acesso em 20 Dez. 2023

MORAIS, Luciana Patrícia de. **Culinária típica e identidade regional: a expressão dos processos de construção, reprodução e reinvenção da mineiridade em livros e restaurantes de comida mineira.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de História. Belo Horizonte, 2004.

MOTA, Andreza Gonsalez Rodrigues. **Divirta-se quem puder: história e lazer em Belo Horizonte através da revista Semana Ilustrada, 1927-1928.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 2018.

MURATORI, Matheus. **Transformações marcam os 10 anos da Cidade Administrativa.** Belo Horizonte: Estado de Minas, 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/03/04/interna_politica,1125929/transformacoes-marcam-os-10-anos-da-cidade-administrativa.shtml>. Acesso em 10 Jul 2023.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Família e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa.** Psicologia & Sociedade: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Vanessa Veiga de. **Mídia, memória pública e comissão da verdade no Brasil: a luta pela verdade e justiça como uma luta por reconhecimento.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Rayllan. **Lojistas temem ser 'atropelados novamente' com revitalização do Centro de BH.** Belo Horizonte: O Tempo, 2023. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/cidades/lojistas-temem-ser-atropelados-novamente-com-revitalizacao-do-centro-de-bh-1.2824514>>. Acesso em 10 Dez. 2023

OLIVEN, Ruben George. **Cultura e Modernidade no Brasil.** Volume 15. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 2001.

O Tempo. **Mais antigo de BH, Bar do Orlando ganha escultura de Wladimir Pierre.** Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/entretenimento/mais-antigo-de-bh-bar-do-orlando-ganha-escultura-de-wladimir-pierre-1.2856236>>. Acesso em 10 Dez. 2023.

O Tempo. **Nadar e pescar no Arrudas.** 2016. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opiniao/roberto-andres/nadar-e-pescar-no-arrudas-1.1349013>> Acesso em 20 Nov. 2023.

PALÁCIO da Liberdade. **Sobre.** Disponível em: <<https://palaciodaliberdade.com.br/sobre-o-palacio/>>. Acesso em: 05 Nov. 2023

PIERRE, W. **Bar do Orlando.** 2023. Escultura.

PIMENTEL, Thais V. G. **A Torre Kubitschek: trajetória de um projeto em 30 anos de Brasil**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. **A constituição do conceito de infância e algumas questões relativas ao corpo: da idade média à modernidade**. Goiânia: Revista Poiésis – Volume I, Número 1, p. 48-62, 2003

PIROLI, Wander. Lagoinha. **BH: A cidade de cada um**. v.1. Belo Horizonte: Ed. Conceito, 2010.

POLLAK, M. (1992). **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, 5 (10), 200-212.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: Edgardo Lander (Org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005

REIS, Liana Maria. 2012. **“Mineiridade: identidade regional e ideologia”**. Belo Horizonte: Cadernos de História 9, v. 9, n. 11, p. 89-97, 2007.

RIBEIRO, A. P. G.; BARBOSA, M. **Memória, relatos autobiográfico e identidade institucional**. Comunicação & Sociedade, v. 47, p. 99-114, 2007.

ROCHA, Gilmar. **Belo Horizonte sincretista: pequeno ensaio sobre a morfologia mental de uma cidade centenária**. Belo Horizonte: Cadernos de História, v.9, n.12, p. 175-201, 2º sem. 2007.

RODRIGUES, Renata Helena. **Comer & Beber Belo Horizonte 2019: Bar do Orlando vence como melhor boteco**. Veja, 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/gastronomia/comer-beber-belo-horizonte-2019-bar-do-orlando-vence-como-melhor-boteco/>>. Acesso em 20 Nov. 2023.

ROSSINI, Rosa Ester. **As geografias da modernidade - geografia e gênero - mulher, trabalho e família. E exemplo da área de Ribeirão Preto - SP**. São Paulo: Revista do Departamento de Geografia, p. 7-26, 1998.

SANTA Tereza Tem. **Histórias de Santê**. Disponível em: <<https://santaterezatem.com.br/categoria/historias-sante/>>. Acesso em 10 Nov. 2023.

SILVA, Mauro Luiz da. **O Patrimônio Sacro da Arquidiocese de Belo Horizonte e o Afro-Patrimônio de Belo Horizonte: da Capela Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Curral Del Rey (1819) à Igreja das Santas Pretas da Vila Estrela (2018)**. 2021. Tese (doutorado) - Pontífica Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

SIMÕES, F. I. W., & HASHIMOTO, F. . **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX**.1, 1- 25, Jequitinhonha e Mucuri: Vozes dos Vales, 2012.

SOUZA, Ives Teixeira.. **'O dinheiro do Otacílio'**: indícios das relações entre agentes políticos, clubes de futebol e sujeitos de imprensa na modernidade desconfiada da Belo

Horizonte dos anos 1940. 122 f., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2022.

STARLING, H. M. M. **Fantasmas da Cidade Moderna**. Margens/Márgenes, Buenos Aires, Belo Horizonte, v. 1, p. 66-75, 2002.

TICLE, Maria Letícia Silva. **O nó entre o espaço e o tempo em Santa Tereza**: os bares na paisagem boêmia em um bairro de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, 2016.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VILELA, Nice Marçal. **Hipercentro de Belo Horizonte**: Movimentos e Transformações Espaciais Recentes. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Departamento de Geografia. 2006.

APÊNDICE A - BAR DO NONÔ E AS UNIDADES DE ANÁLISE

Nº	UNIDADE DE ANÁLISE	Nº	UNIDADE DE ANÁLISE
1	Eu era amiga da Cecília, irmã do Nô, e muitas vezes passava o domingo na casa dela, que ficava perto do Campo do Estrela na beira da linha férrea.	49	Toda vida ele sempre tentou mostrar para a gente que o trabalho tem o seu valor.
2	Meu irmão disse pro Nô: 'Vai morar lá em casa. Tem um quarto e é só você levar uma cama e pode ficar lá'. A gente morava num dos imóveis da Companhia, uma casa geminada, de dois pavimentos. Eu morava nos fundos, entre as áreas de serviço, tinha um muro mais baixo e a gente ouvia o que se conversava de um lado pro outro"	50	Eu aprendi com o meu pai e faço de tudo um pouco. Eu nunca mando arrumar alguma coisa sem antes dar uma olhada. Às vezes é um defeito que a gente mesmo consegue consertar.
3	Na roça a gente fazia de tudo. A gente só comprava o sal. Não tinha geladeira, a gente já fazia de maneira a aproveitar tudo.	51	Para nós, esses passeios eram a melhor coisa que existia, a gente adorava. A gente brincava, corria, rolava na grama, era tudo muito bom. Meu pai dava boas gargalhadas, debochava da gente. Eu não esqueço de uma vez que nós fomos passear e o carro deu defeito. Ai no meio do caminho, lá foi ele arrumar. Enquanto ele estava arrumando o carro, nós estávamos brincando. Quando consertou o carro, já estava na hora de irmos embora, mas a gente achou bom assim mesmo.
4	Se você casar com meu filho, eu te dou uma casa em seu nome.	52	Eu e o Dênio tínhamos um ritual de esperar pelo nosso pai todos os dias. Nós dois já sabíamos mais ou menos a hora que ele ia buscar o chinelo e quem ia sentar ao seu lado.
5	Como a nossa casa era de parede-meia, as meninas combinavam e se juntavam na casa vizinha para ouvir o que eu conversava com ele	53	Era interessante, porque esses sustos era frequentes, a gente já deveria estar acostumado, mas sempre a gente se assustava
6	Quando você fizer vinte anos e eu vinte e um, a gente se casa	54	Ele possuía um cheiro característico que eu reconhecia facilmente, era o cheiro de gordura frita e o cheiro de óleo de Atalaia, que ele gostava de usar no cabelo. Isso é marcante para mim.
7	Bom, eu vou fazer a minha parte e você vai fazer a sua. Eu vou procurar fazer o melhor, porque, para casar, a gente tem que saber aguentar o defeito do esposo e o esposo aguentar o defeito da esposa, você não acha?	55	Mesmo com a vida estabilizada, meu pai estava sempre querendo melhorar, ele era um verdadeiro empreendedor
8	Eu nasci envolvida na bolsa d'água, parto empelicado, como dizem, minha mãe expeliu a bolsa d'água com tudo.	56	Meu pai era um empreendedor, ele apostava em tudo que achasse viável. Qualquer coisa que era negócio meu pai fazia. Ele estava sempre comprando e vendendo. Ele desde cedo ia conduzindo a gente para o caminho do trabalho
9	Eu havia feito dois pijamas para o amigo do Sr. João, que era pai do Valtinho, e fui entregar. Eu já tinha passado na casa da parteira, porque não se usava ir ao médico em caso de parto e ela me disse: 'Daqui a um mês mais ou menos você vai ganhar neném'. Entreguei os pijamas e falei com a minha comadre que não ia entrar, pois estava com roupas secando no varal. Cheguei em casa, apanhei as roupas, joguei na cama e, quando sentei nela, Irene nasceu com a bolsa. Eu rasguei a bolsa e gritei a vizinha, que veio e me ajudou com o banho.	57	Meu pai adorava um negócio, cada hora fazia algo diferente, ele não sossegava. Quando ele estava com um comércio, tratava logo de colocar um filho para ajudar a tomar conta e saía para procurar outras coisas.
10	Depois que Nonô adquiriu o lote, eu fui para Raposos, comprei os esteios, fiz a cerca, alinhei os esteios e finquei tudo certinho. Desenhei o barracão de três cômodos, fiz até adobe e, do lado de fora, fizemos a cocheira	58	O Nonô para ele era a coisa mais importante. O apelido dele, Nonô, acho que era mais importante para ele do que o próprio nome. Nas suas camisas, ele fazia questão de escrever no bolso Nonô. Ele comprava aquelas letrinhas, que passava com ferro quente, para estampar o apelido na camisa.
11	Uai, é muito fácil, você arruma um papelão do tamanho que você queira e fecha o espaço para por os pães e os sacos de pães ficarem arrumadinhos ao lado do banco'. Assim ele fez e, muitas vezes ainda eram cinco horas da tarde e ele havia acabado de atender à freguesia, chegava em casa com a carroça toda tampadinha.	59	Eu trabalhava na lanchonete de manhã e, à tarde, o senhor Nonô ou a sua filha Edna vinham me substituir. Eu trabalhei ali por pouco tempo, pois já pensava em ir para o Seminário. Senhor Nonô também não ficou muito tempo com esse comércio e rapidamente o vendeu
12	Certo dia Nô chegou em casa, como faria de outras vezes, e me disse que íamos mudar para o Bairro São Geraldo, onde minha mãe já morava. Não discuti, comecei a arrumar as coisas e isso era por minha conta. Fomos morar na Rua Silva Alvarenga, uma quase avenida, hoje uma das principais ruas daquele bairro.	60	Sempre que a gente pedia algum dinheiro meu pai dizia: 'Não gastem muito, pois estou apertado'
13	Lá meu pai vendia gêneros alimentícios por meio da caderneta	61	Eles pegaram a gente de surpresa, não estávamos esperando realizar o negócio naquele momento. O Nívio tinha acabado de comprar um apartamento e estávamos sem recursos. Mas eles facilitaram tudo pra gente, vendi o carro que eu tinha e deu tudo certo.

14	A melhor coisa que temos a fazer é mudarmos para a Abadia. Quem quiser pagar, paga. Se não quiser, não paga	62	Quando aceitamos ficar com o ponto, levamos a questão ao proprietário das duas lojas, o doutor Joaquim Bastos Trindade, que falou: 'Lamento em perder o Djalma como inquilino devido à honestidade dele, ao mesmo tempo, eu não posso negar isso a vocês devido ao seu pai e à maneira como vocês conduzem o negócio que ele deixou'.
15	Na frente, tinha uma ponte de madeira, o ponto do ônibus, um açougue na esquina e depois o bar. E nós morávamos logo à frente na Rua Raposos.	63	Ficamos fechados por quase um mês e foi um sufoco. O dinheiro saía e não entrava nada. No final deu certo e para mim foi uma realização muito grande, pois conseguimos atender ao desejo do meu pai.
16	Na abadia morava um senhor conhecido nosso que havia começado um negócio que ofereceu ao Nonô. 'Eu fiz um barracão nos fundos e, na frente, o salão é para vocês e, depois do salão, tem o açougue.	64	Enquanto eu aguardava o resultado da CEMIG, pois a minha intenção era trabalhar lá, fui trabalhar no bar, para não ficar sem dinheiro, aí gostei e fui ficando.
17	Eu comprava quarenta quilos de sardinhas, limpava bem limpinho e fritava, mas não tirava os olhinhos delas. Muitas vezes eu ia servir nas quatro mesas que havia no espaço e algumas pessoas brincavam, perguntando: 'Escuta Alaydes, por que você não tira a cabeça e os olhinhos da sardinha?' Eu respondia: 'Olha, ela está limpinha, feita no capricho e os olhinhos é para ela ver por quem está sendo comida.	65	Lembro-me que o meu irmão Nívio me perguntou quais eram os meus objetivos, se eu gostaria de voltar a estudar. Eu disse que não pensava em retornar os estudos, então ele começou a me passar serviços para fazer no bar e depois eu fui aprendendo com o Clelson a fazer o caldo de mocotó.
18	Na época em que moramos na Rua Santa Bárbara, a rua era de terra e não havia água encanada. A gente busca água na bica. Muitas vezes íamos de madrugada buscar água, porque havia muita discussão, já que a maioria das pessoas não gostava de enfrentar filas e, como minha mãe não gostava de confusão, a gente buscava água de madrugada quando não tinha ninguém.	66	Nós íamos às regiões próximas a Belo Horizonte, como Pitangui e Pará de Minas, para comprar pé de boi. Íamos com fusquinha buscar os pés, pois não achávamos para comprar aqui. Vinha pé de tudo quanto era jeito e era uma trabalhadeira danada para minha mãe, pois os pés vinham muito sujos e ela era responsável por limpá-los.
19	Quando a gente morava na Rua Pitangui também tinha problema com a falta d'água. Papai tinha uma caminhonete e, muitas vezes a gente saía com ele, com dois tambores em cima da caminhonete para buscar água nas oficinas da Central do Brasil, no Horto. Enchíamos os tambores, colocávamos folhas de bananeira por cima porque ele falava que sacolejava, mas a água não derramava. Na casa da Rua Pitangui tinha uma caixa d' água acima do tanque que era baixinha e a gente enchia para que a água saísse pela torneira. Por isso que nós não crescemos, ficamos baixinhas, de tanto carregar lata d'água na cabeça.	67	Nós valorizamos a fidelidade, do mesmo jeito que os clientes são fiéis com a gente, a gente procura ser fiel com os nossos fornecedores.
20	Parece que ele sofreu uma batida e arcou com o prejuízo, mesmo não podendo, para não gerar um clima ruim com Otávio e isso complicou suas finanças.	68	A minha gravidez não estava indo bem e, como a minha filha nasceu prematura, eu resolvi ficar por conta dela. Conversei com os meus irmãos e abandonei o trabalho no bar. Quando eles precisam de mim, eu ajudo dentro das minhas possibilidades.
21	Nós morávamos no Sagrada Família quando surgiu o comércio da muçarela em bolinhas, uma dúzia de bolinhas em cada pacotinho. Eu me lembro de que tinha um tanque de salmoura e o rapaz ia fazendo as bolinhas e pondo dentro do tanque. Eu mesma, muitas vezes, também ensacava e até fazia a entrega no comércio, principalmente na região do Barro Preto. Eu era menina e carregava quinze quilos de muçarela, andava torta, toda empenada devido ao peso.	69	Em 1990 eu já estava casado e tinha dois filhos. Minha vontade era trabalhar no bar, conversei com os meus irmãos para saber se havia possibilidade e eles me receberam de braços abertos.
22	Meu pai havia comprado a casa da Rua Volta Grande em que nós morávamos, mas não ficamos muito tempo naquele endereço, certo dia ele chegou e disse: 'Alaydes, vendi a casa. Vamos ter que mudar, mas já arrumei uma casa pra gente morar na Rua Pitangui, em frente ao Estádio Independência'. Ele era assim e minha ficava danada.	70	Como não abrimos aos domingos, já aconteceu de na segunda-feira um cliente comentar com outro: 'eu fui a tal bar, tomei um caldo, mas que arrependimento! Nonô é um pouquinho mais caro, mas vale a pena!'

23	<p>Quando meu pai matou esse porco, eu já estava casada, morava lá no conjunto IAPI na Lagoinha e ele foi levar umas carnes para mim em uma lata de gordura de coco. Quando ele estava chegando, a vasilha despencou no chão e entornou. Ele recolheu tudo e, quando me entregou, as carnes estavam com capim e grama. Ele chegou rindo e disse: 'Olha Irene, eu já trouxe pronta aqui a carne com a verdurinha por cima'. Depois de rirmos bastante, ele me deu as instruções. 'Você lava ela bem lavadinha, ferventa e pode comer que não tem perigo nenhum. 'Foi o que fiz'.</p>	71	<p>A língua e o bacon não podem faltar em hipótese alguma. Além do caldo, vendemos bastante esses dois tira-gostos. Preparamos em média 32 línguas por dia. Cortamos a língua em cinco pedaços, cozinhamos em um molho de pimentão, cebola e bacon picadinho e vendemos os pedaços. Tem gente que liga antes no bar só para saber se tem língua pronta para poder ir lá comer.</p>
24	<p>Foi muito triste a doença do meu pai, ele não podia sair do quarto, ficava isolado do mundo como a vó Amélia e a dona Madalena se revezando nos cuidados com ele. Lembro-me de vê-lo uma vez sair do quarto para ir ao banheiro e ele engatinhava como um bebê, porque não tinha força para ficar em pé.</p>	72	<p>Primeiramente nós começamos a vender a pimenta em vidrinhos sem rótulo. Depois passamos a fazer um rotulozinho desses de impressora caseira. Depois eu decidi fazer um rótulo bonito, levei a questão para uma amiga que criou o rótulo vermelho com a logomarca do Nonô, aí deslançou. Nessa época que começamos a vender a pimenta no vidrinho, já não dávamos conta de comprar pimenta para curtir. Passamos a comprar a pimenta curtida, acrescentávamos os tempero nas devidas proporções e enchíamos os vidrinhos. Depois passamos a ficar sem tempo para decidirmos passar a fórmula para o José Maria e ele não erra. Ele faz igual a gente, só que ele tem as máquinas, então ele faz três mil vidrinhos de pimenta por mês para atender aos nossos clientes. Enviamos a pimenta do Nonô para vários estados do país e até para outros países como México, Estados Unidos, Itália, Alemanha e Dinamarca.</p>
25	<p>Na época da hepatite papai ficava ouvindo novela no rádio. Ouvia 'Jerônimo, o Herói do sertão', 'As Aventuras do Anjo', 'O Direito de Nascer' que tinha a mamaçe Dolores e o Albertinho Limonta. Lembro-me que a primeira novela que ele ouviu foi 'A Cabana do Pai Tomás'. Ele ouvia também um programa que se chamava 'Uma canção e sua história'. As pessoas escreviam e contavam as suas histórias com as músicas que gostavam. Depois que ele sarou da hepatite ele havia tomado gosto e continuava a ouvir as novelas no rádio.</p>	73	<p>no Nonô eu sou muito bem atendido, faço amigos tanto com o pessoal que trabalha no bar quanto com os clientes fiéis como eu, que apreciam o atendimento familiar e de alta qualidade.</p>
26	<p>A Lagoinha era uma barra pesada, prostituição, boemia e malandragem e era famosa por isso. Meu pai tinha muito receio da gente sair dali, atravessar todo aquele trecho perto da Feira do Produtores e Praça Vaz de Melo e a ponte sobre o Rio Arrudas com a passagem de trem. Aquela área próxima à Rodoviária era perigosa, tinha muito cara que mexia com a gente. Nosso ônibus era na Rua Espírito Santo com a Rua dos Caetés e para chegar lá a gente atravessava aquele antro de perdição.</p>	74	<p>O bar do Nonô tem uma grande energia oferecida pelo caldo de mocotó, a cerveja é gelada e o atendimento agrada. Quem não conhece o bar do Nonô não sabe o que é o sabor.</p>
27	<p>Ele tinha uma mala em que punha aquela coisada toda e saía para vender até no centro da cidade. Era um camelô, na época o nome era biscate.</p>	75	<p>no Nonô encontramos profissionais que realmente sabem lidar com o público, com um ótimo atendimento e o melhor caldo de mocotó.</p>
28	<p>Ele tinha um ajudante e, em uma segunda-feira, a gente perguntou qual era o nome dele. Meu pai então disse que o nome do sujeito era Ontem. Insistimos em dizer que não havia ninguém com um nome desses e continuamos a perguntar até que ele nos disse: 'Que dia era ontem? 'Era domingo e o nome do ajudante era Domingos.</p>	76	<p>Eu cresci profissionalmente no bar, criei minha família e foi uma experiência única. Quando eu fui trabalhar no bar em 1990, meu filho tinha acabado de nascer. Quinze dias depois que eu comecei a trabalhar, fui assaltado e tomei um tiro no peito. No dia seguinte, apareceu no hospital o Nívio, que falou comigo: 'Vou assinar sua carteira com data retroativa, o que vai acontecer com você eu não sei, mas a sua família é responsabilidade minha'. Ele não tinha a menor obrigação, mas me deu todo o apoio necessário. Anos depois eu tive um problema de saúde tive que fazer uma cirurgia e fiquei afastado do trabalho por três anos e oito meses. Nesse período eu recebi todos os meus salários em casa, inclusive o décimo terceiro e até as cestas de Natal. Esses acontecimentos mostram como eles são pessoas diferentes e, por isso, tenho uma gratidão enorme.</p>

29	Certa vez, em um domingo lá na casa da Rua Santa Bárbara, meu pai despediu do pessoal que estava no alpendre e disse que ia dormir, pois tinha que acordar cedo no dia seguinte. Havia várias pessoas lá e a menina estava brincando. Ele saiu pela porta, pegou uma capa branca da máquina de costura e voltou pelo corredor. O Crélio era bebê e estava no colo da madrinha dele, ela levou um susto tão grande, pensando que era assombração, que acabou largando o menino. Sorte que ele caiu no colo de outra pessoa. Ela passou mal a noite toda com dor de barriga devido ao susto e, no dia seguinte, nem conseguiu ir trabalhar.	77	Tenho sempre prazer em ir ao Nonô, é um local bom de frequentar, os atendentes são alegres, bons petiscos e boas bebidas;
30	às vezes acabávamos de almoçar e ficávamos na mesa umas duas ou três horas e meu pai ficava conversando com a gente. Ele começava contando algumas piadinhas, contava uns casos, depois ia puxando a orelha de cada um, ele chamava a atenção conversando, nunca batia. Aproveitava a ocasião para colocar em dia tudo o que havia acontecido na semana. As coisas legais que os filhos tivessem feito ele também elogiava.	78	Era uma dificuldade, todo dia eu saía de manhã cedo com a marmita e cumbuquinha para transportar o caldo. Pegava ônibus e, na volta do trabalho, tinha que passar no Nonô para comprar caldo para ela. Fiz isso até a minha filha nascer, afinal nada parava no estômago, só o caldo de mocotó.
31	Eu descia cedinho, para abrir a barraquinha e pegar o pessoal que largava serviço na Mannesmann às seis horas da manhã e também atender aos que entravam às seis.	79	O Nonô é um bar que marcou e sempre vai marcar a minha vida.
32	O primeiro ônibus do dia entrava na linha 04h50min e nesse horário eu já estava lá e, quando eu ouvia o barulho do ônibus, levantava a porta já com o café pronto e os pães com manteiga. Deixava tudo preparado, deixava o queimadinho quente e o caldo de mocotó no ponto de servir. Era um sufoco, quando dava 05h40min, começavam a chegar as pessoas que trabalhavam na Mannesmann e que iam tomar café para ir ao serviço. Por volta das 06h20min, chegava o pessoal que trabalhava à noite e que estava deixando o trabalho, e esse movimento intenso ia até 07h30min.	80	Venho aqui há 25 anos, já sou da casa, venho sempre às sextas-feiras e, quando não apareço, me ligam. O melhor daqui é o atendimento. Já fiz muitas amizades no bar.
33	Eu estudava de manhã no colégio Rodrigues Campos, depois da aula ia para casa, almoçava, fazia o meu dever de casa e às 15 horas eu descia com meu pai, porque meu irmão mais velho, o Nívio, ficava lá de manhã. Ele abria o bar de manhã e ficava até às 15 horas. Meu pai descia e eu ia junto. Eu não sabia fazer nada, meu pai é quem fazia tudo. Eu lavava um e outro copo, cuidava do pequeno depósito de vasilhame no fundo, fazendo arrumação, varria a loja e foi naquela época que comecei a atender um ou outro cliente.	81	A primeira vez o amigo Sidney de Souza me trouxe. Aqui era o mais tranquilo, conheci Sr. Nonô que ficava mais no caixa. O bar sempre foi um lugar bom, venho com a esposa. Acho que falta melhorar o banheiro, mas o atendimento é sempre ótimo.
34	Meu pai em um domingo chamou a gente para passear e levou todo mundo para conhecer o clube. Nós chegamos lá e estava escuro, já tinham encerrado o plantão de vendas de cotas, mas, como o Seu Tião morava lá, ele nos mostrou o local. Aí ele falou que para o meu pai : 'Nonô, quando os donos forem colocar um comércio aqui, eu vou falar que te conheço e eles vão te dar preferência'.	82	Meu pai era frequentador do Bar e vim pela primeira vez com ele. Hoje tenho 44 anos e continuo a vir. Todos os dias passo aqui para tomar o caldo. O ponto é estratégico, perto do meu ponto de ônibus, caldo é a pedida especial com caracu, pãozinho e bacon.
35	No clube nós fazíamos tudo, assávamos o pernil para os sanduíches, fazíamos a massa para o pastel e também picolés, tudo era manuseado por nós e o pessoal gostava muito.	83	Eu morava no Bairro Santa Maria e o ponto era na porta do Nonô. Perdi muito ônibus só para tomar o caldo de mocotó do Nonô. Vou ao bar de 3 a 4 vezes por semana e o caldo está cada vez melhor e amizade com o pessoal do bar também. Sou proprietário de um hotel no centro e sempre trago os hóspedes para tomar o caldo do Nonô. Às vezes é difícil achar lugar, mas a tradição tem que ser mantida, tomar o caldo em pé. Se melhorar muito, piora.
36	Quando o meu pai começou no Colina, eu não ia muito, pois era pequeno. Depois, quando completei doze anos, eu ia para pegar as garrafas que o pessoal deixava pelas áreas do clube. Eu e meus irmãos pegávamos sacos de pano e colocávamos as garrafas dentro e, como não conseguíamos carregá-los deixávamos esses sacos em um canto, para depois algum menino mais velho apanhar. A gente aproveitava também para jogar bola, deixava os sacos em um canto e ia para a pelada.	84	Tomo caldo aqui desde 1977. Vim pela primeira vez com um amigo de apelido Sabará e me acostumei. Sempre na volta para casa, tomava um caldinho. Hoje trabalho no Padre Eustáquio e dia sim, dia não venho buscar a namorada e tomamos um caldinho. Para mim, em primeiro lugar, vem o caldo, depois a língua e em terceiro lugar, o bacon.

37	O Nonô foi um empreendedor que ajudou na formação de muitos jovens como eu. Cada jovem começava a trabalhar com ele 'nu e cru' e depois de cerca de seis meses já estava bem tarimbado na vida. Se o jovem ouvisse o que Nonô dizia, ele saía orientado, porque o que ele falava não servia apenas para o comércio, mas também para a vida.	85	Frequento o bar desde novo, fiz parte da confraria que ia ao Nonô toda segunda-feira a partir das 19 horas. Começamos com dois e depois já eramos 12 pessoas e nos conhecemos no bar. Hoje frequento uma vez por semana.
38	Às vezes preparávamos muita comida para festas no clube que ocorreriam no sábado ou domingo, a família era muito caprichosa e fazia as melhores coisas possíveis, mas aí chovia e não aparecia ninguém. As comidas estragariam se não fossem consumidas. Nonô carregava a Kombi e íamos até um abrigo localizado no Barreiro de Cima, para doarmos toda aquela comida. Nonô tinha um grande prazer em ser útil, em servir, em fazer o bem, em ver o outro satisfeito, seja o cliente, a família, os jovens que trabalhavam com ele ou as crianças do abrigo.	86	Foi meu irmão Wander que me indicou o Bar do Nonô e ele continua a vir. Venho sempre de 3 a 4 vezes por semana, depois das 18 horas quando deixo o trabalho. Para mim, o Bar do Nonô já está incorporado na história da cidade como ponto tradicional e a magia do bar está nessa mistura de gentes, nesse espaço apertado, em pé. Todos que vem aqui tem o mesmo objetivo, tomar o saboroso caldo do Nonô.
39	Nós estávamos trabalhando no clube e só ouvíamos os comentários. Não podíamos sair e ficamos muito aflitos.	87	Minha história com o Bar do Nonô é muito antiga, desde quando eu era representante de calçados eu ia ao bar tomar o caldo e uma cervejinha. São muitos os fatos acontecidos no bar e muitas são as pessoas interessantes que passam por lá todos os dias. Hoje trabalho com táxi no horário da noite e sempre vou tomar o maravilhoso caldo.
40	O Linguíça era um camarada magrinho e meu pai falou: 'Vai vir o linguíça com bola e tudo para dentro da rede.' Nesse momento ele descuidou do volante e ganhou a pista contrária. Vinha um carro do outro lado e bateu nele de frente. Tudo por causa de um pênalti.	88	Trabalho de garçom há mais de nove anos frequento o Bar do Nonô onde sempre sou bem tratado por todos e é um lugar onde encontro amizade e conversa boa.
41	Meu pai comprou uma batedeira enorme daquelas bem antigas e montou um forno lá em casa. Ele colocava a gente para empacotar os alimentos que o padreiro fazia, como brevidade, biscoito de polvilho, pão de queijo e bolos, colocávamos tudo em saquinhos. Depois ele enchia a Kombi e de manhã cedo saía para entregar em toda a cidade.	89	Não tem nada igual ao Bar do Nonô. O caldo de mocotó com cebolinha com ovo de codorna tomado em pé e uma língua para completar. Sou uma cliente fã de tudo no Bar do Nonô
42	Pelo o que o meu pai me contou, os administradores iam fazer a concorrência para dar uma satisfação aos associados, mas seria uma concorrência de cartas marcadas onde quem iria vencer seria meu pai. No entanto eles não falaram nada com meu pai, porque achavam que ele entraria na concorrência. Mas meu pai não quis participar, pois se sentiu injustiçado por não ter sido convidado para administrar o bar. Ele pensou: 'Se vão abrir a concorrência, é porque acham que tem gente melhor para tocar o bar'.	90	Um dia discuti com meu namorado por conta do caldo. Desafiei ele perguntou qual era o melhor caldo, ao que eu respondi que era o do Nonô, inclusive exagerei e comi uma língua para completar.
43	Tenho muito orgulho do meu pai e sou o que sou devido ao tempo que fiquei ao lado dele trabalhando. Ele me ensinou muito.	91	Em 1977 eu fazia serviços de rua para uma empresa, como me alimentava pouco por causa da grana curta, me falaram sobre o caldo de mocotó. passei a ir ao Nonô sempre que possível tomar o meu caldo. O tratamento dos funcionários é sempre bom e o caldo me deixa muito forte e é por isso que até hoje continuo a tomá-lo.
44	O meu pai não batia, ele era de conversar. Se a gente fazia alguma coisa errada, ele imediatamente lançava aquele olhar de reprovação, ele falava com o olho. Às vezes eu evitava sentar junto dele, para não dar a oportunidade dele chamar a minha atenção por algo que eu tinha feito. Ele não era agressivo, falava mansamente, mas eu ficava com vergonha e sempre refletia por muito tempo aquilo sobre o que ele havia me falado.	92	Eu era lavador de carros na Rua dos Tupis, próximo ao cine Jacques, hoje Shopping Cidade. Era eu e meus colegas lavadores Lagoinha, Blecaute e Jorge Cabeção. Lavávamos carros também no Mercado Central velho. Mesmo com pouco dinheiro a gente tomava o caldo de mocotó do Nonô e uma pinga. Nonô e seus empregados sempre nos receberam com carinho e isso vem se mantendo como tradição. Hoje não bebo mais bebida alcoólica, mas continuo a tomar o saboroso caldo de mocotó do Nonô. Agradeço a Deus por todos os funcionários que com carinho servem a mim e a minha família.

45	Meu pai era um tipo de pessoa que não proibia. Ele mostrava o que era certo e o que era errado, ele explicava e ficava a nosso critério escolher.	93	Eu, Mário de Oliveira Matozinhos, morador do Barreiro há mais de 45 anos tive o privilégio de conhecer o Bar do Nonô e de firmar amizade com Raimundo de Assis Corrêa, Sr. Nonô. Fui frequentador assíduo do bar e ele era meu cliente na farmácia do Amir onde eu trabalhava. Nas madrugadas da minha juventude, o Bar do Nonô era meu lugar preferido. Adorava conversar com ele, que era uma pessoa gentil e boa de prosa. Tivemos uma amizade sincera por muitos anos. Hoje, com muito orgulho, passo pelo bar e conto para minha família que o frequentei por muito tempo. O sucesso do bar é tão grande que seus filhos, depois de mais de 40 anos da morte do Nonô, mantêm a tradição e o bar nem funcionamento até hoje.
46	O caixote tinha uma abertura na emenda da tábua e se você mexia, ele te beliscava. A gente tinha que ficar sem mexer se não beliscava a nossa bunda.	94	Que Deus o tenha. Nonô, sei que os anjos devem esta satisfeitos com seu delicioso caldo aí no céu. Pena não tê-lo conhecido, mas conheci seus filhos e funcionários, seus filhos são um exemplo que, por amor e carinho, mantêm viva essa memória de um homem lutador.
47	Como meu pai estava sempre na luta, ele colocava todo mundo para trabalhar e todos os filhos aprenderam muito com ele. Ele comprava pacotes de bala e pirulito e a gente tinha que ensacar. Fazíamos os pacotinhos com 20 balas ou 6 pirulitos, para ele vender. Ele falava que a gente tinha que embalar cantando ou assoviando, pois dessa forma ele sabia que a gente não estava chupando as guloseimas a serem vendidas. Se tivesse alguma vala quebrada ou um pirulito sem o cabinho, a gente podia separar para comer. Ele sempre mostrava a importância do trabalho em família, todos tinham que ajudar de alguma forma.	95	Conheci o Bar do Nonô em 1974 e comecei a tomar o caldo de mocotó do Nonô e, desde então nunca mais esqueci o caldo. Fui trabalhar no Rio de Janeiro e, toda vez que vinha a Belo Horizonte, ia no Bar do Nonô tomar o caldo. Hoje aposentei e moto em Conselheiro Lafaiete, mas, toda vez que estou em Belo Horizonte, não me esqueço de passar no Bar do Nonô, para tomar o caldo.
48	A vida do meu pai era corrida, ele trabalhava muito, mas quando tinha uma oportunidade ele gostava de passear com a gente.	96	Certa vez Juscelino veio com a Dona Sara inaugurar o Grupo Escolar Sara Kubitschek, uma escola toda feita de madeira. Oferecia refeições aos meninos que não levavam merenda e todo o material escolar necessário. Muitas vezes Dona Sara ia à igreja e distribuía aos mais pobres dois a três sacos de mantimentos. Uma vez ela chegou lá em com o padre, decidiram fazer o aniversário da igreja e convidar os mais pobres. Para ajudar na igreja, eu fazia barraquinha com minha mãe que morava por perto. Tinha as sopas às quintas-feiras e nas barraquinhas a gente fazia licor. Eu fazia a massa de pastel e o Nonô dava a carne para o recheio e assim a gente colaborava com a construção da igreja, ajudando também os mais pobres.

APÊNDICE B - BAR DO NONÔ E O EIXO 1

Unidade de análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1
1	Alaydes Conceição Corrêa	2	17	3
2	Alaydes Conceição Corrêa	2	17	3
3	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	3
4	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	3
5	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	3
6	Alaydes Conceição Corrêa	2	19	3
7	Alaydes Conceição Corrêa	2	19	3
8	Irene Corrêa	2	22	3
9	Alaydes Conceição Corrêa	2	22	3
10	Alaydes Conceição Corrêa	2	22	3
11	Alaydes Conceição Corrêa	2	23	3
12	Alaydes Conceição Corrêa	2	24	3
13	Irene Corrêa	4	27	3
14	Alaydes Conceição Corrêa	4	28	3
15	Irene Corrêa	4	29	3
16	Alaydes Conceição Corrêa	4	29	3
17	Alaydes Conceição Corrêa	4	29	3
18	Edna Eliana Corrêa	6	34	3
19	Helena Lina Miguel	6	34	3
20	Nívio Aurélio Corrêa	6	36	5
21	Helena Lina Miguel	6	37	3
22	Edna Eliana Corrêa	6	37	3
23	Irene Corrêa	6	38	3
24	Edna Eliana Corrêa	8	42	3
25	Helena Lina Miguel	8	42	3
26	Helena Lina Miguel	8	42	3
27	Edna Eliana Corrêa	8	44	3
28	Edna Eliana Corrêa	8	46	3
29	Edna Eliana Corrêa	10	56	3
30	Edna Eliana Corrêa	10	56	3
31	Helena Lina Miguel	10	58	3
32	Nívio Aurélio Corrêa	10	58	5
33	Clelson Luiz Corrêa	10	59	5
34	Edna Eliana Corrêa	11	62	3
35	Helena Lina Miguel	11	62	3

Unidade de análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1
36	Clelson Luiz Corrêa	11	63	5
37	Padre Sílvio Borges	11	66	4
38	Padre Sílvio Borges	11	66	4
39	Edna Eliana Corrêa	11	67	3
40	Nívio Aurélio Corrêa	11	67	5
41	Crélio Ildfonso Corrêa	11	68	5
42	Clelson Luiz Corrêa	11	70	5
43	Helena Lina Miguel	14	76	3
44	Helena Lina Miguel	14	76	3
45	Edna Eliana Corrêa	14	76	3
46	Nívio Aurélio Corrêa	14	76	5
47	Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto	14	77	3
48	Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto	14	77	3
49	Clelson Luiz Corrêa	14	77	5
50	Décio dos Santos Corrêa	14	77	5
51	Edna Eliana Corrêa	14	78	3
52	Dirce de Cássia Corrêa Macedo	14	78	3
53	Dirce de Cássia Corrêa Macedo	14	78	3
54	Dênio Corrêa	14	78	5
55	Irene Corrêa	14	80	3
56	Crélio Ildfonso Corrêa	14	80	5
57	Clelson Luiz Corrêa	14	80	5
58	Edna Eliana Corrêa	17	86	3
59	Padre Sílvio Borges	17	87	4
60	Clelson Luiz Corrêa	19	95	5
61	Edna Eliana Corrêa	20	101	3
62	Nívio Aurélio Corrêa	20	101	5
63	Edna Eliana Corrêa	20	102	3
64	Clelson Luiz Corrêa	20	102	5
65	Dênio Corrêa	20	102	5
66	Clelson Luiz Corrêa	20	103	5
67	Clelson Luiz Corrêa	20	103	5
68	Edna Eliana Corrêa	20	104	3
69	Crélio Ildfonso Corrêa	20	104	5

Unidade de análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1
70	Nívio Aurélio Corrêa	20	104	5
71	Décio dos Santos Corrêa	22	108	5
72	Crélio Ildefonso Corrêa	22	109	5
73	Leonardo Lacerda	22	112	1
74	Robson Ferreira da Silva	22	112	1
75	Andrey Philip	22	112	1
76	Antônio Tomaz Neto	22	112	4
77	Marcinês Custódio	24	115	1
78	Eliézer Souza Reis	24	115	1
79	Tiago Raimundo Martins de Oliveira	24	116	1
80	Rogério Fortunato dos Santos	24	116	1
81	Emersom de Souza Carvalho	24	116	1
82	Pedro Camilo de Souza Filho	24	116	1
83	Mário Ribeiro dos Anjos	24	116	1
84	Silvam Ribeiro de Oliveira	24	119	1
85	Robson Moreira da Silva	24	119	1
86	Geraldo Gomes Roberto	24	119	1
87	Charles Wilton Alves Neves	24	120	1
88	Luciano Alves	24	120	1
89	Vânia Darque de Souza	24	120	1
90	Isabel Nogueira	24	120	1
91	Waldir de Souza Resende	24	120	1
92	José Augusto da Silva	24	122	1
93	Mário de Oliveira Matozinhos	33	135	1
94	Luiz Carlos Anastácio	33	135	1
95	Afonso Damiao de Oliveira	24	119-120	1
96	Alaydes Conceição Corrêa	4	28-29	3

Legenda:			
Pergunta 1:	Quem são os entrevistados e que posição ocupam em relação aos bares?	GRUPO	CÓDIGO
		Cliente	1
		Familiar	2
		Especialista	3
		Proprietário	4
		Funcionário	5

APÊNDICE C - BAR DO NONÔ E O EIXO 2

Unidade de Análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
Fotografia		2	16	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
1	Alaydes Conceição Corrêa	2	17	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
2	Alaydes Conceição Corrêa	2	17	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
3	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	Não se aplica	Regiões em que ainda não se tinha acesso à determinados recursos, experiência que fala sobre a vida do campo.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
4	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
5	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
6	Alaydes Conceição Corrêa	2	19	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
7	Alaydes Conceição Corrêa	2	19	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		3	20-21	Não se aplica	Não se aplica	Modernizaçã o da cidade	Não se aplica	Não se aplica
8	Irene Corrêa	2	22	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
9	Alaydes Conceição Corrêa	2	22	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
10	Alaydes Conceição Corrêa	2	22	Não se aplica	Espaço para construção do lar, lugar que significa trabalho.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
11	Alaydes Conceição Corrêa	2	23	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
12	Alaydes Conceição Corrêa	2	24	Não se aplica	Os bairros da cidade, a partir dos relatos de Alaydes, aparecem como extremamente funcionais. As constantes mudanças expressam a necessidade financeira acima de qualquer outra que manteria a família em determinado bairro.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		Em Belo Horizonte	25	Não se aplica	Não se aplica	Modernizaçã o da cidade	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		4	26	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
13	Irene Corrêa	4	27	Memória coletiva, memória estabelecida pela vivência da família	Revela uma experiência de proximidade do bar com os clientes, os moradores da região. A caderneta era uma forma de registro de pagamento baseada na confiança.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
14	Alaydes Conceição Corrêa	4	28	Memória coletiva, memória estabelecida pela vivência da família	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
15	Irene Corrêa	4	29	Memória individual; acerca da localização do bar que ficava próximo de outros estabelecimentos e obras públicas da cidade.	Espaços que são descritos por aquilo que podemos nomear como elementos de urbanização: a ponte, o ponto de ônibus e comércio.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
16	Alaydes Conceição Corrêa	4	29	Memória individual; acerca das relações de trabalho de Nonô que eram partilhadas com a esposa.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
17	Alaydes Conceição Corrêa	4	29	Memória individual; relação da matriarca com o trabalho no bar, sua experiência afetiva com a comida que era servida.	Experiência do trabalho no bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		6	32-33	Não se aplica	Não se aplica	Mudança de saneamento básico do bairro Sagrada Família	Não se aplica	Não se aplica
18	Edna Eliana Corrêa	6	34	Não se aplica	Experiências que carregam aspectos negativos da urbanização da cidade, a ausência de fornecimento de água suficiente forçava a família a percorrer longas distância em busca de bicas. Esse contexto retoma lembranças sobre desavenças da população pelas filas que se formavam.	Não se aplica	Sim, acerca da falta de saneamento básico	Não se aplica
19	Helena Lina Miguel	6	34	Não se aplica	Experiência com a ausência de condições básicas de saneamento dos bairros periféricos e com as condições de tarefas de casa pesadas que envolviam as crianças.	tema de falta d	Sim, acerca da falta de saneamento básico	Não se aplica
Fotografia		6	35	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica		Não se aplica
20	Nívio Aurélio Corrêa	6	36	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
21	Helena Lina Miguel	6	37	Não se aplica	Deslocamentos pela cidade para venda de alimentos.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
22	Edna Eliana Corrêa	6	37	Não se aplica	O deslocamento aparece como uma experiência constante da família de Nonô, que na maioria das vezes era uma decisão tomada unicamente por Nonô.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
23	Irene Corrêa	6	38	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		8	40-41	Não se aplica	Não se aplica	Modernizaçã o da cidade	Não se aplica	Não se aplica
24	Edna Eliana Corrêa	8	42	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
25	Helena Lina Miguel	8	42	Não se aplica	A limitação de deslocamento ocasionada por doença, permitiu que Nonô tivesse contato com as novelas de rádio. Uma experiência advinda pela modernidade.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
26	Helena Lina Miguel	8	42	Cita a boémia como uma característica negativa de uma região da cidade.	Experiência de medo, são relatadas experiências pessoais de uma mulher que tinha medo de andar pelas ruas do Bairro Lagoinha, como se o lugar fosse hostil. Nesse ponto, a característica boémia do bairro é entendida como um dos fatores que contribuem para o bairro ser perigoso.	o, boémia e ma	Menção à boémia, em geral, como algo negativo que está presente em um relato que fala de violência e prostituição	Não é o bairro onde o bar fica, mas é na região central também. É apresentado negativamente, como "anto de perdição"
27	Edna Eliana Corrêa	8	44	Não se aplica	Centro da cidade como espaço que permitia Nonô trabalhar como ambulante, por ser um lugar que concentrava o comércio e a circulação de pessoas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		8	45	Não se aplica	Não se aplica	Modernizaçã o da cidade		Não se aplica
28	Edna Eliana Corrêa	8	46	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		10	48-49	Não se aplica	Não se aplica	Industrializaç ão da cidade	Não se aplica	Mostra a grandiosidade da fábrica da Mannesman, que ocupa grande espaço no Barreiro.
Fotografia		10	51	Não se aplica	Não se aplica	Urbanização da cidade	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		10	54-55	Não se aplica	Não se aplica	Modernizaçã o da cidade		Não se aplica
29	Edna Eliana Corrêa	10	56	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
30	Edna Eliana Corrêa	10	56	Não se aplica	A refeição na casa da família apresenta um aspecto importante da relação dos Côrrea, é naquele espaço que são relatadas as experiência dos filhos com o pai, Nonô.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
31	Helena Lina Miguel	10	58	memória individual, sobre um lugar de passagem, que fornecia o café da manhã para os funcionários da Mannesmann.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
32	Nívio Aurélio Corrêa	10	58	memória individual, sobre um lugar de passagem, que fornecia o café da manhã para os funcionários da Mannesmann.	O bar como um lugar de passagem, de deslocamentos de pessoas que estavam indo trabalhar.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
33	Clelson Luiz Corrêa	10	59	Memória individual sobre o trabalho no bar, as obrigações com os horários de atendimento e as escalas que eram feitas entre os irmãos.	Para Clelson, o bar representava aprendizado, onde aprendeu a fazer pequenas tarefas para ajudar o pai e seus irmãos nas atividades do bar.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		10	59	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		11	60-61	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
34	Edna Eliana Corrêa	11	62	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
35	Helena Lina Miguel	11	62	Memória coletiva sobre o trabalho realizado no bar, com o suporte de toda família, imagem de negócio de família é predominante.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
36	Clelson Luiz Corrêa	11	63	Memória coletiva sobre o trabalho realizado no bar, com o suporte de toda família, imagem de negócio de família é predominante.	A experiência do trabalho que Nonô envolvia os filhos desde pequenos, para que ajudassem e aprendessem o valor do trabalho. Ao mesmo tempo, dá indicativos de que as crianças brincavam no clube.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		11	64-65	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
37	Padre Sílvio Borges	11	66	Memória individual sobre a característica de gestão do bar, um lugar de ensinamento, aprendizado.	Experiência com o lugar de aprendizado.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
38	Padre Sílvio Borges	11	66	Memória coletiva sobre baixa no atendimento em dias festivos, quando o bar ainda era no clube.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
39	Edna Eliana Corrêa	11	67	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
40	Nívio Aurélio Corrêa	11	67	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
41	Crélio Ildefonso Corrêa	11	68	Não se aplica	O deslocamento aparece como uma experiência constante da família de Nonô, seja em busca de moradia ou da comercialização de produtos.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
42	Clelson Luiz Corrêa	11	70	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		14	72	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		15	74-75	Não se aplica		Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
43	Helena Lina Miguel	14	76	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
44	Helena Lina Miguel	14	76	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
45	Edna Eliana Corrêa	14	76	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
46	Nívio Aurélio Corrêa	14	76	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
47	Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto	14	77	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
48	Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto	14	77	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
49	Clelson Luiz Corrêa	14	77	Memória coletiva, partilhada entre os filhos. O Bar, nesse contexto, pode ser entendido como um local que ofereceu aprendizado aos filhos.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
50	Décio dos Santos Corrêa	14	77	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
51	Edna Eliana Corrêa	14	78	Não se aplica	Experiência de afeto, que envolvem momento de diversão da família.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
52	Dirce de Cássia Corrêa Macedo	14	78	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
53	Dirce de Cássia Corrêa Macedo	14	78	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
54	Dênio Corrêa	14	78	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		14	79	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
55	Irene Corrêa	14	80	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
56	Crélio Ildelfonso Corrêa	14	80	Não se aplica	O deslocamento aparece como uma experiência constante da família de Nonô, seja em busca de moradia ou da comercialização de produtos.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
57	Clelson Luiz Corrêa	14	80	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		14	80	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		17	82-83	Não se aplica	Não se aplica	Modernizaçã o da cidade	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		17	85	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
58	Edna Eliana Corrêa	17	86	A figura de Nonô como central para constituição do bar, sua identidade.	O nome do espaço era a identidade de Nonô, por seu apelido, as duas coisas estavam juntas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		17	86	Não se aplica	Não se aplica	Modernizaçã o da cidade	Não se aplica	Não se aplica
59	Padre Sílvio Borges	17	87	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		17	88-89	Não se aplica	Não se aplica	Modernizaçã o da cidade	Não se aplica	Um lugar movimentado, com intensa circulação de veículos e pessoas.
Fotografia		17	90	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		19	92-93	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
60	Clelson Luiz Corrêa	19	95	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		19	95	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica		Não se aplica
Fotografia		20	98-99	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
61	Edna Eliana Corrêa	20	101	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
62	Nívio Aurélio Corrêa	20	101	Um lugar respeitado pelos vizinhos comerciantes.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		20	101	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
63	Edna Eliana Corrêa	20	102	Dificuldades financeiras devido à reforma realizada para expansão do bar.	Experiência de dificuldade são relatadas, quando o bar estava em reforma. O estabelecimento era a principal fonte de renda para muitos filhos do Nonô.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
64	Clelson Luiz Corrêa	20	102	Um lugar bom para trabalhar.	Para Clelson, um dos filhos de Nonô, o bar representava um meio de adquirir dinheiro.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
65	Dênio Corrêa	20	102	Um lugar bom para trabalhar.	Para Dênio, o bar representava aprendizado, onde aprendeu a fazer pequenas tarefas para ajudar o pai e seus irmãos nas atividades do bar.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
66	Clelson Luiz Corrêa	20	103	Não se aplica	Deslocamento nos espaços para além de Belo Horizonte, em busca do pé de boi para produção do caldo.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
67	Clelson Luiz Corrêa	20	103	Um lugar que deve respeitar os clientes e fornecer um bom serviço.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	

Unidade de Análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
68	Edna Eliana Corrêa	20	104	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
69	Crélio Ildefonso Corrêa	20	104	Um lugar bom para trabalhar.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
70	Nívio Aurélio Corrêa	20	104	Um lugar com bom serviço e comida.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
71	Décio dos Santos Corrêa	22	108	Referência nos pratos que serve, identidade consolidada.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
72	Crélio Ildefonso Corrêa	22	109	Um bar que sabe inovar e expandir seus negócios para além do balcão.	O produto que se desloca para outros estados e países.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		22	109	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		22	110	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		22	111	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
73	Leonardo Lacerda	22	112	Um lugar agradável, que proporciona relacionamentos com o bar e com clientes.	ênfático a relação familiar do espaço.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
74	Robson Ferreira da Silva	22	112	Um lugar agradável, que proporciona relacionamentos com o bar e com clientes.	Para Robson, o bar representa um lugar de receptividade e boa gastronomia.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
75	Andrey Philip	22	112	Um lugar agradável, que proporciona relacionamentos com o bar e com clientes.	Para Andrey, o bar representa um lugar de receptividade e boa gastronomia.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
76	Antônio Tomaz Neto	22	112	Um lugar bom para trabalhar.	Nos relatos de Antônio, percebemos que o bar significa acolhimento. Diante de seus problemas de saúde, Antônio encontrou compreensão e apoio.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
77	Marcinês Custódio	24	115	Um lugar agradável, que atende bem.	Relação de afeto com o espaço, a experiência positiva de estar com pessoas e consumir no bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
78	Eliézer Souza Reis	24	115	que serve uma boa comida, memorável.	Um lugar de passagem.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
79	Tiago Raimundo Martins de Oliveira	24	116		Um lugar que memorável para Tiago.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
80	Rogério Fortunato dos Santos	24	116	Memória individual sobre sua experiência enquanto cliente; Um lugar de proximidade com os funcionários e proprietários, propício para fazer amizades	Experiência pessoal; experiência positiva com o atendimento	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
81	Emersom de Souza Carvalho	24	116	Memória individual, a partir da indicação do amigo o cliente decidiu frequentar o bar com a esposa.	Experiência positiva com o bar sob o aspecto do atendimento e tranquilidade,.	Não se aplica	sobre o banheiro, que	Não se aplica
82	Pedro Camilo de Souza Filho	24	116	Memória individual, sobre sua experiência de tomar um caldo antes de pegar o ônibus	Experiência pessoal sobre um lugar de passagem, para se alimentar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
83	Mário Ribeiro dos Anjos	24	116	Um lugar lotado, de tradição	Experiência pessoal de ser um lugar para tomar um caldo, que é uma tradição	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		24	117	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
84	Silvam Ribeiro de Oliveira	24	119	Sobre ser um lugar de passagem, para tomar um caldo e ir embora	Experiência pessoal em relação à comida que o bar oferece, sobre ser um lugar de passagem	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
85	Robson Moreira da Silva	24	119	Memórias sobre um lugar de amigos, que possibilita conhecer pessoas.	Experiência sobre a sociabilidade do espaço.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
86	Geraldo Gomes Roberto	24	119	memória individual e coletiva	Experiência pessoal em relação à comida, ao espaço.	Não se aplica	lugar ser apertado, s	Não se aplica
87	Charles Wilton Alves Neves	24	120	lugar para ir depois do trabalho	O espaço acompanha Charles em mais de uma fase da sua vida, ele relata que o espaço proporciona o contato com pessoas "interessantes", um ambiente que favorece a sociabilidade.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
88	Luciano Alves	24	120	Um lugar agradável, que atende bem.	Relação de afeto com o espaço, a experiência positiva de estar com pessoas	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
89	Vânia Darque de Souza	24	120	que serve uma boa comida, memorável.	Experiência com espaço vivida pela experiência com a gastronomia.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
90	Isabel Nogueira	24	120	que serve uma boa comida, memorável.	Relação de afeto com o espaço, a experiência positiva de consumir no bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
91	Waldir de Souza Resende	24	120	que serve uma boa comida, e com preço acessível.	Um espaço que significa fartura e acolhimento.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		24	121	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Um lugar movimentado, com intensa circulação de veículos e pessoas.
92	José Augusto da Silva	24	122	que serve uma boa comida, e com preço acessível. Bom atendimento.	Para José, o bar representa um lugar de descontração, onde pode encontrar seus colegas de trabalho e tomar uma pinga e tomar o caldo.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		33	132	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	
93	Mário de Oliveira Matozinhos	33	135	Representa tradição.	O bar significa tradição para Mário, que ao relatar sua experiência vê o local como parte da sua história, mas que perdura na administração dos filhos de Nonô.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
94	Luiz Carlos Anastácio	33	135	Representa tradição.	Menção ao céu, questões religiosas	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		33	136	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Um lugar movimentado, com intensa circulação de veículos e pessoas.
Fotografia		22	106-107	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		24	114-115	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
95	Afonso Damiao de Oliveira	24	119-120	que serve uma boa comida, memorável.	O bar, enquanto espaço, também marca a memória de Afonso. É sempre lá que ele pensa quando se vê em outros lugares semelhantes em outros estados.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		11	122-123	Não se aplica		Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		2	14-15	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Cap.	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
96	Alaydes Conceição Corrêa	4	28-29	Não se aplica	Os espaços religiosos aparecem como centrais em ações da sociedade civil para ajuda à comunidades carentes.	Sim, as visitas realizadas visaram a promoção política	Não é uma fala negativa, mas apresenta as condições de desigualdade social da Cidade, ao falar de ações que possam ajudar os mais pobres.	Não se aplica

Legenda:	
Pergunta 1:	Qual a imagem predominante retratada sobre os bares?
Pergunta 2:	Quais são as experiências dos sujeitos com o espaço relatados nos produtos? São mencionadas experiências pessoais?
Pergunta 3:	Algum evento da cidade é relatado nos produtos de memória?
Pergunta 4:	Identifica-se na fala críticas ou comentários negativos sobre os bares, os bairros em que estão localizados ou sobre a Cidade de Belo Horizonte?
Pergunta 5:	Como os bairros são apresentados?

APÊNDICE D - BAR DO NONÔ E O EIXO 3

Cap.	Página	Imagem	Legenda	Pergunta 1	Pergunta 2
2	16	Fotografia colorida, meia-página. Contém uma rua com uma igreja cristã ao fundo, uma casa à esquerda e pessoas andando pela rua e calçada.	Raposos/MG	5	Arquivo Público Mineiro
3	25	Fotografia em tons de sépia, mostra parte da rua, carros e pessoas circulando, calçadas com árvores e a presença do Condomínio do Edifício Clemente Faria	Avenida Afonso Pena - Belo Horizonte MG	5	Osias Ribeiro Neves
4	26	Fotografia em tons de sépia, página inteira, Nonô segura no colo a filha Edna que está usando vestido, ainda bebê. Nonô usa vestes sociais.	Nonô com Edna	4	Acervo da Família Corrêa
4	27	Uma imagem compõe a fotografia, que indica um balcão de um estabelecimento comercial, com prateleiras e produtos. Aparenta ser um local simples.	Imagem de capa do capítulo	6	Sem identificação
6	35	Fotografia em tons de sépia, página inteira, Alaydes segura no colo a filha Edna, que está usando o mesmo vestido e ainda bebê. Ao fundo em uma cerca com arame farpado, plantas e a parede de uma residência com placa número 148.	Alaydes com Edna	4	Acervo da família Corrêa
8	45	Fotografia em tons de sépia, página inteira, apresenta Praça Sete de Setembro, com monumento no centro que possui um brasão, pessoas estão em volta do monumento. No canto inferior esquerdo está um monumento, cabeça de Afonso Pena em frente à uma parede com letreiro com seu nome. Ao fundo prédios	Praça Sete na década de 1960	5	APCBH ASCOM
10	51	Fotografia em tons de sépia, uma página inteira. Apresenta uma rua larga, sendo asfaltada por dois caminhos. Há dois homens na foto, que parecem estar executando este trabalho. Na lateral esquerda é possível observar algumas casas, mas a predominância é de paisagem verde, com serra ao fundo não povoada.	Obras de asfaltamento no Barreiro	5	APCBH ASCOM
10	59	Fotografia em tons de sépia, uma página inteira. Apresenta Alaydes debruçada sob a varanda de uma casa, ao lado de Helena, que está sentada no parapeito da varanda. As duas olham para fotografia sorrindo.	Alaydes e Helena na casa da Rua Santa Maria Goretti no Barreiro	4	Acervo da família Corrêa

Cap.	Página	Imagem	Legenda	Pergunta 1	Pergunta 2
14	72	Fotografia em tons de sépia, uma página inteira. Apresenta Alaydes ao fundo, com o braço direito no ombro de Ivan e o braço esquerdo nas costas de Alex. Wagner está ao lado de Alex se apoiando em uma pilastra da frente de uma casa. Nonô está na frente de todos segurando os pés de Ivan e Wagner. Ao fundo é possível ver uma porta clara de metal, com ornamentos e vidro. Apenas Alaydes, Ivan, e Nonô olhando diretamente para foto. Ivan, Alex e Wagner são crianças na foto.	Nonô e Alaydes com os netos Ivan, Alex e Wagner	4	Acervo da família Corrêa
15	79	Fotografia sépia, uma página inteira. Apresenta no centro uma criança sentada em uma cadeira, o Nívio que está usando uma macacão. Ao lado esquerdo outra criança, a Helena, que não olha diretamente para câmera. Ao lado direito está Irene, outra criança que olha diretamente para câmera. Helena e Irene estão em pé. Ao fundo percebemos uma vegetação e uma cerca de arame farpado.	Da esquerda para direita, Helena, Nívio e Irene.	4	Acervo da família Corrêa
15	80	Fotografia em tons de sépia, uma página inteira. Apresenta duas crianças, Dirce e Dênio, olhando para câmera. Dênio está sentado em uma bicicleta e Dirce está atrás apoiada nos ombros de Dênio. Ao fundo percebemos uma casa.	Dirce e Dênio	4	Acervo da família Corrêa
17	85	Fotografia preta e branca, página inteira. Apresenta uma mulher, Edna, que está olhando para câmera. Edna está em um balcão utilizando o que parece ser um uniforme, touca de pano no cabelo e óculos. Há sua frente, tem um homem, que está de costas para câmera.	Edna no Bar do Centro	7	Acervo da família Corrêa
17	86	Fotografia preta e branca, metade de uma página. Apresenta um prédio de esquina, rodeado por árvores. Na calçada é possível perceber um grande volume de pessoas transitando e outras atravessando uma rua, há carros passando pela rua também.	Antigo prédio do Bemge	5	Arquivo Público Mineiro

Cap.	Página	Imagem	Legenda	Pergunta 1	Pergunta 2
17	90	Fotografia colorida, metade de uma página. Apresenta duas painelas de alumínio, uma está no primeiro plano coberta por caldo de mocotó, onde é possível perceber a presença de pés de porco e o caldo é amarelado.	O preparo do caldo de mocotó	2	Ricardo Avelar
19	95	Fotografia colorida, meia página. Apresenta uma entrada de uma casa, que tem um portão aberto. Na entrada tem um veículo verde. É possível observar ao fundo um quintal com vegetação e ao fundo uma casa.	Ford Belina de Nonô ano 1973	5	Acervo da família Correa
20	101	Fotografia colorida, meia página. Apresenta duas pessoas, um homem e uma mulher, trabalhando na cozinha do bar. O homem está olhando a mulher, Edna, segurar uma vasilha próxima do fogão, que está com uma panela de alumínio tampada. É possível ver uma prateleira com garrafas de vidro. A cozinha está exatamente atrás do balcão, que está do lado esquerdo, com uma estufa. Os dois parecem estar utilizando uniforme e Edna está com uma touca de pano e sua camisa está molhada.	Edna no Bar após abertura para Av. Amazonas	8	Acervo da família Corrêa
22	109	Fotografia colorida, meia página. Apresenta um homem, utilizando uniforme e avental, limpando pé de porco em uma pia. Ele está em uma cozinha com 3 pias e alguns utensílios pendurados na parede de azulejo. É possível ver uma pilha de pés de porco no canto inferior direito.	Limpeza dos pés de boi realizada na cozinha criada na casa de Dona Alaydes	8	Ricardo Avelar
22	110	Fotografia colorida, meia página. Apresenta no primeiro plano um vidro de molho de pimenta malagueta extra forte, da marca Nonô. Ao fundo está uma parede azul	-	2	Osius Ribeiro Neves
22	111	Fotografia colorida, meia página. Apresenta um veículo branco, adesivado com a marca do Bar do Nonô, telefone, endereço e o logo da Cerveja Caracu.	Carro que atende o bar.	6	Ricardo Avelar
24	117	Fotografia colorida, uma página inteira. Apresenta um homem, que olha em direção da câmera, segurando uma caneca com caldo em uma das mãos e a outra está segurando uma colher com caldo. Ao fundo vemos uma parede de azulejo.	Freguês Leandro Nunes dos Santos	1	Ricardo Avelar

Cap.	Página	Imagem	Legenda	Pergunta 1	Pergunta 2
24	121	Fotografia colorida, uma página inteira. Apresenta o balcão do Bar do Nonô, com pessoas em pé, em frente ao balcão. Outras estão do lado oposto, próximas à caixotes de plástico. O lugar está com grande volume de pessoas e é possível ver funcionários preparando comida atrás do balcão. Na parede atrás do balcão tem alguns armários e uma placa com cardápio do bar. Nesta placa tem a logomarca da cerveja Caracu.	Bar do Nonô - vista da entrada da Rua dos Tupis	1	Ricardo Avelar
33	132	Fotografia preta e branca, uma página inteira. Apresenta foto de perfil de Nonô Corrêa, que não está olhando diretamente para câmera e sua cabeça está inclinada para esquerda.	Raimundo de Assis Corrêa - o Nonô	7	Acervo da Família Corrêa
33	136	Fotografia colorida com efeito artístico não identificado, uma página inteira. Apresenta a fachada do bar, repleta de pessoas em frente ao balcão. é possível ver o letreiro "Nonô o rei do caldo de mocotó" e nos dois lados do letreiro o logo da cerveja Caracu.	Ilustração baseada na foto de Ricardo Avelar	6	Ricardo Avelar
22	106-107	Fotografia colorida, duas páginas inteiras. Apresenta 5 homens, todos filhos de Nonô. Todos olham para câmera. Décio apoia seu braço no ombro de Nívio, que está no lado esquerdo da foto. Dênio apoia o braço em Décio e Clelson, que está ao seu lado direito e com os braços cruzados. Crélio apoia o braço no ombro de Clelson e está com a outra mão no bolso. Ao fundo da foto está a Lagoa da Pampulha e os estádios Mineirinho e Mineirão.	Os cinco Nonôs. Da esquerda para direita: Nívio, Décio, Dênio, Clelson e Crélio	4	Raquel Esteves Corrêa
24	114-115	Fotografia colorida, duas páginas inteiras. Apresenta uma par de mãos segurando um caneca com caldo de mocotó, uma das mãos segura uma colher, que está dentro da caneca. No canto superior esquerdo podemos ver uma garrafa de vidro de cerveja Brahma. Metade da fotografia está coberta por uma camada com transparência branca que é utilizada para inserção de texto.	-	2	Ricardo Avelar

Cap.	Página	Imagem	Legenda	Pergunta 1	Pergunta 2
11	122-123	Fotografia colorida, duas páginas inteiras. Apresenta outro ângulo do bar, é possível ver uma das saídas para rua, que o bar possui. Podemos ver a estufa, o balcão com os funcionários fazendo preparo da comida e vários clientes próximos ao balcão. Tem duas portas com placas indicando banheiro masculino e feminino no lado esquerdo da foto, próximo à entrada do bar. Na parede tem armários com garrafas de vidro, uma estátua do Santo São Jorge, relógio de ponteiro, uma placa com logo da cerveja Caracu, placas de aviso de horário de funcionamento e não permitimos. Também há uma moldura pendurada com a foto do Nonô Correa.	Interior do Bar do Nonô	6	Ricardo Avelar
2	14-15	Fotografia em tons de sépia, recorte da carteira de trabalho de Nonô Correa, com ênfase na fotografia jovem em 3X4	Imagem de capa do capítulo	7	Acervo da Família Corrêa
3	20-21	Fotografia em tons de sépia, vista para Serra do Curral, ao fundo. A foto contém veículos transitando, com diversos fuscas, prédios nas duas laterais.	Imagem de capa do capítulo Avenida Afonso Pena - Belo Horizonte MG	5	Osias Ribeiro Neves
6	32-33	Fotografia em tons de sépia, dois homens conversam no primeiro plano, um deles está com um cigarro na boca e ao lado um terceiro homem está com uma enxada posicionada para o chão, um quarto homem está inclinado também cavando o chão. Eles estão em uma rua sem asfaltamento, com casas na lateral esquerda e algumas tubulações empilhadas. No meio da fotografia é possível perceber um buraco para alocação da tubulação. Metade da fotografia está coberta por uma camada com transparência branca que é utilizada para inserção de texto.	Obras sanitárias no Bairro Sagrada Família	5	APC BH ASCOM
8	40-41	Fotografia em tons de sépia, apresenta vista panorâmica da região da Praça da Estação, com ruas largas e diversos prédios. Metade da fotografia está coberta por uma camada com transparência branca que é utilizada para inserção de texto.	Vista da cidade nas proximidades da rodoviária	5	APC BH ASCOM

Cap.	Página	Imagem	Legenda	Pergunta 1	Pergunta 2
10	48-49	Fotografia em tons de sépia, duas páginas inteiras, apresenta a Usina Mannesman, vista panorâmica. No pano de fundo é possível ver o bairro, com as ruas, casas e vegetação. Não há presença de edifícios. Metade da fotografia está coberta por uma camada com transparência branca que é utilizada para inserção de texto.	Usina da Mannesmann no Barreiro atual Vallourec	5	Acervo Vallourec
10	54-55	Fotografia em tons de sépia, duas páginas inteiras. Apresenta a praça da Estação, no primeiro plano da fotografia está o edifício Museu de Artes e Ofícios, que antigamente fazia parte da Estação Central	Praça da Estação	5	Arquivo Público Mineiro
11	60-61	Fotografia em tons de sépia, duas páginas inteiras. Apresenta à esquerda Helena, seguida por Nonô e Edna, à direita Paulo. Estão no balcão de um estabelecimento comercial. Ao fundo é possível ver prateleiras com garrafas de vidro e uma placa na parede, que só é possível ler parcialmente, escrito "sem exceção".	No bar do Clube Colina - Helena, Nonô, Edna e Paulo	7	Acervo da família Corrêa
11	64-65	Fotografia em tons de sépia, duas páginas inteiras. Apresenta 8 pessoas (7 homens e uma mulher) sentadas em uma mesa, no primeiro plano, todas olhando para a câmera. Algumas estão segurando um copo de vidro na mão e há outros copos na mesa. A mesa possui um guarda-sol fechado. Ao fundo percebe-se outras mesas com guarda-sóis e pessoas sentadas e em pé. Os homens estão usando roupas de banho e a mulher está usando uma saia e blusa branca.	Frequentedores Clube Colina	1	Acervo da família Corrêa
15	74-75	Fotografia colorida, duas páginas inteiras. Apresenta 5 homens e 6 mulheres, que são da Família Corrêa. Todos estão posando para foto, mas nem todos estão olhando diretamente para a câmera. Por ser uma fotografia colorida, é possível ver os detalhes das roupas e suas cores. Todos na foto já estão adultos.	Família Corrêa	4	Acervo da família Corrêa

Cap.	Página	Imagem	Legenda	Pergunta 1	Pergunta 2
17	82-83	Fotografia em tons de sépia, duas páginas inteiras. Apresenta vista área da região da Praça Raul Soares, no centro de Belo Horizonte. Observamos o Edifício Residencial JK, a praça arborizada, um edifício em construção e muitas casas em volta da praça. Não há muitos prédios ainda na região. Metade da fotografia está coberta por uma camada com transparência branca que é utilizada para inserção de texto.	Vista área da Praça Raul Soares	5	Arquivo Público Mineiro
17	88-89	Fotografia colorida com efeito artístico não identificado, uma página inteira. Apresenta na lateral a entrada do Bar do Nonô, com pessoas próximas ao balcão e alguns caixotes de plástico empilhados no chão, escrito Skol. é possível ver no alto da fachada, o letreiro escrito "Nonô o rei do caldo de mocotó". Ao centro, na calçada, vemos a circulação intensa de pessoas e à direita, na rua, ônibus e carro passam.	Bar do Nonô - Entrada pela Av. Amazonas. Ilustração baseada na foto de Ricardo Avelar	6	Ricardo Avelar
19	92-93	Fotografia colorida, duas páginas inteiras. Apresenta em um primeiro plano a fachada de uma casa de dois andares, com um porta para pedestres e duas portas de garagem. Na frente da casa tem um veículo laranja. A rua é de terra e é possível ver outras casas ao lado e vegetação ao fundo, na lateral esquerda. Metade da fotografia está coberta por uma camada com transparência branca que é utilizada para inserção de texto.	Casa da família Corrêa construída no Bairro Caiçara.	5	Acervo da família Corrêa
20	98-99	Fotografia colorida, duas páginas inteiras. Apresenta 11 pessoas (6 mulheres e 5 homens). Todos estão posando para foto, mas nem todos olham diretamente para câmera. Alguns usando traje de festa e um dos homens está segurando uma taça de champanhe. Um deles está sorrindo e com o braço direito levantado. Alguns estão segurando uma corrente que está separando o local onde estão.	Família reunida	4	Acervo da família Corrêa

Legenda:			
		GRUPO	CÓDIGO
Pergunta 1:	Quais são as fotografias e imagens dos bares que aparecem?	Trabalhadores	1
		Proprietários	2
		Imagens da cidade	3
		Família	4
		Imagens do bar	5
		Comida	6
		Clientes	7
		Especialista	8
Pergunta 2:	Qual a procedência dessas imagens? (arquivo pessoal/ arquivo público)		

APÊNDICE E - BAR DO NONÔ E O EIXO 4

Unidade de Análise	Entrevistado	Capítulo	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
Fotografia		2	14-15	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		2	16	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
1	Alaydes Conceição Corrêa	2	17	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
2	Alaydes Conceição Corrêa	2	17	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
3	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	Sim, ao falar sobre as condições dos moradores das zonas rurais, um cenário que antecede as mudanças na região metropolitana de Belo Horizonte.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
4	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Casamento vinculado ao dote, presente dado à esposa.
5	Alaydes Conceição Corrêa	2	18	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
6	Alaydes Conceição Corrêa	2	19	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
7	Alaydes Conceição Corrêa	2	19	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Papéis relativos aos gêneros, que nesse caso em específico, estão em aparente igualdade.
Fotografia		3	20-21	Não se aplica	Não se aplica	Mudanças na paisagem da cidade, agora uma paisagem urbana.	Não se aplica
8	Irene Corrêa	2	22	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Relevância dos relatos sobre o nascimento dos filhos, que constituem a experiência de matriarca da família, que cuida dos filhos.
9	Alaydes Conceição Corrêa	2	22	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Relevância dos relatos sobre o nascimento dos filhos, que constituem a experiência de matriarca da família, que cuida dos filhos.
10	Alaydes Conceição Corrêa	2	22	Sim, ao falar sobre as condições dos moradores das zonas rurais, um cenário que antecede as mudanças na região metropolitana de Belo Horizonte.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
11	Alaydes Conceição Corrêa	2	23	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
12	Alaydes Conceição Corrêa	2	24	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		3	25	Não se aplica	Não se aplica	Mudanças na paisagem da cidade, agora uma paisagem urbana.	Não se aplica
Fotografia		4	26	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
13	Irene Corrêa	4	27	Sim, o hábito de vender "fiado", comumente realizado em locais que os vizinhos possuam muito contato.	Não	Não	Não
14	Alaydes Conceição Corrêa	4	28	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
15	Irene Corrêa	4	29	Não se aplica	Não se aplica	Elementos que constituem a paisagem urbana da cidade, que estava crescendo	Não se aplica
16	Alaydes Conceição Corrêa	4	29	Não	Não	Não	Não
17	Alaydes Conceição Corrêa	4	29	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
18	Edna Eliana Corrêa	6	34	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Falta de saneamento básico que obrigava a família a buscar água nas bicas
19	Helena Lina Miguel	6	34	Não se aplica	Não se aplica	Sim, a falta de estrutura em alguns que aguardavam a urbanização.	Vida periférica que obrigava os filhos de Nonô a trabalharem desde muito cedo.

Unidade de Análise	Entrevistado	Capítulo	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
Fotografia		6	35	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
20	Nívio Aurélio Corrêa	6	36	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
21	Helena Lina Miguel	6	37	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Vida periférica que obrigava os filhos de Nonô a trabalharem desde muito cedo.
22	Edna Eliana Corrêa	6	37	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	A questão das decisões sobre a moradia da família Corrêa serem feitas por Nonô sem a consulta prévia da matriarca da família.
23	Irene Corrêa	6	38	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		8	40-41	A Praça da Estação possui um prédio com estética barroca, um elemento da tradição.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
24	Edna Eliana Corrêa	8	42	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
25	Helena Lina Miguel	8	42	Não se aplica	Não se aplica	Apresenta experiências de tradição para modernidade com a novela por meio do rádio	Não se aplica
26	Helena Lina Miguel	8	42	Não se aplica	Não se aplica	Sim, apresentam aspectos negativos da modernidade. Os aspectos de violência, prostituição e malandragem tomam outras proporções com a urbanização e povoamento da cidade.	Sim, a Lagoinha é um bairro central, mas constituído por população periférica e que enfrenta situações de violências, que inclusive são evidências quando Helena fala sobre sua vulnerabilidade enquanto mulher.
27	Edna Eliana Corrêa	8	44	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	
Fotografia		8	45	Não se aplica	Não se aplica	Mudanças na paisagem da cidade, agora uma paisagem urbana.	Não se aplica
28	Edna Eliana Corrêa	8	46	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		10	48-49	Não se aplica	Não se aplica	Remete à fase de industrialização, da época de Juscelino Kubitschek. Que era parte de um projeto de modernização da capital e do Brasil, de modo geral.	Não se aplica
Fotografia		10	51	Não se aplica	Não se aplica	Mudanças na paisagem da cidade, agora uma paisagem urbana.	Não se aplica
Fotografia		10	54-55	A Praça da Estação possui um prédio com estética barroca, um elemento da tradição.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
29	Edna Eliana Corrêa	10	56	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
30	Edna Eliana Corrêa	10	56	Apresenta aspectos de tradição relacionados à constituição familiar, ao patriarca que conduz as conversas em casa e orienta a família	Não se aplica	Não se aplica	O patriarca que conduz as conversas em casa e orienta a família
31	Helena Lina Miguel	10	58	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Capítulo	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
32	Nívio Aurélio Corrêa	10	58	Não se aplica	Não se aplica	Mudanças relativas ao trabalho na cidade, com a chegada de grandes empresas e indústrias que mudaram a circulação de pessoas e atividades.	Não se aplica
33	Clelson Luiz Corrêa	10	59	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		10	59	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		11	60-61	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
34	Edna Eliana Corrêa	11	62	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
35	Helena Lina Miguel	11	62	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
36	Clelson Luiz Corrêa	11	63	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		11	64-65	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
38	Padre Sílvio Borges	11	66	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
37	Padre Sílvio Borges	11	66	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
39	Edna Eliana Corrêa	11	67	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
40	Nívio Aurélio Corrêa	11	67	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
41	Crélio Ildefonso Corrêa	11	68	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
42	Clelson Luiz Corrêa	11	70	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		14	72	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		15	74-75	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
43	Helena Lina Miguel	14	76	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
44	Helena Lina Miguel	14	76	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
45	Edna Eliana Corrêa	14	76	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
46	Nívio Aurélio Corrêa	14	76	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	A figura da mãe de agressividade, quanto ao comportamento dos filhos. Figura do pai como conciliador, a pessoa que conversa e aconselha.
47	Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto	14	77	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	O patriarca que conduz as conversas em casa e orienta a família
48	Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto	14	77	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
49	Clelson Luiz Corrêa	14	77	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	O patriarca que conduz as conversas em casa e orienta a família
50	Décio dos Santos Corrêa	14	77	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
51	Edna Eliana Corrêa	14	78	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
52	Dirce de Cássia Corrêa Macedo	14	78	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
53	Dirce de Cássia Corrêa Macedo	14	78	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
54	Dênio Corrêa	14	78	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		15	79	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
55	Irene Corrêa	14	80	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	O patriarca que conduz as conversas em casa e orienta a família
56	Crélio Ildefonso Corrêa	14	80	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
57	Clelson Luiz Corrêa	14	80	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	O patriarca que conduz as conversas em casa e orienta a família
Fotografia		15	80	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		17	82-83	Não se aplica	Não se aplica	Mudanças na paisagem da cidade, agora uma paisagem urbana.	Não se aplica
Fotografia		17	85	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
58	Edna Eliana Corrêa	17	86	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		17	86	Não se aplica	Não se aplica	Mudanças na paisagem da cidade, agora uma paisagem urbana.	Não se aplica
59	Padre Sílvio Borges	17	87	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		17	88-89	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		17	90	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		19	92-93	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
60	Clelson Luiz Corrêa	19	95	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		19	95	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		20	98-99	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
61	Edna Eliana Corrêa	20	101	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
62	Nívio Aurélio Corrêa	20	101	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		20	101	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Capítulo	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
63	Edna Eliana Corrêa	20	102	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
64	Clelson Luiz Corrêa	20	102	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
65	Dênio Corrêa	20	102	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
66	Clelson Luiz Corrêa	20	103	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	O papel da matriarca era o da cozinha, a produção da comida que era servida no bar
67	Clelson Luiz Corrêa	20	103	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
68	Edna Eliana Corrêa	20	104	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	A maternidade como um ponto que impactou na atuação de Edna no bar
69	Crélio Ildefonso Corrêa	20	104	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
70	Nívio Aurélio Corrêa	20	104	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		22	106-107	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
71	Décio dos Santos Corrêa	22	108	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
72	Crélio Ildefonso Corrêa	22	109	Não se aplica	Não se aplica	A facilidade de circulação de produtos para outros estados e países.	Não se aplica
Fotografia		22	109	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		22	110	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		22	111	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
73	Leonardo Lacerda	22	112	Esse sentimento do bar enquanto casa também pertence como um elemento de tradição do que é ser mineiro e belo-horizontino. Menção ao quintal como um ponto importante de relação.	O bar enquanto casa também pertence ao elemento de mineiridade. Menção ao quintal como um ponto importante de relação.	Não se aplica	Não se aplica
74	Robson Ferreira da Silva	22	112	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
75	Andrey Philip	22	112	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
76	Antônio Tomaz Neto	22	112	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		24	114-115	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
77	Marcinês Custódio	24	115	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
78	Eliézer Souza Reis	24	115	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
79	Tiago Raimundo Martins de Oliveira	24	116	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
80	Rogério Fortunato dos Santos	24	116	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
81	Emersom de Souza Carvalho	24	116	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
82	Pedro Camilo de Souza Filho	24	116	Não se aplica	Não se aplica	A questão de ser um lugar de passagem de trabalhadores, tem a ver com as mudanças na cidade em termos de trabalho.	Não se aplica
83	Mário Ribeiro dos Anjos	24	116	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		24	117	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
84	Silvam Ribeiro de Oliveira	24	119	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	A questão de ser um lugar de passagem de trabalhadores, tem a ver com as mudanças na cidade em termos de trabalho.	Não se aplica
85	Robson Moreira da Silva	24	119	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Capítulo	Página	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
86	Geraldo Gomes Roberto	24	119	quando fala do lugar estar incorporado na história da cidade, pela tradição.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
87	Charles Wilton Alves Neves	24	120	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
88	Luciano Alves	24	120	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
89	Vânia Darque de Souza	24	120	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
90	Isabel Nogueira	24	120	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
91	Waldir de Souza Resende	24	120	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		24	121	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
92	José Augusto da Silva	24	122	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		11	122-123	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		33	132	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
93	Mário de Oliveira Matozinhos	33	135	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
94	Luiz Carlos Anastácio	33	135	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Fotografia		33	136	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
95	Afonso Damiao de Oliveira	24	119-120	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
96	Alaydes Conceição Corrêa	4	28-29	Sim, aspectos religiosos aparecem na fala. Os moradores envolvidos com a construção de uma igreja.	A forte vinculação da mineiridade com a religiosidade.	Não se aplica	Condições que muitas crianças enfrentavam de fome
Fotografia		6	32-33	Não se aplica	Não se aplica	Sim, a instalação de tubulações para melhorias no saneamento básico.	Não

LEGENDA:

Pergunta 1:	Observa-se nas falas a presença de discursos relacionados à tradição?
Pergunta 2:	Observa-se nas falas a presença da mineiridade (conciliação, equilíbrio, contrários ao radicalismo e ponderados) para expressar a identidade na
Pergunta 3:	Observa-se nas falas elementos que estejam relacionados às mudanças na cidade de Belo Horizonte, com vistas à modernidade? Como são
Pergunta 4:	Observa-se discursos que estabeleçam relação com questões raciais? Observam-se nas falas elementos que estejam relacionados à violência,

APÊNDICE F - BAR DO ORLANDO E AS UNIDADES DE ANÁLISE

Nº	UNIDADE DE ANÁLISE
1	Comecei do nada aí eu esta procurando um conto zinhos para mim comprar aí eu rodei muitos lugares cheguei aqui, falou 'não, é aqui mesmo que você vai seguir sua vida'.
2	Eu sei que chegou a notícia lá em Santa Tereza tem um bar que parece ser o mais antigo aqui aí aonde tá o bar do Orlando era é um clube de pescadores isso foi ficando foi passando até caiu nas mãos do Orlando.
3	Cheguei aqui meu tio até assustou quando cheguei né 'cheguei pode sair fora que eu cheguei'. Mas conhecia o fundador daqui o José Inácio Resende, foi fundador que morava do lado aqui era boêmio era carnavalesco daí passou para meu tio né que tá aqui presente meu tio passou para mim e aí quando eu transferei para meu nome né o Orlando aí passou chamar Bar do Orlando.
4	Nós começamos a pesquisar logo apareceu outros que se candidataram nós fomos então investigar para ver qual era realmente se esse era realmente o mais antigo e era o mais antigo.
5	Eu venho aqui no Orlando deve ter uns 32 anos mais ou menos
6	Criei meu filho aí sabe, estudei ele trabalhando com o Orlando
7	Criei minha família né tem agora meu filho vê se pega o segmento né do pai né do tio e do pai
8	Nasci e fui criado aqui né pelos meus pais minha mãe Madalena e meu pai Orlando trazendo junto uma nova versão para uma velha arquitetura né
9	Essa arquitetura né essa exposição estética das coisas né compõe eu acho esse ambiente interiorano e dá esse "que" de resistência né para cultura local né
10	com muito trabalho já estou aqui há 39 anos nessa luta
11	eu acho que ajudei ele muito o Orlando sabe meu marido eu ajudei ele muito fiquei aqui com ele 26 tantos anos tomava conta da cozinha toda eu que fazia eu que fazia almoço fazia salgado acabava toda hora saia muito
12	e aqui o movimento aqui era fantástico era praticamente 24 horas né os trabalhador do Arruda na época vinha tomar muita cerveja aqui muita cachaça muito tira-gosto na época fazia peixe frito
13	todas minhas receita tanto o torresmo o torresmo povo adorava o meu torresmo eu fazia batata torresmo e linguiça e hoje chama trilha da roça
14	O Santa Tereza aqui para mim aqui no Bar do Orlando é um lugar que me sinto em casa.
15	Eu escolhi o Santa Tereza para morar depois voltei para Belo Horizonte por conta do Bar do Orlando
16	Todo mundo falava que quando eu tava no Orlando eu tinha saído para quintal né eu tava no quintal de casa porque quando não tava em casa eu tava aqui
17	Num tinha um dia que eu não passava aqui para tomar aquela gelada de primeira qualidade e eu acho muito gostoso ficar aqui é um lugar maravilhoso de frequentar
18	As vezes junta 300 400 pessoas numa noite e é uma harmonia só entendeu todo mundo se dando bem e pra gente isso é muito gratificante ter esse tipo de público que que trata a gente como família eu acho que é porque a gente trata a pessoa também como fazendo parte da nossa família.
19	meu pais vinham eu vinha com eles pequena continuei vindo com muita frequência minha filha vem comigo então somos três gerações assim orlandenses

20	quando ela fala assim 'mãe tô no bar do Orlando' tá em casa num esquentar cabeça eu sei que ela tá num ambiente familiar
21	torna-se um ponto de encontro da família as vezes tem gente que não conhece mas o filho vem e as vezes o pai e a mãe passa e fala a meu filho vem muito nesse bar
22	as vezes minha bateria acabava minha mãe precisava falar comigo ela ligava no orelhão ai as vezes o Orlando chegava na porta o Bar lotado chegava na porta e gritava 'O Mariana sua mãe tá te chamando aqui no telefone'
23	precisa ter nada só chegar e tá tudo em casa sabe as pessoas são bem receptivas
24	eu sinto orgulho sim de ver fazendo 100 anos porque eu lembro quando era pequena assim era mais parecido com uma mercearia que tinha mais aqueles senhorzinhos assim do bairro vindo e tal e foi crescendo foi crescendo assim tomou essa proporção que é hoje né para mim o melhor bar de Belo Horizonte
25	Nossa vários amores aqui já tive vários desamores também já tive vários aniversários
26	muita gente já se conheceu e se casaram aqui conheci aqui nesse lugar e' você vai no meu casamento olha você tem que ir no meu casamento nos conhecemos aqui vamos casar hein' eu cheguei aqui e não me vê né as vezes tô acabei de almoçar tô descansando 'cadê seu Orlando?' 'A tá descansando' 'não eu vim cá para ver ele'
27	eu já cheguei aqui o bar fechado eu batia no portão entrava o Orlando lá dormindo eu 'Orlando vamos tá na hora de abrir meu filho'
28	só me ajudaram a crescer a crescer e evoluir eu só tenho que agradecer porque aqui pra mim é a minha casa
29	a gente se sente cativado aqui isso me faz voltar sempre na real é isso né
30	é agradecer a todo tipo de cliente que já passou, do pedreiro ao diretor de empresa do peão ao engenheiro entendeu é agradecer por eles fazerem parte de tudo isso (pausa na fala) e trazerem esse (pausa na fala) é fazer a gente conseguir chegar aonde que a gente chegou
31	eu tenho muito orgulho de ter crescido aqui com meu filho aqui com meu marido
32	e eu tenho um carinho por ele e um respeito por ele muito grande e dou pra ele parabéns viu que essa data pode repetir muitos e muitos anos
33	aqui o Bar do Orlando tenha mais 200 300 anos e que isso aqui não termine
34	esse bar é minha vida né é minha vida né

APÊNDICE G - BAR DO ORLANDO E O EIXO 1

Unidade de Análise	Entrevistado	Pergunta 1
1	Pedro Siqueira - Aposentado	3
2	José Maria Jornalista	2
3	Orlando Silva - Comerciante	5
4	José Maria Jornalista	2
5	Mariana Guardão - Advogada	1
6	Madalena Vieira - Aposentada	1
7	Orlando Silva - Comerciante	5
8	Orlando Júnior - Administrador	5
9	Nanda Ribeiro - Professora de História	1
10	Orlando Silva - Comerciante	5
11	Madalena Vieira - Aposentada	3
12	Orlando Silva - Comerciante	5
13	Madalena Vieira - Aposentada	3
14	Nanci Alves - Aposentada	1
15	Nanda Ribeiro - Professora de História	1
16	Mariana Guardão - Advogada	1
17	Nanci Alves - Aposentada	1
18	Orlando Júnior - Administrador	5
19	Mariana Guardão - Advogada	1
20	Nanci Alves - Aposentada	1
21	Orlando Júnior - Administrador	5
22	Mariana Guardão - Advogada	1
23	Nanda Ribeiro - Professora de História	1
24	Mariana Guardão - Advogada	1
25	Nanda Ribeiro - Professora de História	1
26	Orlando Silva - Comerciante	5
27	Mariana Guardão - Advogada	1
28	Nanci Alves - Aposentada	1
29	Nanda Ribeiro - Professora de História	1
30	Orlando Júnior - Administrador	5
31	Madalena Vieira - Aposentada	3
32	Nanci Alves - Aposentada	1
33	Orlando Júnior - Administrador	5
34	Orlando Silva - Comerciante	5

Legenda:			
		GRUPO	CÓDIGO
Pergunta 1:	Quem são os entrevistados e que posição ocupam em relação aos bares?	Cliente	1
		Familiar	2
		Especialista	3
		Proprietário	4
		Funcionário	5

APÊNDICE H - BAR DO ORLANDO E O EIXO 2

Unidade de Análise	Entrevistado	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
1	Pedro Siqueira - Aposentado	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
2	José Maria Jornalista	O bar como um lugar antigo, "o mais antigo". Enfatizado que era um clube de pescadores, uma memória coletiva sobre o lugar.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Um lugar onde umas atividades de destaque era a pesca no Rio Arrudas
3	Orlando Silva - Comerciante	Indícios de um bar que já estava ligado ao carnaval, antes da família de Orlando assumir. Um bar que atravessa gerações. Mas não sabemos informações sobre a gestão de José Inácio.	Experiência pessoal com a compra do bar.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
4	José Maria Jornalista	referência como "mais antigo" da cidade	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
5	Mariana Guardão - Advogada	um lugar que faz parte da vida da cliente	Experiência pessoal de frequentar há muito tempo o bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
6	Madalena Vieira - Aposentada	de um lugar de provimento para a família, que possibilitou dar condições boas para o filho	Experiência pessoal de trabalho, formação de família	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
7	Orlando Silva - Comerciante	Um estabelecimento familiar, que atravessa gerações. Negócio familiar	experiência de trabalho, formação de família	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
8	Orlando Júnior - Administrador	Um lugar que é provimento da família, mas também um espaço onde o filho foi criado. Menção à mudança de gestão, mas que mantenha a "velha arquitetura", a originalidade do bar que deve ser preservada. Olhar para o futuro.	experiência de trabalho, formação de família	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
9	Nanda Ribeiro - Professora de História	Lugar de resistência no cenário de mudanças da cidade, um lugar que compõe a imagem de interior do bairro.	O espaço é apresentado como um lugar para viver a resistência da tradição, do interior	Não se aplica	Não se aplica	Ambiente interiorano na capital
10	Orlando Silva - Comerciante	A palavra luta, entendida como algo pesado, difícil, em relação ao trabalho no bar.	experiência de trabalho, formação de família	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
11	Madalena Vieira - Aposentada	Não se aplica	experiência de trabalho, formação de família, o papel da mulher no trabalho da família	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
12	Orlando Silva - Comerciante	Um lugar predominantemente frequentado por trabalhadores do rio Arrudas.	experiência passada sobre o movimento do bar por conta do Rio Arrudas, uma dinâmica diferente	Não se aplica	Não se aplica	Um lugar movimentado por causa do Rio Arrudas
13	Madalena Vieira - Aposentada	Um lugar com comida farta	A experiência com a cozinha do bar, preparo dos alimentos	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
14	Nanci Alves - Aposentada	Afeto, um lugar entendido como "casa" do cliente.	O sentimento de acolhimento e tranquilidade que o bar e o bairro oferecem.	Não se aplica	Não se aplica	é possível compreender que o bairro é um lugar bom para Nanci
15	Nanda Ribeiro Professora de História	O bar como um lugar importante nas decisões de Nanda, um lugar significativo que faz com que ela volte	A boa experiência que impacta na escolha em voltar para o bairro e o bar	Não se aplica	Não se aplica	é possível compreender que o bairro é um lugar bom para Nanda
16	Mariana Guardão - Advogada	o bar como extensão da casa de Mariana	A experiência de extensão da casa, do lar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
17	Nanci Alves - Aposentada	um lugar bom para se frequentar, um ambiente agradável	Um lugar tranquilo, que proporciona bons momentos	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
18	Orlando Júnior - Administrador	lugar "família", que permite sociabilidade	experiência de uma convivência familiar, ainda que para um grande público	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
19	Mariana Guardão - Advogada	"gerações orlandenses", um lugar que atravessa gerações para o cliente também.	a experiência da herança de uma experiência com o bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
20	Nanci Alves - Aposentada	Familiar, um ambiente seguro	a experiência da herança de uma experiência com o bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
21	Orlando Júnior - Administrador	Familiar, em que todos se conhecem, menção às gerações	a experiência da herança de uma experiência com o bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
22	Mariana Guardão - Advogada	Familiar, em que todos se conhecem, menção às gerações	a experiência da herança de uma experiência com o bar	Não se aplica	Não se aplica	o bar é um elemento que compõe a visão familiar do Santa Tereza, esse ambiente interiorano
23	Nanda Ribeiro Professora de História	Sociabilidade, ambiente familiar, extensão da casa	Um lugar tranquilo, que proporciona bons momentos	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
24	Mariana Guardão - Advogada	Um lugar que mudou o público, antes uma mercearia, agora um bar	a experiência de ver o bar se modificar, um lugar que não é mais frequentado apenas pelos "senhorzinhos"	Não se aplica	Não se aplica	um bairro familiar
25	Nanda Ribeiro Professora de História	lugar de sociabilidade	A experiência afetiva proporcionada pelo bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de Análise	Entrevistado	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
26	Orlando Silva - Comerciante	lugar de sociabilidade, familiar, que promove encontros, relacionamentos	A experiência afetiva proporcionada pelo bar	Não se aplica	Não se aplica	o bar é um elemento que compõe a visão familiar do Santa Tereza, esse ambiente interiorano
27	Mariana Guardão - Advogada	relação de proximidade dos clientes com o proprietário do bar	A experiência de extensão da casa, do lar	Não se aplica	Não se aplica	o bar é um elemento que compõe a visão familiar do Santa Tereza, esse ambiente interiorano
28	Nanci Alves - Aposentada	extensão da casa, um lugar bom para viver	A experiência afetiva proporcionada pelo bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
29	Nanda Ribeiro - Professora de História	cativante, que faz querer voltar	A experiência afetiva proporcionada pelo bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
30	Orlando Júnior - Administrador	lugar eclético, que recebe todo tipo de cliente.	a experiência de um lugar que é frequentado por um público diverso, onde não há distinção de público	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
31	Madalena Vieira - Aposentada	de um lugar de provimento para a família, que possibilitou dar condições boas para o filho	experiência familiar, de satisfação	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
32	Nanci Alves - Aposentada	afeto pelo bar, relação de proximidade	A experiência afetiva proporcionada pelo bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
33	Orlando Júnior - Administrador	menção à tradição do bar, sua história, antiguidade.	A experiência afetiva proporcionada pelo bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
34	Orlando Silva - Comerciante	relação do bar com a vida de Orlando, as duas coisas não estão separadas.	A experiência afetiva proporcionada pelo bar	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Legenda:	
Pergunta 1:	Qual a imagem predominante retratada sobre os bares?
Pergunta 2:	Quais são as experiências dos sujeitos com o espaço relatados nos produtos? São mencionadas experiências
Pergunta 3:	Algum evento da cidade é relatado nos produtos de memória?
Pergunta 4:	Identifica-se na fala críticas ou comentários negativos sobre os bares, os bairros em que estão localizados ou sobre
Pergunta 5:	Como os bairros são apresentados?

APÊNDICE I - BAR DO ORLANDO E O EIXO 3

Unidade de Análise	Entrevistado	Frame	Imagem	Tempo (segundos e minutos)			Pergunta 1	Pergunta 2
				Início	Final	Tempo Total		
1	Pedro Siqueira	1	Pedro Siqueira fala e olha para câmera, está sentado em uma cadeira, em frente ao bar do Orlando. A filmagem enquadra seu rosto em primeiro plano, dos ombros para cima. Ao fundo vemos uma parede e porta verdes.	00:00:20	00:00:33	00:00:13	7	Gravação da Produtora
2	José Maria	2	José Maria está sentado em uma cadeira, afastado da entrada do bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa social. Enquanto fala, José gesticula com as mãos. Ele fala e olha diretamente para câmera.	00:00:38	00:00:47	00:00:09	3	Gravação da Produtora
		3	Exibe o colo de José Maria, segurando um livro e folheando às páginas.	00:00:48	00:00:51	00:00:03	3	
		4	Exibe a lateral esquerda do rosto de José Maria, com foco em seus olhos e nariz.	00:00:52	00:00:53	00:00:01	3	
		5	Exibe a parte de uma bandeira de pano, com dizeres "Bloco dos pescadores" feito com lantejoulas pretas e rodeada por adereços de coração feitos de pano vermelho.	00:00:54	00:00:56	00:00:02	6	
		6	José Maria está sentado em uma cadeira, afastado da entrada do bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa social. Enquanto fala, José gesticula com as mãos. Ele fala e olha diretamente para câmera.	00:00:57	00:00:58	00:00:01	3	
		7	Exibe a região onde fica o bar do Orlando, na praça, repleta de pessoas. No lado esquerdo tem uma entrada, feita para o evento que está acontecendo, com dizeres em preto "Orlando 100 anos" e um coração ao lado.	00:00:59	00:01:01	00:00:02	1	
		3	Orlando Silva	8	Orlando fala e olha para câmera, está sentado em uma cadeira, em frente ao bar do Orlando, a filmagem enquadra Orlando da cintura pra cima, é possível ver seus braços apoiados na cadeira. Ao fundo vemos a parede verde e rosa e o portão verde.	00:01:08	00:01:29	
9	Exibe a região onde fica o bar do Orlando, na praça, repleta de pessoas. A entrada, feita para o evento que está acontecendo, aparece no centro da imagem, enquanto a câmera se movimenta para direita. Podemos ver um backdrop no canto esquerdo, ao lado do bar, com fundo marrom e o logo "Orlando 100 anos".			00:01:30	00:01:32	00:00:02	1	
4	José Maria	10	Exibe o colo de José Maria, segurando um livro, podemos ver a capa. O livro se chama "Belo Horizonte do Arraial à Metrópole - 300 anos de História" de autoria de José Maria Rabelo. Na capa podemos ver duas ilustrações, a superior mostra prédios e uma igreja e a inferior uma igreja e algumas casas, numa região sem asfaltamento e envolta por serras verdes.	00:01:33	00:01:35	00:00:02	3	Gravação da Produtora
		11	Exibe o dedo indicador de José Maria apontando para uma fotografia presente em alguma página do livro, a figura é a fachada do Bar do Orlando.	00:01:36	00:01:39	00:00:03	3	
		12	Exibe a lateral do rosto de José Maria e o colo, segurando um livro e folheando. Na capa podemos ver duas ilustrações, a superior mostra prédios e uma igreja e a inferior uma igreja e algumas casas, numa região sem asfaltamento e envolta por serras verdes.	00:01:40	00:01:41	00:00:01	3	
		13	Exibe o rosto do José Maria, dando enfoque em seus olhos, nariz e boca. Ele olha fixamente para câmera.	00:01:42	00:01:43	00:00:01	3	
		14	José Maria está sentado em uma cadeira, afastado da entrada do bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa social. Enquanto fala, José gesticula com as mãos. Ele fala e olha diretamente para câmera.	00:01:44	00:01:44	00:00:00	3	

Unidade de Análise	Entrevistado	Frame	Imagem	Tempo (segundos e minutos)			Pergunta 1	Pergunta 2
				Início	Final	Tempo Total		
5	Mariana Guardão	15	Mariana está sentada em uma cadeira, afastada do bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa preta. Enquanto fala, gesticula com as mãos. Ela fala e olha diretamente para câmera.	00:01:46	00:01:52	00:00:06	1	Gravação da Produtora
6	Madalena Vieira	16	Madalena está sentada em uma cadeira, em frente ao bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa branco, que está com uma estampa com foto do Orlando e escrito "Orland8". Enquanto fala, gesticula com as mãos. Ela fala olhando para diversos lados e aproxima os ombros em direção à câmera. A câmera grava do ombro para cima.	00:01:58	00:02:02	00:00:04	4	Gravação da Produtora
7	Orlando Silva	17	Orlando fala e olha para câmera, ele está sentado em uma cadeira, em frente ao bar do Orlando, a filmagem enquadra Orlando da cintura pra cima, é possível ver seus braços apoiados na cadeira. Ao fundo vemos a parede verde e rosa e o portão verde.	00:02:03	00:02:05	00:00:02	7	Gravação da Produtora
		18	A câmera faz um movimento de aproximação para a entrada do bar, enquanto Orlando e Orlando Júnior estão levantando as portas, para abertura do bar. Ambos estão utilizando uma camiseta personalizada com as listras verticais nas cores verde e rosa.	00:02:06	00:02:11	00:00:05	6	
		19	Exibe Orlando Júnior entrando no Bar, a câmera está dentro filmando sua entrada, as luzes estão apagadas. Enquanto entra, Orlando Júnior faz o sinal da Cruz. Ele está uniformizado com uma camisa social branca com bolso, no bolso está bordado o logo do Bar do Orlando comemorativo.	00:02:12	00:02:13	00:00:01	7	
8	Orlando Júnior	20	Orlando Júnior está em pé, que parece estar atrás do balcão do bar. A câmera enquadra do seu ombro para cima. Percebemos o uso do microfone de lapela no uniforme. Ao fundo vemos diversas prateleiras com produtos diversos e uma antiga caixa registrado ao lado esquerdo do ombro de Orlando Júnior.	00:02:13	00:02:18	00:00:05	7	Gravação da Produtora
		21	Orlando entra no balcão, ao abrir uma porta de ferro, verde. A câmera enquadra a entrada do bar e a parte de dentro.	00:02:19	00:02:20	00:00:01	6	
		22	Exibe as mãos de Orlando Júnior colocando um porta guardanapos de metal, com logo antigo da Bohemia e o logo comemorativo do Bar, na mesa.	00:02:21	00:02:21	00:00:00	6	
		23	Orlando Júnior coloca uma moldura com ilustração do bar em uma das prateleiras.	00:02:22	00:02:25	00:00:03	6	
9	Nanda Ribeiro	24	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para o bar e para a câmera enquanto gesticula as mãos. Enquanto faz isso aponta para fachada do prédio.	00:02:26	00:02:39	00:00:13	1	Gravação da Produtora
10	Orlando Silva	25	Orlando fala e olha para câmera, ele está sentado em uma cadeira, em frente ao bar do Orlando, a filmagem enquadra Orlando dos ombros pra cima. Ao fundo vemos a parede verde e rosa e o portão verde.	00:02:40	00:02:44	00:00:04	7	Gravação da Produtora
11	Madalena Vieira	26	Madalena está sentada em uma cadeira, em frente ao bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa branco, que percebemos que está com uma estampa com foto do Orlando e escrito "Orland8". Ela fala olhando para diversos lados e a câmera a enquadra no centro da cena. A câmera grava do ombro para cima.	00:02:45	00:02:53	00:00:08	4	Gravação da Produtora

Unidade de Análise	Entrevistado	Frame	Imagem	Tempo (segundos e minutos)			Pergunta 1	Pergunta 2
				Início	Final	Tempo Total		
	Madalena Vieira	27	Madalena sentada em uma cadeira, em frente ao bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa branco, que percebemos que está com uma estampa com foto do Orlando e escrito "Orland8". Ela fala olhando para a câmera que a enquadra à esquerda da cena. A câmera grava do ombro para cima e dá um zoom para aproximar seu rosto.	00:02:54	00:03:00	00:00:06	4	
12	Orlando Silva	28	Orlando fala e olha para câmera, ele está sentado em uma cadeira à esquerda da cena, em frente ao bar do Orlando, a filmagem enquadra Orlando dos ombros pra cima. Ao fundo vemos a parede verde e rosa e o portão verde.	00:03:01	00:03:05	00:00:04	7	Gravação da Produtora
	Orlando Silva	29	Orlando fala e olha para câmera, ele está sentado em uma cadeira, no centro da cena. A câmera da zoom e filha dos ombros para cima, aproximando o rosto de Orlando.	00:03:06	00:03:14	00:00:08	7	
13	Madalena Vieira	30	Madalena está sentada em uma cadeira, em frente ao bar, que está ao fundo. Ela fala olhando diretamente para câmera. A câmera grava do ombro para cima.	00:03:15	00:03:18	00:00:03	4	Gravação da Produtora
	Madalena Vieira	31	A câmera caminha por um corredor da rua, repleto de pessoas e barracas em um dos lados, identificadas com logo do bar ou identificação dos produtos que estão sendo comercializados, como torresmo. Algumas pessoas estão de frente para essas barracas.	00:03:19	00:03:19	00:00:00	1	
	Madalena Vieira	32	Exibe pratos com pastel de angu, o prato que está no primeiro plano está desfocado.	00:03:20	00:03:21	00:00:01	2	
	Madalena Vieira	33	Exibe um prato com linguiças empilhadas, no primeiro plano.	00:03:22	00:03:24	00:00:02	2	
	Madalena Vieira	34	Exibe um prato com mandioca no primeiro plano, mãos estão segurando uma faca e um garfo dentro do prato.	00:03:25	00:03:26	00:00:01	2	
14	Nanci Alves	35	Exibe Nanci, enquadram a câmera e focando em seu sorriso	00:03:45	00:03:46	00:00:01	1	Gravação da Produtora
		36	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Olha para a câmera enquanto fala. Ao fundo está o bar do Orlando.	00:03:47	00:03:50	00:00:03	1	
15	Nanda Ribeiro	37	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala e gesticula as mãos. Ao fundo está o Bar do Orlando.	00:03:51	00:03:53	00:00:02	1	Gravação da Produtora
		38	A câmera caminha pela rua em frente ao bar, que está com uma multidão de pessoa, a câmera enquadra parte dessa multidão e a frente do bar.	00:03:54	00:03:55	00:00:01	1	
16	Mariana Guardão	39	Mariana está sentada em uma cadeira, afastada da entrada do bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa preta. Enquanto fala, mexe em seus cabelos. Ela fala e olha para câmera.	00:03:56	00:04:05	00:00:09	1	Gravação da Produtora
17	Nanci Alves	40	Foca no rosto de Nanci, mostrando seu olhos e nariz.	00:04:05	00:04:06	00:00:01	1	Gravação da Produtora
		41	Exibe um copo de cerveja e alguém está enchendo com mais cerveja, de uma garrafa de vidro da Bohemia.	00:04:07	00:04:08	00:00:01	2	
		42	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala. Ao fundo está o bar.	00:04:09	00:04:12	00:00:03	1	
18	Orlando Júnior	43	Orlando Júnior está em pé, que parece estar atrás do balcão do bar. A câmera enquadra do seu ombro para cima. Percebemos o uso do microfone de lapela no uniforme. Ao fundo vemos diversas prateleiras com produtos diversos e uma antiga caixa registrado ao lado esquerdo do ombro de Orlando Júnior.	00:04:13	00:04:28	00:00:15	7	Gravação da Produtora

Unidade de Análise	Entrevistado	Frame	Imagem	Tempo (segundos e minutos)			Pergunta 1	Pergunta 2
				Início	Final	Tempo Total		
	Orlando Júnior	44	Orlando Júnior pega uma garrafa de vidro de cerveja Bohemia do freezer, que está no canto do bar, próximo à uma prateleira com alguns produtos.	00:04:29	00:04:29	00:00:00	6	
		45	Orlando Júnior coloca um produto em uma prateleira.	00:04:30	00:04:32	00:00:02	6	
19	Mariana Guardão	46	Mariana está sentada em uma cadeira, afastada da entrada do bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa preta. Enquanto fala, gesticula com as mãos e sorri ao final. Ela fala e olha diretamente para câmera.	00:04:24	00:04:45	00:00:21	1	Gravação da Produtora
20	Nanci Alves	47	Câmera caminha em frente ao Bar do Orlando, onde há uma grande quantidade de pessoas.	00:04:46	00:04:48	00:00:02	1	Gravação da Produtora
		48	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala. Ao fundo está o bar do Orlando.	00:04:49	00:04:52	00:00:03	1	
21	Orlando Júnior	49	Orlando Júnior em pé, que parece estar atrás do balcão do bar. A câmera enquadra do seu ombro para cima. Percebemos o uso do microfone de lapela no uniforme. Ao fundo vemos diversas prateleiras com produtos diversos e uma antiga caixa registrado ao lado esquerdo do ombro de Orlando Júnior.	00:04:53	00:05:01	00:00:08	7	Gravação da Produtora
22	Mariana Guardão	50	Mariana está sentada em uma cadeira, afastada da entrada do bar, que está ao fundo. Percebemos um microfone de lapela em sua camisa preta. Enquanto fala, gesticula com as mãos e sorri ao final. Ela fala e olha diretamente para câmera.	00:05:01	00:05:17	00:00:16	1	Gravação da Produtora
23	Nanda Ribeiro	51	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala e gesticula as mãos. Ao fundo está o Bar do Orlando.	00:05:18	00:05:22	00:00:04	1	Gravação da Produtora
24	Mariana Guardão	52	Mariana está sentada em uma cadeira, afastada da entrada do bar, que está ao fundo. Enquanto fala, mexe com as mãos próximo ao queixo e mexe nos cabelos. Ela fala e olha diretamente para câmera.	00:05:23	00:05:43	00:00:20	1	Gravação da Produtora
25	Nanda Ribeiro	53	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala e gesticula as mãos. Ao fundo está o Bar do Orlando.	00:05:44	00:05:48	00:00:04	1	Gravação da Produtora
26	Orlando Silva	54	Orlando fala e olha para câmera, ele está sentado em uma cadeira à esquerda da cena, em frente ao bar do Orlando, a filmagem enquadra Orlando dos ombros pra cima. Ao fundo vemos a parede verde e rosa e o portão verde.	00:05:49	00:05:58	00:00:09	7	Gravação da Produtora
		55	Percebemos um corte da cena, exhibe a imagem de Orlando sentada e falando olhando para câmera	00:05:59	00:06:07	00:00:08	7	
27	Mariana Guardão	56	Mariana está sentada em uma cadeira, afastada da entrada do bar, que está ao fundo. Enquanto fala, mexe com as mãos e bate palmas enquanto fala. Ela fala e olha diretamente para câmera.	00:06:07	00:06:14	00:00:07	1	Gravação da Produtora
28	Nanci Alves	57	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala. Ao fundo está o bar do Orlando.	00:06:15	00:06:21	00:00:06	1	Gravação da Produtora
29	Nanda Ribeiro	58	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala e gesticula as mãos. Ao fundo está o Bar do Orlando.	00:06:22	00:06:28	00:00:06	1	Gravação da Produtora
		59	Exibe a uma mulher negra com o cabelo preso, a câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:29	00:06:30	00:00:01	1	

Unidade de Análise	Entrevistado	Frame	Imagem	Tempo (segundos e minutos)			Pergunta 1	Pergunta 2
				Início	Final	Tempo Total		
30	Orlando Júnior	60	Exibe a uma mulher branca com cabelo claro e solto, que está usando brincos coloridos. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:31	00:06:31	00:00:00	1	Gravação da Produtora
		61	Exibe a um homem branco de barba e cabelo preto, a câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:32	00:06:32	00:00:00	1	
		62	Exibe a uma mulher jovem branca de cabelo claro e liso, a câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:32	00:06:32	00:00:00	1	
		63	Exibe a um homem branco de barba e cabelo preto e está usando óculos de grau. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:34	00:06:34	00:00:00	1	
		64	Exibe a uma mulher branca com cabelo claro e liso, a câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:34	00:06:34	00:00:00	1	
		65	Exibe a uma mulher branca que está usando óculos de sol e o cabelo está preso. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:35	00:06:35	00:00:00	1	
		66	Exibe a uma mulher branca com cabelo escuro e curto, a câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:35	00:06:36	00:00:01	1	
		67	Exibe a um homem branco, usando um chapéu e óculos de grau. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:36	00:06:36	00:00:00	1	
		68	Exibe a uma mulher branca de cabelo escuro e liso, utilizando óculos de grau vermelho. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:37	00:06:37	00:00:00	1	
		69	Exibe a uma mulher branca de cabelo escuro e liso, utilizando brinco prata. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:38	00:06:38	00:00:00	1	
		70	Exibe a uma mulher negra com cabelo solto, utilizando brincos coloridos e um óculos de sol. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:38	00:06:38	00:00:00	1	
		71	Exibe a uma mulher negra com cabelo solto, utilizando brincos coloridos. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:38	00:06:39	00:00:01	1	
		72	Exibe a uma mulher negra com cabelo solto, utilizando óculos de grau vermelho. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:39	00:06:39	00:00:00	1	
		73	Exibe a um homem negro, utilizando chapéu e está de barba. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:39	00:06:40	00:00:01	1	
		74	Exibe a uma mulher branca, de cabelo claro e solto, utilizando óculos de sol. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:40	00:06:40	00:00:00	1	

Unidade de Análise	Entrevistado	Frame	Imagem	Tempo (segundos e minutos)			Pergunta 1	Pergunta 2
				Início	Final	Tempo Total		
		75	Exibe a uma mulher branca, de cabelo escuro e solto. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:40	00:06:41	00:00:01	1	
		76	Exibe a uma mulher branca, de cabelo claro e solto. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:41	00:06:41	00:00:00	1	
		77	Exibe a um homem branco, utilizando óculos de sol e está de barba. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:41	00:06:42	00:00:01	1	
		78	Exibe a um homem branco, utilizando boné e piercing, está de barba. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:42	00:06:42	00:00:00	1	
		79	Exibe a uma mulher branca, cabelos claros, utilizando brincos de perola. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:42	00:06:43	00:00:01	1	
		80	Exibe a uma mulher branca, cabelos escuros.. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:43	00:06:43	00:00:00	1	
		81	Exibe a uma mulher negra, cabelos ruivos e com brinco dourado. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:43	00:06:43	00:00:00	1	
		82	Exibe a uma mulher branca, cabelos curtos. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:44	00:06:44	00:00:00	1	
		83	Exibe a um homem negro com bigode. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:44	00:06:44	00:00:00	1	
		84	Exibe a uma mulher jovem branca, com cabelos claros e óculos de sol. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:45	00:06:45	00:00:00	1	
		85	Exibe a um homem jovem de barba e cabelo escuro e óculos de sol. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:45	00:06:45	00:00:00	1	
		86	Exibe a um homem usando óculos de grau. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:46	00:06:46	00:00:00	1	
		87	Exibe a um homem jovem negro com óculos de sol. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:46	00:06:47	00:00:01	1	
		88	Exibe a uma mulher negra, usando adereço no cabelo. A câmera enquadra seu rosto, focando os olhos, nariz e boca. Ela está sorrindo e olhando diretamente para câmera.	00:06:47	00:06:48	00:00:01	1	
31	Madalena Vieira	89	Madalena está sentada em uma cadeira, em frente ao bar, que está ao fundo. Ela fala olhando diretamente para câmera. A câmera grava do ombro para cima.	00:06:49	00:06:53	00:00:04	4	Gravação da Produtora
32	Nanci Alves	90	Apresenta Nanda sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala. Ao fundo está o bar do Orlando.	00:06:59	00:07:06	00:00:07	1	Gravação da Produtora
		91	Nanda está sentada em uma cadeira de plástico vermelha, no canto direito da tela. Ela olha para a câmera enquanto fala. Ao fundo está o bar do Orlando.	00:07:07	00:07:08	00:00:01	1	
		92	Exibe o rosto de Orlando Júnior, focando em seu olhos gravadas pela lateral.	00:07:09	00:07:12	00:00:03	7	

Unidade de Análise	Entrevistado	Frame	Imagem	Tempo (segundos e minutos)			Pergunta 1	Pergunta 2
				Início	Final	Tempo Total		
33	Orlando Júnior	93	Orlando Júnior está em pé, que parece estar atrás do balcão do bar. A câmera enquadra do seu ombro para cima. Agora atrás aparecem as prateleiras do bar e o quadro com ilustração do bar. Orlando sorri para câmera.	00:07:12	00:07:13	00:00:01	7	Gravação da Produtora
		94	Orlando Júnior está em pé, que parece estar atrás do balcão do bar. A câmera enquadra do seu ombro para cima. Percebemos o uso do microfone de lapela no uniforme. Ao fundo vemos diversas prateleiras com produtos diversos e uma antiga caixa registrado ao lado esquerdo do ombro de Orlando Júnior.	00:07:13	00:07:13	00:00:00	7	
34	Orlando Silva	95	Orlando fala e olha para câmera, ele está sentado em uma cadeira, em frente ao bar do Orlando, a filmagem enquadra Orlando da cintura pra cima, é possível ver seus braços apoiados na cadeira. Ao fundo vemos a parede verde e rosa e o portão verde.	00:07:17	00:07:20	00:00:03	7	Gravação da Produtora

Legenda:		
	GRUPO	CÓDIGO
Pergunta 1: Quais são as fotografias e imagens dos bares que aparecem?	Trabalhadores	1
	Proprietários	2
	Imagens da cidade	3
	Família	4
	Imagens do bar	5
	Comida	6
	Clientes	7
	Especialista	8

Pergunta 2:	Qual a procedência dessas imagens? (arquivo pessoal/ arquivo público)
-------------	---

APÊNDICE J - BAR DO ORLANDO E O EIXO 4

Unidade de análise	Entrevistado	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
1	Pedro Siqueira - Aposentado	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
2	José Maria	Sim, ao enfatizar o local como mais antigo, a menção ao clube de pescadores. As imagens compõe essa menção ao exibir o livro de José Maria, algo que a história.	Não se aplica	Sim, ao falar sobre o clube de pescadores, pois atualmente não existe mais a pesca na região, com as mudanças advindas do Plano Diretor da Cidade.	Não se aplica
3	Orlando Silva	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
4	José Maria	Sim, ao enfatizar o local como mais antigo. A exibição do livro e o nome demonstram a relação da fala de José Maria com a história da cidade, antes do projeto de ser capital. As imagens que estão na capa mostram um lugar anterior à urbanização da cidade.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
5	Mariana Guardão	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
6	Madalena Vieira	Não se aplica	Não se aplica	Relações de trabalho e familiares, valores modernos da família	Valores da modernidade relacionado ao papel de gênero.
7	Orlando Silva	Na imagem mostra Orlando Júnior faz um sinal da cruz, elemento de religiosidade.	Não se aplica	Relações de trabalho e familiares, valores modernos da família	Não se aplica
8	Orlando Júnior	Menção a velha arquitetura, que remete a tradição do bar centenário, que era um bar de pescadores.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
9	Nanda Ribeiro	"ambiente interiorano"- Resistência da verticalização do bairro, a interação entre os vizinhos e o clima de proximidade que ocorre no interior.	Quando fala da resistência pela cultura local, perpassa essa discussão da mineiridade, frente às mudanças propostas para a cidade.	Menção indireta aos processos de mudança no bairro, como verticalização.	Não se aplica
10	Orlando Silva	Não se aplica	Não se aplica	Relações de trabalho, valores modernos da família	Não se aplica
11	Madalena Vieira	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	O papel da matriarca era o da cozinha, a produção da comida que era servida no bar.
12	Orlando Silva	Ao falar sobre a época dos pescadores, que iam ao bar para consumir peixe e cachaça.	Os hábitos de consumo nos botecos da cidade, remetem à figura de tradição de minas e Belo Horizonte, resgatados nas narrativas da cidade.	Sim, pois as mudanças na infraestrutura da cidade solaparam a cultura de pesca na região.	Não se aplica
13	Madalena Vieira	A comida do boteco é um elemento da tradição da cidade e de Minas.		Não se aplica	Não se aplica

Unidade de análise	Entrevistado	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
14	Nanci Alves	Esse sentimento do bar enquanto casa também pertence como um elemento de tradição do que é ser mineiro e belo-horizontino.	Esse sentimento do bar enquanto casa também pertence como um elemento de mineiridade do que é ser mineiro e belo-horizontino.	Não se aplica	Não se aplica
15	Nanda Ribeiro	O boteco como elemento importante no que representa a cidade de Belo Horizonte.	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
16	Mariana Guardão	Esse sentimento do bar enquanto casa também pertence como um elemento de tradição do que é ser mineiro e belo-horizontino. Menção ao quintal como um ponto importante de relação.	Esse sentimento do bar enquanto casa também pertence como um elemento de mineiridade do que é ser mineiro e belo-horizontino. Menção ao quintal como um ponto importante de relação.	Não se aplica	Não se aplica
17	Nanci Alves	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
18	Orlando Júnior	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Não se aplica	Não se aplica
19	Mariana Guardão	A questão das gerações, hábitos que se perpetuam pelas gerações	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Não se aplica	Não se aplica
20	Nanci Alves	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Não se aplica	Não se aplica
21	Orlando Júnior	A questão das gerações, hábitos que se perpetuam pelas gerações	A questão das gerações, hábitos que se perpetuam pelas gerações	Não se aplica	Não se aplica
22	Mariana Guardão	A questão das gerações, hábitos que se perpetuam pelas gerações	A questão das gerações, hábitos que se perpetuam pelas gerações	Não se aplica	Não se aplica
23	Nanda Ribeiro	A questão das gerações, hábitos que se perpetuam pelas gerações	A questão das gerações, hábitos que se perpetuam pelas gerações	Não se aplica	Não se aplica
24	Mariana Guardão	A menção à mercearia e aos senhores que frequentavam ela remetem às características de socialização do bairro, "interiorano", que remete à tradição.	A menção à mercearia e aos senhores que frequentavam ela remetem às características de socialização do bairro, "interiorano", que remete à mineiridade.	Não se aplica	Não se aplica
25	Nanda Ribeiro	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
26	Orlando Silva	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
27	Mariana Guardão	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Não se aplica	Não se aplica

Unidade de análise	Entrevistado	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
28	Nanci Alves	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Esse aspecto familiar das relações no bar, o espaço como extensão da casa, das relações familiares.	Não se aplica	Não se aplica
29	Nanda Ribeiro	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
30	Orlando Júnior	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
31	Madalena Vieira	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
32	Nanci Alves	Não se aplica	Não se aplica	Pensar as questões do futuro, que se perpetue	Não se aplica
33	Orlando Júnior	Não se aplica	Não se aplica	Pensar as questões do futuro, que se perpetue	Não se aplica
34	Orlando Silva	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

Legenda:

Pergunta 1: Observa-se nas falas a presença de discursos relacionados à tradição?

Pergunta 2: Observa-se nas falas a presença da mineiridade (conciliação, equilíbrio, contrários ao radicalismo e ponderados) para

Pergunta 3: Observa-se nas falas elementos que estejam relacionados às mudanças na cidade de Belo Horizonte, com vistas à

Pergunta 4: Observa-se discursos que estabeleçam relação com questões raciais? Observam-se nas falas elementos que estejam